

## ***7. Os inúmeros temas e motivos populares recorrentes nas letras de samba***

Um exame diacrônico das letras de samba desde “Pelo telefone” um dos primeiros – mesmo que amaxixado – sambas gravados, por volta de 1917, até os dias de hoje demonstra que certos temas ou motivos aparecem e reaparecem sistematicamente, atravessando os diferentes períodos históricos.

Por “tema” ou “motivo” refiro-me aos assuntos e idéias principais ou dominantes recorrentes. São lugares, *topos*, aos quais os sambistas sempre retornam, intencionalmente ou não.

Não quero dizer com isso que os sambas estejam imunes a episódios datados historicamente. Há de certo inúmeros casos, como, por exemplo, a participação, do Brasil na Segunda Guerra Mundial; a campanha contra a “malandragem” feita no período Getúlio Vargas; o recenseamento realizado no Rio de Janeiro na década de 1930; as épocas de maior ostracismo do samba; a política da “Boa Vizinhança”; o discurso nacionalista – o chamado samba-exaltação – estimulado no período Vargas e depois; os anos JK; os temas conjunturais como “a lagosta é nossa” e outros; o futebol e as Copas do Mundo; a carestia; o desemprego; a inflação; personagens da vida pública; eventos políticos; a desigualdade social e, mais recentemente, as drogas, a corrupção política e a violência social, entre muitos outros.

O que pretendo dizer é que, além dos assuntos datados historicamente, há nas letras de samba alguns temas e motivos que predominam de forma insistente e que parecem ser, na verdade, em sua essência, independentes ou pouco influenciados pelas mudanças conjunturais e históricas.

Não me refiro a noções abstratas como temas universais, inconsciente coletivo, atemporalidade ou a-historicidade, embora, convenhamos, seja perfeitamente possível pensar em certas invariâncias humanas, afinal, basta lembrar a existência do fenômeno humano das “descobertas simultâneas”, como vimos, objetos, técnicas e instrumentos, inclusive a escrita, inventados e reinventados várias vezes por diferentes povos e culturas em diversos períodos históricos e lugares do mundo<sup>1143</sup>.

---

<sup>1143</sup> Cf. LARAIA, Roque de Barros. op. cit., 2000.

Seria possível também falar, por exemplo, com Zumthor, nos “fantasmas atávicos que fundam a sociedade humana”<sup>1144</sup>.

Além disso, invariavelmente, todos os seres humanos vivem em sociedade, inventam linguagens, criam símbolos e, mais ainda, nascem, morrem, são sexuados, têm um corpo, sentem prazer e dor física, temem o caos, sonham, precisam de abrigo e comida e, em geral, de lutar pela sobrevivência<sup>1145</sup>. São elementos concretos que nos autorizam a pensar em certos pontos comuns entre todos os homens, independentemente de culturas e períodos históricos.

Mas não é preciso ir tão longe. Entre as razões para que o discurso do samba permaneça basicamente o mesmo ao longo do tempo está o fato, simples e óbvio de que seus criadores continuam, em pleno século XXI, marcados pela pobreza, pela vida comunitária afastada dos benefícios do Estado organizado e, ainda, pela influência da oralidade primária. Em outras palavras, a historicidade, a modernidade, o Estado burocrático e os chamados avanços tecnológicos parecem não ter produzido alterações relevantes no universo cotidiano dos sambistas e, conseqüentemente, no universo temático do samba.

É por ser contemporâneo e, ao mesmo tempo, por estar menos submetido aos ditames e à influência da cultura hegemônica e moderna – que fundamentalmente se dá através da cultura escrita, da escolarização e dos cânones universitários – que o estudo do discurso do samba apresenta grande interesse. Por representar um ponto de vista e um modelo de expressão alternativos, ele é eventualmente capaz de causar, de fato, “estranhamento” e “desautomatização”, procedimentos caros aos ditames oficiais.

Alguns temas recorrentes do samba já foram mencionados: 1) a valorização da família; 2) a pressuposição do modelo hierárquico como substrato da vida; 3) a valorização do contexto e seu subtema: 3.1) as escolas de samba; 4) a moral ingênua que implica nos seguintes subtemas: 4.1) solidariedade, 4.2) a primazia dos interesses do grupo (os interesses “da gente”, “da moçada” ou “do pessoal”), 4.3) a primazia dos interesses pessoais (o “puxar a brasa para minha sardinha”), 4.4) o tom agônico, 4.5) a malandragem e 4.6) a justiça feita

---

<sup>1144</sup> ZUMTHOR, Paul. op. cit, 1993, p. 90.

<sup>1145</sup> Muito embora “não existe natureza humana no sentido de um substrato biologicamente fixo, que determine a variabilidade das formações sócio-culturais. Há somente a natureza humana no sentido de constantes antropológicas ( por exemplo, abertura para o mundo e plasticidade da estrutura dos instintos) que delimita e permite as formações sócio-culturais do homem. (...) As grandes variedades e inventividades humanas são produtos das formações sócio-culturais próprias do homem e não de uma natureza biologicamente fixa”. BERGER e LUCKMANN, op. cit, P.72/73.

com as próprias mãos; 5) o pressuposto da religiosidade e, ainda, 6) a valorização do imenso e heterodoxo acervo de conhecimento representado pelo senso comum.

Curiosamente, embora quase desapareçam ou tendam a constituir exceções no âmbito do discurso da música moderna brasileira, todos os temas referidos são, em diferentes graus, absolutamente atuais e compreensíveis e, mais que isso, fazem parte integrante da vida cotidiana de todas as pessoas, podendo gerar identificação entre os modernos, afinal continuam existindo, em plena modernidade, famílias, hierarquias pessoais, religiões, a utilização recorrente do senso comum, a solidariedade e procedimentos éticos heterodoxos ou transgressivos, ou seja, fora dos princípios oficiais, gerais, normativos e abstratos.

Vale a pena dar um exemplo: a noção ética abstrata preconiza o princípio de que “o importante é competir”. Ao contrário, o costume pragmático da moral “ingênua” prefere sempre “jogar para ganhar”. Neste âmbito, jogar apenas para competir não faria o menor sentido. “A troco de quê?”, perguntaria um adepto da moral popular. As duas posturas morais, convenhamos, podem ser consideradas perfeitamente aceitáveis e só podem ser avaliadas de forma particular e contextual, caso a caso.

Parece natural que um *modelo de consciência* que preconize o individualismo, a autonomia, a liberdade, a relatividade, o pensamento crítico, reflexivo, racional, objetivo, distanciado, lógico e abstrato (descontextualizado), o progresso evolutivo (a modernização) e o discurso original, inovador e experimental, não aceite com facilidade a noção de “tema”, quanto mais de “tema recorrente”, conceitos que pressupõem a préexistência de uma tradição e de interesses comuns compartilháveis e estabelecidos.

Entretanto temas como a “incomunicabilidade entre as pessoas” ou o “sentir-se diferente de todos” (o outsider) entre outros como o “seguir vivendo mesmo que a existência não tenha sentido” são recorrentes no discurso moderno.

Segundo Marshall Sahlins, aliás, é preciso lembrar, os povos modernos são os únicos que de forma evolucionista se julgam oriundos de “selvagens”. Todos os outros povos se acreditam descendentes de deuses<sup>1146</sup>. A religiosidade em si já indica, naturalmente, um tema préexistente.

São detalhes característicos diferenciadores e bastante significativos, tanto pela secularização quanto pelo pressuposto evidentemente evolucionista.

---

<sup>1146</sup> SAHLINS, Marshall. op. cit., p. 58.

É preciso notar, ainda, como disse Louis Dumont, apud Marshall Sahlins, que “[n]a sociedade moderna... o Ser Humano é o homem ‘elementar’, indivisível, sob a forma de ser biológico, ao mesmo tempo em que sujeito pensante. Cada homem particular encarna, em um certo sentido, toda a Humanidade. É a medida de todas as coisas, em um sentido pleno e totalmente novo. O reino dos fins coincide com os fins legítimos de cada homem, e assim os valores se invertem. O que ainda se denomina “sociedade” é o meio, a vida de cada um é o fim. Ontologicamente, a sociedade não existe, não é mais que um dado irredutível ao qual se pede somente que não contrarie as exigências de liberdade e de igualdade. Naturalmente, o que foi dito acima é uma descrição de valores, uma visão da mente.... Uma sociedade tal como o individualismo a concebe nunca existiu em parte alguma pela razão já apresentada, ou seja, a de que o indivíduo vive de idéias sociais”<sup>1147</sup> e, eu acrescentaria com Norbert Elias, imerso numa rede inexorável formada por relações eminentemente sociais e interpessoais.

Como demonstrou com bastante agudeza o antropólogo Marshall Sahlins a noção de “racionalidade” nada mais é do que uma construção social e simbólica e o que se considera “ciência do concreto”, nos termos de Claude Lévi-Strauss, algo como um pensamento intuitivo e não-objetivo, e eu acrescentaria com Ehrenzweig “não-diferenciado”, é algo absolutamente contemporâneo e impregna a sociedade auto-proclamada “civilizada” e “racional”.<sup>1148</sup>

Segundo David Olson, “... as pesquisas recentes sobre o raciocínio humano mostraram que a lógica proporciona, na melhor das hipóteses, uma descrição ideal do raciocínio, e não do que as pessoas realmente fazem quando pensam. Henle (1962) mostrou que até mesmo os adultos eruditos tendem a seguir as regras da lógica só na medida em que levam a conclusões com as quais eles estão de qualquer modo de acordo! Outros autores (Johnson-Laird, 1983; Kahneman e Tversky, 1982) mostraram também que, embora as pessoas tenham uma certa compreensão das regras lógicas, a mesma regra pode ser violada no contexto de um determinado problema, e não em outro. Ao que parece, as pessoas não têm uma regra geral para derivar inferências válidas”.<sup>1149</sup>

Não pretendo defender nenhum tipo de irracionalismo ou relativismo mas, sim, apenas demonstrar que o *modelo de consciência* hegemônico e erudito, atinente ao que em geral

---

<sup>1147</sup> Idem, Ibidem, p.91

<sup>1148</sup> C.f. SAHLINS, Marshall. op. cit, p. 195 e outras

<sup>1149</sup> OLSON, op.cit., 1997, p.295

consideramos modernidade, que pressupõe uma série de valores com o quais estamos bastante familiarizados, corresponde a um padrão simbólico construído socialmente e não “o” único e natural padrão.

Em todo o caso, ao contrário de tudo isso, parece bastante previsível que a noção de “tema” seja aceita com naturalidade por um modelo que preconize a visão de mundo hierárquica, a pessoa relacional, a contextualização, a religiosidade, a valorização do senso comum e a predominância dos interesses e do *ethos* coletivos em detrimento dos interesses e do *ethos* individuais. Vimos isso com Eric Havelock e muitos outros.

Tavez seja possível dizer que enquanto o primeiro modelo tende a privilegiar a parte e a diferença, o segundo tende a valorizar o todo e a semelhança. Embora divergentes, os dois pontos de vista merecem atenção.

O segundo modelo, que associa ao popular, fartamente descrito ao longo deste estudo, apresenta vários outros temas recorrentes além dos já mencionados. Vamos a eles.

### ***7.1 O tema lírico-amoroso***

Entre todas, a temática do amor lírico talvez seja a mais presente e revisitada no âmbito da música popular, seja ela moderna ou tradicional.

Alguns diriam, talvez, que o tema é popular justamente por ser banal, piegas e repetitivo. Uma outra visão talvez pudesse adotar a idéia de Romildo Sant’Anna. Como vimos, o lugar-comum e a previsibilidade não depreciam necessariamente o conceito criativo da autoria: “O comum nunca foi feio, sendo certo que por ser bonito é que ficou comum”.

Ora, sabemos que a experiência amorosa, a paixão, o ciúme, os amores não correspondidos, os amores proibidos, o amor que não se revela, a morte do amor, a ambigüidade do amor, o amor que explora, o amor violento, o amor múltiplo, o amor pago, o falso amor., ou seja, o amor visto do ponto de vista da experiência vivida, concreta, prática e atualizada, mesmo que levemos em conta suas variadas concepções histórico-culturais, continua sendo assunto relevante na existência contemporânea da maioria absoluta das pessoas. Trata-se portanto de um tema “comum” que ficou “comum” devido ao seu grande interesse e mesmo complexidade, afinal, não é possível “controlar”, “prever” ou “sistematizar” as relações amorosas.

A banalidade e a complexidade andam juntas em muitos temas considerados “populares”.

Nada mais natural, em todo o caso, que o “amor” seja abordado recorrentemente.

Como disseram os pesquisadores Núbia Gomes e Edimilson Pereira, pensando no temário popular do universo rural mineiro, “[a] força incontida do amor é universal e a literatura nos apresenta pares amorosos que experimentaram estar-no-Outro em plenitude e vivenciaram a fragmentação conseqüente à perda”.<sup>1150</sup>

Lembra outro estudioso do popular, José de Souza Martins, que “[f]reqüentemente a sexualidade está ligada a atos violentos, como a defloração, o rapto e o violamento. Ela provoca inúmeras brigas, intrigas e ciúmes, isto é, ela é ocasião permanente de desordem...”<sup>1151</sup>

O tema lírico-amoroso portanto pode ser associado ao caos, à falta de controle ou de interpretabilidade, fatores que, como vimos com Geertz e Langer, são insuportáveis para a grande maioria dos seres humanos. O tema tende a assumir outros contornos ou a ser abordado com certo distanciamento, por vezes reflexivo, na retórica culta ou moderna. Veremos isso logo adiante.

Selecionei algumas poucas letras de samba que abordam o tema amoroso. Busquei escolher textos por sua emotividade, simplicidade e originalidade. Note-se que tratam sempre de maneira cristalina e compartilhável, de forma direta e transitiva, situações humanas bastante complexas, por vezes, dolorosas. Algumas imagens e associações são relevantes, influentes e, a meu ver, fazem parte do imaginário cultural brasileiro no que diz respeito ao tema.

Começo com um samba de Paulinho da Viola abordando, em “Cadê a razão?”, a paixão avassaladora e sempre inesperada:

*De repente o sentimento  
Procurando seu espaço  
Realiza um movimento  
E me faz em mil pedaços*

*De repente uma paixão aflora  
E faz um estrago  
E o desejo então se solta  
E me deixa alucinado*

---

<sup>1150</sup> GOMES, Núbia P.M. & PEREIRA, Edimilson P. op.cit., 1992, p.224

<sup>1151</sup> MARTINS, José de Souza (org.) *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1983, p.196

*E o ciúme também chega e morde  
Louco de vontade  
Quase sempre ele se rasga  
E deixa marcas no meu braço*

*Onde anda essa razão  
Que há pouco estava do meu lado  
Como pode um coração  
Bater assim nesse compasso<sup>1152</sup>*

Outro samba de Paulinho da Viola, “Jurar com lágrimas”, refere-se ao amor insincero:

*Jurar com lágrimas que me ama  
Não adianta nada  
Eu não vou acreditar  
É melhor nos separar*

*Não pode haver felicidade  
Se não há sinceridade  
Dentro do nosso lar  
Se aquele amor não morreu  
Não precisa me enganar  
Que seu coração é meu<sup>1153</sup>*

Vejamos o samba “Acontece que eu sou baiano”, do grande compositor Dorival Caymmi, um singelo comentário sobre a imponderabilidade do amor:

*Acontece que eu sou baiano  
Acontece que ela não é  
Acontece que eu sou baiano  
Acontece que ela não é*

*Mas tem um requebrado pro lado  
Minha nossa senhora  
Meu senhor São José  
Tem um requebrado pro lado  
Minha nossa senhora  
Ninguém sabe o que é*

*Há tanta mulher no mundo  
Só não casa quem não quer  
Por que é que eu vim de longe  
Pra gostar dessa mulher?*

---

<sup>1152</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola*, EMI, Rio de Janeiro, 1996, gravado em 1968).

<sup>1153</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola*, Coleção Bis, Dois Cds, EMI, Rio de Janeiro, 2000, gravado em 1970).

*Por que é que eu vim de longe  
Pra gostar dessa mulher?*

*Já plantei na minha porta  
Um pezinho de guiné  
Já chamei um pai-de-santo  
Pra rezar essa mulher  
Já chamei um pai-de-santo  
Pra rezar essa mulher<sup>1154</sup>*

Outro clássico do samba é “A flor e o espinho”, de Nelson Cavaquinho e Geraldo de Brito, tratando do amor que acabou ou deixou de ser correspondido:

*Tire o seu sorriso do caminho  
Que eu quero passar com a minha dor  
Hoje pra você eu sou espinho  
Espinho não machuca a flor  
Eu só erreí quando juntei minh'alma à sua  
O sol não pode viver perto da lua*

*É no espelho que eu vejo a minha mágoa  
A minha dor e os meus olhos rasos d'água  
Eu na sua vida  
Já fui uma flor  
Hoje sou espinho em seu amor<sup>1155</sup>*

“A fonte secou”, de Monsueto Menezes, Tufic Lauer e Marcléo, é outro grande samba abordando o amor não correspondido:

*Eu não sou água  
Pra me tratares assim  
Só na hora da sede  
É que procuras por mim  
A fonte secou  
Quero dizer que entre nós  
Tudo acabou*

*Teu egoísmo me libertou  
Não debes mais me procurar  
A fonte do meu amor secou  
Mas os teus olhos nunca mais  
Hão de secar<sup>1156</sup>*

---

<sup>1154</sup> ANJOS DO INFERNO (*Os grandes sambas da história*, vol.17, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1944).

<sup>1155</sup> NELSON CAVAQUINHO (*Nelson Cavaquinho*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1973).

<sup>1156</sup> RAUL MORENO (*Os grandes sambas da história*, vol.20, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1951).



De Cartola, vale a pena lembrar “Amor proibido”, abordando com clareza a culpa e a traição:

*Sabes que vou partir  
Com os olhos rasos d'água  
E o coração ferido  
Quando lembrar de ti  
Me lembrarei também desse amor proibido*

*Fácil demais fui presa  
Servi de pasto em tua mesa  
Mas fique certa que jamais terás o meu amor  
Porque não tens pudor*

*Faço tudo pra evitar o mal  
Sou pelo mal perseguido  
Só me faltava era essa  
Fui trair meu grande amigo  
Mas vou limpar a mente  
Sei que errei  
Errei inocente<sup>1157</sup>*

Outro grande samba sobre o amor é “Atire a primeira pedra”, de Ataulfo Alves e Mário Lago

*Covarde sei que me podem chamar  
Porque não calo no peito essa dor  
Atire a primeira pedra, ai, ai, ai,  
Aquele que não sofreu por amor*

*Eu sei que vão censurar o meu proceder  
Eu sei, mulher que você mesma vai dizer  
Que eu voltei pra me humilhar  
É, mas não faz mal  
Você pode até sorrir*

*Perdão foi feito pra gente pedir  
Perdão foi feito pra gente pedir<sup>1158</sup>*

“Perdão foi feito pra gente pedir” é um exemplo esclarecedor do exercício da moral ingênua, pragmática e nada abstrata. Além disso, um grande verso do samba.

---

<sup>1157</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola*, EMI, Rio de Janeiro, 1996, gravado em 1968).

<sup>1158</sup> LAGO, Mário. (*Mário Lago* Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, JBC 0709015, s/d, gravado em 1973).

O belo samba “Aos pés da santa cruz”, de Marino Pinto e Zé da Zilda, fala de um juramento falso

*Aos pés da santa cruz  
Você se ajoelhou  
E em nome de Jesus  
Um grande amor você jurou*

*Jurou mas não cumpriu  
Fingiu e me enganou  
Pra mim você mentiu  
Pra Deus você pecou*

*O coração tem razões  
Que a própria razão desconhece  
Faz promessas e juras  
Depois esquece*

*Seguindo esse princípio  
Você também prometeu  
Chegou até a jurar  
Um grande amor  
Mas depois esqueceu<sup>1159</sup>*

O samba “E eu não fui convidado”, de Zé Luiz e Nei Lopes, aborda com humor e malícia o casamento de uma ex-amada:

*Eu não sou culpado, meu bem  
Se o seu novo amor tem pavor do passado  
Comprei camisa de seda  
Terno de linho importado  
Dei molho no bom cabelo  
Fiz pisante invocado  
Mas você se casou  
E eu não fui convidado  
Vou lhe dizer o que eu acho  
Sem nenhum constrangimento  
Quem tem teto muito baixo  
Não se mete em casamento  
Diga pro seu novo amor  
Essa ele tem que saber  
Eu quero 50% do investimento que eu fiz em você*

*Mas eu não sou culpado, meu bem  
Se o seu novo amor tem pavor do passado*

---

<sup>1159</sup> GILBERTO, João. (*The legendary João Gilberto World Pacific 1990- gravações de 1958 e 1961*).

*Comprei camisa de seda  
Terno de linho importado  
Dei molho no bom cabelo  
Fiz pisante invocado  
Mas você se casou  
E eu não fui convidado  
Vou lhe dizer um ditado  
Do meu tempo de garoto  
Quem tem cabra que segure  
Porque o bicho tá solto  
Diga pro seu novo amor  
Que ele é um tremendo pastel  
Eu quero um pedaço do bolo  
Senão vai ter rolo essa lua-de-mel*

*Eu não sou culpado, meu bem  
Se o seu novo amor tem pavor do passado  
Comprei camisa de seda  
Terno de linho importado  
Dei molho no bom cabelo  
Fiz pisante invocado  
Mas você se casou  
E eu não fui convidado  
Vou lhe dizer outra coisa  
Sem ter medo da resposta  
Quem teme águas passadas  
Não nada em rio de costas  
Diga pro seu novo amor  
Que eu não fui e não gostei  
Ninguém vai cortar a fita  
Da obra bonita que eu inaugurei<sup>1160</sup>*

“Eu quero essa mulher assim mesmo”, é outro samba de Monsueto Meneses e José Batista construído num tom transgressivo:

*Eu quero essa mulher assim mesmo,  
Eu quero essa mulher assim mesmo  
Eu quero essa mulher assim mesmo  
Eu quero  
Quero essa mulher assim mesmo*

*Quero essa mulher assim mesmo,  
Mal falada  
Quero essa mulher assim mesmo,  
Embriagada  
Quero essa mulher assim mesmo,  
Esfarrapada*

---

<sup>1160</sup> NEI LOPES (*Nei Lopes. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1999).

*Quero essa mulher assim mesmo,  
Despenteada  
Quero essa mulher assim mesmo*

*Quero essa mulher assim mesmo,  
Abilolada  
Quero essa mulher assim mesmo,  
Assanhada  
Quero essa mulher assim mesmo,  
Sempre zangada  
Quero essa mulher assim mesmo,  
Esfomeada  
Quero essa mulher assim mesmo<sup>1161</sup>*

“Falso amor sincero”, de Nelson Sargento, aborda a situação complexa e banal do amor que vive de aparências:

*O nosso amor é tão bonito  
Ela finge que me ama  
E eu finjo que acredito  
Por isso que eu vivo a dizer  
Que o nosso amor...  
O nosso falso amor é tão sincero  
Isso me faz bem feliz  
Ela faz tudo que eu quero  
Eu faço tudo que ela diz  
Aqueles que se amam de verdade  
Invejam a nossa felicidade  
Por isso eu vivo a dizer...<sup>1162</sup>*

De Assis Valente, o samba “Fez bobagem” trata de forma tragicômica do ciúme:

*Meu moreno fez bobagem  
Maltratou meu pobre coração  
Aproveitou a minha ausência  
E botou mulher sambando  
No meu barracão  
Quando eu penso que outra mulher  
Requebrou pra meu moreno ver  
Nem dá jeito de cantar  
Dá vontade de chorar  
E de morrer*

*Deixou que ela passeasse  
Na favela com meu penhoar  
Minha sandália de veludo  
Deu a ela para sapatear*

---

<sup>1161</sup> MONSUETO (*Monsueto*, Coleção Raizes do Samba, EMI, Rio de Janeiro, 2000, gravado em 1962).

<sup>1162</sup> NELSON SARGENTO (*Sonho de um sambista*, coleção Memória Eldorado, Gravadora Eldorado, Sony Music, s/data).

*Eu bem longe me acabando  
Trabalhando pra viver  
Por causa dele cantei rumba  
E foxtrote para inglês ver.<sup>1163</sup>*

”Helena, Helena”, de Antonio Almeida e Constantino Silva, é um samba sobre a saudade e o abandono:

*Eu ontem cheguei em casa, Helena  
Te procurei e não encontrei  
Fiquei tristonho a chorar  
Passei o resto da noite a chamar  
Helena, Helena  
Vem me consolar  
Passei o resto da noite a chamar  
Helena, Helena  
Vem me consolar*

*Mesmo depois de cansado  
Teu nome eu chamava baixinho  
Helena dos meus encantos  
Vem me fazer um carinho  
E fiquei desesperado  
Cadê Helena, meu bem?  
O dia já vem raiando  
E a minha Helena não vem<sup>1164</sup>*

Outro grande e triste samba, de Nelson Cavaquinho e A. Cardoso, é o clássico “Luz negra”:

*Sempre só  
Eu vivo procurando alguém  
Que sofra como eu também  
E não consigo achar ninguém*

*Sempre só  
E a vida vai seguindo assim  
Não tenho quem tem dó de mim  
Estou chegando ao fim*

*A luz negra de um destino cruel  
Ilumina o teatro sem cor  
Onde estou desempenhando o papel*

---

<sup>1163</sup> ARACY DE ALMEIDA (*Os grandes sambas da história*, vol.5, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1942).

<sup>1164</sup> ANJOS DO INFERNO (*Os grandes sambas da história*, vol.17, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1963).

*De palhaço do amor*<sup>1165</sup>

Mais um samba clássico de Monsueto, este em parceria com Ayrton Amorim, “Me deixa em paz” aborda de forma clara e direta o tema complexo do uso do amor como forma de poder sobre o outro:

*Se você não me queria  
Não devia me procurar  
Não devia me iludir  
Nem deixar eu me apaixonar*

*Evitar a dor  
É impossível  
Evitar este amor  
É muito mais  
Você arruinou a minha vida  
Me deixa em paz*<sup>1166</sup>

O alegre “Tin tim por tin tim”, de Haroldo Barbosa e Geraldo Jaques fala, paradoxalmente, do amor que acabou

*Você tem que dar  
Tem que dar  
O que prometeu meu bem*

*Mande o meu anel  
Que de volta  
Eu lhe mando o meu também*

*Mande a carta em que lhe disse  
Que o amor não tem fim  
Que eu lhe mando outra  
Explicando tin tim por tin tim*

*Você tem que devolver  
O que era meu, bem meu  
Mande o meu retrato  
E ponha outro em seu lugar*

*Morreu um rei  
Salve o rei que vai chegar  
Não sei sofrer*

---

<sup>1165</sup> NELSON CAVAQUINHO (*Nelson Cavaquinho*. Rio de Janeiro, EMI Odeon, CD 5928982, 2003, gravado em 1973).

<sup>1166</sup> LINDA BATISTA (*Os grandes sambas da história*, vol.4, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1951).

*Não sei chorar  
Só sei me conformar*<sup>1167</sup>

O amor é visto como um santo remédio no bem-humorado “Obrigado doutor” de Antonio Nássara e Roberto Martins;

*Obrigado doutor  
Minha vida eu devo ao senhor  
Ao senhor por me haver receitado  
Muito vinho, dinheiro e amor  
Minha vida hoje em dia tem mais sabor  
Obrigado, obrigado doutor*

*Ai, doutor  
Penicilina não resolve o mal de amor  
Nem vitamina dava jeito à minha dor  
A medicina não me ajudou  
Ai, doutor  
Sua receita foi a minha salvação  
Eu precisava alegrar meu coração  
E felizmente o senhor acertou  
Obrigado doutor*<sup>1168</sup>

No já visto “Oh, Seu Oscar”, de Wilson Batista e Ataulfo Alves a mulher amada parece ter optado pela vida livre e independente, pela “orgia”, em vez de ficar no lar e ter um amor estabelecido. O tema, tanto na voz masculina, presente por exemplo no clássico “Se você jurar”, como na feminina, foi muito freqüente e ainda ressurgiu hoje no samba como em “Não sou mais disso”<sup>1169</sup>, também já visto, e muitos outros.

*Ceguei cansado do trabalho  
Logo a vizinha me falou  
– Oh! Seu Oscar  
Tá fazendo meia hora que sua mulher foi-se embora  
Um bilhete deixou!  
No bilhete assim dizia:  
“Não posso mais, eu quero é viver na orgia” (2x)*

*Fiz tudo para ver seu bem-estar  
Até no cais do porto eu fui parar  
Martirizando o meu corpo noite e dia*

---

<sup>1167</sup> GILBERTO, João (*Amoroso*, WEA, 1977).

<sup>1168</sup> SILVIO CALDAS COM SEVERINO ARAÚJO E SUA ORQUESTRA TABAJARA (*Os grandes sambas da história*, vol.20, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1950).

<sup>1169</sup> ZECA PAGODINHO (*Zeca Pagodinho*. Coleção Millennium, São Paulo, Polygram, 1998).

*Mas tudo em vão, ela é da orgia*<sup>1170</sup>

“O mundo é um moinho”, do grande Cartola, parece retratar os conselhos de um amante mais velho e experiente:

*Ainda é cedo, amor  
Mal começaste a conhecer a vida  
Já anuncias a hora da partida  
Sem saber mesmo o rumo que irás tomar*

*Preste atenção, querida  
Embora eu saiba que estás resolvida  
Em cada esquina cai um pouco a tua vida  
E em pouco tempo não serás mais o que és*

*Ouçá-me bem, amor  
Preste atenção, o mundo é um moinho  
Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos  
Vai reduzir as ilusões a pó*

*Preste atenção, querida  
De cada amor tu herdarás só o cinismo  
Quando notares estás à beira do abismo  
Abismo que cavaste com teus pés*<sup>1171</sup>

“Prá que mentir”, um samba-canção de Noel Rosa e Vadico, uma das últimas composições de Noel, é outro grande clássico de nossa poesia popular:

*Pra que mentir  
Se tu ainda não tens esse dom de saber iludir?  
Pra quê  
Pra que mentir?  
Se não há necessidade de me trair  
Pra que mentir  
Se tu ainda não tens a malícia de toda mulher?  
Pra que mentir  
Se eu sei que gostas de outro que te diz que não te quer*

*Pra que mentir tanto assim  
Se tu sabes que eu já sei  
Que tu não gostas de mim  
Tu sabes que eu te quero  
Apesar de ser traído*

---

<sup>1170</sup> WILSON BATISTA (Wilson Batista. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1985).

<sup>1171</sup> BETH CARVALHO (*Os grandes sambas da história*, vol.5, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1977).



*Pelo teu ódio sincero  
Ou por teu amor fingido*

*Pra que mentir  
Se tu ainda não tens a malícia de toda mulher  
Pra que mentir  
Se eu sei que gostas de outro que te diz que não te quer<sup>1172</sup>*

Gostaria de lembrar agora um samba de Adoniran Barbosa e Hervê Cordovil, “Prova de carinho”, uma singela declaração de amor:

*Com a corda mi  
Do meu cavaquinho  
Fiz uma aliança pra ela  
Prova de carinho  
(refrão)  
Quanta serenata  
Eu tenho que perder  
Pois meu cavaquinho  
Já não pode mais gemer  
Quanto sacrificio  
Eu tive que fazer  
Para dar a prova pra ela  
Do meu bem querer<sup>1173</sup>*

“Tive sim” de Cartola, um samba clássico, reconstitui a fala de alguém contando à sua companheira um amor passado mas ainda relevante:

*Tive sim  
Outro grande amor  
Antes do teu  
Tive sim  
O que ela sonhava  
Eram os meus sonhos  
E assim  
Íamos vivendo em paz*

*Nosso lar  
Em nosso lar  
Sempre houve alegria  
Eu vivia tão contente  
Como contente ao teu lado estou  
Tive sim  
Mas comparar com o teu amor  
Seria o fim  
Eu vou calar*

---

<sup>1172</sup> SILVIO CALDAS (*Os grandes sambas da história*, vol.7, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1938).

<sup>1173</sup> BARBOSA, Adoniran (*Documento inédito*. Coleção memória Eldorado. São Paulo, Gravadora Eldorado, 278133, 1996).

*Pois não pretendo  
Amor, te magoar*<sup>1174</sup>

“Vai, mas vai mesmo”, é um grande samba de Ataulfo Alves

*Vai  
Vai mesmo  
Eu não quero você mais  
Nunca mais  
Tenha santa paciência  
Ponha a mão na consciência  
Deixe-me viver em paz*

*Vai ou não vai?*

*Sai de vez do meu caminho  
Dê a outro o seu carinho  
Me abandone por favor  
Ai, que dor!  
Você machucou meu peito  
Não tem mais o direito  
De mandar no meu amor*<sup>1175</sup>

Concluo com o belo e clássico samba, “As rosas não falam”, de Cartola:

*Bate outra vez  
Com esperanças o meu coração  
Pois já vai terminando o verão enfim*

*Volto ao jardim  
Com a certeza que devo chorar  
Pois bem sei que não queres voltar para mim*

*Queixo-me às rosas, mas que bobagem  
As rosas não falam  
Simplesmente as rosas exalam  
O perfume que roubam de ti*

*Devias vir  
Para ver os meus olhos tristonhos  
E, quem sabe, sonhavas meus sonhos  
Enfim*<sup>1176</sup>

“Queixo-me às rosas, mas que bobagem/As rosas não falam/Simplesmente as rosas exalam/O perfume que roubam de ti” é um grande verso da nossa música popular.

---

<sup>1174</sup> CYRO MONTEIRO (*Os grandes sambas da história*, vol.5, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1968).

<sup>1175</sup> NORA NEY (*Os grandes sambas da história*, vol.15, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1958).

<sup>1176</sup> CARTOLA (*Cartola*. Cartola, LP Marcus Pereira, 1974).

Note-se o diálogo implícito em quase todas as letras, o que pressupõe, portanto, a relação e a dialogia e, como substrato, a situação face-a-face.

Antes de terminar esta etapa quero primeiramente trazer dois sambas abordando o tema do ciúme. O primeiro é “Sem compromisso”, de Geraldo Pereira:

*Você só dança com ele e diz que é sem compromisso  
É bom acabar com isso, não sou nenhum Pai-João  
Quem trouxe você fui eu, não faça papel de louca  
Pra não haver bate-boca dentro do salão*

*Quando toca um samba, eu lhe tiro prá dançar  
Você me diz: – “ Não, eu agora tenho par”!  
E sai dançando com ele, alegre e feliz  
Quando pára o samba, bate palmas, pede bis<sup>1177</sup>.*

O segundo é o já mencionado “Nervos de aço”, de Lupicínio Rorigues:

*Você sabe o que é ter um amor, meu senhor?  
Ter loucura por uma mulher?  
E depois encontrar esse amor, meu senhor,  
Nos braços de um outro qualquer*

*Você sabe o que é ter um amor, meu senhor?,  
E por ele quase morrer?  
E depois encontrá-lo em um braço  
Que nem um pedaço do seu pode ser*

*Há pessoas com nervos de aço  
Sem sangue nas veias e sem coração  
Mas não sei se passando o que eu passo  
Talvez não lhes venha qualquer reação  
Eu não sei se o que eu trago no peito  
É ciúme, despeito, amizade ou horror  
Eu só sei é que quando eu a vejo  
Me dá um desejo de morte e de dor.<sup>1178</sup>*

Nos dois casos, como na grande maioria das letras de samba abordando o ciúme, o tema é tratado de forma clara, direta, situada e pragmática, com linguagem e imagens absolutamente compartilháveis, acessíveis, de assimilação imediata, capazes de gerar identificação e que parecem ter sempre como pressuposto construtivo a relação face-a-face, ou seja, foram criadas para serem cantadas ao vivo. Além disso, abordam o tema de forma “transitiva direta”, ou seja, falam “a partir” ou “da” experiência concreta de um ciúme

---

<sup>1177</sup> PEREIRA, Geraldo (*Geraldo Pereira*. Bebel Gilberto e Pedrinho Rodrigues. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, CD ATR 32026, 1983).

<sup>1178</sup> RODRIGUES, Lupicínio (*Eu e o meu coração*. Vol. 1. Paraná, Revivendo, RVCD 101, s/d.).

particular e situado. Naturalmente, tudo pode ser passível de interpretação mas, sem dúvida, as duas letras não foram criadas visando a “interpretação”. Ao contrário, nelas *ato locucionário* e *força ilocucionária* apresentam-se de forma sobreposta e inseparável.

Vejamos agora “O ciúme”, bela canção pós-tropicalista de Caetano Veloso:

*Dorme o sol à flor do Chico, meio dia,  
Tudo esbarra embriagado de seu lume  
Dorme ponte, Pernambuco, Rio, Bahia  
Só vigia um ponto negro: o meu ciúme*

*O ciúme lançou sua flecha preta  
E se viu ferido justo na garganta  
Quem nem alegre, nem triste, nem poeta  
Entre Petrolina e Juazeiro canta*

*Velho Chico, vens de Minas  
De onde o oculto do mistério se escondeu  
Sei que o levas todo em ti  
Não me ensinas  
E eu sou só eu só eu só eu*

*Juazeiro não te lembras desta tarde  
Petrolina, nem chegaste a perceber  
Mas na voz que canta tudo ainda arde  
Tudo é perda, tudo quer buscar, cadê?*

*Tanta gente canta  
Tanta gente cala  
Tantas almas esticadas no curtume  
Sobre toda estrada, sobre toda sala  
Paira monstruosa  
A sombra do ciúme<sup>1179</sup>*

Em que pese a voz, num dado momento, referir-se ao “meu ciúme”, tudo na letra remete para uma especulação maior tratando do tema de maneira geral e distanciada. Mais do que de “um” determinado “ciúme”, a letra fala “do” ciúme. Mesmo o “eu” inicial na verdade logo se transfoma na “voz que canta” e ficamos sabendo que sobre tanta gente que canta e cala, sobre toda estrada e cada sala “paira monstruosa a sombra do ciúme”.

Algo bastante diferente da crueza direta de frases como “Você só dança com ele e diz que é sem compromisso/ É bom acabar com isso...” ou “Você sabe o que é ter um amor, meu

---

<sup>1179</sup> VELOSO, Caetano.op.cit., p.242.

senhor/ E por ele quase morrer?/ Edepois encontrá-lo em um braço/ Que nem um pedaço do seu pode ser.”

Aliás, a palavra “ciúme” não é mencionada nos dois sambas, nem seria preciso.

Os dois textos citados são construídos de forma a descrever o ciúme como um evento, quase um ato, um sentimento determinado, situado, contextualizado e visualizável.

Ao contrário, se, em tese, levarmos em conta apenas o aspecto semântico e se a palavra “ciúme” for substituída por outra, por exemplo, “saudade”, “melancolia”, “tédio”, “depressão”, “tristeza”, “desilusão” ou “nostalgia”, o texto de Caetano Veloso continuaria fazendo sentido.

Os sambas de Geraldo Pereira e Lupicínio Rodrigues, por outro lado, dirigem-se a um determinado ouvinte, portanto sua premissa é a relação face-a-face ou uma platéia. Ambos pressupõem um diálogo implícito. No primeiro, um marido ou namorado ciumento dirige-se à companheira. Em certo momento o diálogo se explicita: “Quando toca um samba, eu lhe tiro prá dançar/ você me diz: – ‘Não, eu agora tenho par!’”. No segundo samba, como já vimos, a voz dirige-se a outra pessoa: “você sabe o que é ter um amor, meu senhor?” .

É preciso ser claro: a tendência presente em quase todas as letras de samba é a apresentação de um discurso dialógico, relacional, interativo e declarativo dirigido a alguém numa situação face-a-face, seja um interlocutor seja um “nós” (a “moçada”, a “malandragem”, o “pessoal”, a “gente”, a “turma”), seja uma platéia.

Ao contrário, certas características discursivas como o solilóquio e o tom apodíctico, assertivo, especulativo e normativo surgem claramente tanto em “O ciúme” como em diversas canções modernas, em particular, as tropicalistas.

É desimportante mencionar as eventuais citações ou intertextos literários presentes em “O ciúme” como, “quem nem alegre, nem triste, nem poeta”, pois estes podem, ou não, ser identificados sem prejuízo da fruição geral do texto. Mas é preciso ressaltar o discurso pouco coloquial e tortuoso, descontínuo e não-linear. Sem apresentar índices narrativos claros, o ouvinte vai acompanhando um texto relativamente imprevisível, quase fragmentado, com um sujeito revelado de forma indireta: “O ciúme lançou sua flecha preta/ E se viu ferido justo na garganta/ Quem nem alegre, nem triste, nem poeta/ Entre Petrolina e Juazeiro canta” , texto que, apesar das menções a lugares concretos, é de difícil ou impossível visualização: “Dorme

o sol à flor do Chico, meio dia/ Tudo esbarra embriagado de seu lume/ Dorme ponte,  
Pernambuco, Rio, Bahia/ Só vigia um ponto negro: o meu ciúme”.

Não pretendo me alongar nem fazer uma análise exaustiva dos textos em pauta.

Quis apontar algumas características e tendências significativas dos tres discursos e dizer ainda que, a meu ver, enquanto os textos de “Sem compromisso” e “Nervos de aço” foram criados principalmente para serem ouvidos, cantados e compartilhados de imediato por uma platéia, o texto de “O ciúme” por sua maior complexidade, sua descontinuidade, suas citações e imagens, seu tom especulativo e apodíctico que explica ou prescreve, foi criado principalmente tendo em vista a leitura, o que pressupõe reflexão, análise, releituras, consultas bibliográficas e interpretação.

Algumas imagens de “O ciúme”, com força e originalidade, como a associação entre ciúme e uma flecha preta ferindo a garganta, se adotadas pelo discurso comumente utilizado nas letras de samba, e isso seria perfeitamente possível, a meu ver, se tornariam o mote principal em torno do qual todo o discurso giraria. Nesse sentido, estamos falando de discursos mais densos – “O ciúme” – ou menos densos – “Sem compromisso” e “Nervos de aço” –.

As imagens dos dois sambas, particularmente as de “Nervos de aço”, em que pese serem totalmente compartilháveis, são igualmente fortes e originais. Considero essa letra um clássico de nossa poesia popular.

O tema amoroso nunca chegou a ser particularmente privilegiado pelo tropicalismo, mesmo assim vale a pena examinar duas letras em que é abordado. Começo com “Luzia Luluza’ de Gilberto Gil:

*Passei toda a tarde ensaiando, ensaiando  
Essa vontade de ser ator acaba me matando  
São quase oito horas da noite  
E eu nesse táxi  
Que trânsito horrível, meu Deus  
E Luzia e Luzia e Luzia  
Estou tão cansado mas disse que ia  
Luzia Luluza está lá me esperando*

*Mais duas entradas, uma inteira, uma meia  
São quase oito horas, a sala está cheia  
Essa sessão das oito vai ficar lotada*

*Terceira smana em cartaz*

*James Bond  
Melhor pra Luzia, não fica parada  
Quando não vem gente, ela fica abandonada*

*Naquela cabine do cine Avenida  
Revistas, bordados, um rádio de pilha  
Na cela da morte do cine Avenida  
A me esperar*

*No próximo ano nós vamos casar  
No próximo filme nós vamos casar*

*Luzia, Luluza, eu vou ficar famoso  
Vou fazer um filme de ator principal  
No filme eu me caso com você, Luluza  
No carnaval  
Eu desço do táxi feliz  
Mascarado  
Você me esperando na bilheteria  
Sua fantasia é de papel crepom*

*Eu pego você pelas mãos como um raio  
E saio com você descendo a avenida  
A avenida é comprida, é  
Comprida, é comprida  
E termina na areia  
Na beira do mar  
E a gente se casa  
Na areia, Luluza  
Na beira do mar  
Na beira do mar<sup>1180</sup>*

Trata-se, com se vê, de uma abordagem bastante distanciada e crítica do tema amoroso. Na verdade, as questões do “eu” que fala parecem ser muito mais importantes e ressaltadas do que propriamente a parceria amorosa, o sentimento do amor ou a relação afetiva. Aliás, é difícil compreender que sentimento move o “eu” que fala, se está ou não está apaixonado. Sem dúvida não é um amor do *senso comum*, mas sim um sentimento individual, singular e indiossincrático, pouco acessível ou passível de compartilhamento por parte do ouvinte. Trata-se de uma amor que exige “interpretação”.

Outro exemplo de uma abordagem moderna do amor surge em “Objeto não-identificado”:

*Eu vou fazer uma canção pra ela*

---

<sup>1180</sup> GIL, Gilberto (*Gilberto Gil*, Polygram, 1968).

*Uma canção singela, brasileira  
Para lançar depois do carnaval*

*Eu vou fazer um iê iê iê romântico  
Um anticomputador sentimental*

*Eu vou fazer uma canção de amor  
Para gravar num disco voador  
Eu vou fazer uma canção de amor  
Para gravar num disco voador  
Uma canção dizendo tudo a ela  
Que ainda estou sozinho, apaixonado  
Para lançar no espaço sideral  
Minha paixão há de brilhar na noite  
No céu de uma cidade do interior  
Como um objeto não-identificado  
Como um objeto não-identificado  
Que ainda estou sozinho, apaixonado  
Como um objeto não-identificado  
Para gravar num disco voador  
Eu vou fazer uma canção de amor  
Como um objeto não-identificado<sup>1181</sup>*

Além de recorrer a vários procedimentos próprios do discurso moderno como deslocamentos semânticos e menções “pop” ao universo urbano industrial e burocrático identificados com o mercado de consumo e com a contemporaneidade, tanto a letra de Gilberto Gil como a de Caetano Veloso apontam para uma abordagem crítica, reflexiva, distanciada e impessoal do tema amoroso, em suma, um discurso “sobre” o amor ou “sobre” uma canção de amor, algo especulativo que exige necessariamente “interpretação”, bastante diferente do tratamento popular e tradicional que tende a tocar na relação amorosa situada e acessível ou no sentimento do amor em si e a falar “a partir” daí.

Enquanto o sentimento amoroso em si costuma facilmente gerar identificação, tanto em modernos como em tradicionais ou entre analfabetos e eruditos, a reflexão sobre o amor, não necessariamente.

Concluo dizendo que meu interesse com as comparações foi identificar tendências e preponderâncias gerais e bastante amplas. Claro, mesmo na produção tropicalista, é perfeitamente possível encontrar canções mais identificadas com a abordagem tradicional do

---

<sup>1181</sup> VELOSO Caetano (*Caetano Veloso*, Phillips, 1969).



tema amoroso. Da mesma época, o clássico “Domingo no parque”<sup>1182</sup> ou “Pé de roseira”<sup>1183</sup>, ambos de Gilberto Gil, são exemplos disso.

## 7.2 O tema da comida

Inúmeras letras de samba mencionam comidas, descrevem situações em que a comida está presente, associam mulheres bonitas a comidas, dão receitas culinárias e, mesmo, tratam do assunto como tema ou motivo principal.

Se pensarmos nas manifestações populares, criadas, pelo menos no Brasil, em geral por gente pobre e excluída socialmente, gente que conhece de perto a dura experiência de “passar fome” e a luta cotidiana para arranjar um pouco de alimento, o interesse pelo assunto “comida” pode ser facilmente esclarecido e justificado.

Em seu estudo sobre o caipira paulista, Antonio Candido ressalta a importância do alimento “como fulcro de sociabilidade – não apenas da que se organiza em torno dele (sistemas de trabalho, distribuição etc.) mas daquelas em que ele aparece como expressão tangível dos atos e das intenções (ágapes, ofertas etc.)”. Para Candido “prolongamos, de certa forma, práticas imemoriais em que a ingestão de alimentos obtidos com esforço e irregularmente trazia uma poderosa carga afetiva, facilmente transformada em manifestações simbólicas. À medida que a civilização assegura a regularidade do abastecimento, esta carga diminui, para manifestar-se quase apenas nas ocasiões importantes da vida”<sup>1184</sup>.

As festas populares rurais representam para Candido, entre outras coisas, uma oportunidade de compartilhar o alimento que é sempre escasso<sup>1185</sup>.

A comilança das festas religiosas ou públicas dá a estas práticas, segundo Candido, “um caráter de verdadeira refeição coletiva. Nela, definem-se, com base no alimento, relações de solidariedade que reforçam os vínculos de vizinhança, fortalecendo não apenas os que prendem moradores do mesmo grupo, mas os de grupos diferentes, acorridos à festa”<sup>1186</sup>.

No contexto popular rural, podem ser muitas as situações de fome. Todas as pessoas, mas particularmente “o mau trabalhador, a viúva, o doente, o inepto (...) mas muito lavrador

---

<sup>1182</sup> GIL, Gilberto (*Gilberto Gil*, Phillips, 1968)

<sup>1183</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>1184</sup> CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Duas Cidades, 1971, p.30

<sup>1185</sup> Idem, *ibidem*, p.144.

<sup>1186</sup> Idem, *ibidem*, p.145.

disposto, acuado por circunstâncias desfavoráveis” podem passar por momentos de fome e penúria.<sup>1187</sup>

Nota Candido que o caipira “se mostra mais contente quando as digestões são lentas, pois neste caso é sensível a ilusão do estômago cheio”.<sup>1188</sup>

Além disso, muitas vezes a fome é responsável pelo alto consumo de bebidas alcóolicas entre os caipiras.<sup>1189</sup>

Em suma, segundo Candido, o caipira vê-se diante de uma batalha diária “travada, estritamente, para não passar fome”.<sup>1190</sup>

Por este viés, o tema teria desaparecido do discurso da moderna música brasileira – salvo nas canções de denúncia social – pela simples razão de que, em sua maioria, essa música seria criada por compositores oriundos das classes mais abastadas ou para quem, mesmo não sendo ricos, a comida deixou de ser assunto de interesse.

De fato, um estudo como “A máquina e o revólver”, de Alba Zaluar, sobre a favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, um contexto de pobreza, aponta fatos interessantes a respeito do tema comida e alimentação no âmbito popular. Diz ela que a “importância fundamental da ‘comida’ (...) fica patente nas afirmações ouvidas constantemente de que ‘o dinheiro tem que dar para a comida’ ou de que ‘a comida não pode faltar’ afirmações essas que se referem tanto ao papel masculino de ‘botar a comida para dentro de casa’ quanto ao papel feminino de controlar o consumo, economizando na compra e não desperdiçando na produção do alimento dentro de casa.”<sup>1191</sup>

Cabe, segundo Zaluar, à mulher economizar nas “compras”, de forma a durarem até o próximo pagamento recebido pelo marido. Diz ela: “... encontrei várias mulheres que pagavam as prestações [com dinheiro de seu trabalho] dizendo-me estar ajudando o marido”.<sup>1192</sup>

Foi nesse sentido que associei o samba “Amélia” ao tema da solidariedade.

---

<sup>1187</sup> Idem, *ibidem*, p.157.

<sup>1188</sup> Idem, *ibidem*, p.157.

<sup>1189</sup> Cf. idem, *ibidem*, p.158.

<sup>1190</sup> Idem, *ibidem*, p.158.

<sup>1191</sup> ZALUAR, Alba.*op.cit.*, p. 100.

<sup>1192</sup> Idem, *ibidem*, p.101.

Zaluar fala, na década de 1980, século XX, do “espectro da fome”, sempre temido por todos, e que “se efetiva quando um caso de doença na família ou a necessidade de ‘andar’ procurando emprego (...) gastando dinheiro em transporte, cria buracos no orçamento”.<sup>1193</sup>

Na favela Cidade de Deus “comer carne todos os dias marca uma fronteira nítida que separa os pobres dos não pobres, e a carne passa a representar, na sua falta, a própria carência em que vivem. Ela é um símbolo poderoso de prestígio social e riqueza”.<sup>1194</sup>

Zaluar relaciona ainda a “virtualidade de passar fome” a certas escolhas alimentares. Diz ela que “na ideologia dos pobres urbanos do Rio de Janeiro, como de outras áreas do Brasil, a categoria ‘comida’ é fundamental na articulação do seu pensamento sobre alimentação. Existem alimentos que são ‘comida’ e outros que não são. ‘Comida’ é basicamente feijão, arroz e carne. As verduras, os legumes, as frutas, no seu discurso, aparecem sempre como alimento que serve para ‘tapear’ (...) ‘coisinhas que ‘não dá’ que ‘não satisfaz’. (...) os resultados desse tipo de alimentação [que “tapeia”] são vistos como catastróficos: ‘a pessoa emagrece’, ‘fica só no osso’, ‘morre’. O que não é comida pode incluir peixe, canja, galinha, frutas, verduras. E não são comida porque não ‘sustentam’ (...) ‘não são fortes’ ...”.<sup>1195</sup>

Segundo a autora, as escolhas alimentares são culturais. “Um dos momentos em que valorizam positivamente o ser pobre é quando, comparado com o que comem os ricos, [os favelados] afirmam que ‘o pobre come mais’, ‘está sem dinheiro no bolso mas de barriga cheia’ ou ‘o rico não come, vegeta’ ou ‘pobre enche a barriga, rico belisca’.<sup>1196</sup>

Os alimentos escolhidos como o feijão oferecem a sensação do estômago cheio, especialmente quando cozinhados com banha, tocinho ou linguiça. Zaluar fala na preferência de alimentos gordurosos e de digestão difícil que dão a sensação de “barriga cheia”, segundo ela associada à saúde e à negação da morte. Tal predileção “aparece junto à valorização estética da corpulência e gordura, especialmente entre as mulhese” e considerada traço de beleza e de saúde, além de símbolo de poder na família.<sup>1197</sup>

Ciandio notou a mesma predileção entre os caipiras paulistas.

---

<sup>1193</sup> Idem, *ibidem*, p.101.

<sup>1194</sup> Idem, *ibidem*, p.105.

<sup>1195</sup> Idem, *ibidem*, p.106.

<sup>1196</sup> Idem, *ibidem*, p.108.

<sup>1197</sup> Idem, *ibidem*, p. 110.

Como vimos em outra parte, a estudiosa carioca lembra ainda a situação do comer em família, ou de refeições comunais em reuniões e festas, espaços essenciais para a compreensão do *modelo de consciência* popular.

Vejamos agora algumas letras de samba abordando o tema comida.

Começo com o samba “No pagode do Vavá”, de Paulinho da Viola, que, como já foi citado, coloco só o início:

*Domingo, lá na casa do Vavá  
Teve um tremendo pagode  
Que você não pode imaginar  
Provei do famoso feijão da Vicentina  
Só quem é da Portela é que sabe  
Que a coisa é divina<sup>1198</sup>*

Vejamos agora “Pode guardar as panelas, também de Paulinho da Viola, que fala da falta de comida

*Você sabe que a maré  
Não está moleza não  
E quem não fica dormindo de touca  
Já sabe da situação  
Eu sei que dói no coração  
Falar do jeito que eu falei  
Dizer que o pior aconteceu  
Pode guardar as panelas  
Que hoje o dinheiro não deu*

*Dei pinote adoidado  
Pedindo emprestado e ninguém emprestou  
Fui no seu Malaquias  
Querendo fiado mais ele negou  
Meu ordenado, apertado, coitado, engraçado  
Desapareceu  
Fui apelar pro cavalo, joguei na cabeça  
Mas ele não deu  
Para encher nossa panela, comadre  
Eu não sei como vai ser  
Já corri pra todo lado  
Fiz aquilo que deu pra fazer  
Esperar por um milagre  
Pra ver se resolve esta situação  
Minha fé já balançou  
Eu não quero sofrer outra decepção<sup>1199</sup>*

---

<sup>1198</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Perfil*, Som Livre, São Paulo, 2003, gravado em 1972).

<sup>1199</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Zumbido*, EMI, Rio de Janeiro, 1996, gravado em 1979).

A título de curiosidade, trago a letra do tango de Chiquinha Gonzaga “Baiana dos pastéis” gravado em 1911<sup>1200</sup>. O tema abordado será retomado por inúmeros compositores em muitos sambas. A associação entre a baiana e a comida, no sentido de alimento amoroso, é evidente:

*Sou baiana querida dos moços  
Na procura não tenho rivais  
Quando eu passo por eles eu ouço:  
Coração, não me diz para onde vais?  
Vou seguindo batendo as chinelas  
Que de leve se agregam aos meus pés  
Vão então se abrindo as janelas  
Vou vendendo sem medo os pastéis*

*Ao comer d'angu saboroso  
Com bastante pimenta pra ver  
Com bastante pimenta pra ver  
Causa nobre, fina, apetitosa  
Com a lingüinha de fora a mexer  
Com a lingüinha de fora a mexer*

*E a baiana pra ter freguesia  
Dorme cedo e bem antes do sol  
Não se pode deixá a Bahia  
Da pimenta que esquenta o Farol  
Nesse mundo só...me orgulho  
Tudo isso foi feito pra mim  
Eu não bambo, não faço barulho  
Faço... meu Senhor do Bonfim*

*Se na massa me dizem que acerto  
Isso creia que disso não creio  
Pois se alguém...de perto  
Deste mundo esqueci o recheio  
No trabalho não morro de inveja  
Sou feliz e é pra todos...  
Se não der na....da Igreja  
Que forrei com o meu tabuleiro<sup>1201</sup>*

Passo agora a examinar sambas em que a comida está presente. Começo com “Cabritada mal sucedida” do grande sambista Geraldo Pereira:

---

<sup>1200</sup> Trata-se, segundo o encarte do CD, de uma paródia da cançoneta “Iaiá fazendo etc e tal”. A interpretação de 1911 foi feita por Eduardo das Neves e Risoleta. É preciso dizer ainda que o “tango” brasileiro nada tem a ver com o tango argentino e é um gênero musical bastante variável e “intercambiável” com relação ao lundu, a polca-lundu, ao cateretê e ao maxixe. Cf. SANDRONI, Carlos. op.cit, p.31 e p.77.

<sup>1201</sup> CHIQUINHA GONZAGA (*A maestrina*, CD 2, Revivendo Músicas Comercio de Discos Ltda., Curitiba, s/data).

*Bento fez anos  
E para almoçar me convidou  
Me disse que ia matar um cabrito  
Onde tem cabrito eu tou  
E quando o comes e bebes começou  
No melhor da cabritada  
A polícia e o dono do bicho chegou*

*Puseram a gente sem culpa  
No carro da radiopatrulha levaram  
Levaram também o cabrito  
E toda a bebida que tinha quebraram  
Seu comissário, zangado  
Não tava querendo ninguém dispensar  
O patrão da Sebastiana  
É que foi ao distrito  
E mandou me soltar*

*Puseram a gente sem culpa  
No carro da radiopatrulha levaram  
Levaram também o coitado do cabrito  
E toda a bebida que tinha quebraram  
Seu comissário, zangado  
Não tava querendo ninguém dispensar  
O patrão da Sebastiana  
É que foi ao distrito  
E mandou me soltar<sup>1202</sup>*

Vejamos “Camarão com xuxu” (sic) de Nei Lopes:

*Camarão tá caro pra xuxu  
Camarão tá caro pra xuxu  
Camarão tá caro pra xuxu  
Camarão tá caro pra xuxu*

*Saco cheio de todo domingo comer  
Carne assada e macarrão  
Resolvi fazer um ensopado  
De chuchu com camarão  
Peguei a bolsa, forrei a carteira  
Me mandei pra praia de Mariambú  
Mas fiquei na intenção  
Camarão tá caro pra xuxu*

*Deu encrenca ficou no desejo  
De comer badejo com pirão  
Com pimenta acompanhando com cheiro*

---

<sup>1202</sup> GERALDO PEREIRA (*Os grandes sambas da história*, vol.1, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1953).

*Do molho do camarão  
A maré hoje não tá pra peixe  
Não tá pra sardinha  
Nem pra baiacu  
Quanto mais pra camarão  
Camarão tá caro pra xuxu*

*O dinheiro que eu tinha no bolso  
Pra fazer almoço, meu irmão  
Só deu mesmo pra fazer aquilo de sempre  
Mais a cana e o limão  
Fui pra casa de barriga cheia  
Sonhei com a garrafa velha da Pitu  
Onde eu era o camarão  
Camarão tá caro pra xuxu<sup>1203</sup>*

Ou “Caviar”, de Luiz Grande, Barbeirinho do Jacarezinho e Mauro Diniz:

*Você sabe o que é caviar?  
Nunca vi, nem comi  
Eu só ouço falar  
Caviar é comida de rico  
Curioso fico, só sei que se come  
Na mesa de poucos, fartura adoidado  
Mas se olhar pro lado, depara com a fome  
Sou mais ovo frito, farofa e torresmo  
Na minha casa é o que mais se consome  
Por isso se alguém vier me perguntar  
O que é caviar?  
Só conheço de nome  
Geralmente quem come esse prato  
Tem bala na agulha, não é qualquer um  
Quem sou eu pra tirar essa “chinfra”  
Se vivo na vala pescando muçum  
Mesmo assim não reclamo da vida  
Apesar de sofrida, consigo levar  
Um dia eu acerto numa loteria  
E dessa iguaria até posso provar<sup>1204</sup>*

Ou “Faixa amarela”, de Zeca Pagodinho, Jessé Pai, Luis Carlos e Beto Gago:

*Eu quero presentear  
A minha linda donzela  
Não é prata nem é ouro  
É uma coisa bem singela  
Vou comprar uma faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
E vou mandar pendurar*

<sup>1203</sup> JOVELINA PÉROLA NEGRA (*Jovelina Pérola Negra*, Coleção Bambas do Samba, Som Livre, São Paulo, 2000).

<sup>1204</sup> PAGODINHO, Zeca (*Acústico MTV*, Rio de Janeiro, Universal, 2003).

*Na entrada da favela*

*Vou dar-lhe um gato angorá  
Um cão e uma cadela  
Uma cortina grená para enfeitar a janela  
Sem falar na tal faixa amarela  
Bordado com o nome dela  
Que eu vou mandar pendurar  
Na entrada da favela*

*E para o nosso papá vai ter bife de panela  
Salada de petit-pois, jiló, chuchu e “brinjela”  
Sem falar na tal faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
Que eu vou mandar pendurada  
Na entrada da favela*

*Vou fazer dela rainha do desfile da Portela  
Eu vou ser filho do Rei, e ela minha cinderela  
Sem falar na tal faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
Que eu vou mandar pendurada  
Na entrada da favela*

*E para gente se casar vou construir a capela  
Dentro de um lindo jardim com flores, lago e pinguela  
Sem falar na tal faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
Que eu vou mandar pendurada  
Na entrada da favela*

*Mas se ela vacilar, vou dar um castigo nela  
Vou lhe dar uma banda de frente  
Quebrar cinco dentes e quatro costelas  
Vou pegar a tal faixa amarela  
Gravada com o nome dela  
E mandar incendiar  
Na entrada da favela*

*Vou comprar uma cana bem forte  
Para esquentar sua goela  
E fazer uma tira-gosto  
Com galinha à cabidela  
Sem falar na tal faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
Que eu vou mandar pendurada  
Na entrada da favela<sup>1205</sup>*

---

<sup>1205</sup> ZECA PAGODINHO (Zeca Pagodinho. Coleção Millennium, São Paulo, Polygram, 1998, gravado em 1997).



Ou “Já mandei botar dendê”, de Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz e Maurição, em que comida e sexualidade se misturam.

*Bota dendê no meu caruru  
Bota dendê no meu vatapá  
Eu quero ver o caldeirão ferver  
Põe pimenta pra arder  
Já mandei botar dendê*

*Já mandei botar dendê  
Pra dar gosto no tempero  
Já mandei botar dendê  
Pro sabor bailar no cheiro  
Bota, se não eu não vou comer  
Eu não quero me aborrecer  
Já mandei botar dendê  
Faça o favor de me obedecer  
Se não brigo com você  
Já mandei botar dendê*

*Sinto saudade da comida de sinhá  
Que jamais deixou de usar  
Dendê pra dar bom paladar  
É na moqueca, é no bobó, é no xinxim  
Bota um pouco mais pra mim  
Tempero sem dendê, não dá  
O tempero é gostoso, vem ver  
É gostoso demais, pode crer  
Vem comigo sentir o prazer  
De provar do dendê<sup>1206</sup>*

Ou o partido-alto “Jiló com pimenta” de Arlindo Cruz e Zeca Pagodinho:

*Pimenta pode ser da mais ardida  
Pois no meu peito já houve ardência maior  
Não tenho preferência por comida  
Obrigado nessa vida  
Já engoli coisa pior, por isso, ó nega  
Ó nega, pode preparar o jiló  
Ó nega, pode preparar o jiló*

*Já engoli sapo, já tomei catrapo, ninguém teve dó  
Apreendi que nesse mundo não se dá ponto sem nó  
Sou vagabundo sofrido, quase reduzido a pó*

---

<sup>1206</sup> ZECA PAGODINHO (Zeca Pagodinho. Coleção Millennium, São Paulo, Polygram, 1998, gravado em 1995).

*Por isso, ó nega  
Ó nega, pode preparar o jiló  
Ó nega, pode preparar o jiló*

*Já mandei fechar meu corpo  
Me benzi com água benta  
Mas ouvi praga mais forte  
Dessa gente agourenta  
Não há ninguém cem por cento  
Poucos são pedra noventa, então nega*

*Ó nega, prepare o jiló com pimenta  
Ó nega, prepare o jiló com pimenta*

*Vou querer como bebida  
Birita com leite em pó*

*Por isso, ó nega  
Ó nega, pode preparar o jiló  
Ó nega, pode preparar o jiló*

*Quando um pobre se lamenta  
Mais um rico se contenta, então nega  
Ó nega, prepare o jiló com pimenta  
Ó nega, prepare o jiló com pimenta*

*Vou roendo pedra dura  
Sonhando com pão-de-ló, por isso, ó nega*

*Ó nega, pode preparar o jiló  
Ó nega, pode preparar o jiló*

*O homem só aprende a vida  
Quando nela se aposenta, então nega*

*Ó nega, prepare o jiló com pimenta  
Ó nega, prepare o jiló com pimenta*

*Eu tenho que dar um jeito  
Qualquer coisa a gente inventa, então nega*

*Ó nega, prepare o jiló com pimenta  
Ó nega, prepare o jiló com pimenta  
Eu vou batendo com a palma da mão  
E com uma lata velha  
Que o samba incrementa*

*Então, ó nega, prepare o jiló com pimenta  
Ó nega, prepare o jiló com pimenta*

*Você diz que tá com tudo  
Porém nada apresenta, então nega*

*Ó nega, prepare o jiló com pimenta  
Ó nega, prepare o jiló com pimenta*

*Eu preciso de sossego  
Por favor não me atenta, então nega*

*Ó nega, prepare o jiló com pimenta  
Ó nega, prepare o jiló com pimenta<sup>1207</sup>*

Ou “Moqueca de Idalina”, de Nei Lopes:

*Idalina mandou chamar você, ê, ê  
Pra moqueca de fato que ela vai fazer  
(só no dendê)*

*Cem quilos de fato  
E só de cebola umas quatrocentas.  
Duzentos limões, novecentas pimentas  
E uma tonelada de amendoim.  
E achando isso pouco  
Idalina botou o compadre Tinoco  
No maior sufoco  
Ralando num toco  
Duzentos mil cocos  
Pra fazer quindim.*

*Só ralando coco, Idalina  
Pra fazer quindim*

*Tudo cozinhado  
Em cinco galões desses de gasolina  
Então é que entram as mãos de Idalina  
Temperando tudo tin-tim por tin-tim  
E aí o caboclo  
Compadre Tinoco  
Naquele sufoco  
Já tá quase louco  
Ralando no soco  
Duzentos mil cocos  
Pra fazer quindim.<sup>1208</sup>*

Ou “Põe dendê e tempero”, de Wilson Moreira:

---

<sup>1207</sup> ZECA PAGODINHO (*Deixa Clarear*, PolyGram, São Paulo, 1996).

<sup>1208</sup> NEI LOPES (*Celebração: Nei Lopes – 60 anos*, CD 1 *Negro Mesmo*, Carioca Discos, Rob Digital, Rio de Janeiro, 2003).

*Eu quero ver  
O surdo bater  
Eu vou lhe mostrar  
Que a terra vai tremer*

*Põe dendê, põe dendê  
Põe dendê na panela  
E depois deixa ferver*

*Quem quiser me ver vai lá  
Vai lá na cozinha da Dona Zilá  
Tem siri, tem moqueca  
Mexilhão  
Na pimenta, pimenta da boa  
Alivia a minha tensão*

*Camarão do graúdo  
Na panela de barro  
Camarão V.G. no tempero  
Pra eu e você<sup>1209</sup>*

Ou “Vai pro lado de lá”, de Candeia e Euclenes:

*Vai pro lado de lá  
Vai pro lado de lá  
Vai pro lado de lá, vai sambar  
Me leva pro lado de lá*

*Segunda-feira, terça-feira  
Quarta-feira, quinta-feira  
Sexta-feira, sábado de aleluia*

*Se eu pegar no cavaco, compadre  
No banjo o samba continua*

*Tem caruru, tem quiabo com galinha  
Batata com dobradinha, mumuzam e vatapá  
Tem água verde, água quente, água fria  
Aguardente com farinha e as águas vão rolar*

*Vai o Cartola, vai o Paulinho da Viola  
Vai o Martinho da Vila, o Aniceto com o Reni  
Vai o Guineto, vai o Zeca Pagodinho  
Eu também sou partideiro, eu também tenho que ir<sup>1210</sup>*

---

<sup>1209</sup> WILSON MOREIRA (*Entidades II*. Rio de Janeiro, Rádio Mec, s/d).

<sup>1210</sup> ARLINDO CRUZ E SOMBRINHA (*Arlindo Cruz e Sombrinha*. Coleção Millennium, Polygram, 1998, gravado em 1996).

“Coco partido”, de Arlindo Cruz, Alcir Marques e Franco, fala de comida e talvez de mais coisas:

*Ioiô, dá o doce de coco que iaiá mandou  
Iaiá mandou  
Iaiá, já cansei de pedir mas ioiô não quer dar  
Não que dar, não quer dar, não quer dar  
Fui no terreiro, peguei coco no coqueiro  
Quem chegou primeiro teve água pra tomar  
Depois de oco, abri o coco, ralei o coco  
De bom grado, bem ralado, para o doce de iaiá  
E agora ioiô não quer dar*

*Não é quindim que eu quero pra mim  
Nem bom-bocado também  
Não é pudim nem bolo de aipim  
Que vai me fazer bem  
Não é cocadinha nem queijadinha  
Não é glacê, nem bombom, nem pavê  
Eu só quero o doce de coco que eu ajudei a fazer  
Mas ioiô está querendo esconder<sup>1211</sup>*

“O quitandeiro”, de Paulo da Portela e Candeia, é um belo samba abordando comida e festa:

*Quitandeiro leva cheiro e tomate  
Na casa do Chocolate  
Hoje vai ter macarrão  
Prepara a barriga, macacada  
Que a bóia tá enfezada  
E o pagode fica bom  
Chega só trinta litros de uca  
Para fechar a butuca  
Desses nego beberrão  
Chocolate, tu avisa a crioula  
Que carregue na cebola  
E no queijo parmesão*

*É mas não se esqueça  
De avisar a nega Estela  
Que o pessoal da Portela  
Vai cantar partido-alto  
Vai ter pagode até o dia amanhecer  
E os versos de improviso  
Serão em homenagem a você<sup>1212</sup>*

---

<sup>1211</sup> OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA , 40 volumes , São Paulo, BMG Brasil, Ed.Globo1997. v. 37.

<sup>1212</sup> OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA , 40 volumes , São Paulo, BMG Brasil e Ed.Globo, 1997, v. 32.

Já “Torresmo à milanesa”, de Adoniran Barbosa, volta ao tema da comida e da pobreza:

*O enxadão da obra bateu onze horas  
Vamo simbora João, vamo simbora João*

*Que é que você trouxe na marmitta, Dito?  
Trusse ovo frito, trusse ovo frito  
E você beleza, o que é que você trouxe?  
Arroz com feijão e um torresmo à milanesa, da minha Tereza  
Vamos almoçar, sentados na calçada  
Conversar sobre isso e aquilo  
Coisas que nois não entende nada  
E depois puxar uma paia  
Andar um pouco pra fazer o quê...  
É dureza João, é dureza João  
É dureza João, é dureza João  
É dureza João, é dureza João  
É dureza João, é dureza João*

*O mestre falou que hoje não tem vale, não  
Ele se esqueceu que lá em casa não sou só eu  
Se segura Maria...  
O mestre falou que hoje não tem vale, não  
Ele se esqueceu que lá em casa não sou só eu  
Se segura Maria...<sup>1213</sup>*

E por último o clássico e malicioso “Os quindins de yáyá”, do grande Ary Barroso

*Os quindins de yáyá  
Cumé, cumé, cumé  
Os quindins de yáyá  
Cumé, cumé, cumé  
Os quindins de yáyá  
Cumé, cume que faz chorar*

*Os oinho de yáyá  
Cumé, cumé, cumé  
Os oinho de yáyá  
Cumé, cumé, cumé  
Os oinho de yáyá  
Cumé, cumé que faz penar*

*O jeitão de yáyá  
Me dá, me dá uma dor  
Me dá, me dá que eu não sei  
Se é, se é  
Se é ou não amor*

---

<sup>1213</sup> CLEMENTINA DE JESUS, ADONIRAN BARBOSA (*Clementina e convidados*, EMI, São Paulo, s/d).

*Só sei que yáyá  
Tem umas coisa  
Que as outra yáyá não têm*

*Tem tanta coisa de valor  
Neste mundo de Nosso Senhor  
Tem a flor da meia-noite  
Escondida nos canteiros  
Tem música e beleza  
Na voz dos boiadeiros  
A prata da lua cheia  
O leque dos coqueiros  
O sorriso das crianças  
A toada dos barqueiros  
Mas juro, por Virgem Maria  
Que nada disso pode matar<sup>1214</sup>*

Naturalmente, selecionei apenas alguns exemplos. O motivo é recorrente e abundante nas letras de samba.

Parece correta, sem dúvida, a associação entre o tema comida e a “virtualidade da fome”, presença ameaçadora infelizmente constante no cardápio e no imaginário popular. Creio porém que é possível ampliar a discussão do assunto.

Além da importância da comida em si, julgo que é preciso destacar dois outros aspectos: 1) a comida como metáfora sexual<sup>1215</sup> e 2) a comida vista como refeição comunal.

Ambos os pontos parecem remeter essencialmente à vida concreta e relacional, tanto corporal quanto social, vida entre pessoas de carne e osso, o que pressupõe as relações humanas em si, isentas de distanciamento e análise crítica, relações sempre interessadas, parciais, banais, pragmáticas, situadas e contextualizadas e que, além disso, implicam não a “intransitividade”, que fala distanciada “sobre”, mas sim o princípio da “transitividade direta” que, como propôs Muniz Sodré, impõe a “operacionalidade em relação ao mundo” do “aqui agora” e fala “a partir” da existência, fala “a” existência concreta, situada, atualizada e factual. No dizer de Sodré, “as palavras têm no samba tradicional uma operacionalidade com relação ao mundo, seja na insinuação de uma filosofia prática cotidiana, seja no comentário

---

<sup>1214</sup> EMILINHA BORBA E CÉSAR DE ALMEIDA (*Os grandes sambas da história*, vol.5, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1954).

<sup>1215</sup> C.f. SANDRONI, Carlos op.cit. Segundo o autor, a palavra “quindim” além do doce, significa “requebros, graças típicas, peculiares e características de uma menina ou moça.”. O autor cita várias canções associando moquecas de sinhás, mugunzás, canjiquinhas quentes, vatapás etc. aos assuntos do sexo. p. 52.

social, seja na exaltação de fatos imaginários, porém inteligíveis no universo do autor e do ouvinte. (...) A transitividade se afirma na capacidade da canção negra” [a meu ver, mais do que “negra”, “popular”] “de celebrar os sentimentos vividos, as conivções, as emoções, os sofrimentos reais de amplos setores do povo, sem qualquer distancimento intelectualista. Nesse tipo de letra não há categorização nem análise.”<sup>1216</sup>

A associação entre corporalidade, sexualidade, comida e o discurso popular, como sabemos, foi largamente estudada por Mikhail Bahktin.<sup>1217</sup>

Concluo esta etapa ressaltando que tanto na vida popular e tradicional como na vida moderna e erudita, tanto as aproximações entre comida e sexo como as associações entre comida e vida social – pagodes e sambas ou festas, reuniões, restaurantes, comemorações, confraternizações etc. – são absolutamente possíveis e cotidianas, entretanto escasseiam no discurso “contemporâneo”. A meu ver, por uma razão bastante simples: o discurso moderno, analítico e crítico, tende a abordar as questões do ponto vista da teoria e da visão geral, mais ampla, sem dúvida, mas que tem dificuldade em abarcar o momento concreto, situado, parcial, efêmero, cotidiano, banal e vivido – nem por isso pouco complexo, afinal, trata-se do patamar das relações humanas – em que o tema comida se encaixa.

### **7.3 O tema da consciência social**

Vimos já que, em tese, o pensamento marcado pela oralidade que tende à contextualização, o qual estou identificando ao *modelo de consciência* popular, busca enxergar os fatos e eventos a partir de situações concretas, situadas, vividas e, ao mesmo tempo lida mal ou evita as premissas generalizantes e abstratas. Isso faz com que os problemas “nacionais” sejam desimportantes ou tenham importância muito menor do que os problemas locais de interesse direto, pragmático e imediato. Faz também com que o dono da venda, o gerente do banco ou o chefe da polícia pareçam ser os grandes culpados e responsáveis, por exemplo, pela inflação, pela carestia ou pela injustiça.

---

<sup>1216</sup> SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Mauad, 1998, p.45

<sup>1217</sup> C.f. BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. 2ª de. Trad. Yara Frateschi. São Paulo-Brasília, Hucitec, 1993 e também *Questões de literatura e de estética*. 3ª ed. Trad. Aurora Bernardini e outros. São Paulo, Unesp, 1993.



É preciso reconhecer que, se não o são, fazem parte do processo e também podem ser. Vale lembrar a metáfora de Norbert Elias, distinguindo dois planos de visão: o do avião, com visão geral mas pouco detalhado, e o do chão, detalhado embora sem visão geral.

No caso de um problema de saúde quando, por exemplo, precisamos sofrer uma cirurgia, podemos eventualmente especular sobre o sistema de saúde brasileiro mas, sem dúvida, por uma questão de *senso comum*, cuidaremos de escolher um determinado médico competente, concreto e situado.

Apesar dessa tendência geral de contextualização ser de cara verificável nas letras de samba que invariavelmente costumam tratar de situações concretas e situadas, é possível encontrar, em muitos sambas, uma noção bastante clara da injustiça política e social. Note-se porém que quase sempre tratada do ponto de vista da problemática local e não no plano abstrato e simbólico da “nação”, do “país”, do “Brasil”.

Quero deixar clara a minha posição: não poucas vezes, o plano geral que se refere à “nação” ou ao “Brasil” elabora discursos e sínteses bastante teóricas, especulativas, genéricas e esquemáticas além de, obviamente, ideológicas, no sentido colocado por Berger e Luckmann. Se o “Brasil” existe nitidamente como Estado burocrático, político, jurídico e econômico, isso ocorre *in abstracto*. Falar em “Brasil” no plano concreto das culturas brasileiras e das vidas humanas pessoais, contextualizadas, com seus múltiplos interesses sempre plurifacetados e localizados, principalmente levando-se em conta um país tão pouco homogêneo em termos sociais, corresponde, a meu ver, a um problema bem mais complexo e, a rigor, não passível de síntese.

Selecionei alguns exemplos de sambas que revelam “consciência social”. Na obra de Paulinho da Viola, o tema aparece discretamente como em “Sinal fechado”, uma crítica à vida urbana e moderna, ou em “Pode guardar as penelas”, ambas citadas

Vejamos “Abrolhos da vida”, de Wilson Moreira e Ratinho. O texto aborda a dificuldade de ascensão social mesmo para quem estudou:

*Quem lutou para melhor  
Pra bem melhor  
Vê com tristeza nos olhos  
O avesso do paletó*

*E no caminhar os abrolhos da vida  
Folhas de urtiga  
Em vez de margarida*

*Fico eu me perguntando se valeu a pena  
Passar a mocidade estudando*

*Me formei  
Mas não sei quem sou  
Meu diploma na parede  
Não valeu as honras de doutor*

*Queria ser bacharel a todo custo, tive sorte  
Consegui me formar em advocacia  
Só que eu desconhecia ser difícil tal mercado  
Se eu soubesse não teria estudado tanto assim  
E hoje pra não ser desocupado  
Sou caixeiro em um botequim<sup>1218</sup>*

“Aos donos da nação”, de Pedro Butina, Regina Bezerra e Cosme Correia, aborda a injustiça social. “Com todo respeito, aos donos da minha nação” conclui a letra “sou obrigado a elogiar esse ladrão”:

*Eu vi um cruel da pesada chorando  
Num lamento tristonho falando  
Que assaltou um barraco na favela  
E deu a vítima, todos seus pertences  
Porque lá não tinha nem um pão pros filhos inocentes*

*Aí, eu cheguei a conclusão  
Doeu demais a consciência do ladrão  
Aí, eu cheguei a conclusão, a conclusão  
Que o gatuno também tem seu lado bom*

*Ele em seu desespero, deu um bote errado  
Assaltou um descamisado  
Sem futuro e sem razão  
Chorou diante daquela situação  
De ver tanta criança, morrendo de inanição  
Muito mais humano, do que esse político vilão  
Que usa os favelados, somente pra ganhar eleição*

*Com todo respeito, aos donos da minha nação, sou obrigado a elogiar esse  
ladrão<sup>1219</sup>*

Em “Candidato caô caô”, Walter Meninão e Pedro Botina, tratam da questão dos políticos demagogos que tentam enganar o povo:

*Aí meu irmão, vocês não tomam vergonha,*

---

<sup>1218</sup> WILSON MOREIRA (*Okolofé*. Rio de Janeiro, Rob, s/d, gravado em 1989).

<sup>1219</sup> BEZERRA DA SILVA (*Bezerra da Silva* Cd duplo, CD2, São Paulo, RCA, 2001).

*Ainda não aprenderam a votar!  
Só pára na pose malandro!  
(fala para o ouvinte)*

*Ele subiu o morro sem gravata  
Dizendo que gostava da raça  
Foi lá na vendinha, bebeu cachaça  
Até bagulho fumou  
Jantou no meu barracão  
E lá usou  
Lata de goiabada como prato  
Eu logo percebi  
é mais um candidato para a próxima eleição*

*É, ele fez questão  
De beber água da chuva  
Foi lá no terreiro pedir ajuda  
E bateu cabeça no gongá  
Mas ele não se deu bem  
Porque o guia que estava incorporado  
Disse esse político é safado  
Cuidado na hora de votar  
Também disse:  
Meu irmão  
Se liga no que vou lhe dizer  
Hoje ele pede seu voto  
Amanhã manda a policia lhe bater  
Podes crer*

*Meu irmão  
Se liga no que vou lhe dizer  
Depois que ele for eleito  
Dá aquela banana pra você<sup>1220</sup>*

Já “Chico Brito”, de Wilson Batista, descreve um marginal e suas razões. “A culpa é da sociedade que o transformou”, conclui a letra:

*Lá vem o Chico Brito  
Descendo o morro na mão do peçanha  
É mais um processo  
É mais uma façanha*

*Chico Brito fez do baralho o seu melhor esporte  
É valente no morro  
Dizem que fuma uma erva do Norte*

*Desde menino estive na escola  
Era aplicado, tinha religião*

---

<sup>1220</sup> BEZERRA DA SILVA (*Violência gera violência*, Rio de Janeiro, BMG Ariola, 1988).

*Quando jogava bola era escolhido para capitão*

*Mas a vida tem os seus reveses  
E sempre o Chico defendendo teses  
Se o homem nasceu bom e bom não se conservou  
A culpa é da sociedade que o transformou<sup>1221</sup>*

“Comunidade carente”, de Barbeirinho do Jacarezinho, Luiz Grande e Marcos Diniz, também aborda a questão do político safado. “Estamos com eles até a garganta, aguarde pra ver a nossa reação”, diz a letra:

*Eu moro numa comunidade carente  
Lá ninguém liga pra gente  
Nós vivemos muito mal  
Mas este ano, nós estamos reunidos  
Se algum candidato atrevido  
For fazer promessa  
Vai levar um pau  
Vai levar um pau  
Pra deixar de ser caô  
E ser mais solidário  
Nós somos carentes, não somos otários  
Pra ouvir blá blá blá  
Em cada eleição  
Nós já preparamos vara de marmelo  
E arame farpado  
Cipó-camarão para dar no safado  
Que for pedir voto na jurisdição  
É que a galera já não tem mais saco  
Pra aturar pilantra  
Estamos com eles até a garganta  
Aguarde pra ver a nossa reação<sup>1222</sup>*

“Filho de mãe solteira”, de Sassarico e Bicalho, é outro bom exemplo do tema social.

*Deus, oh Meu Deus!  
Não consigo entender  
Porque é que na vida  
Só tenho causas perdidas sem o direito de vencer*

*Filho de mãe solteira  
Pobre cozinheira, não podia me manter  
Para a Funabem eu fui levado  
Como menor abandonado  
Começou o meu sofrer*

---

<sup>1221</sup> WILSON BATISTA (*Wilson Batista. Acervo Funarte da Música Brasileira*. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1985).

<sup>1222</sup> PAGODINHO, Zeca (*Acústico MTV*. Rio de Janeiro, Universal, 2003).

*Com cinco anos não tive mais carinho  
O muro fechou o meu caminho  
A razão não sei o porquê  
Hoje, depois de homem formado  
Continuo encarcerado  
Isto assim não é viver<sup>1223</sup>*

“Povo da colina”, de Valmir da Purificação, Tião Miranda e Roxinho, compara a gente do morro e a gente do asfalto:

*Que mal lhe fez  
O meu povo humilde da colina  
Que mora lá em cima  
Vivendo uma vida de cão  
Abandonado  
Covardemente injustiçado  
E você ainda diz  
Que lá só mora ladrão*

*É que você  
Mora no asfalto com mordomia  
Marajás e com toda regalia  
Que aquele dinheiro pode dar  
Até a lei  
Que foi feita para todos  
Quando chega lá no morro  
Ai a coisa fica feia  
Dá um pau no favelado  
E depois mete na cadeia*

*E é safado  
E ladrão que usa colarinho branco  
Rouba dinheiro do povo  
E assalta banco  
Isso não tens coragem de dizer  
Mas na comunidade das favelas  
Você mete o malho só da ira  
Dessa elite famigerada  
Que também tem espírito de traíra<sup>1224</sup>*

O samba “Seu dono da gente”, de Wilson Moreira e Nei Lopes, pelo título já diz tudo

*Seu dono da gente  
Aqui realmente  
Não tá mole não  
Tá faltando feijão, tá faltando esperança  
As minhas crianças não têm segurança nem dentro de casa*

---

<sup>1223</sup> BEZERRA DA SILVA (*Violência gera violência*, Rio de Janeiro, BMG Ariola, 1988).

<sup>1224</sup> BEZERRA DA SILVA (*Violência gera violência*, Rio de Janeiro, BMG Ariola, 1988).

*Aqui só dá “treisoitão”, estão mandando brasa  
Seu dono da gente o Brasil tá querendo  
Mais humanidade, menos cartolagem  
Mais honestidade e maior proteção ao que é nacional  
O trem menos cheio, bem menos receio, trabalho decente  
Remédio barato pra quem tá doente  
(?), sapato e a caxanga ideal  
Seu dono da gente um pouquinho disso já quebrava o galho  
Não custava caro, nem dava trabalho  
E deixava o país numa quase legal<sup>1225</sup>*

Mais um bom exemplo é “Vida de operário”, de Romildo, Ney Alberto e Edson Show:

*Aí meu irmão  
Quando cheguei da obra  
Só tinha o lugar do barraco  
A chuva levou tudo malandragem*

*Quando o destino me pisa  
O barraco desliza, sou quase um defunto  
E se escapo e não corro  
Me expulsam do morro pra novo conjunto*

*Pego o trem da madrugada  
Em cada parada não tem solução  
Meu verdadeiro endereço é  
Rua do Averso lá na condução*

*O operário brasileiro é mesmo agulha  
Que costura e fica nua  
Trabalha de janeiro a janeiro  
Passa fome e mora na rua  
Nem dá pra esquentar a cama  
Atleta sem fama, sou bamba sem nome  
Eu sou apenas mais um que não tenho nenhum  
Meu salário é de fome  
O trem me pega em Mesquita  
Em cada marmitta a comida é só língua  
Já não tenho pro café  
Só provo filé quando mastigo a língua  
Aí malandragem, já atracaram o rio Sarapuí?  
Ou vão esperar chover de novo pra arrumar mais um trocado do lado de lá  
Se liga malandro!  
Aí, quando derrubar os barracos de novo a gente tira mais um trocado  
Não troca nada!  
O negócio é você sair do barraco, malandro!  
Se ficar lá tu dança, malandro<sup>1226</sup>*

<sup>1225</sup> JOÃO NOGUEIRA (*João Nogueira*, CD1, coleção Sem Limite, Universal Music, São Paulo, 2001).

<sup>1226</sup> BEZERRA DA SILVA (*Violência gera violência*, Rio de Janeiro, BMG Ariola, 1988).

O já citado “Opinião”, de Zé Kéti, é um ótimo exemplo do samba de caráter social:

*Podem me prender  
Podem me bater  
Podem até deixar-me sem comer  
Que eu não mudo de opinião  
Daqui do morro eu não saio não  
Daqui do morro eu não saio não*

*Se não tem água  
Eu furo um poço  
Se não tem carne  
Eu compro um osso  
E ponho na sopa  
E deixa andar, deixa andar, deixa andar*

*Falem de mim  
Quem quiser falar  
Aqui eu não pago aluguel  
Se eu morrer amanhã, seu doutor  
Estou pertinho do céu<sup>1227</sup>*

O bom samba de Noel Rosa, “Onde está a honestidade”, toca no tema social:

*Você tem palacete reluzente  
Tem jóias e criados à vontade  
Sem ter nenhuma herança  
Nem parente  
Só anda de automóvel na cidade  
E o povo já pergunta com maldade:  
Onde está a honestidade?  
Onde está a honestidade?*

*O seu dinheiro nasce de repente  
E embora não se saiba se é verdade  
Você acha nas ruas diariamente  
Anéis, dinheiro e até felicidade  
E o povo já pergunta com maldade:  
Onde está a honestidade?  
Onde está a honestidade?  
Vassoura dos salões da sociedade*

*Que varre o que encontrar  
Em sua frente  
Promove festivais de caridade  
Em nome de qualquer defunto ausente*

---

<sup>1227</sup> ZÉ KETI (*Os grandes sambas da história* 40 vol., São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1970, vol. 30)

*E o povo já pergunta com maldade:  
Onde está a honestidade?  
Onde está a honestidade?*<sup>1228</sup>

“O pequeno burguês”, de Martinho da Vila, relata a dificuldade da chamada “ascensão social”:

*Felicidade, passei no vestibular  
Mas a faculdade é particular  
Particular, ela é particular  
Particular, ela é particular  
Livros tão caros tantas taxas pra pagar  
Meu dinheiro muito raro,  
Alguém teve que emprestar  
O meu dinheiro, alguém teve que emprestar  
O meu dinheiro, alguém teve que emprestar  
Morei no subúrbio, andei de trem atrasado  
Do trabalho ia pra aula, sem  
Jantar e bem cansado  
Mas lá em casa à meia-noite tinha  
Sempre a me esperar  
Um punhado de problemas e criança pra criar  
Para criar, só criança pra criar  
Para criar, só criança pra criar  
Mas felizmente eu consegui me formar  
Mas da minha formatura, não cheguei participar  
Faltou dinheiro pra beca e também pro meu anel  
Nem o diretor careca entregou o meu papel  
O meu papel, meu canudo de papel  
O meu papel, meu canudo de papel  
E depois de muitos anos,  
Só decepções, desenganos  
Dizem que sou um burguês muito privilegiado  
Mas burgueses são vocês  
Eu não passo de um pobre-coitado  
Mas quem quiser ser como eu,  
Vai ter é que penar um bocado  
Um bom bocado, vai penar um bom bocado*<sup>1229</sup>

“Pai Véio 171”<sup>1230</sup>, de Luiz Moreno e Geraldo Gomes, associa religiosidade e puro estelionato:

*Quem tiver grana e quiser falar com Pai Véio, vem agora*

---

<sup>1228</sup> BETH CARVALHO (*Os grandes sambas da história*, 40 vol, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1975, vol 10).

<sup>1229</sup> MARTINHO DA VILA. *Canta, canta minha gente*. São Paulo, BMG/RCA, 1989

<sup>1230</sup> 171: Item da Constituição: estelionatário, enganador do povo etc



*Se tiver duro não adianta, Pai Véio vai cantar pra subir  
Quer falar com Pai Véio vem agora  
Porque Pai Véio já quer ir simhora*

*E mai meu fio tu tá todo macumbado  
As piranhas já estão te devorando  
Não tenho um lugar nem pra dormir  
E ainda meu fio mora andando  
Escute o que o véio vai falar  
E num paper vai escrevinhando*

*E me traga oito quilo de feijão  
Dez galinhas bem gorda e bem pelada  
Dez quilos de arroz e macarrão  
E dez lata de doce de marmelada  
Dez garrafa de vinho do bonzão  
E a tua milonga te curada*

*E mai pega também um dia e meio  
Que meu fio vai ganhar grande tesouro  
Vai ser o maior fazendeiro  
Vai vender muita vaca e muito touro  
Se meu fio não tiver dinheiro vivo  
Pode ser cheque verde ou cheque ouro*

*E mai meu fio tu vai na paz de Deus  
Que agora meu fio tá seguro  
Vai ganhar tudo que perdeu  
Pai Véio vai te dar grande futuro  
E volta com todo povo teu  
Por favor não me traga ninguém duro<sup>1231</sup>*

Concluo com a letra da marchinha “Pedreiro Waldemar”, grande sucesso de Wilson Batista e Roberto Martins na década de 1940:

*Você conhece o pedreiro Waldemar?  
Não conhece?  
Mas eu vou lhe apresentar  
De madrugada toma o trem da circular  
Faz tanta casa e não tem casa pra morar*

*Leva marmita embrulhada no jornal  
Se tem almoço nem sempre tem jantar  
O Waldemar que é mestre no ofício  
Constrói o edifício de depois não pode entrar...<sup>1232</sup>*

---

<sup>1231</sup> BEZERRA DA SILVA (Bezerra da Silva Cd duplo, CD1, São Paulo, RCA, 2001).

<sup>1232</sup> MARTINS, Roberto (A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes. São Paulo, SESC, 1991).

O tema social tem sido visitado regularmente pelo samba e aparece com força impressionante nas letras de *rap* (*Rhythm and Poetry*), estilo importado mas já incorporado pela gente do povo. Entretanto, raramente é abordado de forma analítica e reflexiva tendo em vista obter uma síntese geral, especulativa e explicativa. Nas letras de samba, como parece ser praxe no discurso popular, os problemas sociais são tratados sempre de forma crua, concreta, situada, contextualizada e particularizada.

Apenas como comentário geral, na bossa nova, por exemplo, a crítica social foi muito pouco trabalhada (penso em algumas letras de Vinícius de Moraes ou de Paulo Sérgio Valle). Por outro lado, tanto nas obras ligadas ao CPC como nas do tropicalismo, embora com posturas e expectativas ideológicas muito distintas, a crítica, a análise e a reflexão social, quase sempre em tom assertivo e prescritivo, foram largamente exercidas.

No caso do tropicalismo, a questão social brasileira foi abordada de forma distanciada e ambígua. De certo modo, suas letras pretendem sugerir a existência de uma questão maior e mais complexa, que transcenderia as oposições maniqueístas pobres/ ricos, esquerda/ direita, explorados/ exploradores. Vêm com segurança, de forma totalizada, também algo bastante geral e multifacetado: o “Brasil”.

#### ***7.4 O tema da corporalidade***

A associação entre comida e sexualidade remete, sem dúvida, para a valorização da corporalidade, da consciência do corpo, da visão do corpo como algo natural e inerente à vida, das relações humanas através do corpo, e não do discurso.

O assunto, profundamente estudado por Mikhail Bakhtin, é amplo e envolve questões culturais, filosóficas, éticas e religiosas que extrapolam os limites deste estudo.

Gostaria apenas de ressaltar que é possível falar em 1) discursos que tendem à teoria, à análise, à reflexão e à objetividade (à impessoalidade) e que buscam teorias, axiomas e explicações gerais ou universais e 2) discursos que tendem à empatia, à visão pragmática e interessada, à subjetividade (à pessoalidade) ao sincretismo e à síntese (contextualizada op. síntese descontextualizada) e que buscam noções e explicações locais, particulares e situacionais. O primeiro tende a remeter à abstração no sentido da descontextualização, e o segundo à concretude no sentido da contextualização.

Sendo isso verdade, é possível afirmar que o segundo pode ser muito mais associado ao corpo e à corporalidade do que o primeiro, afinal, o corpo é sempre algo temporal, concreto, efêmero, mutante, limitado e situado.

Se lembrarmos, por outro lado, que o discurso contextualizado tem como pressuposto a *performance*, ou seja, a apresentação face-a-face e a necessária sobreposição entre o *ato locucionário* (o que foi dito) e a *força ilocucionária* (o que se quis dizer), e que o discurso descontextualizado tem como pressuposto a leitura, ou seja, a recepção autônoma individualizada e a necessária cisão entre o *ato locucionário* e a *força ilocucionária* demandando, portanto, “interpretação”, a associação entre corporalidade e contextualização pode ficar mais nítida.

O certo é que as menções ao corpo ou imagens corporais, índices absolutos de concretude, da vida prática e cotidiana, de senso comum e de obrigatória contextualização, são recorrentes nas letras de samba e, num sentido amplo, podem ser consideradas verdadeiros temas populares.

Selecionei alguns exemplos. Cito apenas os trechos.

As referências à corporalidade são menos frequentes na obra de Paulinho da Viola, como compositor, mas surgem em alguns sambas interpretados por ele. É o caso de “Maria Sambamba” composto por Casquinha:

(...)  
*Maria Sambamba, todos conhecem*  
*Quando entra no samba a gente padece*  
*Com seu jeito de bambolear*  
*Quando está a sambar*  
*Já me disseram*  
*Que o falso folião metido a bamba*  
*Até um milhão gastaria*  
*Pra conquistar Sambamba*<sup>1233</sup>

O tema surge em “Apito no samba”, de Luiz Bandeira e Luiz Antonio

*Que bonito é um tamborim a batucar*  
*Que bonito é um corpo de mulher sambar*  
*Suas saias vão correndo pelo chão*  
*Seus pés que dão*  
*O ritmo que nasce, cresce, vibra*  
*Viva o apito no samba*<sup>1234</sup>

---

<sup>1233</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola*, EMI, Rio de Janeiro, 1996, gravado em 1968).

<sup>1234</sup> MARLENE (*Marlene, meu bem*. Paraná, Revivendo, s/d, gravado em 1958).

Passo agora para “Chegou a bonita”, de Geraldo Pereira e José Batista. A valorização da corporalidade e da sexualidade é traço característico da obra e da vida deste grande sambista que é Geraldo Pereira.<sup>1235</sup>

*Mas olha só pessoal que bonita  
Olha o pedaço que acabou de chegar  
Agora sim, ô pessoal  
Com a chegada dessa dona  
O nosso samba tem de melhorar*

*Temos flauta, cavaquinho, violão  
Temos pandeiro para fazer a marcação  
Temos espaço no terreiro pra sambar  
E uma noite linda de luar  
Agora acaba de chegar a bonita  
Requebrando pra lá, se requebrando pra cá  
Cadê o moço, cadê o dono dessa dona  
Assim não dá, vou me atracar<sup>1236</sup>*

Vejamos “Coisa louca”, de Martinho da Vila, que coloco na íntegra:

*Que coisa louca, que coisa louca  
Que coisa louca, que coisa louca  
Que lindos cabelos, que olhos bonitos, que queixo!  
Mas o gostoso-gostoso eu sinto é na sua boca  
Na sua boca, na sua boca  
Na sua boca, na sua boca  
Tão aconchegante o colo perfeito  
E o umbigo bem feito  
Mas o brilhante-brilhante eu vejo é lá na sua boca  
Na sua boca, na sua boca mulher  
Na sua boca mulher, na sua boca  
Que cintura curva, que uva, que luva!  
Que coxa!  
Mas a beleza-beleza só está na sua boca  
Mulher, mulher, mulher, ai, ai, ai, mulher*

*Os lindos joelhos  
Equilibram o corpo  
E os tornozelos  
Adoram seus pés  
Umás batatinhas gordinhas*

---

<sup>1235</sup> C.f. CAMPOS, Alice Duarte de Silva e outros. *Um certo Geraldo Pereira*. Rio de Janeiro, Funarte, 1983.

<sup>1236</sup> “Chegou a bonita” de Geraldo Pereira e José Batista (BLECAUTE, *Os grandes sambas da história*, vol.13, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1977).

*Enfeitando as pernas  
E as laranjinhas durinhas, nem fala  
Nem fala... nem fala  
Nem fala  
Todinha atraente  
Costinha bem quente  
Que nuca! Que cuca!  
Deixa a cabeça maluca  
Deixa a cabeça maluca  
Fecho os olhos e vejo a lua redonda  
Brilhando  
E também uma estrela cadente  
Riscando o céu da sua boca  
Que coisa louca, que coisa louca  
Que coisa louca, a sua boca  
A sua boca, mulher, a sua boca, mulher  
A sua boca mulher  
Igual não tem ou tem pouca  
Eu sonhava nadar  
Na saliva do mar de sua boca  
Mas entendi que me basta  
Um sorriso que vem  
Que coisa louca!*

*Mulher, mulher, mulher, ai, ai, ai, mulher*<sup>1237</sup>

“Falsa baiana”, clássico samba de Geraldo Pereria, é outro exemplo da valroização da corporalidade

*Baiana que entra na roda  
Que fica parada  
Não canta, não samba, não bole, nem nada  
E não sabe deixar a mocidade louca*

*Baiana é aquela que entra no samba de qualquer maneira  
Mexe, remexe, dá nó nas cadeiras  
E deixa a moçada com água na boca*

*A falsa baiana quando cai no samba  
Ninguém se incomoda, ninguém bate palma  
Ninguém abre a roda, ninguém grita  
Oba! Salve a Bahia, Senhor!*

*Mas a gente gosta  
Quando uma baiana requebra direitinho  
De cima embaixo*

---

<sup>1237</sup> MARTINHO DA VILA (*O pai da Alegria*, COLUMBIA, 1999).

*Revira os olhinhos  
E diz  
Eu sou filha de São Salvador<sup>1238</sup>*

“Ginga, ginga moreno”, de João de Deus e Hélio do Nascimento, é outro exemplo:

*O brasileiro só dança uma conga  
Ou uma rumba na falta dum samba  
Um chorinho é gostoso dançar  
Quando é bem gingado  
O brasileiro quando cai no samba  
Ginga, ginga e faz um desabafo  
Faz um passinho dengoso  
Deixando quem vê abafado*

*E eu que sempre dancei tudo  
Tudo que aparecesse  
Mas na vez de um samba, ai  
Só se eu não percebesse  
Quando toca um choro  
E alguém estende a mão  
Saio dançando contente e feliz  
Gingando pelo chão<sup>1239</sup>*

De Nei Lopes temos, por exemplo, “Lalá morena”:

*Lelelê, Lalá Morena  
Lelelê, Lalá Morena*

*Morena da bata rendada  
Da pele dourada  
Da cor do abará*

*Ai, moreninha  
Se eu fosse solteiro  
Juntava dinheiro  
Pra gente casar!*

*Morena toda espevitada  
Mais apimentada  
Que acarajé*

*Ai, moreninha,  
Seu eu sou da Bahia  
Um dia tu ias*

---

<sup>1238</sup> “Falsa baiana” de Geraldo Pereira (GERALDO PEREIRA. *Bebel Gilberto e Pedrinho Rodrigues*. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1983).

<sup>1239</sup> MARLENE (*Marlene, meu bem*. Paraná, Revivendo, s/d, gravado em 1946).

*Ser minha mulher*<sup>1240</sup>

“Luxo só” foi composta por dois dos maiores compositores populares brasileiros: Ary Barroso e Luis Peixoto. De Ary poderiam ser citados vários sambas em que a corporalidade está presente

*Olha esta mulata quando dança  
É luxo só  
Quando seu corpo todo se embalança  
É luxo só  
Tem um não sei quê que traz a confusão  
O que ela não tem, meu Deus, é compaixão  
Êta mulata bamba!  
Porém  
Seu coração quando se agita e palpita  
Mais ligeiro  
Nunca vi compasso tão brasileiro  
Eta samba, cai pra cá, cai pra lá, cai pra cá, cai pra lá  
Eta samba, cai pra cá, cai pra lá, cai pra cá, cai pra lá  
Mexe com as cadeiras, mulata  
E no requebrado me maltrata, ai, ai  
Eta mulata bamba!*<sup>1241</sup>

Mais um samba sobre o tema é “Mexe mulher”, de Geraldo Pereira e Arnaldo Passos

*Mexe, pelo amor de Deus, mulher  
Pro samba não esfriar  
Mostra o que tem nas cadeiras  
Faz essa raça endoidar  
Quando você não puder mais mexer  
Quando você não puder mais sambar  
Pode cair nos meus braços, mulher  
Que eu deixo você descansar  
Mexe mulher*<sup>1242</sup>

Outro exemplo é “Mineira”, de João Nogueira e Paulo César Pinheiro:

*(...)  
Samba que samba  
No bole que bole, ó morena  
Do balaio mole  
Se embala nos sons dos tantans*

---

<sup>1240</sup> NEI LOPES (*Celebração: Nei Lopes – 60 anos*, CD 2 *Canto Banto*, Carioca Discos, Rob Digital, Rio de Janeiro, 2003).

<sup>1241</sup> JORGE GOULART (*Os grandes sambas da história*, vol.12, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1960).

<sup>1242</sup> JORGE GOULART (*Os grandes sambas da história*, vol.19, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1951).

*Quebra no balacoxi do cavaco  
E rebola no balacobaco  
Se embola nos balangandãs  
Mexe no meio, que eu sambo do lado  
Vem naquele bamboleado,  
Que eu também sou bambambam<sup>1243</sup>*

“Mulata assanhada”, de Aaulfo Alves é um samba clássico:

*Ô, mulata assanhada  
Que passa com graça  
Fazendo pirraça  
Fingindo inocente  
Tirando o sossego da gente  
Ai, mulata se eu pudesse  
E se o meu dinheiro desse  
Eu te dava sem pensar  
Esta terra, este céu, este mar  
E ela finge que não sabe  
Que tem feitiço no olhar<sup>1244</sup>*

Outro samba é “Nasci para bailar”, Joel Almeida e Fernando Lobo

*Nasci para bailar  
Pra que negar?  
O meu corpo quer requebrar  
Pra lá e pra cá*

*Quando sambo a noite inteira  
Ao invés de me cansar  
O meu corpo pede samba  
E sai louco pra bailar<sup>1245</sup>  
(...)*

“Apito no samba”, de Luiz Bandeira e Luiz Antonio fala do corpo que dança:

*(...)  
Que bonito é um tamborim a batucar  
Que bonito é um corpo de mulher sambar  
Suas saias vão correndo pelo chão  
Seus pés que dão  
O ritmo que nasce, cresce, vibra  
Viva o apito no samba<sup>1246</sup>*

---

<sup>1243</sup> JOÃO NOGUEIRA (*João Nogueira*, CD 2, coleção Sem Limite, Universal Music, São Paulo, 2001).

<sup>1244</sup> ELIZETH CARDOSO, JACOB DO BANDOLIM E CONJUNTO ÉPOCA DE OURO (*Os grandes sambas da história*, vol.2, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1968).

<sup>1245</sup> MARLENE (*Marlene, meu bem*. Paraná, Revivendo, s/d, gravado em 1948).

<sup>1246</sup> “Apito no samba” de Luiz Bandeira e Luiz Antonio (MARLENE. *Marlene, meu bem*. Paraná, Revivendo, s/d, gravado em 1958).



“A vizinha do lado” de Dorival Caymmi é mais uma obra maravilhosa do grande artista baiano:

*A vizinha quando passa  
Com seu vestido grená  
Todo mundo diz que é boa  
Mas como a vizinha não há  
Ela mexe com as cadeiras  
Pra cá  
Ela mexe com as cadeiras  
Pra lá  
Ela mexe com o juízo  
Do homem que vai trabalhar*

*Há um bocado de gente  
Na mesma situação  
Todo mundo gosta dela  
Na mesma doce ilusão*

*A vizinha quando passa  
Que não liga pra ninguém  
Todo mundo fica louco  
E o seu vinho também<sup>1247</sup>*

“Casa um da vila”. de Monsueto e Flora Matos, fala de corpo e tentação. Monsueto, a meu ver, é um dos sambistas mais originais do samba:

*Aluguei a casa um da vila  
Meu amigo mora em frente  
E a mulher desse amigo  
Anda arranjando tempo quente*

*Senta a me provocar  
Olha a me conquistar  
Sorri a me convidar  
Até um cego pode notar*

*Eu sinto sede  
Eu sinto fome  
Mas, mulher de amigo meu  
Pra mim é homem<sup>1248</sup>*

“Da cor do pecado”, de Bororó, é um clássico samba-choro cheio de corporalidade

*Este corpo moderno*

---

<sup>1247</sup> CAYMMI, Dorival (*Eu não tenho onde morar*. Coleção 2 em 1, Rio de Janeiro, EMI, 789014-2, 1993, gravado em 1961).

<sup>1248</sup> MARTINHO DA VILA (*Origens*, BMG/RCA, São Paulo, 1999, gravado em 1973).

*Cheiroso e gostoso que você tem  
É um corpo delgado  
Da cor do pecado que faz tão bem*

*Este beijo molhado  
Escandalizado  
Que você me deu  
Tem sabor diferente  
Que a boca da gente  
Jamais esqueceu*

*Quando você me responde  
Umás coisas sem graça  
A vergonha se esconde  
Porque se revela a maldade da raça  
Este cheiro de mato  
Tem cheiro de fato  
Saudade e tristeza  
Esta simples beleza  
Teu corpo moreno  
Morena, enlouquece  
Eu não sei bem por quê  
Só sinto na vida  
O que vem de você<sup>1249</sup>*

“Lá vem a baiana”, de Dorival Caymmi é mais um clássico do samba

*Lá vem a baiana  
De saia rodada  
Sandália bordada  
Vem me convidar para sambar  
Mas eu não vou*

*Lá vem a baiana  
Coberta de contas  
Pisando nas pontas  
Achando que eu sou seu ioiô  
Mas eu não vou*

*Lá vem a baiana  
Mostrando os seus encantos  
Falando de santos  
Dizendo que é filha do Senhor do Bonfim  
Pra cima de mim*

*Pode jogar seu quebranto  
Que eu não vou  
Pode invocar seu santo*

---

<sup>1249</sup> Sílvio Caldas (*Os grandes sambas da história*, vol. 2, São Paulo, BMG Brasil, 1997).

*Que eu não vou  
Pode esperar sentada, baiana  
Que eu não vou  
Pode esperar sentada, baiana  
Que eu não vou*

*Não vou porque não posso  
Resistir à tentação  
Se ela sambar, eu vou sofrer  
Esse diabo sambando  
É mais mulher  
E se eu deixar  
Ela faz o que bem quer  
Não vou, não vou,  
Não vou nem amarrado  
Porque eu sei  
Se ela sambar  
Tanrantantan tanrantantan...<sup>1250</sup>*

Concluo com “Posso até me apaixonar”, de Dudu Nobre:

*Gosto que me enrosco  
Dum rabo de saia  
Quero carinho, quero cafuné  
Esse teu decote me tira o sossego  
Vem me dar um chamego, se você quiser  
O seu remelexo é um caso sério  
Esconde um mistério que eu vou desvendar  
Mas você, piteuzinho  
Faz logo um charminho pra me maltratar  
Não faz assim  
Que eu posso até me apaixonar  
Faz assim  
Que eu posso até me apaixonar  
(...)  
Pedaço de mau caminho  
Esse seu umbiguinho  
Me deixa em desalinho  
Juro que não ligo  
Já é do metiê  
Por uma saia de crochê  
Ou um belo bustiê  
Só pra acabar comigo  
Senhor como é que pode  
Essa nega no pagode, chega pra abalar  
O corpo queimado de praia  
Blusa tomara-que-caia*

---

<sup>1250</sup> DORIVAL CAYMMI (*Os grandes sambas da história*, vol. 35, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1947).

*Noite inteira na gandaia  
Ela só quer sambar  
Não faz assim*<sup>1251</sup>

A valorização do corpo, o contato humano através do corpo, a sensualidade, a atração física, os elos entre comida e corpo, a associação clara entre corpo e sexualidade, a menção de partes do corpo e de movimentos corporais são recorrentes nas letras de samba. Quando surgem nas letras da moderna música brasileira – no tropicalismo, por exemplo, há poucos casos – despontam como referências que remetem à visão de mundo popular.

A menção do corpo visto como *topos*, lugar pleno de existência, espaço relacional e dialógico da dança, do prazer, do afeto, da sexualidade, do compartilhamento, da comemoração da vida e da alegria de viver, tende a ser menos presente no discurso moderno, individualista, crítico, analítico, relativista (reflexivo), distanciado e descontextualizador que fala “sobre” e, muitas vezes, tende a normatizar, explicar ou prescrever.

Por outro lado, o tema é recorrente em obras que valorizam o plano da *pessoa*.

O “aqui agora” é freqüentemente citado no discurso moderno – vimos isso por exemplo em “Aqui agora” de Gilberto Gil –, mas surge como noção filosófica, abstrata, universalizante, hipotética, prescritiva e intransitiva. Curiosamente fala-se “sobre”, ou seja, com distanciamento a respeito do “aqui agora”, um evidente contra-senso.

O discurso do samba é construído “no” ou “a partir” da situação presente, face-a-face, concreta, vivida, temporal, única e eminentemente corporal.

### **7.5 O tema “nós”**

Vimos, ao tratar da moral ingênua, a questão da primazia dos interesses do grupo em detrimento dos interesses individuais. A valorização dos interesses coletivos e, mais que isso, o pressuposto de uma profunda identificação interpessoal, o pressuposto da *familiaridade*, a existência de um grande “nós” que parte da premissa de que todas as pessoas são, no fundo, semelhantes, têm os mesmo sentimentos, desejos, interesses, sonhos, medos e concepções caracterizam o *modelo de consciência* popular.

Em suas pesquisas em Cafundó, um quilombo contemporâneo, no interior paulista, com dialeto próprio a “cupópia” ou “falange” – coisas, note-se, que denotam a complexidade

---

<sup>1251</sup> ZECA PAGODINHO, *Acústico MTV Zeca Pagodinho*, Universal Music, 2003.

cultural brasileira – Peter Fry e Carlos Vogt encontraram, vivendo entre os negros, um italiano, casado com uma habitante do lugar, totalmente adaptado, refiro-me aos costumes, religiosidade e idioma, e tratado na comunidade como um igual, ou seja, um negro. Trata-se, a meu ver, da grande capacidade popular de adaptação, síntese e não-diferenciação (tornar homogêneo o heterogêneo)<sup>1252</sup>. Ao contrário, a sociedade erudita e moderna costuma falar em “inclusão” mas, como disse Louis Dumont, “professa o universalismo mas curiosamente se coloca como opção única.”<sup>1253</sup>

Num sentido amplo, o “nós” pode ser considerado um verdadeiro tema do samba, um assunto dominante, um lugar para o qual os sambistas sempre remetem ou retornam.

São infindáveis as referências ao “nós” nas letras de samba. Para ilustrá-las selecionei alguns exemplos. Começo com um trecho do já visto “Coração da gente” de Paulinho da Viola:

*Cadê aquela cuíca  
Que gemia devagar  
Cadê aquele pandeiro  
Machucando, batucando sem atravessar  
Quando a rapaziada se juntava pra fazer  
Um samba diferente  
O pagode não parava  
Enchendo de alegria o coração da gente*<sup>1254</sup>

Passo para um trecho do já visto “Acende o candieiro”, de Adoniran Barbosa:

*Acende o candieiro, ó nega!  
Alumeia o terreiro, ó nega!  
Vai avisar o pessoal, vai  
Que hoje vai ter ensaio geral*<sup>1255</sup>

Vejamos “A nova aurora raiou”, de Cristovão de Alencar e Paulo Pinheiro:

*Não existe mais a praça Onze  
Toda a cidade entristeceu  
A voz do cantor lá do morro morreu  
Até o tamborim gemeu a chorar  
Agora vida nova vamos começar*

---

<sup>1252</sup> “A morte e a morte em Cafundó” Carlos Vogt e Peter Fry in MARTINS, José de Souza Org. *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1983.

<sup>1253</sup> C.f. DUMONT, op. cit. p. 207

<sup>1254</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola*, Série Dois Momentos. Clássicos do samba, WEA, São Paulo, 2000, gravado em 1981).

<sup>1255</sup> ADONIRAN BARBOSA (*Adoniran Barbosa*, Série Reviva, São Paulo, Som Livre, 2002).

*A praça acabou, mas o samba precisa continuar  
Alerta tamborim de todas escolas  
Pastoras, eu quero ouvir de novo o seu canto  
A alegria voltou  
A nova aurora raiou  
Vamos o samba cantar  
Para a saudade nos deixar sossegar<sup>1256</sup>*

Outro exemplo é “Bom ambiente”, de Jairo Barbosa e Luiz Carlos do Cavaco:

*É lindo e gostoso o pagode que estamos curtindo  
Com a rapaziada chegando sorrindo  
Muito à vontade ao fundo de quintal  
Venha  
Traga a sua alegria pra junto da gente  
Faça desse recinto um bom ambiente  
O lugar mais tranquilo pra quem quer amar<sup>1257</sup>*

“Chegou a Bonitona”, de Geraldo Pereira e José Batista:

*Mas olha só pessoal que bonita  
Olha o pedaço que acabou de chegar  
Agora sim o pessoal  
Com a chegada dessa dona  
O nosso samba tem que melhorar<sup>1258</sup>*

“Livre, boca rica”, de Arnaldo Passos e Geraldo Pereira, é mais um exemplo. Note-se o “pessoal”, portanto o “nós” e, ao mesmo tempo, o “puxar a brasa para a sua sardinha”, portanto o “eu”. A sobreposição entre o eu e o nós é traço típico da *moral ingênua*.

*Pessoal, vamos beber  
Pra dona da casa não se aborrecer  
Vamos agradar a Dona Chica  
Pra gente não perder essa boca rica  
Pessoal...  
Comida a noite inteira  
Bebida a toda hora  
Mulheres de baiana com barriguinhas de fora  
O samba só acaba  
Depois que rompe a aurora  
A gente tem dinheiro e condução pra ir embora<sup>1259</sup>*

---

<sup>1256</sup> ATAULFO ALVES (*Ataulfo Alves*. Music Brasil Limitada, s/d, gravado em 1970).

<sup>1257</sup> ARLINDO CRUZ (*Pagode do Arlindo. Ao vivo*. WEA Music, 2003).

<sup>1258</sup> GERALDO PEREIRA (*Geraldo Pereira*. Bebel Gilberto e Pedrinho Rodrigues. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itáú, 1983).

<sup>1259</sup> Idem *Ibidem*

Vejamos “Oba”, de Oswaldo Nunes:

*Olha a rapaziada, oba  
Vem dizendo no pé, oba  
As cabrochas gingando, oba  
E como tem mulher, oba  
Vejam todos os presentes, oba  
Olha a empolgação, oba  
Esse é o bafo da onça  
Que eu trago gravado  
No meu coração<sup>1260</sup>*

Outro exemplo é “Olha aí”, de Mical e Miúdo:

*Olha aí,  
Toda minha gente reunida  
Parece que está bem definida  
E que atingiram o seu ideal  
Olha aí,  
Veja a euforia como é grande  
Note como o pessoal se expande  
Num gesto tão humilde e leal  
Cante com vontade, minha gente  
Porque hoje já é Carnaval<sup>1261</sup>*

Note-se “o pessoal” no clássico “Rosa Morena”, de Dorival Caymmi:

*Rosa Morena  
O samba tá esperando  
Esperando pra te ver  
Deixa de parte essa coisa de dengosa  
Anda, rosa  
Vem me ver  
Deixa de lado essa pose  
Vem pro samba  
Vem sambar  
Que o pessoal tá cansado de esperar  
Ô Rosa,  
Que o pessoal tá cansado de esperar<sup>1262</sup>*

“Coisa de partideiro”, de Alcyrr Marques e Sereno, é um samba impregnado pela noção de “nós”:

*É bom cantar numa roda de samba  
Onde só gente bamba pode versar  
Vem sambar sinhô*

---

<sup>1260</sup> BETH CARVALHO (*Pérolas do pagode*, Globo Polydor, São Paulo, 1998).

<sup>1261</sup> WALTER ALFAIATE (*Pirajá. Esquina Carioca*, Dabliú, São Paulo, 1999).

<sup>1262</sup> ANJOS DO INFERNO (*Os grandes sambas da história*, vol.11, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1942).

*Vem sambar sinhá  
Até o dia clarear*

*E quando o samba incendeia  
Eu lembro Candeia que ensinou  
Que o partido-alto é pra ser cantando em versos de amor  
Quem não trás no fundo do peito  
Guardado com jeito uma grande paixão  
Na hora do samba versado  
Que fique de lado e aprenda a lição  
Pois é bom cantar...*

*Pra quem não viu o samba com garra  
Dona Ivone Lara vive pra contar  
Que no Império, lá em Madureira  
Silas de Oliveira cansou de mostrar  
No enredo, samba de terreiro  
Com mestre Fuleiro foi sempre emoção  
Na hora do samba versado  
Quem ficou de lado aprendeu a lição  
Pois é bom cantar...*

*Pra quem se diz partideiro  
Mas que na verdade só canta o refrão  
Na hora do samba versado  
Que fique de lado e aprenda a lição*

*Pra quem dança partido direto  
Mestre Aniceto é um campeão  
Na hora do samba de versado  
Quem ficou de lado aprendeu a lição*

*Quando eu lembro velha Clementina  
Tudo se ilumina, vem a inspiração  
Na hora do samba versado  
Que fique de lado e aprenda a lição*

*Seguindo o mesmo caminho  
Zeca Pagodinho é nova geração  
Na hora do samba versado  
Quem ficou de lado e aprendeu a lição*

*Quem invadiu o Santa Marineira  
Numa quarta-feira não marcou na mão  
Na hora do samba versado  
Que fique de lado e aprenda a lição*

*É pra quem nunca ouviu Pandeirinho  
O velho Nelsinho e o Geraldo babão  
Na hora do samba versado  
Que fique de lado e aprenda a lição*



*É bom cantar!*<sup>1263</sup>

“Convite para o samba”, de Walfrido Filho, é outro bom exemplo:

*Vem ouvir  
A nossa melodia  
A nossa batucada  
Que tem toda cadência,  
Não vês que vai  
Rompendo a madrugada  
Nós ficamos tristes  
Com a tua ausência  
Certa linda brasileira  
Mostra que no mundo  
Não há outra mais faceira  
Meu pandeiro te convida  
Para o samba  
Vem cantar comigo  
Ó pequena bamba!  
Mostra o teu sapateado  
Que traz alegria  
Porque é bem enfezado  
O teu nome  
É querido de verdade  
Vem cantar comigo  
Pra matar saudade*<sup>1264</sup>

Concluo com “Hoje”, de Magno de Souza e Maurílio de Oliveira, que fala o tempo todo de “nós”:

*Hoje vamos cantar e beber  
E vamos todos ferver  
No calor da alegria  
Eu, juro nem quero falar  
Quero me deliciar  
No primor das melodias  
Hoje temos a compreensão  
Que toda a sofreguidão  
Foi pivô das poesias  
Se houver tristeza não será em vão  
Pois a beleza da inspiração  
Se faz num tempo de recomeçar  
O meu Santo Amaro, nosso guardião  
E São Mateus nos dão proteção  
E a resistência pra continuar*

---

<sup>1263</sup> GRUPO FUNDO DE QUINTAL (*Grupo Fundo de Quintal. Ao vivo. Coleção Bambas do Samba, São Paulo, Som Livre, 2000*).

<sup>1264</sup> CASTRO BARBOSA (*Os grandes sambas da história, vol.13, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1933*).

*Em uma só sintonia  
Sem o medo de viver  
Mas se meu pranto roalr  
É por tudo que faz esse povo sonhar*<sup>1265</sup>

O pressuposto de um “nós” situado, contextualizado e natural, que tem como substrato a noção de *familiaridade* entre as pessoas e é inerente à vida, ou seja, a meu ver, o *discurso-nós*, tende a desaparecer no discurso da chamada moderna música popular sendo substituído pelo *discurso-eu* mais exclusivista e que tem como substrato a diferença entre indivíduos.

Usando uma metáfora popular, trata-se de optar por enxergar o copo pelo lado cheio ou pelo lado vazio.

### **7.6. O tema enciclopédico**

Vimos, ao estudar a oralidade, que Eric Havelock descreveu a cultura oral grega como *uma cultura que impregnava o artista de uma visão coletiva*, e que tornava o cantor, o bardo, o vate, o rapsodo, o aedo, um representante da voz de todos, uma espécie de guardião e transmissor da cultura. Na verdade, uma das teses de Havelock é que a poesia homérica tradicional, construída oralmente através da memória, foi “concebida e destinada para ser uma espécie de enciclopédia social.”<sup>1266</sup>

Em outras palavras, sem ter acesso a mecanismos de fixação como a escrita, o poeta da cultura oral teria como função divertir, emocionar e abordar os temas relativos ao *senso comum*, ao *ethos* e às perplexidades coletivas mas também, além disso, e essencialmente, manter vivo um conjunto de informações, conceitos, costumes, valores e crenças culturais.

É possível dizer, portanto, que um dos substratos do discurso oral é seu “caráter enciclopédico”.

Tal traço foi antecipado quando o *senso comum* foi abordado.

O caráter enciclopédico, a função de depósito informativo, surge claramente em muitas letras de samba.

Nas letras de Paulinho da Viola ele surge de maneira fragmentada, através do vocabulário popular, fórmulas e ditados. Em outros sambas, porém, o referido caráter fica evidenciado.

---

<sup>1265</sup> QUINTETO EM BRANCO E PRETO (*Sentimento popular*, CPC, Umes, 2003).

<sup>1266</sup> HAVELOCK, op. cit, p.47

Note-se o samba “A gíria é cultura do povo”, de Elias Alves e Junior:

*Toda hora tem gíria no asfalto e no morro  
Porque ela é a cultura do povo*

*Pisou na bola conversa fiada malandragem  
Mala sem alça é o rodo, tá de sacanagem  
Tá trincado é aquilo, se toca vacilão  
Tá de bom tamanho, otário fanfarrão*

*Tremeu na base coisa ruim não é mole não  
Tá boiando de marola, é o terror alemão  
Resposta catuca é o bonde, é cerol  
Tô na bola corujão vão fechar seu paletó*

*Toda hora tem gíria...*

*Se liga no papo, maluco, é o terror  
Bota fé compadre, tá limpo, demorou  
Sai voando, sente firmeza, tá tranqüilo  
Parei contigo, contexto, baranga, é aquilo*

*Tá ligado na fita, tá sarado  
Deu bode, deu mole qualé, vacilou  
Tô na área, tá de bob, tá bolado  
Babou a parada, mulher de tromba, sujou*

*Toda hora tem gíria...*

*Sangue bom tem conceito, malandro  
E o cara aí  
Vê se me erra boiola, boca de siri  
Pagou mico, fala sério, to te filmando  
É ruim hem! O bicho tá pegando*

*Não tem caô, papo reto, tá pegado  
Tá no rango mané, tá aloprado  
Caloteiro, carne de pescoço, “vagabau”  
Tô legal de você sete-um, GBO, cara-de-pau<sup>1267</sup>*

E os ditados e frases feitas em “As árvores morrem de pé”, samba de Ataulfo Alves:

*Sua vontade  
É me ver caído no chão  
Mas não caio não  
Porque tenho meu guia de fé  
Sou uma árvore  
Morro, mas morro em pé  
Sou uma árvore*

---

<sup>1267</sup> BEZERRA DA SILVA (A gíria é cultura do povo, Atração Fonográfica, São Paulo, 2002).

*Morro, mas morro em pé*

*Pra seu governo  
Ouve-me bem Januário  
Você não pode ensinar  
O padre-nosso ao vigário  
Bom remador  
Rema em qualquer maré  
Sou uma árvore  
Morro, mas morro em pé  
Sou uma árvore  
Morro, mas morro em pé<sup>1268</sup>*

Ou “Bate barriga”, de Antonio Carlos e Jocaí:

*Ô Inácio, ô Inácio, mulher sabida não come  
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia  
Ô Inácio, ô Inácio, mulher sabida não come  
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia*

*Eu fui num bate-barriga  
Pras bandas da lagoinha  
Era um samba de sopapo  
De cachaça com farinha*

*Ô Inácio, ô Inácio, mulher sabida não come  
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia  
Ô Inácio, ô Inácio, mulher sabida não come  
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia*

*Os pais da moça donzela  
Não dormiam noite e dia  
Moça que tinha segredo  
Ia embora e não comia*

*Ô Inácio, ô Inácio, mulher sabida não come  
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia  
Ô Inácio, ô Inácio, se ela come, ela morre  
Ô Inácio e o filho não se cria  
Ô Inácio, ô Inácio, mulher sabida não come  
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia*

*Ô Inácio, ô Inácio, mulher sabida não come  
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia  
Ô Inácio, ô Inácio, se ela come, ela morre  
Ô Inácio, mulher sabida não come  
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia*

---

<sup>1268</sup> ATAUFO ALVES (*Saudade da Professorinha... Paraná, Revivendo, RVCD 133, s/d*).

*Ô Inácio, ô Inácio, e o filho não se cria  
Ô Inácio, ô Inácio, se ela come, ela morre Inácio  
Ô Inácio, se não fosse o homem a mulher não existia*

*Ô Inácio, ô Inácio, mulher sabida não come  
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia  
Ô Inácio, ô Inácio, se ela come, ela morre Inácio  
Ô Inácio, se não fosse o homem a mulher não  
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia  
Ô Inácio, ô Inácio, e o bom filho não se cria  
Ô Inácio, ô Inácio, se ela come, ela morre Inácio  
Ô Inácio, se não fosse o homem a mulher não<sup>1269</sup>*

Ou o medicinal “Boteco do Arlindo”, de Maria do Zeca e Nei Lopes:

*Gripe cura com limão  
Jurubeba é pra azia  
Do jeito que a coisa vai  
O Boteco do Arlindo vira drogaria*

*O médico tava com medo  
Que o meu figueiredo não andasse bem  
Então receitou jurubeba, alcachofra de quebra, carqueja também  
Embora fosse homeopatia, a grana que eu tinha era só dois barão  
Mas o Arlindo é pai d’égua  
Foi passando a régua eu fiquei logo bom*

*Tem vinho pra conjuntivite, licor pra bronquite, cerveja pros rins  
Traçados e rabos de galo pra todos os males e todos os fins  
O Juca chegou lá no Arlindo se desmilinguindo, querendo apagar  
Tomou batida de jambo, recebeu um rango e botou pra quebrar*

*Batida de erva-cidreira se der tremedeira ou palpitação  
Pra quem tá doente do peito faz um grande efeito licor de agrião  
E toda velhice se acaba se der catuaba prum velho tomar  
Meu tio bebeu lá no Arlindo e saiu tinindo pra ir furunfar<sup>1270</sup>*

Ou o antigo “Capinheiro”, de Sinhô, cheio de quadras populares:

*Capinheiro marvado  
Não capina capim aí  
Capinzá é de meu bem  
Onde canta a juriti*

*Juvená! Juvená!  
Arrebata essa faca Juvená*

---

<sup>1269</sup> ORIGINAIS DO SAMBA (Os grandes sambas da história, vol. 35, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1972).

<sup>1270</sup> JOÃO NOGUEIRA (O essencial de João Nogueira, Focus, BMG, Barueri, 1999).

*Torna a rebatê  
Que isso não é má*

*Há duas coisa no mundo  
Que me faiz admirá:  
É a abeia fazê mé  
E maré enchê vagá*

*Há duas coisa no mundo  
Que me faiz admirá:  
Trem de ferro andá em terra  
Telegrama andá no ar<sup>1271</sup>*

Ou “Chegou a sua vez”, de Francisco Alves e Rubens Soares:

*Chegou a sua vez de sofrer, ê ê  
Chegou a sua vez de penar, á á  
Agora estou dando sorte  
E você está dando azar  
Quando a gente quer a sorte  
Não sabe onde encontrar  
O azar é diferente ele vem nos procurar  
Você devia saber  
O que todo mundo sabe  
Não há bem que sempre dure  
Não há mal que nunca se acabe  
Há pouca gente no mundo  
Que não conheça o azar  
Mesmo a gente não querendo  
Encontra sem procurar<sup>1272</sup>*

Ou “Coberto de ouro”, de Waldemar Gomes e Afonso Teixeira:

*Não quero mais saber  
De quem me faz sofrer  
Nem que venha coberto de ouro  
Não há prazer  
Quem me fez, me fez  
Outra não me faz  
Enquanto eu viver  
Não te quero mais*

*Gosto até de ouvir  
Os teus lamentos  
Teus sofrimentos*

---

<sup>1271</sup> SINHÔ (*Alivia estes olhos*, vol. 2, Revivendo Músicas Comercio de Discos Ltda., Curitiba, s/d).

<sup>1272</sup> FRANCISCO ALVES (*O rei da voz canta*, Revivendo Músicas Comercio de Discos Ltda., Curitiba, s/data).

*Ainda deviam ser mais  
Pra que jurar  
Eu digo e repito  
Que não acredito  
No teu juramento  
Cesteiro que faz um cesto  
Faz um cento<sup>1273</sup>*

Ou “Devagar, devagarinho” de Eraldo Divagar:

*É devagar, é devagar  
É devagar, é devagar  
Devagarinho  
Devagarinho  
É que a gente chega lá  
Se você não acredita  
Você pode tropeçar  
E tropeçando  
O seu dedo se arrebenta  
Com certeza não se agüenta  
E vai xingar  
É devagar, é devagar  
É devagar, é devagar  
Devagarinho  
Eu conheci um cara  
Que queria o mundo abarcar  
Mas de repente  
Deu com a cara no asfalto  
Se virou, olhou pro alto  
Com vontade de chorar  
É devagar, é devagar  
É devagar, é devagar  
Devagarinho  
Sempre me deram a fama  
De ser muito devagar  
E desse jeito  
Vou driblando os espinhos  
Vou seguindo o meu caminho  
Sei aonde vou chegar<sup>1274</sup>*

Ou “Essência de um grande amor”, de Dona Ivone Lara e Sombrinha

*Não, é ruim pra quem não vê  
Que cantando se desperta um novo amanhecer  
E cantando consegui afugentar a tristeza  
Alegrar meu coração com poesia e beleza*

---

<sup>1273</sup> ARACY DE ALMEIDA (*Os grandes sambas da história*, vol.11, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1942).

<sup>1274</sup> MARTINHO DA VILA (*Martinho da Vila. Grandes Sucessos*. São Paulo, Columbia, s/d).

*Despetalando uma flor comecei logo a compor  
Como musa inspiradora  
Essência de um grande amor*

*Em terra de cego quem tem olho é rei  
Bengala de cego é madeira de lei  
Quem dá luz de cego é o amor que ele vê  
Cantando desperta um novo amanhecer<sup>1275</sup>*

Ou “É um quê que a gente tem”, de Ataulfo Alves e Torres Homem:

*É um quê que a gente tem  
É um quê que a gente tem  
E para ter lugar no samba  
É preciso um certo jeito  
É um quê que a gente tem  
Ai, muita gente diz que é bamba  
Mas quem é bom já nasce feito  
É um quê que a gente tem*

*E o samba verde e amarelo  
Já cantei pra todo mundo  
E houve muito bate-fundo  
Com meus balangandãs  
Mas agora volto novamente  
A cantar alegremente  
Pra vocês amigos fã*

*E quem tem boca vai a Roma  
Sentimento não comenta  
Pretensão é água benta  
Cada um toma a que quer  
Ser do samba é um privilégio  
E não se aprende no colégio  
E nem é pra qualquer um<sup>1276</sup>*

Ou “Formiga sabida”, do poucas vezes lembrado sambista gaúcho Rubens Santos:

*Vou avisar, seu Laranjeira  
Vê se não dorme no ponto  
Vê se não marca bobeira*

*Minhoca que é sabida, não transa no galinheiro  
Em zona de raposa, pato dorme no poleiro  
Em lagoa que tem sapo, mosquito não dá rasante  
Formiga que é sabida não pede carona pro elefante<sup>1277</sup>*

<sup>1275</sup> DONA IVONE LARA (*Nasci pra sonhar e cantar*. Rio de Janeiro, Natasha Records, 2001).

<sup>1276</sup> ATAULFO ALVES (*A você*. Vol. 2. Paraná, Revivendo, RVCD 112, s/d).

<sup>1277</sup> SANTOS Rubens (*Mistério* – Porto Alegre, Prefeitura de Porto Alegre, 1993).



Ou as quadras de “Iaiá, Ioiô”, de Josué de Barros:

*Ioiô, Iaiá  
Me dá licença pra eu brinca no carnavá  
Iaiá, ioiô  
Vancês não vai  
Mas deixa eu ir que eu vô  
Nunca vi festa tão boa, iaiá, ioiô  
Carnavá é memo o suco, iaiá, ioiô  
São três dias de alegria, iaiá, ioiô  
Que inté faz ficá maluco  
Você diz que vai se embora, iaiá, ioiô  
Não mimporta, não faz má, iaiá, ioiô  
Eu só quero que tu vorte, iaiá, ioiô  
Só despois do carnavá  
Você diz que me despreza, iaiá, ioiô  
Eu só tô quereno vê, iaiá, ioiô  
Despois não pegue a chorá, iaiá, ioiô  
Quando tu te arrependê  
Quando nós dois se encontrou, iaiá, ioiô  
Nóis peguemo a se gostá, iaiá, ioiô  
Tu me disse umas coisinha, iaiá, ioiô  
Que eu nem quero me alembrá  
Deixa eu entra no cordão, minha nega?  
Entra meu nego, entra mas não encosta, hein!<sup>1278</sup>*

Ou “Judia de mim”, de Wilson Moreira e Zeca Pagodinho:

*Judia de mim, judia  
Se eu não sou merecedor desse amor  
Se eu choro  
Será que você não notou  
É a você que eu adoro  
Carrego esse meu sentimento sem ressentimento  
É, a cana quando é boa  
Se conhece pelo nó  
Assobio entre os dentes  
Uma cantiga dolente  
Entre cacos e cavacos  
Sobrei eu  
Duro nos cascacos  
Bem curtido pelo cheiro dos sovacos  
E quem dança qualquer dança  
A bonança não sabe o que é  
Desconhece a esperança  
No falso amor leva fé  
Quem de paz se alimenta*

---

<sup>1278</sup> CARMEM MIRANDA (Carmen Miranda. Paraná, Revivendo, s/d).

*Se contenta com migalhas  
Não se aflige e corrige as próprias falhas*<sup>1279</sup>

Ou “Linguajar do morro”, de Noca da Portela e José Cruz:

*Eu nasci no morro  
E no morro me criei  
Meu diploma de malandro  
Lá na colina tirei  
O linguajar do morro  
Nele todo estou por dentro  
Pra você bater papo no morro  
É preciso estar atento  
Carro se chama carango  
Otário é fariseu  
Relógio chama-se bobo  
Fechou quer dizer que fulano morreu  
Mulher é tratada de mina  
Dedo duro é suja a boca  
Cumprimento é cumé que é  
E entendeu quer dizer, morô Zé?*<sup>1280</sup>

Outro sobre linguagem, “Linguagem do morro”, de Padeirinho e Ferreira dos Santos:

*Tudo lá no morro é diferente  
Daquela gente não se pode duvidar  
Começando pelo samba quente  
Que até o inocente sabe o que é sambar  
Outro fato muito importante  
E também interessante  
É a linguagem de lá  
Baile lá no morro é fandango  
Nome de carro é carango  
Discussão é bafafá  
Briga de uns e outros dizem que é burburim  
Velório no morro é burufim  
Erro lá no morro chamam de vacilação  
(Brucutu?) cachorro  
E dinheiro é um cão  
Papagaio é radio  
Grifa é mulher  
Nome de otário é Zé Mané*<sup>1281</sup>

---

<sup>1279</sup> ZECA PAGODINHO (*Zeca Pagodinho. 14 grandes sucessos*. São Paulo, Polygram, 1999).

<sup>1280</sup> MAURO DUARTE E NOCA DA PORTELA (*Mauro Duarte e Noca da Portela. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974).

<sup>1281</sup> JOÃO NOGUEIRA (*João Nogueira, CD 2, coleção Sem Limite*, Universal Music, São Paulo, 2001).

“Mastrução e catuaba”, é um malicioso e bem humorado samba de Cláudio Cartier e Aldir Blanc:

*Vejo a comadre bater no portão lá de casa  
Pra contar que o meu cumpadre, nem começou já acaba  
Esse cara precisa de um chá  
De mastrução e catuaba  
Disse que faz uns seis meses que o fuque-fuque anda ruço  
Esse cara precisa de um chá  
De catuaba e mastrução*

*O Miguel chegou da Espanha  
Pra abrir um restaurante, boate e boteco  
Era louco por vedete  
Mas na hora “H” não armava o boneco  
Suava perdia os sentidos  
Y voltava a si sin saber donde estava  
Tai mais um caso prochá  
De mastrução e catuaba*

*Um moço tão delicado  
Que longe de mim comentar que era paca  
Voltou da lua-de-mel  
Babando a gravata, esticado na maca  
Disse que se constrangerá  
Que a noiva era mais cabeluda que urso  
Esse nem com muito chá  
De catuaba e castrução*

*Entrevistaram o cacique  
Famoso guerreiro tatutacuntara  
Índio que além de peitudo  
Também possuía vergonha na cara  
Tem bem mais de trinta filhos  
É o tacape maior que se viu lá na taba  
Graças a Tupã e ao chá  
De mastrução e catuaba<sup>1282</sup>*

Ou as quadras de “O vento que venta lá”, de Ataulfo Alves, sambista nascido em Minas Gerais, sabidamente marcado pela tradição rural e pela religiosidade popular:

*O vento que venta lá  
É o vento que venta cá*

*Cada santo tem seu dia  
Cada remo um remador  
Sua cabeça, seu guia*

---

<sup>1282</sup> WALTER ALFAIATE (*Samba na medida*, CPC-UMES, Rob Digital, Rio de Janeiro, 2002).

*O mundo seu professor*

*Você quer brigar comigo  
Cresça primeiro e apareça  
Quando eu tenho um inimigo  
sei usar a cabeça*

*Menina, diga a seu pai  
que eu dele não tenho medo  
Vou comprar uma aliança  
e vou botar no seu dedo<sup>1283</sup>*

Outro exemplo é “Pimba na pitomba”, de Luiz Grande

*Eu vou dar uma sacudida  
Vou nos mais velhos pra ver se consigo acertar minha vida  
Que anda mais enrolada, que nem carretel  
Se eu parar pra pensar, vou acabando pinel  
Meu deus do céu se for mandinga vou mandar pra cima de quem me  
mandou  
Quem atura descarga, não sou eu é o transformador*

*Se eu der mole, o bicho me engole, eu não posso ficar  
De pomba rolou eu vou bater um papo com o vovô*

*Somente assim eu vou sair dessa maré  
Vovô é pimba na pitomba, não cansa e nem tomba eu tenho fé  
Ele vai tirar de mim qualquer marola que alguém me jogou  
Não adianta, pois ninguém suplanta reza de vovô<sup>1284</sup>*

“Provérbios”, de Rolando Boldrin e Adoniran Barbosa, é uma amostra perfeita do caráter enciclopédico:

*Eu vou cantar um samba diferente  
Meio caipirado  
Qualquer semelhança da melodia com algum pagode  
Principalmente do mestre Martinho da Vila  
Não é mera coincidência não  
É de propósito, mesmo  
É que esse samba aí  
É meu e do meu compadre Rubinato  
Vulgo Adoniran Barbosa  
A letra é dele  
Chama-se Provérbios  
Como só existia letra que tava no baú*

---

<sup>1283</sup> ATULFO ALVES (*Saudades da Professorinha*, Revivendo Músicas Comercio de Discos Ltda., Curitiba, s/data).

<sup>1284</sup> JOÃO NOGUEIRA (*O essencial de João Nogueira*, Focus, BMG, Barueri, 1999).

*Logo depois que Rubinato viajou  
Fora combinado, falaram pra mim assim:  
“oia, bota melodia e tasca no seu disco que vai ser um sucesso”  
Então aí vai: Provérbios  
A benção, compadre Adoniran Barbosa*

*Muita verdade se esconde  
Entre o céu e a terra  
Cão que ladra não morde  
Bom cabrito não berra  
Minha terra tem Corinthians  
Onde canta o curió  
Não tem nada mais gostoso  
Que o pastel da minha avó*

*Pergunte ao velho Colombo  
Que também usava franja  
Se galinha velha é boa  
Ou é melhor sua canja  
Muito trabalho ele teve  
Você sabe como é  
Botar um ovo é fácil  
Difícil é botar ele em pé*

*Tire o cavalo da chuva  
Que depois o sol esquenta  
Para curar o malfeito  
Use chá e água benta  
Mosca em boca fechada  
E rato que rói a roupa  
Sexta-feira, dia treze  
Panela velha dá sopa*

*O gato escaldado  
De água fria tem medo  
Ensinar pulo do gato  
Nem mais tarde e nem mais cedo  
Teimoso como uma mula  
É o canguru saltador  
Aquilo que não tem cura  
Só pode ser mal de amor*

*Não olhe os dentes do bicho  
Se for cavalo dado  
Falar mal, bater no peito  
Isso também é pecado  
Pão-de-ló não deve dar  
Pra quem dentes não tiver  
Não discuta futebol  
Nem bata na sua mulher*

*Um macaco no seu galho  
É preguiça o dia inteiro  
Barata que é esperta  
Não cruza um galinheiro  
Periquito leva a fama  
Papagaio come milho  
Urubu não tem galocha  
O trem só anda no trilho  
A galinha do vizinho  
Pois isso, afinal de contas  
Bota ovo amarelinho  
Linhas quebradas são pontas<sup>1285</sup>*

“Sereia Guiomar” de Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho é outro bom exemplo, agora relatando uma lenda:

*A sereia Guiomar mora em alto mar  
Ah, como é bonito, meu Deus, o canto desta sereia  
O canto desta sereia fascina  
O canto desta sereia, meu Deus, domina  
Falam na beira do cais  
Que Manoel, o pescador  
Ouvindo um canto tão lindo  
Por ela se apaixonou  
Saiu correndo pro mar  
Quando em noite de lua  
Envolvido no seu manto flutua  
A sereia Guiomar mora em alto mar  
Ah, como é bonito, meu Deus, o canto desta sereia  
Todo mistério do mar  
Me causa grande emoção  
Encantamento e beleza  
Que ferem o meu coração  
Estória de pescador  
Gela o meu sangue nas veias  
Quando ele conta a lenda da bela sereia  
A sereia Guiomar mora em alto mar  
Ah, como é bonito, meu Deus, o canto desta sereia<sup>1286</sup>*

“Sincretismo religioso”, de Martinho da Vila, situa as divindades:

*Saravá, rapaziada! - Saravá!  
Axé pra mulherada brasileira! - Axé!  
Êta, povo brasileiro! Miscigenado,*

<sup>1285</sup> ROLANDO BOLDRIN (*Os grandes sambas da história*, vol. 30, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1989).

<sup>1286</sup> DONA IVONE LARA (*Nasci pra sonhar e cantar*. Rio de Janeiro, Natasha Records, 2001).

*Ecumênico e religiosamente sincretizado*  
*Ave, ó, ecumenismo! Ave!*  
*Então vamos fazer uma saudação ecumênica*  
*Vamos? Vamos!*  
*Aleluia - aleluia!*  
*Shalom - shalom!*  
*Al Salam Alaikum! - Alaikum Al Salam!*  
*Mucuiu nu Zambi - Mucuiu!*  
*Ê, ô, todos os povos são filhos do senhor!*  
*Deus está em todo lugar. Nas mãos que criam, nas bocas que cantam, nos*  
*corpos que dançam, nas relações amorosas, no lazer sadio, no trabalho*  
*honesto.*  
*Onde está Deus? - Em todo lugar!*  
*Olorum, Jeová, Oxalá, Alah, N'Zambi. . . Jesus!*  
*E o Espírito Santo? É Deus!*  
*Salve sincretismo religioso! - Salve!*  
*Quem é Omulu, gente? - São Lázaro!*  
*Iansã? - Santa Bárbara!*  
*Ogum? - São Jorge!*  
*Xangô? - São Jerônimo!*  
*Oxossi? - São Sebastião!*  
*Aioká, Inaê, Kianda - Iemanjá!*  
*Viva a Nossa Senhora Aparecida! - Padroeira do Brasil!*  
*Iemanjá, Iemanjá, Iemanjá, Iemanjá*  
*São Cosme, Damião, Doum, Crispim, Crispiniano, Radiema. . .*  
*É tudo Erê - Ibeijada*  
*Salve as crianças! - Salve!*  
*Axé pra todo mundo, axé*  
*Muito axé, muito axé*  
*Muito axé, pra todo mundo axé*  
*Muito axé, muito axé*  
*Muito axé, pra todo mundo axé*  
*Energia, Saravá, Aleluia, Shalom,*  
*Amandla, caninambo! - Banzai!*  
*Na fé de Zambi - Na paz do senhor, Amém!<sup>1287</sup>*

Em “Tempo de Don Don”, Nei Lopes fala sobre o vocabulário do passado e a tradição:

*Ai no tempo*  
*No tempo que Don Don jogava no Andaraí*  
*Nossa vida era mais simples de viver*  
*Não tinha tanto misere*  
*Nem tinha tanto tititi*  
*Propaganda era reclame*  
*Ambulância era dona assistência*  
*Mancada era um baita vexame*  
*E pornografia era só saliência*

<sup>1287</sup> MARTINHO DA VILA (*Coisa de Deus*. São Paulo, Columbia, 1997).

*Sutiã chamava-se porta-seio  
Revista pequena gibi*

*Rock se chamava fox  
E tiete era moça fanática  
O que hoje se diz que é xerox  
Chamava-se então de cópia fotostática  
Motorista era sempre chofer  
Cachaça era parati*

*Vinte e dois era demente  
Minha casa era meu bangalô  
Patana era socorro urgente  
Todo encanador era investigador  
Malandro esticava o cabelo  
Mulher fazia mis-en-plis*

*Tinha Perilo e Peraci  
Teixeira de Campi e rua Bariri<sup>1288</sup>*

“Tem validade”, de Wilson Moreira, aborda a medicina tradicional:

*Compre  
Remédios em promoção  
Veja bem  
Olha eu garanto isso tudo  
Sem tapeação*

*Pra quem quiser  
Existir com longa duração  
Tem validade  
Olha eu garanto isso tudo  
Sem tapeação*

*É só misturar na água  
Cura nostalgia  
E quem vive febril  
Cura até melancolia  
Espinhela caída  
Só quem nunca viu*

*Quem tá de prisão de ventre  
Só fica esperando  
Um dia se soltar  
Beba a tintura sagrada  
E só fica livre*

---

<sup>1288</sup> NEI LOPES (*Nei Lopes*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1999).



*Da tal xaropada*

*Tem remédio afrodisíaco  
Bem eficaz  
E tanto satisfaz  
Bota qualquer um no prumo  
Elimina chulé  
Bom pra bicho de pé  
Pra murrinha de sovaco  
Quiquito até chato  
Crici péla saco  
Tira até pururuca de aranha  
Limpa tudo e te deixa na manha  
Cura rachado na boca  
E daí pra frente  
Tudo fica bem  
Vai ser coisa louca  
Amor também vem  
Até beijo na boca  
E pra quem já foi mordido  
Pela muquirana  
Eu tenho a salvação  
É cura que não me engana  
Um bom escalda-pé<sup>1289</sup>  
Sara tudo eu dou fé<sup>1289</sup>*

“Velhas Companheiras”, de Monarco, lembra e reconta a amizade tradicional entre duas escolas de samba

*Quando o Paulo e o Rufino  
Marcelinho e Gradim  
Estreitando nossos laços  
De amizade fraternal  
Por isso que a Portela e a Mangueira  
São as grandes pioneiras  
Das escolas no carnaval  
Em noitadas lindas já presenciei  
Os sambistas com emoção  
Como já dizia o bom Cartola  
Ponto alto da escola  
Sala de recepção  
Tremulava, juntas nossas bandeiras  
Velhas companheiras  
Semeando a paz  
Por isso que a Portela e Mangueira  
Sempre foram as primeiras dos idos carnavais<sup>1290</sup>*

---

<sup>1289</sup> WILSON MOREIRA (*Entidades II*. Rio de Janeiro, Rádio Mec, s/d).

<sup>1290</sup> MANGUEIRA E PORTELA (*Velhas Companheiras*. Rio de Janeiro, Nikita Music/Ouver Records, 1999).

O partido-alto “Velho ditado”, de Dudu Nobre e Luizinho, é outro óbvio exemplo do caráter enciclopédico no samba:

*Eu sou mais meu chinelo de dedo  
Do que cromo alemão apertado  
Sou daqueles, melhor só do que mal acompanhado  
Vou rolando no mundo igual bola  
Só porque a gente não nasceu quadrado  
Eu fico com um olho no peixe fritando  
E fico com outro no gato de lado*

*Olho grande não entra na China  
Quem anda com porco só farelo come  
Mulher com mulher sempre dá jacaré  
E homem com homem vai dar lobisomem  
Em terra de cego, caolho é rei  
Um dia é da caça, outro do caçador*

*Faça o que eu digo  
Não faça o que eu faço  
Aluno não sabe mais que professor  
Quem canta seus males espanta  
Vou seguindo em frente  
Pois atrás vem gente  
Pimenta no olho do outro é fresco  
E cavalo dado não se olha os dentes*

*Relógio que atrasa pra nada adianta  
Quem semeia vento colhe tempestade  
Deitou com cachorro com pulga levanta  
Quem hoje é velhinho já foi mocidade  
Laranja madura quer tomar varada  
Não quer ser mamãe pra ficar pra titia  
Trombada de porco não mata mosquito  
Pra mim cada louco com sua mania  
Devagar se vai ao longe  
Sei com quantos paus de faz uma canoa*

*Eu fico com um olho no peixe fritando  
E fico com outro no gato de lado*

*Amigos, amigos, negócios a parte*

*Não ponha a colher aonde não for chamado*

*Não perca o compasso, acerte seu passo*

*Aprenda um pouco com o velho ditado*

*Queda de velho não sobe poeira*

*Jibóia não corre mas pega viado*<sup>1291</sup>

Assim como “Vou botar teu nome na macumba”, de Zeca Pagodinho e Dudu Nobre:

*Eu vou botar teu nome na macumba  
Vou procurar uma feitiçeira  
Fazer uma quizumba pra te derrubar  
Oi, iaiá  
Você me jogou um feitiço, quase que eu morri  
Só eu sei o que eu sofri  
Deus me perdoe, mas eu vou me vingar*

*Eu vou botar teu retrato num prato com pimenta  
Quero ver se você güenta  
A mandinga que eu vou te jogar  
Raspa de chifre de bode  
Pedaço de rabo de jumenta  
Tu vais botar fogo pela venta  
E comigo não vai mais brincar*

*Asa de morcego  
Corcova de camelo pra te derrubar  
Uma cabeça de burro  
Pra quebrar o encanto do seu patuá  
Olha, tu podes ser forte  
Mas tens que ter sorte  
Para te salvar  
Toma cuidado, comadre  
Com a mandinga que eu vou te jogar*<sup>1292</sup>

“Banho de fé” de Sombrinha, Arlindo Cruz e Sereno é outro exemplo:

*Se você é de rodar ou se é de bater tambor  
Faça um favor  
Tome um banho de iabô  
Tome um banho de iabô  
Um banho,  
Um banho de cachoeira, um banho de cachoeira  
Vai levantar  
Acaba qualquer canseira  
Banho de mar  
É bom pra descarregar*

*Mas por favor  
Tome um banho de iabô  
Mas por favor*

---

<sup>1291</sup> ZECA PAGODINHO (*Deixa Clarear*. São Paulo, Polygram, 534078-2, 1996).

<sup>1292</sup> ZECA PAGODINHO (*Zeca Pagodinho*. Coleção Millennium, São Paulo, Polygram, 1998, gravado em 1995).

*Tome um banho de iabô  
Se você é de rodar ou se é de bater tambor  
Faça um favor  
Tome um banho de iabô  
Tome um banho de iabô*

*Vovó Maria me ensinou  
Eu aprendi a preparar  
Um banho de rosas brancas  
Pra clarear  
Vovó Maria me ensinou  
Que é muito bom, muito legal  
Tomar um banho de ervas  
Tomar um banho de sal  
Uns tomam banho de lua  
Uns tomam banho de sol  
Uns tomam banho de chuva  
Lá no quintal  
Mas pra se ter certeza  
Que um banho só traz axé  
Seja banho de cheiro, banho de arruda  
Banho de guiné*

*É, pois é  
O mais importante é a fé  
É, pois é  
O mais importante é a fé<sup>1293</sup>*

Notem-se os ditados de “Camarão que dorme a onda leva” de Beto sem braço, Zeca Pagodinho e Arlindo Cruz:

*Não pense que meu coração  
Não pense que meu coração é de papel  
Não brigue com meu interior  
Camarão que dorme a onda leva  
Hoje é o dia da caça  
Amanhã do caçador  
E camarão que dorme  
Camarão que dorme a onda leva  
Hoje é o dia da caça  
Amanhã do caçador  
Não quero que o nosso amor acabe assim  
Um coração quando ama é sempre amigo  
Só não faça gato-sapato de mim  
Pois aquele que dá pão  
Também dá castigo  
Só não faça gato-sapato de mim  
Pois aquele que dá pão*

---

<sup>1293</sup> FUNDO DE QUINTAL (Perolas. São Paulo, Som Livre, 2000).

*Também dá castigo  
Não veja meu sentimento com desdém  
Enquanto o bem existir o mal tem cura  
A pedra é muito forte mas tem um porém, meu bem  
A água tanto bate até que fura  
A pedra é muito forte mas tem um porém, meu bem  
A água tanto bate até que fura<sup>1294</sup>*

“Laranja madura”, de Ataulfo Alves é um samba clássico:

*Você diz que me dá casa e comida  
Boa vida e dinheiro pra gastar  
O que é que há?  
Minha gente o que é que há?  
Tanta bondade  
Que me faz desconfiar*

*Laranja madura  
Na beira da estrada  
Tá bichada, Zé  
Ou tem marimbondo no pé!*

*Santo que vê muito esmola  
Na sua sacola, desconfia  
E não faz milagres não!  
Gosto de Maria Rosa  
Quem me dá prosa é Rosa Maria  
Vejam só que confusão<sup>1295</sup>*

Deixo o samba “Vatapá” de Dorival Caymmi por último. O trabalho deste compositor baiano, sem dúvida um dos maiores e mais extraordinários artistas da nossa música popular, um mestre inimitável, talvez, entre todos, seja o que apresenta mais traços “enciclopédicos”. Suas canções praieiras, por exemplo, são obras de um autêntico rapsodo que canta e reconta a tradição, rememorando a vida, o trabalho, as crenças, o *ethos*, os medos e os costumes do povo. Prefiro não relacionar “Vatapá” ao tema comida pelo seu caráter profundamente documental e de acervo enciclopédico<sup>1296</sup>:

*Quem quisé vatapá, ô  
Procure fazê  
Primeiro o fubá  
Depois, depois o dendê*

---

<sup>1294</sup> OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA, 40 volumes, São Paulo, BMG Brasil e Ed.Globo, 1997, vol.37

<sup>1295</sup> “Laranja madura” ATAULFO ALVES (*Saudade da Professorinha...Paraná, Revivendo, RVCD 133, s/d*).

<sup>1296</sup> “Feijoada completa” de Chico Buarque segue os mesmo moldes. C.f. BUARQUE, Chico. *Letra e Música I*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 151

*Procure uma negra baiana, ô  
Que saiba mexê  
Que saiba mexê  
Que saiba mexê*

*Bota castanha de caju  
Um bocadinho mais  
E pimenta-malagueta  
Um bocadinho mais  
Amendoim, camarão, rala o coco  
Na hora de machucar  
Sal com gengibre e cebola, iaiá  
Na hora de temperar  
(refrão)*

*Não parar de mexer, ô  
Que é pra não embolar  
Panela no fogo  
Não deixa queimar  
Com qualquer dez mil-réis  
E uma nega, ô  
Se faz um vatapá  
Se faz um vatapá  
Se faz um vatapá<sup>1297</sup>*

O tropicalismo, por ser enraizado na cultura escrita e na literatura, obviamente pouco tem de caráter enciclopédico – no sentido da preservação de tradições e de valores do *senso comum* –, salvo se pensarmos, talvez, nas citações de personalidades (por ex. Carmen Miranda, Brigitte Bardot, Cláudia Cardinale, João Gilberto e Roberto Carlos) ou de produtos industriais (por ex. Margarina, Superhist e Coca-Cola). “Três Caravelas” de Algueró e Moreau, ou as recuperações de obras como “Coração materno” de Vicente Celestino, hinos religiosos etc, embora de forma fragmentada e involuntária, e apesar do caráter paródico e irônico, talvez pudessem ser considerados como de caráter enciclopédico.

Tal caráter praticamente desaparece da moderna música popular, impregnada pela cultura escrita, ou então ressurge, raramente, de forma crítica e irônica e, ao mesmo tempo, com tom apodíctico, assertivo, explicativo, normativo e prescritivo, como em “Cultura” de Arnaldo Antunes:

*o girino é o peixinho do sapo  
o silêncio é o começo do papo*

---

<sup>1297</sup> ANJOS DO INFERNO (*Os grandes sambas da história*, vol.9, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1942).

*o bigode é a antena do gato  
o cavalo é pasto do carrapato*

*o cabrito é o cordeiro da cabra  
o pescoço é a barriga da cobra  
o leitão é um porquinho mais novo  
a galinha é um pouquinho do ovo*

*o desejo é o começo do corpo  
engordar é a tarefa do porco  
a cegonha é a girafa do ganso  
o cachorro é um lobo mais manso  
o escuro é a metade da zebra  
as raízes são as veias da seiva  
o camelo é um cavalo sem sede  
tartaruga por dentro é parede*

*o potrinho é o bezerro da égua  
a batalha é o começo da trégua  
papagaio é um dragão miniatura  
bactérias num meio é cultura<sup>1298</sup>*

Ou como “Diariamente” de Nando Reis

*Para calar a boca: ricino  
Para lavar a roupa: omo  
Para viagem longa: jato  
Para difíceis contas: calculadora  
Para o pneu na lona: jacaré  
Para a pantalona : nesga  
Para pular a onde: litoral  
Para lápis ter ponta: apontador  
Para o Pará e o Amazonas: latex  
Para parar na Pamplona: Assis  
Para trazer à tona: homem rã  
Para a melhor azeitona: Ibéria  
Para o presento da noiva: marzipã  
Para Adidas o Conga nacional  
Para o outono a folha: exclusão  
Para baixo da sombra: guarda-sol  
Para todas as coisas: dicionário  
Para que fiquem prontas: paciência  
Para dormir a fronha: madrigal  
Para brincar na gangorra: dois  
Uma toca: bobs  
Para beber uma coca: drops  
Para ferver uma sopa: graus  
Para a luz lá na roça: 220 volts*

---

<sup>1298</sup> “Cultura” de ARNALDO ANTUNES (Nome. Arnaldo Antunes, BMG, 1993)

*Para vigias em ronda: café*  
*Para limpar a lousa: apagador*  
*Para o beijo da moça: paladar*  
*Para uma voz muito rouca: hortelã*  
*Para a cor roxa: ataúde*  
*Para a galocha: verlon*  
*Para ser moda: melancia*  
*Para abrir a rosa: temporada*  
*Para aumentar a vitrola: sábado*  
*Para a cama de mola: hóspede*  
*Para trancar bem a porta: cadeado*  
*Para que serve a calota: volkswagen*  
*Para quem não acorda: balde*  
*Para a letra torta: pauta*  
*Para parecer mais nova: avon*  
*Para os dias de prova: amnésia*  
*Para estourar pipoca: barulho*  
*Para quem se afoga: isopor*  
*Para levar na escola: condução*  
*Para os dias de folga: namorado*  
*Para o automóvel que capota: guincho*  
*Para fechar uma aposta: paraninfo*  
*Para quem se comporta: brinde*  
*Para a mulher que aborta: repouso*  
*Para saber a resposta: vide o verso*  
*Para escolher a compota: jundiaí*  
*Para a menina que engorda: hipofagil*  
*Para a comida das orcas: krill*  
*Para o telefone que toca*  
*Para a água lá na poça*  
*Para a mesa que vai ser posta*  
*Para voce o que voce gosta: diariamente*<sup>1299</sup>

Ou ainda em “O buraco” de Arnaldo Antunes

*o buraco ensina a caber*  
*a semente ensina a não caber em si*  
*a terra sabe receber*  
*a caveira ri*  
*o céu ensina a tudo caber*  
*o corpo cabe*  
*a terra sabe receber*  
*o cadáver*  
  
*corpo enterrado*  
*sobre corpo enterrado*  
*adubando o chão*  
*a morrer*

---

<sup>1299</sup> MONTE, Marisa (*Mais*, EMI, s/d)



*ninguém foi ensinado  
e todos morrerão*

*a chuva ensina a chorar  
o tempo ensina a para de chover  
a terra sabe receber  
a chuva  
o buraco ensina tudo a acabar  
no fundo  
a terra sabe receber  
o defunto<sup>1300</sup>*

Note-se a abordagem impessoal, intransitiva e assertiva das tres letras: “o girino é...”, “para calar a boca...” ou “o buraco ensina a caber”. São excelentes amostras de um discurso que, mesmo com seu caráter poético, cheio de crítica, paródia e ironia, pode ser relacionado ao texto apodíctico, explicativo e prescritivo, seja ele estético, filosófico, científico, publicitário, catequético ou didático, tom muito comum na modernidade – fundada na cultura escrita, na escolarização e no discurso científico – mas não na cultura popular nem no discurso do samba, enraizados na cultura oral.

---

<sup>1300</sup> ANTUNES, Arnaldo. *O silêncio*, BMG, 1996.

### 7.7 O tema do envelhecimento

Vimos já com Christopher Lasch, entre outros, a dificuldade em lidar com o envelhecimento ou mesmo sua negação na modernidade, que implica um *modelo de consciência* que tem como paradigmas o “indivíduo”, o “progresso”, o “desenvolvimento” e a “evolução”.

Para Max Weber, a partir de Leon Tolstói, a visão de mundo característica da modernidade, ligada à vida individual, é imersa no progresso e no infinito, pois o progresso representa um processo linear, lógico, abstrato, contínuo e ininterrupto. Nesse sentido, a vida não deveria ter fim, portanto a morte, para o homem civilizado, não pode fazer sentido.

Segundo Weber, “[o] homem civilizado (...) colocado em meio ao caminhar de uma civilização que se enriquece continuamente de pensamentos, de experiências e de problemas, pode sentir-se ‘cansado’ da vida mas não ‘pleno’ dela. Com efeito, ele não pode jamais apossar-se senão de uma parte ínfima do que a vida do espírito incessantemente produz, ele não pode captar senão o provisório e nunca o definitivo. Por esse motivo, a morte” [e o envelhecimento, acrescentaria eu com Christopher Lasch] “é, a seus olhos, um acontecimento que não tem sentido. E porque a morte não tem sentido, a vida do civilizado também não tem, pois a ‘progressividade’ despojada de significação faz da vida um acontecimento igualmente sem significação.”<sup>1301</sup>

Weber propõe que a racionalização intelectualista, característica da modernidade, implica técnicas de fixação, previsão e controle. Tais características teriam levado, segundo ele, ao “desencantamento do mundo.” Nota porém que “a intelectualização e a racionalização crescentes não equivalem (...) a um conhecimento geral crescente acerca das condições em que vivemos.”<sup>1302</sup> Vimos isso já, claramente com Norbert Elias mas dou mais um exemplo: controle e previsão são procedimentos incompatíveis com, por exemplo, a mortalidade, fenômeno anômico e imprevisível por definição.

---

<sup>1301</sup> WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. Trad. Leonidas Hegenberg e Octany S. da Mota. São Paulo, Editora Cultrix, 1985, p. 31

<sup>1302</sup> Idem, *ibidem*, p. 30

Utilizando os conceitos de Weber, diz José de Souza Martins, a respeito da mortalidade na roça, que por lá o morto morre “pleno e cheio de vida”, pois cumpriu o que tinha que cumprir, fez o que tinha que fazer.<sup>1303</sup>

Ou seja, considerando sua perspectiva e expectativa do que era a vida, o homem da roça, diante da morte, sente que viveu o que tinha de ter vivido. Isso só pode acontecer, creio, se todas as etapas da vida forem aceitas e tiverem seu lugar e seu sentido no plano da existência concreta.

Não se trata de idealizações. O homem tradicional também sofre, teme, treme e tenta evitar a morte. Haja vista os inúmeros contos populares abordando heróis que tentam enganar a morte<sup>1304</sup>. Porém, o homem moderno se acha mergulhado num mar de informações em circulação permanente, fixadas através de textos e imagens, portanto consultáveis e, além disso, atualizadas ininterruptamente, – misturadas, é preciso notar, com simulacros de informação, simulacros de avanços tecnológicos, cópias, cópias da cópia, clonagens etc<sup>1305</sup> – contexto que representa um volume de dados que ultrapassam em muito a qualquer capacidade cognitiva individual. Tal complexo informacional, em constante desenvolvimento e atualização, acaba por gerar a inferência de que existe um processo de “evolução” ou “progresso” “natural, necessário, evidente e constante”, uma “realidade” em que o homem moderno está imerso e com a qual tem de lidar dia após dia.

Note-se, em todo o caso, que parece surgir uma realidade paralela e “virtual”, cheia de temas, imposições, teorias e hipóteses, destacada da realidade natural e concreta da vida corporal, pragmática, situada e cotidiana.

Enquanto isso, o homem tradicional sente-se envolvido num contexto específico, situado e determinado, com um destino pré-estabelecido, – o resto é o “mundão”, o “mundo afora” –, num determinado universo hierárquico e relacional, num acervo de conhecimentos também determinado, pragmático por excelência, e guardado na memória. O restante, o caos, o incompreensível, o fora de controle, o “inomeável”, o “indizível” está “na mão do destino” ou acontece porque “tinha que acontecer” ou porque “Deus quis” ou “mandou”.

---

<sup>1303</sup> MARTINS, José de Souza Org. *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1983, p.259

<sup>1304</sup> C.f. AZEVEDO, Ricardo. *Contos de enganar a morte*. São Paulo, Ática, 2003

<sup>1305</sup> Refiro-me às colocações de Jean Baudrillard.

Defendo a idéia de que, mesmo mergulhadas na contemporaneidade repleta de informações e de simulacros de informações, mesmo sendo escolarizadas, muitas pessoas, inclusive artistas, continuam tomando como base de conduta e de visão de mundo um conjunto de valores ligados às concepções tradicionais. Parto do princípio de que não existe um processo “evolutivo” entre tradição e modernidade. Existem, sim, além de grande interação e influência recíproca, pressupostos e valores diferentes que precisam ser melhor compreendidos e dependem de situações contextuais. É possível que um processo tenda a predominar ou mesmo destruir o outro. O fenômeno, natural entre culturas, não implica em “evolução” mas, sim, demanda a compreensão do que permanece, do que se transforma e do que, eventualmente, se perde ou se cria.

Se eu estiver correto, em todo o caso, o compositor mergulhado na modernidade, que pressupõe o indivíduo, autônomo, livre e crítico diante da existência real de uma espécie de caos informacional, lidará com temas como o envelhecimento e a morte, entre muitos outros, de forma diferente à de um compositor marcado pela tradição, que supõe a pessoa, relacional, hierárquica e empática ou intuitiva diante da existência de um contexto, em última análise, governado ou abençoado por Deus.

A influência do meio social, vale lembrar, é pressuposto obrigatório e essencial das criações artísticas, sejam elas mais, ou menos “tradicionais” ou “modernas”. Como disse Ruth Finnegan, poesia, seja ela qual for, “é a criação ao mesmo tempo de uma comunidade particular e de um indivíduo particular”. Em certas poesias, a “comunidade particular” pode ganhar mais voz do que o “indivíduo particular.” Em outras, dá-se o inverso.

O que importa é perceber que numa sociedade individualista, o envelhecimento ganha contornos de algo estranho, um contratempo atípico, não-natural, descabido e ilógico. Se tudo se desenvolve, tudo evolui, tudo progride, tudo se moderniza e se aperfeiçoa, como assimilar organismos individuais que contraditoriamente, a partir de um dado momento, só fazem decair e tender à decrepitude e à extinção num processo entrópico desolador?

Nas comunidades rurais, pelo menos nas mineiras estudadas por Núbia Gomes e Edimilson Pereira, no que diz respeito ao envelhecimento existe “um modelo (...) tradicional que mantém o velho no centro das ações sociais. O idoso é legitimado pela comunidade que o toma como testemunha e divulgador da memória coletiva. Ainda que não esteja

economicamente ativo, a sua atividade de memorialista contribui para a estabilidade do grupo, o que possibilita maior empenho na manutenção da subsistência”.<sup>1306</sup>

Os dois pesquisadores comparam as visões tradicionais e modernas. “Desse modo, a velhice do modelo [tradicional] se prende à imagem arquetípica do ancião sábio e conselheiro, ao passo que a do modelo moderno suscita a imagem do velho atleta e sadio, embora distanciado das funções legisladoras do grupo.”<sup>1307</sup>

Gomes e Pereira lembram que o modelo popular leva em consideração a noção de tempo circular, o eterno retorno, que implica a religiosidade e a regeneração periódica do mundo. Como vimos com Bakhtin, Eliade e outros, neste âmbito, tudo é fecundado, nasce, cresce, amadurece, apodrece, morre e renasce. “A trama desse tempo [mítico] indica que o sentido dos fatos não se esgota neles mesmos, mas se constrói como possibilidade de desaparecimento e ressurgimento”.<sup>1308</sup>

Ao contrário, a visão moderna, ligada ao tempo diacrônico e histórico, percurso linear unidirecional e irreversível “nos leva a considerar os fenômenos da existência – e a própria existência – como inevitável viagem para a decadência.”<sup>1309</sup>

Dizem os dois autores que “para os indivíduos situados nos contornos da sociedade tradicional rural, a percepção do tempo mítico ou circular contribui para estreitar sua ligação com os antepassados que se colocam mais próximos do tempo das origens”.

Outro interessante comentário dos dois pesquisadores mineiros remete ao *modelo de consciência* hierárquico. “O aprendizado da experiência dos antepassados é decisivo para os indivíduos nesses grupos sociais, o que explica a hierarquia relacional. Cada indivíduo deve saber reconhecer a sua hora de mandar e de obedecer [como vimos com Dumont e Elias, no modelo hierárquico cada pessoa tem um lugar relativo].”<sup>1310</sup> Segundo dona Maria do Rosário da Silva, sexagenária da comunidade mineira dos Arturos “[o]nde já se viu pescoço mandar em cabeça?”<sup>1311</sup>

---

<sup>1306</sup> PEREIRA, Edmilson de A. e GOMES, Núbia P.M. *Flor do não esquecimento- cultura popular e processos de transformação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2002. p.222

<sup>1307</sup> Idem *ibidem*, p.223

<sup>1308</sup> Idem, *ibidem*, p.226

<sup>1309</sup> Idem, *ibidem*, p.226

<sup>1310</sup> Idem, *ibidem*, p.227

<sup>1311</sup> Idem, *ibidem*, p.227

Reverenciar os mais velhos nas comunidades tradicionais, segundo os autores, não é apenas “um ato moral a ser respeitado nas relações interpessoais, mas a aceitação da orientação ideológica proposta pelo grupo a fim de sustentar a si mesmo e aos seus integrantes.”<sup>1312</sup>

Pereira e Gomes lembram a importância do conhecimento religioso dos velhos que se destacam como rezadores, curandeiros, capitães, guias de iniciação etc.

Pais e mães-de-santo surgem diversas vezes nas letras de samba, sempre tratados com respeito e fé. Basta lembrar do “mais velho é batata, diz tudo na exata” do samba “Pisei no despacho”, de Geraldo Pereira.

O mesmo pode ser dito a respeito dos sambistas mais velhos, sempre venerados nas letras de sambas, sejam mortos como Paulo Portela, Cartola, Bide, Alvaiade, Carlos Cachaca, Nelson Cavaquinho, Aniceto do Império, Clementina de Jesus, Zé Kéti, Ataulfo Alves, Noel Rosa e Manacéa, ou vivos, os “da antiga” ou da “velha guarda”, como Nelson Sargento, Jair do Cavaquinho, Batatinha, João Curumim, Bombeiro, Martinho da Vila, Monarco, Walter Alfaiate e o próprio Paulinho da Viola, entre tantos outros mestres.

Como diz Pedro Oscar, mestre de Folia de Reis em Jequitibá “o novo pode mas o velho sabe”.<sup>1313</sup>

Talvez o fato de o velho ter um lugar natural, lógico, definido e valorizado na comunidade tradicional seja o que explica a recorrência do tema do envelhecimento nas letras de samba.

Destaco que muitos desses sambas foram criados por sambistas que, na época, eram jovens como Paulinho da Viola, Candeia, Wilson Batista, Noel Rosa, Bide, Sílvio Caldas etc.

Vejamos alguns exemplos. Começo com “Minhas madrugadas”, de Paulinho da Viola e Candeia:

*Vou pelas minhas madrugadas a cantar  
Esquecer o que passou  
Trago a face marcada  
Cada ruga no meu rosto  
Simboliza um desgosto  
Quero encontrar em vão  
O que perdi  
Só resta a saudade*

---

<sup>1312</sup> Idem, ibidem, p.227

<sup>1313</sup> Idem, ibidem, p.228

*Não tenho paz  
E a mocidade que não volta mais*

*Quantos lábios beijei  
Quantas mãos afaguei  
Só restou saudade no meu coração  
Hoje fitando o espelho  
Eu vi meus olhos vermelhos  
Compreendi que a vida que eu vivi foi ilusão<sup>1314</sup>*

Passo para o grande samba “Adeus mocidade”, de Roberto Martins e Benedito Lacerda:

*Adeus minha mocidade, adeus  
Passado que me deixou saudade  
Conservo ainda um amor nos sonhos meus  
Por isso eu digo adeus  
Mocidade adeus, adeus*

*Adeus minha mocidade, adeus  
Passado que me deixou saudade  
Conservo ainda um amor nos sonhos meus  
Por isso eu digo adeus ô mocidade*

*A sorte sempre me favoreceu  
Não, não houve homem mais feliz do que eu  
Amei bastante  
Fui inconstante  
Por isso eu digo  
Mocidade, adeus, adeus, adeus*

*Adeus minha mocidade, adeus  
Passado que me deixou saudade  
Conservo ainda um amor nos sonhos meus  
Por isso eu digo adeus ô mocidade  
Por isso eu digo adeus ô mocidade  
Por isso eu digo adeus ô mocidade<sup>1315</sup>*

Ou “Cabelos brancos”, de Marino Pinto e Herivelton Martins:

*Não falem dessa mulher perto de mim  
Não falem pra não lembrar minha dor  
Já fui moço, já gozei a mocidade  
Se me lembro dela me dá saudade*

---

<sup>1314</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola e Elton Medeiros. Samba da Madrugada, Coleção Reviva, Som Livre, 2002*).

<sup>1315</sup> MARTINS, Roberto (*Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, JBC 0709011, s/d, gravado em 1991*).

*Por ela vivo aos trancos e barrancos  
Respeitem ao menos os meus cabelos brancos*

*Ninguém viveu a vida que eu vivi  
Ninguém sofreu na vida o que sofri  
As lágrimas sentidas  
Os meus sorrisos francos  
Refletem-se hoje em dia  
Nos meus cabelos brancos*

*Agora, em homenagem ao meu fim  
Não falem dessa mulher perto de mim<sup>1316</sup>*

Jair do Cavaquinho, Jandy e Ari Araujo também têm um samba com o título “Cabelos brancos”:

*Quando os cabelos brancos em silêncio dizem mais  
O corpo já não tem a mesma agilidade  
O rosto já marcado se revela no espelho  
Você está mais velho  
As mulheres já não têm aquele mesmo interesse  
Em seus sonhos só saudades  
Alguns velhos endereços  
Outros tantos esquecidos  
É a vida que anoitece  
Você está mais velho<sup>1317</sup>*

“Degraus da vida”, de Nelson Cavaquinho e A.Braga é um grande clássico do samba:

*Sei que estou  
No último degrau da vida, meu amor  
Já estou envelhecido, acabado  
Por isto muito eu tenho chorado  
Eu não posso esquecer o meu passado*

*Foram-se meus vinte anos de idade  
Já vai muito longe a minha mocidade  
Sinto uma lágrima rolar sobre meu rosto  
É tão grande o meu desgosto<sup>1318</sup>*

“Fui louco”, de Noel Rosa e Bide, é outro exemplo:

*Fui louco  
Resolvi tomar juízo*

---

<sup>1316</sup> OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA, vol. 9, São Paulo, BMG Brasil, 1997.

<sup>1317</sup> JAIR DO CAVAQUINHO (*Seu Jair do Cavaquinho*. EMI, Rio de Janeiro, 2002).

<sup>1318</sup> NELSON CAVAQUINHO (*Depoimento do Poeta*. LP Continental 1974).



*A idade vem chegando e é preciso  
Se eu choro  
Meu sentimento é profundo  
Ter perdido a mocidade na orgia  
Maior desgosto do mundo  
Fui louco, fui louco  
Nesse mundo ingrato e cruel  
Eu já desempenhei o meu papel  
E da orgia então já pedi minha demissão<sup>1319</sup>*

Nei Lopes, Wilson Moreira e Juan Carlos abordaram o assunto em “Gotas de veneno”

*Olha nos meus olhos  
Vê quanta tristeza  
Vê quantas marcas esse amor deixou  
Vê quanta lágrima chorei  
Vê quanta dor*

*Olha meus cabelos  
Embranqueceram até perder a cor  
Não foram gotas de sereno  
Foi mesmo o veneno cruel desse amor  
Nunca pensei que um lindo frasco tão pequeno  
Pudesse comportar, meu Deus, tanto veneno  
Foi dose mortal  
Fez tão grande mal  
Mas eu quero outra vez  
Basta um só olhar  
Para reparar  
Todo o mal que ela me fez<sup>1320</sup>*

Zé Kéti e Nelson Cavaquinho compuseram um dos mais belos sambas sobre o tema do envelhecimento, “O meu pecado”, um clássico de nossa canção popular:

*O meu pecado  
Foi querer na minha mocidade amar tantas mulheres  
O tempo já passou  
Eu sinto saudade*

*O meu pecado  
Foi passar noites em serestas e bebendo por aí  
Pela cidade*

*Nem com dinheiro as mulheres*

---

<sup>1319</sup> MESTRE MARÇAL (*Mestre Marçal. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1991).

<sup>1320</sup> NEI LOPES (*Nei Lopes. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1999).

*Já não me desejam mais  
Ah se eu pudesse voltaria  
Ao meu tempo de rapaz<sup>1321</sup>*

Outro clássico é “Meus vinte anos”, de Wilson Batista e Sílvio Caldas, samba gravado em 1942 época em que ambos os autores estavam na faixa dos trinta anos.

*Nos olhos das mulheres  
No espelho do meu quarto  
É que eu vejo a minha idade  
Um retrato na sala  
Faz lembrar com saudade  
Da minha mocidade  
A vida para mim  
Tem sido tão ruim  
Só desenganos  
Ah eu daria tudo  
Para poder voltar  
Aos meus vinte anos  
Deixaste em minha vida  
A sombra colorida  
De uma saudade imensa  
Deixando-me, ficaste  
Mostrando-me, contaste  
Matando a minha crença  
E hoje desiludido  
Muito tenho sofrido  
Tenho vivido de enganos  
Ah, eu daria tudo  
Prá poder volta aos meus vinte anos<sup>1322</sup>*

“Não deixe o samba morrer”, de Edson e Aloísio, fala no legado do sambista mais velho:

*Quando eu não puder pisar na avenida  
Quando as minhas pernas não puderem agüentar  
Levar meu corpo  
Junto com meu samba  
O meu anel de bamba, entrego a quem mereça usar  
Eu vou ficar no meio do povo espiando  
Minha escola perdendo ou ganhando  
Mais um carnaval  
Antes de me despedir, deixo ao sambista mais novo  
O meu pedido final  
Não deixe o samba morrer, não deixe o samba acabar*

---

<sup>1321</sup> ZÉ KÉTI (*Sucessos de Zé Kéti*. São Paulo, Intecd records, R 31008, 2000 (LP 1982) .

<sup>1322</sup> SILVA, Roberto (*Roberto Silva. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, JBC 0709025, s/d, gravado em 1990).

*O morro foi feito de samba  
De samba pra gente sambar<sup>1323</sup>*

“O coração não envelhece”, de Ataulfo Alves, é outro exemplo:

*Ai quanto eu sofro  
Pelo amor daquela ingrata  
As rugas no meu rosto vêm chegando  
E os meus cabelos já estão se prateando  
Quem é sonhador perde seu amor  
Mas a alma não decresce  
Sofre, chora lágrimas de dor  
Mas o coração não envelhece<sup>1324</sup>*

Vale lembrar o grande samba “Quantas lágrimas”, de Manacéia:

*Ai, quantas lágrimas eu tenho derramado  
Só em saber que não posso mais  
Reviver o meu passado  
Eu vivia cheio de esperança e de alegria  
Eu cantava, eu sorria  
Mas hoje em dia eu não tenho mais  
A alegria dos tempos atrás  
A melancolia que os meus olhos trazem  
Ai, quanta saudade a lembrança traz  
Se houvesse retrocesso na idade  
Eu não teria saudade da minha mocidade<sup>1325</sup>*

“Saudade do passado”, de Francisco Alves, David Nasser e Gomes Cardim, é mais um exemplo:

*Eu estou envelhecendo  
Que saudade do passado!  
Choro ao ver nos espelhos  
Meu cabelo prateando  
Você que está me acabando!  
O que mais me desespera  
Não é o medo da saudade  
É saber que nos seus braços  
Eu perdi a mocidade  
Que saudade, que passado!  
Que destino foi o meu!  
Quanto eu tenho chorado  
Depois que o nosso amor morreu<sup>1326</sup>*

---

<sup>1323</sup> NOITE ILUSTRADA (*Eu sou o samba*. São Paulo, OuverRecords/Camerati, s/d).

<sup>1324</sup> ATAULFO ALVES (*Vida de minha vida*. Vol. 1. Paraná, Revivendo, RVCD 086, s/d).

<sup>1325</sup> BUARQUE Cristina (*Os grandes sambas da história*, vol 4, São Paulo, BMG Brasil, 1997).

<sup>1326</sup> FRANCISCO ALVES (*O rei da voz canta*, Revivendo Músicas Comercio de Discos Ltda., Curitiba, s/data).

Outro exemplo: “Deslize da vida”, de Argemiro e Francisco Santana

*A vida  
Não é somente doce  
Tem que haver amargura  
Para se dar o valor*

*Eu tive minha mocidade  
Hoje sou um senhor de idade  
Conheci sofrimento e dor  
Amigos também já tive bastante  
Não me largavam um instante  
Quando tudo corria bem*

*Sumiram todos  
Na minha adversidade  
Agora não tenho nenhum  
E para ter algum  
Tem que ser de verdade*

*O destino traiçoeiro  
Que de mim quis se vingar  
Eu que era tão feliz  
Quando construí meu lar*

*Tive um deslize na vida  
Por um motivo qualquer  
Além de perder os amigos  
Perdi também minha mulher<sup>1327</sup>*

Concluo com “O que é feito de você” de Cartola

*O que é feito de você  
Ó minha mocidade  
Ó minha força,  
A minha vivacidade?  
O que é feito dos meus versos  
E do meu violão?  
Troquei-os sem sentir  
Por um simples bastão  
E hoje quando eu passo  
A gurizada pasma  
Horrorizada como quem  
Vê um fantasma  
E um esqueleto humano assim vai  
Cambaleando quase cai, não cai  
Pés inchados, passos em falso  
O olhar embaçado*

---

<sup>1327</sup> PATROCÍNIO, Argemiro (Argemiro Patrocínio Promotor, EMI, s/d).

*Nenhum amigo ao meu lado  
Não há por mim compaixão  
A tudo vou assistindo  
A ingratidão resistindo  
Só sinto falta dos meus versos  
Da mocidade e do meu violão*<sup>1328</sup>

Como disse, o tema do envelhecimento é recorrente no samba, sempre tratado com uma verdade, uma concretude e uma crueza impressionantes. No *modelo de consciência* popular a velhice faz parte do *senso comum*, tem lugar claro e definido na existência e, por esta razão, pode ser abordada e chorada com naturalidade e sem constrangimentos. Todos, cedo ou tarde, passarão por ela. Faz parte da sabedoria popular e do *senso comum* saber encará-la.

O tema quase não aparece no discurso da moderna música popular, pelo menos desde os tempos da bossa nova. Talvez porque, embora inerente à existência concreta, não exista na modernidade um lugar claro, aceitável e lógico para o envelhecimento. Há, naturalmente, exceções. Uma delas é a bela canção pós-tropicalista “O homem velho” de Caetano Veloso

*O homem velho deixa vida e morte para trás  
Cabeça a prumo, segue rumo e nunca, nunca mais  
O grande espelho que é o mundo ousaria refletir os seus sinais  
O homem velho é o rei dos animais*

*A solidão agora é sólida, uma pedra ao sol  
As linhas do destino nas mãos a mão apagou  
Ele já tem a alma saturada de poesia, soul e rock'n roll  
As coisas migram e ele serve de farol*

*A carne, a arte arde, a tarde cai  
No abismo das esquinas  
A brisa leve traz o olor fugaz  
Do sexo das meninas*

*Luz fria, seus cabelos têm tristeza de néon  
Belezas, dores e alegrias passam sem um som  
Eu vejo o homem velho rindo numa curva do caminho de Hebron  
E ao seu olhar tudo o que é cor muda de tom*

*Os filhos, filmes, ditos, livros como um vendaval  
Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal  
Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual  
Já tem coragem de saber ser imortal*<sup>1329</sup>

---

<sup>1328</sup> CARTOLA (*Verde que te quero rosa*. BMG, 2001, gravação de 1977).

<sup>1329</sup> VELOSO, Caetano. op. cit., p. 241.

Trata-se certamente de um texto que enriquece a música brasileira. No que concerne a este estudo, é preciso notar a visão distanciada, o discurso intransitivo “sobre” a velhice e a morte: alguém distanciada, “o homem velho deixa vida e morte para trás”. Fora isso, temos o caráter reflexivo e crítico que medita, especula e teoriza sobre a vida: “O grande espelho que é o mundo” ou “Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual/ já tem coragem de saber que é imortal” ou “os filhos, filmes, ditos, livros como um vendaval/ Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal”, tudo isso através de um discurso que opta pela descontinuidade, pelas analogias e pela fragmentação. Note-se que “O homem velho” é um discurso ligado à literatura escrita e requer interpretação.

Outra exceção é a interessante canção “Velhos e jovens” de Péricles Cavalcanti e Arnaldo Antunes:

*Antes de mim vieram os velhos  
Os jovens vieram depois de mim  
E estamos todos aqui*

*No meio do caminho dessa vida  
Vinda antes de nós  
E estamos todos aqui*

*No meio do caminho dessa vida  
E estamos todos no meio  
Quem chegou e quem faz tempo que veio  
Ninguém no início ou no fim*

*Antes de mim vieram os velhos  
Os jovens vieram depois de mim  
E estamos todos aqui*<sup>1330</sup>

Seus traços de modernidade parecem claros: embora o discurso utilize linguagem acessível e seja expressão de uma pessoa que se situa numa rede de relações, a voz examina o fato com distanciamento e impessoalidade (não se sabe o que ela sente), visão secularizada e pouco interesse pela tradição (valorização do passado) ou pelo futuro (a crença num amanhã utópico). Note-se ainda o tom objetivo, assertivo e explicativo.

---

<sup>1330</sup> “Velhos e jovens” Péricles Cavalcanti e Arnaldo Antunes (CALCANHOTO, Adriana. *Senhas*, Columbia, s/d).

### 7.8 O tema da esperança

A visão religiosa da existência que costuma crer na justiça final e na vontade de Deus (ou deuses) determinando os rumos e as coisas do mundo, somada à crença no processo de *renovação periódica do mundo*, implica a esperança edênica e no otimismo utópico. Como disse em outra parte, para o *modelo de consciência* popular, há um equilíbrio relativista e natural entre o Bem e o Mal, “não há mal que sempre dure, nem mal que nunca acabe”, “um dia é da caça, o outro do caçador”, “atrás do tempo, tempo vem”, “a vida é ruim mas ninguém quer morrer”, “cada um por si e Deus por todos”, “Deus escreve certo por linhas tortas”, “Deus ajuda a quem trabalha”, “Deus dá o frio conforme o cobertor”, “não há mestre como o mundo”, “o melhor tempero é a fome”, “o sol nasce para todos”, “o velho que se cura, cem anos dura”, “em toda parte há um pedaço de mau caminho”, “dia de pouco, véspera de muito”, “entre o princípio e o fim há sempre um meio”, “quem sofre com paciência não sente o peso da cruz”, “tem paciência que o peixe aí vem” ou, como vimos, “no fim tudo dá certo; se não deu certo é porque não chegou no fim”. É, creio, a partir de pressupostos assim, construídos a partir de uma visão mítica e religiosa, assim como, paradoxalmente, pragmática, que nasce a noção de “final feliz”

Nem todos os ditados são otimistas. Diz o povo, por exemplo, que “homem velho, saco de azares” ou “quando o meu mal for velho, o seu será novo”. Não se trata propriamente de pessimismo mas sim de constatações impostas pelo senso comum. No geral, entretanto, é possível dizer que o otimismo e a esperança imperam no discurso popular.

Por outro lado, num *modelo de consciência* que pressupõe o indivíduo autônomo, o processo histórico, evolutivo e linear, a secularização e o pensamento crítico e distanciado, o ceticismo e o pessimismo parecem ser naturais e fazem todo sentido. Como vimos, num modelo assim, a vida é um constante processo entrópico de declínio rumo à degeneração e à morte única e definitiva. Nesse sentido, tudo necessariamente piora, afinal envelhecemos constantemente e a mocidade e a saúde vão sempre ficando para trás. A partir desta concepção, quando um indivíduo morre, na verdade, absolutamente tudo morre pois ele é o centro e a única razão de ser da vida e do mundo.

Vimos também que Jack Goody relacionou a escrita à visão cética à objetividade, autonomia e impessoalidade, traços da cultura escrita. Para ele, vale repetir, a escrita, a aprendizagem e o uso da escrita alfabética “tornaram possível examinar o discurso de uma

outra maneira, emprestando à comunicação oral uma forma semipermanente. Este exame permitiu dilatar o raio de acção da actividades crítica e, portanto, da racionalidade, do cepticismo e da lógica por forma a ressuscitar a recordação de todas essas dicotomias duvidosas. (...) Simultaneamente, aumentaram as possibilidades de acumular conhecimento, em especial o conhecimento de tipo *abstract*, pois a escrita transformou tanto a natureza da comunicação, fazendo-a ir além dos contactos pessoais, como o sistema de armazenamento de informação.”<sup>1331</sup>

De fato, no discurso da moderna música popular a visão cética, crítica, sarcástica e pessimista tende a predominar.

Nas letras de samba ocorre justamente o contrário. O otimismo e a esperança são traços recorrentes no discurso do samba, facilmente encontráveis em quase todas as letras.

Na poética de Paulinho da Viola, a esperança não é tema relevante, talvez por ser ele um artista mediador, situado entre a tradição e a modernidade, muito embora mais comprometido com aquela. Mesmo assim, vejamos a letra de “Pra jogar no oceano”:

*Ê, marujo, ê  
Que vive navegando  
Te dou meu sofrimento  
Pra jogar no oceano  
Se der no teu navio  
Leva mais um desengano  
Leva de vez a saudade  
Apaga a lembrança do que se perdeu  
Ficando comigo a chama da vida  
Eu canto a esperança que nunca morreu  
Sei qual a minha sentença  
O vento é quem tira a poeira de tudo  
A gente lamenta e depois reconhece  
Que o amor não se acaba nas dores do mundo  
Leva marujo a tristeza  
E parte o punhal que a inveja lançou  
Ele contém o veneno  
Que pode matar meu desejo de amor  
Tira as setas do ciúme  
Que foram jogadas no meu coração  
Pois o meu ideal se resume  
Em ter meu destino na palma da mão<sup>1332</sup>*

---

<sup>1331</sup> GOODY, op. cit. p.47

<sup>1332</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Musica! O melhor da música de Paulinho da Viola*, WEA, 1996, gravado em 1981).



“A flor e o samba”, de Candeia, aborda a esperança

*Vem sambar, yayá  
Vem sambar, yoyô  
Yayá, yoyô  
Só vive pior  
Quem não vai sambar na avenida  
O samba é o tesouro maior  
Que se deixa vida  
O samba é a liberdade  
Sem sangue e sem guerra  
Quem samba de boa vontade  
Tem paz nessa terra<sup>1333</sup>*

“Alvorada”, de Cartola, é um samba cheio de otimismo:

*Alvorada lá no morro que beleza  
Ninguém chora, não há tristeza  
Ninguém sente dissabor  
E o sol colorido, é tão lindo, é tão lindo  
E a natureza sorrindo, tingindo, tingindo*

*Você também me lembra a alvorada  
Quando chega iluminando meus caminhos tão sem vida  
E o que me resta é bem pouco, quase nada  
De seguir assim vagando, numa estrada perdida<sup>1334</sup>*

“Aurora de paz”, de Elton Medeiros e Cacaso, aconselha, mas pressupondo o “nós” e a familiaridade:

*Olha prá frente  
E sente essa aurora  
Que vai nascer  
Segue adiante  
Pois em cada instante  
Você vai ver  
Que o amor que a gente perde  
Nasceu para se perder  
E se o amor da gente morre  
A gente não vai morrer  
Se não ficou  
Era ilusão  
Não seja assim tão infeliz  
Que ainda existe um coração  
Que vai abrigar outro amor  
Diferente da ilusão*

---

<sup>1333</sup> BETH CARVALHO (*Pérolas do pagode*, Globo Polydor, São Paulo, 1998).

<sup>1334</sup> CARTOLA (*Cartola*. LP Marcus Pereira, 1974).

*Enfrente a vida sorrindo  
Nossa manhã já vem vindo  
Repare que dia lindo  
Pra lhe consolar  
Prepare o seu coração  
Que essa aurora é de paz  
E quem já sofreu uma vez  
Dessa vez não sofre mais  
Prá nunca mais<sup>1335</sup>*

“Canta canta minha gente”, de Martinho da Vila, comemora a alegria de viver:

*Canta, canta minha gente  
Deixa a tristeza pra lá  
Canta forte, canta alto  
Que a vida vai melhorar  
Cantem o samba de roda  
O samba-canção e o samba rasgado  
Cantem o samba-de-breque  
O samba moderno e o samba quadrado  
Cantem ciranda e frevo  
O coco, maxixe, baião e xaxado  
Mas não cantem essa moça bonita  
Porque ela está com o marido do lado  
Quem canta seus males espanta  
Lá em cima do morro ou sambando no asfalto  
Eu canto o samba-enredo  
Um sambinha lento ou um partido-alto  
Há muito tempo não ouço  
O tal do samba sincopado  
Só não dá pra cantar mesmo  
É vendo o sol nascer quadrado<sup>1336</sup>*

O mesmo acontece com “Deixa a vida me levar”, de Serginho Meriti e Eri do Cais:

*Eu já passei por quase tudo nessa vida  
Em matéria de guarida não chegou a minha vez  
Confesso que sou de origem pobre  
Mas meu coração é nobre  
Foi assim que Deus me fez  
Deixa a vida me levar  
(Vida leva eu)  
Deixa a vida me levar  
Vida leva  
(vida leva eu)  
Deixa a vida me levar*

---

<sup>1335</sup> MEDEIROS Elton (*Aurora da Paz*. Rio de Janeiro, Rob Digital, RD 038, s/d).

<sup>1336</sup> MARTINHO DA VILA (*Canta, canta minha gente*. São Paulo, BMG/RCA, 1989).

*(vida leva eu)*  
*Sou feliz e agradeço*  
*Por tudo o que Deus me deu*  
*Só posso levantar as mãos pro céu*  
*Agradecer e ser fiel ao destino que Deus me deu*  
*Se não tenho tudo o que preciso*  
*Com o pouco que tenho vivo*  
*De mansinho lá vou eu*  
*Se a coisa não sai do jeito que eu quero*  
*Também não me desespero*  
*O negócio é deixar rolar*  
*E aos trancos e barrancos lá vou eu*  
*E sou feliz e agradeço por tudo o que Deus me deu*<sup>1337</sup>

“Eu e as rosas”, de Jair do Cavaquinho, também canta a esperança

*As rosas, muitas rosas*  
*Não saem da minha imaginação*  
*É a rosa da saudade*  
*Rosa da esperança, rosa da compreensão*  
*Uma destas rosas*  
*Que mora dentro do meu coração*  
*Uma destas rosas*  
*Que mora dentro do meu coração*  
*Rosas, rosas, rosas*  
*Que engalanam o meu jardim*  
*Quem zela por essas rosas*  
*É a rosa que zela por mim*  
*Quem zela por essas rosas*  
*É a rosa que zela por mim*<sup>1338</sup>

Vamos ver o clássico “Juízo final”, de Nelson Cavaquinho e Elcio Soares:

*O sol*  
*Há de brilhar mais uma vez*  
*A luz*  
*Há de chegar nos corações*  
*Do mal*  
*Será queimada a semente*  
*O amor*  
*Será eterno novamente*  
  
*É o juízo final*  
*A história do bem e do mal*  
*Quero ter olhos pra ver*  
*A maldade desaparecer*<sup>1339</sup>

---

<sup>1337</sup> PAGODINHO, Zeca (*Acústico MTV*. Rio de Janeiro, Universal, 2003).

<sup>1338</sup> JAIR DO CAVAQUINHO (*Seu Jair do Cavaquinho*. EMI, Rio de Janeiro, 2002).

<sup>1339</sup> NELSON CAVAQUINHO (*Nelson Cavaquinho*, Rio de Janeiro, EMI Odeon, 2003, gravado em 1973).

Agora “Minha festa”, de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito:

*Graças a Deus minha vida mudou  
Quem me viu quem me vê  
A tristeza acabou  
Contigo aprendi a sorrir  
Escondeste o pranto de quem sofreu tanto  
Organizaste uma festa em mim  
É por isso que eu canto assim  
Lá lá laia laia laia...<sup>1340</sup>*

Em “O bom sofredor”, de Tieres Canedo, temos mais um exemplo:

*Alô gente, tudo bem, tudo legal  
Eu não tenho dinheiro, mas tenho saúde, não vou muito mal*

*O sofrer é da vida  
E o bom sofredor não reclama  
Quando posso como bem  
Quando tá ruim vou de pão com banana*

*Eu sei que às vezes dói  
Não ter um chinelo pra calçar  
Só com a roupa do corpo  
Eu fico pelado esperando secar  
Quando tem que lavar  
Mas eu não desanimo  
Vou vivendo com perseverança  
Eu conheço o sofrimento  
Desde o tempo de criança<sup>1341</sup>*

O samba “O sol nascerá”, de Cartola e Elton Medeiros, deu sorte. Fez a vida de Cartola finalmente melhorar graças à gravação de Nara Leão

*A sorrir  
Eu pretendo levar a vida  
Pois chorando  
Eu vi a mocidade perdida*

*Fim da tempestade  
O sol nascerá  
Finda essa saudade  
Hei de ter outro alguém para amar<sup>1342</sup>*

Em “Pandeiro e viola”, de Gracia do Salgueiro temos:

---

<sup>1340</sup> NELSON CAVAQUINHO (*Nelson Cavaquinho*, Rio de Janeiro, EMI Odeon, 2003, gravado em 1973).

<sup>1341</sup> BEZERRA DA SILVA (*Grandes Sucessos de Bezerra da Silva. Vol 2* Rio de Janeiro, Cid, s/d).

<sup>1342</sup> CARTOLA (*Cartola.* , LP Marcus Pereira, 1974).

*Ô pandeiro, ô viola  
Cantarolando é que a nossa tristeza vai embora  
Pandeiro, ô pandeiro, pandeiro, ô viola  
Cantarolando é que a nossa tristeza vai embora*

*Pra curar melancolia  
Pra curar melancolia  
A tristeza é quem chora  
O remédio é um pandeiro  
Luar e um terreiro  
E viola<sup>1343</sup>*

“Sonhando que sou feliz”, de Arlindo Cruz, Marquinho PQD e Franco fala em sonhar de ser feliz:

*Lalarararaiá, lalarararaiá  
Eu sou feliz  
Eu sou feliz  
Sonhando eu sou feliz  
Eu dou um duro danado  
Tô todo endividado  
Tô que nem desempregado na fila do PIS  
Tô sonhando, mas eu sou feliz  
Só assim eu sou feliz*

*Andam fazendo de tudo  
Querendo tirar meu humor  
Greve de paz, greve de amor  
Se andam espalhando bomba  
Um malandro bom não tomba  
Dá uma volta redonda  
E acorda o país*

*Tô sonhando, mas sou feliz  
Só assim eu sou feliz  
Tô sonhando, mas sou feliz  
Só assim eu sou feliz*

*Andam fazendo de tudo  
Querendo meu pranto rolar  
Chega de dor, chega de dar  
Se andam cobrando na dura  
Um bom malandro pendura  
Jura que não paga juros  
E salva o país*

---

<sup>1343</sup> BETH CARVALHO (*Beth Carvalho, Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1996).

*Tô sonhando, mas sou feliz  
Só assim eu sou feliz  
Tô sonhando, mas sou feliz  
Só assim eu sou feliz  
Andam fazendo de tudo  
Querendo que eu fique pinel  
Gente sem sal  
E gente sem mel  
Se andam plantando a derrota  
Um bom malandro que vota  
Faz uma reviravolta e elege o país*

*Tô sonhando, mas sou feliz  
Só assim eu sou feliz  
Tô sonhando, mas sou feliz  
Só assim eu sou feliz<sup>1344</sup>*

Vejamos agora “Sempre a sonhar” de Ruy Quaresma e Martinho da Vila:

*Quando o sonho acontecer  
E todo o morro descer  
Numa tremenda euforia  
Eu, vou tentar me segurar  
Pra não gritar, nem chorar  
E nem cair na orgia  
Vou, subir o morro sozinho  
Olhar o céu de pertinho  
E procurar a estrela  
Onde estão a Gilda pretinha  
O seu Eurico e o Birica  
Primeiro compositor  
Vou rezar pro seu China  
O velho sonhador  
Que criou a tal Vila bonita que me encantou  
E quando a estrela sumir  
O dia amanhecer  
Quero encontrar a Peti  
Pra com a Gilda branquinha  
Ir bater nas tendinhas  
Só então vou cantar  
Vou beber vou comemorar  
Só então vou cantar  
Vou beber vou comemorar<sup>1345</sup>*

Vale a pena lembrar um trecho de “Só vendo que beleza” :

---

<sup>1344</sup> BETH CARVALHO (*Beth Carvalho, Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1996).

<sup>1345</sup> MARTINHO DA VILA (*Martinho da Vila Isabel*, BMG/RCA, São Paulo, 2003, gravado em 1984).

*Eu tenho uma casinha lá na Marambaia  
Fica na beira da praia  
Só vendo que beleza  
Tem uma trepadeira que na primavera  
Fica toda enfiada de brincos de princesa  
Quando chega o verão  
Eu sento na varanda  
Pego o violão começo a cantar  
Minha morena que está sempre bem disposta  
Senta-se a meu lado também a cantar<sup>1346</sup>  
(...)*

Encerro com o clássico “Volta por cima”, de Paulo Vanzolini :

*Chorei, não procurei esconder  
Todos viram, fingiram  
Pena de mim, não precisava  
Ali onde eu chorei  
Qualquer um chorava  
Dar a volta por cima que eu dei  
Quero ver quem dava  
  
Um homem de moral não fica no chão  
Nem quer que mulher  
Venha lhe dar a mão  
Reconhece a queda e não desanima  
Levanta, sacode a poeira  
E dá a volta por cima<sup>1347</sup>*

### **7.9 O tema da festa**

Em seu estudo sobre a cultura na rua, Carlos Rodrigues Brandão descreve a festa como um certo espírito coletivo que periodicamente deve ser resgatado, algo que ocorre através de um “nós”, dentro de seus participantes, e que, ao mesmo tempo, os identifica e os une. Segundo Brandão, “[a] vida passa, passamos. Tudo muda, e tudo é o mesmo: mudamos, somos agora o que não éramos ainda, mas somos os mesmos, diversos: ao mesmo tempo um *outro* e *eu*. Envelheço, ‘vejo em mim o tempo do mundo passar’ e isso pesa. Mas eis que os símbolos dos sistemas de festas de que sou parte, ou alvo, aos poucos me ensinam a substituir a pura energia do desejo do prazer, ou o temor de seu fim em mim, pela serena vontade de conviver em paz comigo mesmo, entre todos, e possuir a compreensão de tudo. Eis que a festa

---

<sup>1346</sup> HENRICÃO (*Henricão. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, JBC 0709073, s/d, gravado em 1973)

<sup>1347</sup> NOITE ILUSTRADA (*Sucessos*, Rio de Janeiro, Gravadora, 2003, gravação 1972).

restabelece laços. Sou eu que se festeja, porque eu *sou* daqueles e daquilo que *faz* a festa. Estou sólida e afetivamente ligado a uma comunidade de *eus-outros* que cruzam comigo a viagem do peso da vida e da realíssima fantasia exata das festas que nos fazemos, para não esquecer isto. Juntos, diferencialmente irmanados, pedimos à festa a evidência de que tudo isso, que é a vida, e a vida impositivamente social, é suportável e até bom, porque sendo irrecusável, pode ser até previsível se revivido com afeto e com sentido”.<sup>1348</sup>

Brandão vê a festa, algo que poderia ser considerado “banal”, como um costume e um lugar social onde as pessoas se religam a si mesmas através do religamento com o Outro. Um complexo e impalpável processo humano que envolve “afeto” e “sentido”.

Kerényi, apud Johan Huizinga, ensinava que “[e]ntre as realidades psíquicas (...) a festa é uma entidade autônoma, impossível de se assimilar a qualquer outra coisa que exista no mundo”.<sup>1349</sup>

O mesmo Huizinga lembrou que tanto a festa como o jogo implicam uma espécie de suspensão, a eliminação da vida cotidiana. “Em ambos predominam a alegria, embora não necessariamente, pois também a festa pode ser séria. Ambos são limitados no tempo e no espaço. Em ambos encontramos uma combinação de regras estritas com a mais autêntica liberdade.”<sup>1350</sup>

Note-se que podemos considerar a festa em si como um procedimento invariante. Não faz sentido relacionar, por exemplo, “evolução” e festa. As festas podem mudar conforme as culturas, mas a entidade “festa” sempre prevalece.

A festa parece ser mesmo o símbolo por excelência da vida em sociedade, do viver comunitário e relacional, do compartilhamento que periodicamente se restabelece para reforçar as identidades, as culturas e o sentido da vida.

Dois outros pontos merecem ser ressaltado: a festa é um fenômeno humano absolutamente social em que o “todo” e o “nós” tendem a prevalecer sobre a “parte” e o “eu” e, além disso, por ser relacional, ela tende a se desenvolver de forma assistemática e não-controlável.

---

<sup>1348</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. 2ª ed. Campinas, Papirus, 2001, p.9

<sup>1349</sup> HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. Trad. João Paulo Monteiro, São Paulo, Perspectiva, 1996, p. 25.

<sup>1350</sup> Idem, *ibidem*. p.25.



Vimos já a importância essencial dos encontros pessoais (op. individuais), familiares, de vizinhança, de camaradagem, momentos comunitários fundamentais no âmbito da cultura popular.

Sem dúvida, a noção de festa, samba, forró, pagode, fuzuê, forrobodó, sarau, mafuá, pavana, arrasta-pé, balancê (baile), maxixe, lundu, roda, folguedo, folia, carnaval, noções eminentemente sociais, são recorrentes nas letras de samba, e mesmo 'quase indissociáveis do samba, sempre sinalizando a vida comunitária, a valorização do "nós", o encontro, o prazer, a alegria e o divertimento compartilhado.

Começo com "No pagode do Vavá" de Paulinho da Viola:

*Domingo, lá na casa do Vavá  
Teve um tremendo pagode  
Que você não pode imaginar  
Provei do famoso feijão da Vicentina  
Só que é da Portela é que sabe  
Que a coisa é divina  
Tinha gente de todo lugar  
No pagode do Vavá*

*Nego tirava o sapato, ficava à vontade  
Comia com a mão  
Uma batida gostosa que tinha o nome  
De doce ilusão*

*Vi muita nega bonita  
Fazer partideiro ficar esquecido  
Mas apesar do ciúme  
Nenhuma mulher ficou sem marido*

*Um assovio de bala  
Cortou o espaço e ninguém machucou  
Muito malandro corria  
Quando Elton Medeiros chegou  
Minha gente não fique apressada  
Que não há motivo pra ter correria  
Foi um nego que fez 13 pontos  
E ficou maluco de tanta alegria<sup>1351</sup>*

Vejamos agora a letra de "Alegria", de Assis Valente e Durval Maia

*Alegria pra cantar a batucada  
As morenas vão sambar  
Quem samba tem alegria  
Minha gente era triste, amargurada*

---

<sup>1351</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Perfil*, Som Livre, São Paulo, 2003, gravado em 1972).

*Inventou a batucada  
Pra deixar de padecer  
Salve o prazer, salve o prazer*

*Da tristeza não quero saber  
A tristeza me faz padecer  
Vou deixar a cruel nostalgia  
Vou fazer batucada  
De noite e de dia, vou cantar*

*Esperando a felicidade  
Para ver se eu vou melhorar  
Vou cantando, fingindo alegria  
Para a humanidade  
Não me ver chorar<sup>1352</sup>*

Em “Alegria do nosso Brasil”, Heitor dos Prazeres canta a festa do carnaval num plano, o “Brasil”, pouco comum nas letras de samba, salvo em situações influenciadas pela política da época, caso desse samba gravado em 1939:

*Carnaval  
Alegria do nosso Brasil  
Que seduz  
Com seus encantos mil  
Carnaval  
Que tudo faz esquecer  
Que faz o trovador sonhar  
E nos dá prazer  
E os clarins  
Anunciam este grande dia  
De alegria sem igual  
Que todos nós festejamos  
Alegres cantamos  
Em louvor ao carnaval  
O carnaval  
É a nossa maior alegria  
É o nosso ideal  
O carnaval que desfaz  
Até nossas tristezas  
Neste mundo não há igual<sup>1353</sup>*

“Boca rica”, de Geraldo Pereira e Arnaldo Passos, canta a festa:

*Pessoal, vamos beber  
Pra dona da casa não se aborrecer*

---

<sup>1352</sup> ORLANDO SILVA (*Os grandes sambas da história*, vol.2, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1937).

<sup>1353</sup> NILTON PAZ COM NAPOLEON E SEUS SOLDADOS MUSICAIS (*Os grandes sambas da história*, vol.20, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1939).

*Vamos agradecer a Dona Chica  
Pra gente não perder essa boca rica  
Pessoal...*

*Comida a noite inteira  
Bebida a toda hora  
Mulheres de baiana com barriguinhas de fora  
O samba só acaba  
Depois que rompe a aurora  
A gente tem dinheiro e condução pra ir embora<sup>1354</sup>*

Vejamos “Forró do Devagar”, de Martinho da Vila, Heraldo Devagar e Jorginho Pereira:

*Eu sou do samba  
Mas também vou forrozar  
No forró do Devagar  
No forró do Devagar*

*Tem sanfona tocando  
Mas o teclado ta lá  
E como tem moça bonita  
Pra todo mundo ralar  
Na dança do rala coco  
Até o dia clarear*

*Rala, rala, rala, coco  
Quero ver coco ralar  
Rala, rala, rala, coco  
No forró do Devagar*

*Dando passinhos de samba  
E também um rebolado  
Quem chegar sozinho  
Vai sair acompanhado  
Pode-se dançar juntinho  
Agarradinho ou separado*

*No forró do Devagar, no forró do Devagar  
No forró de Devagar, no forró do Devagar  
No forró do Devagar, no forró do Devagar  
No forró do Devagar*

*Eu quero ver todo mundo sambar<sup>1355</sup>*

---

<sup>1354</sup> GERALDO PEREIRA (*Geraldo Pereira*. Bebel Gilberto e Pedrinho Rodrigues. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1983).

<sup>1355</sup> MARTINHO DA VILA (*O pai da alegria*, COLUMBIA, 1999).

Em “Luz da Light”, Adoniran Barbosa descreve um pagode:

*Lá no morro, quando a luz da Light pifa  
A gente apela pra vela que alumeia também  
Quando tem, se não tem não faz mar  
A gente samba no escuro  
Que é muito mais legal*

*Quando isso acontece  
Há um grito de alegria  
A torcida é grande  
Pra luz vortá só no outro dia  
O dono da casa, estranhando a demora  
E achando impossívi  
Desconfia logo  
Que arguém passou a mão no fuzil  
Do relógio da luz<sup>1356</sup>*

Em “Samba de fato”, de Pixinguinha e Baiano, temos a descrição de outro pagode:

*Samba do partido-alto  
Só vai cabrocha  
Que samba de fato*

*Só vai mulato filho de baiana  
E a gente rica de Copacabana  
Dotô fromado de anê de oro  
Branca cheirosa de cabelo louro, olé*

*Também vai nego que é gente boa  
Crioula prosa, gente da coroa  
Porque no samba nego tem patente  
Tem melodia que maltrata a gente, olé*

*Ronca o pandeiro, chora o violão  
Até levanta poeira do chão  
Partido-alto é samba de arrelia  
Vai na cadência até raiar o dia, olé*

*E quando o samba tá mesmo enfezado  
A gente fica com os óio virado  
Se por acaso tem desarmonia  
Vai todo mundo pra delegacia, olé*

*De madrugada quando acaba o samba  
A gente fica com as perna bamba  
Corpo moído só pedindo cama  
A noite toda só cortando rama, olé*

---

<sup>1356</sup> DEMÔNIOS DA GAROA (Os grandes sambas da história, vol.16, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1965).

*A boca fica com um gosto mau  
De cabo velho de colher de pau  
Porque no samba que não tem cachaça  
Fico zangado fazendo pirraça, olé<sup>1357</sup>*

“Sambei 24 horas”, de Wilson Batista e Haroldo Lobo, fala da alegria contagiante do samba:

*Sambei 24 horas, sambei  
Sambei tanto que a sandália furou  
Ele me viu de madrugada  
Pulando na calçada  
Quando cheguei não quis abrir a porta  
Por favor, ai, ai, ai amor*

*Não deixe sua pretinha  
No sereno que ela vai se resfriar  
Ai Pretinho, eu venho de Madureira  
Tô cansada, quero descansar<sup>1358</sup>*

O tema da festa em si, da confraternização, do encontro comunitário e situado, recorrente no samba, praticamente desaparece no discurso da moderna música popular brasileira. Compare-se, por exemplo, o uso da palavra “alegria”, no discurso popular sempre relacionada a um sentimento coletivo, “nós”, e a “alegria” individualizada, do “eu” livre e autônomo, abordada pela modernidade

*Caminhando contra o vento  
Sem lenço e sem documento  
No sol de quase dezembro  
Eu vou  
O sol se reparte em crimes  
Espaço naves guerrilhas  
Em Cardinales bonitas  
Eu vou  
Em caras de presidentes  
Em grandes beijos de amor  
Em dentes pernas bandeiras  
Bomba e Brigitte Bardot  
O sol nas bancas de revista  
Me enche de alegria e preguiça*

---

<sup>1357</sup> PATRÍCIO TEIXEIRA (*Os grandes sambas da história*, vol.6, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1932).

<sup>1358</sup> WILSON BATISTA (*Wilson Batista. Acervo Funarte da Música Brasileira*. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1985).

*Quem lê tanta notícia?  
Eu vou  
Por entre fotos e nomes  
Os olhos cheios de cores  
O peito cheio de amores vãos  
Eu vou  
Por que não? Por que não?  
Ela pensa em casamento  
E eu nunca mais fui a escola  
Sem lenço e sem documento  
Eu vou  
Eu tomo uma Coca-Cola  
Ela pensa em casamento  
E uma canção e consola  
Eu vou  
Por entre fotos e nomes  
Sem livros e sem fuzil  
Sem fome sem telefone  
No coração do Brasil  
Ela nem sabe até pensei  
Em cantar na televisão  
O sol é tão bonito  
Eu vou  
Sem leço sem documento  
Nada no bolso ou nas mãos  
Eu quero seguir vivendo amor  
Eu vou  
Por que não? Por que não? <sup>1359</sup>*

Basta pensar também em versos como “Eu organizo o movimento/ eu oriento o carnaval/eu inauguro o monumento/ no planalto central do país” ou a letra de “Parque industrial” de Tom Zé:

*Retocai o céu de anil  
Bandeirolas no cordão  
Grande festa em toda a nação  
Despertaí com orações  
O avanço industrial  
Vem trazer nossa redenção*

*Tem garotas propaganda  
Aeromoças e ternura no cartaz  
Basta olhar na parede  
Minha alegria num instante se refaz*

*Pois temos o sorriso engarrafado  
Já vem pronto e tabelado*

---

<sup>1359</sup> “Alegria, alegria” VELOSO, Caetano. *Letra só*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p.56.

*É somente requeantar e usar  
É somente requeantar e usar  
Porque é made made made  
Made in Brazil*

*A revista moralista  
Traz uma lista dos pecados da vedete  
E tem jornal popular  
Que nunca se espreme  
Porque pode derramar  
É um banco de sangue encadernado  
Já vem pronto e tabelado  
É somente folhear e usar  
É somente folhear e usar  
Porque é made made made  
Made in Brazil<sup>1360</sup>*

Trata-se evidentemente de letras criadas e construídas a partir de um determinado *modelo de consciência*, que deve ser associado ao individualismo e à leitura crítica, reflexiva e distanciada da vida e do mundo. Carregam, portanto, bem outras concepções de “alegria” e “festa”.

É interessante observar na letra de Tom Zé o uso da palavra “popular” com o sentido estereotipado e largamente disseminado nas camadas cultas.

Apesar de tudo isso, a modernidade conhece muito bem e usufrui bastante da “festa” no sentido tradicional, alegre, espontâneo e popular. O enfoque, porém, tende a desaparecer de seu discurso.

Um último comentário: a “festa”, tão simples, prosaica, cotidiana e banal, conhecida por qualquer um e em qualquer lugar, é algo difícil de explicar crítica, reflexiva e objetivamente. Trata-se de mais um sinal comprovando a complexidade da vida situada e do *senso comum*.

---

<sup>1360</sup> FAVARETTO, Celso. *Tropicália, alegoria, alegria*. 3ª ed. Ateliê Editorial, 2000, p.157

### 7. 10 O tema filosófico

O pensamento oriundo da oralidade, como vimos, tende à visão de mundo empática, situacional, não-diferenciada, subjetiva e contextualizadora e, em tese, não poderia ser associado à abordagem filosófica tradicional, sempre reflexiva, crítica e objetiva construída através da análise e do distanciamento.

Pensemos porém nos pressupostos 1) a valorização da família; 2) o modelo hierárquico como substrato da vida; 3) a valorização do contexto e seu sub-tema; 4) a moral ingênua que implica os seguintes sub-temas: 4.1) a solidariedade, 4.2) a primazia dos interesses do grupo (os interesses “da gente” ou “de pessoal”), 4.3) a primazia dos interesses pessoais, 4.4) o tom agônico, 4.5) a malandragem e 4.6) a justiça feita com as próprias mãos; 5) a religiosidade e 6) a valorização do acervo de conhecimentos representado pelo *senso comum*.

Pensemos ainda neste imenso acervo, um conjunto moral heteroxo representado, por exemplo, pelos ditados populares. “O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos... Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me enguliu, depois me cuspiu do quente da boca...O senhor crê minha narração?”<sup>1361</sup>

“Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo”.

Assim Riobaldo, o complexo personagem roseano, coloca a questão da fragilidade humana diante de forças muito maiores e incompreensíveis, diante da experiência prática e situada de viver a vida concretamente. Sua postura é exatamente a postura popular, enraizada em toda uma concepção de vida, em uma visão de mundo baseada no *senso comum* que “dá tempo ao tempo” e que sabe que a vida está “nas mãos de Deus” por isso é sempre inesperada, imprevisível e incontrolável até porque, de vez em quando, “Deus escreve certo por linhas tortas”.

É a mesma postura que afirma que “entre o princípio e o fim há sempre um meio” ou que “mais vale um hoje do que dois amanhã” ou “na vida a única coisa permanente é a mudança”, ou “na vida, tirando o motorista e o cobrador, todo o resto é passageiro”.

---

<sup>1361</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro, José Olympo, 1956, p.572



Trata-se do pensamento contextualizado, pragmático e sempre situado, apontado por Eric Havelock e tantos outros. Assim como o *modelo de consciência* popular e oral implica numa “moral” e não numa “ética”, implica também a ação, “viver”, e não a reflexão distanciada, a idéia, a noção geral, a “vida” ou a “vivência”.

Lembro ainda da sugestão de John Searle a respeito de uma *teoria implícita*. Tal teoria seria contruída num processo de longa duração a partir de noções e princípios do *senso comum*. Sabemos que o que significa um sorriso ou o choro. Sabemos identificar a dor. Sabemos que a água molha, que o fogo pode ser perigoso e queima, que o trabalho cansa e que a união costuma fazer a força. Para Searle o imenso conjunto de conhecimento representado pela “teoria implícita”, ou seja, pelo *senso comum*, é um substrato fundamental do comportamento humano.<sup>1362</sup>

Vejamos o que ele diz.

Segundo Searle, as pessoas reconhecem a existência destes princípios teóricos enraizados no *senso comum* mas caçoam deles alegando que são meramente uma teoria popular e deveriam se suplantados por alguma explicação mais séria, sistemática, objetiva e científica do comportamento humano. Searle desconfia desta pretensão. Nas suas palavras, “Aristóteles e Descartes sentir-se-iam plenamente familiarizados com a maior parte de nossas explicações do comportamento humano, mas não com as nossas explicações dos fenômenos biológicos e físicos. A razão habitualmente aduzida para isso é que Aristóteles e Descartes dispunham de uma teoria primitiva da Biologia e da Física, por um lado, e de uma teoria primitiva do comportamento humano, por outro; e que, enquanto progredimos na Biologia e na Física, não fizemos um avanço comparável na explicação da conduta humana. Quero sugerir uma concepção alternativa. Penso que Aristóteles e Descartes, tal como nós, já possuíam uma teoria sofisticada e complexa da conduta humana. Penso igualmente que muitas explicações, supostamente científicas do comportamento humano, como as de Freud, empregam efectivamente mais do que substituem os princípios da nossa teoria implícita da conduta humana”.<sup>1363</sup>

---

<sup>1362</sup> SEARLE, John R. *Mente, cérebro e ciência*. Lisboa, Edições 70, 1984, p.73 e 74

<sup>1363</sup> Op.cit , 1984, p.73 e 74

E esses princípios implícitos e fundamentais relativos à conduta humana, quero ressaltar, foram concebidos e construídos longe de laboratórios, modelos teóricos ou pesquisas e estatísticas científicas mas, sim, de forma empírica, assistemática e intuitiva, à la *bricoleur*, através das relações, das trocas e da acumulação de experiência entre os homens.

Ao tratar da tradição, referi-me, por diversas vezes, a partir de Carlos Rodrigues Brandão e outros, à existência de “padrões de longa duração” próprios das culturas populares e “padrões de curta duração” característicos do desenvolvimento científico e da cultura moderna.

Este acervo de princípios implícitos fundamentais mencionado por Searle, essa “teoria sofisticada e complexa da conduta humana”, um exemplo paradigmático do conhecimento baseado no *senso comum*, foi construído através de um longo processo de amadurecimento e experimentação, ou de “padrões de longa duração”.

Processos vagarosos desenvolvidos de forma tradicional, ou seja, assistemática, empírica e intuitiva, nem de longe são portanto relativos apenas ao “povo”, ao “folclore” ou à “cultura popular”, mas, na verdade, dizem respeito a todos os homens, ao tirocínio humano e seus heterodoxos, espontâneos e criativos expedientes e procedimentos.

Quero reforçar essa posição: tanto o conhecimento prático do *senso comum* – presente nos ditados populares – como temas cotidianos como o amor, os afetos, as emoções, a família, a relação com o Outro, a festa, a corporalidade, a religiosidade, o trabalho e o envelhecimento, entre outros, ao contrário do que parece supor certo pensamento erudito e canônico, referem-se a assuntos extremamente complexos, contraditórios e ambíguos, até porque não podem ser apreendidos, em sua plenitude, pela fixação, pelo distanciamento ou pela visão objetiva. Na verdade, essa apreensão só pode ocorrer na “relação” e, portanto, não são passíveis de enquadramento em teorias, modelos ou sistemas lógicos e fixos. Quando o são, quase sempre dão margem ao conceito popular que costuma dizer, em geral, acertadamente: “Na teoria, a prática é outra”.

A partir de tudo isso, creio, é possível falar de uma “filosofia”. Além dos exemplos citados, relativos aos itens enumerados acima e que remetem para o capítulo sobre o *senso comum*, alguns sambas podem ser considerados filosóficos, no sentido de trazerem a baila intencionalmente uma espécie de especulação sobre a vida (embora não uma especulação reflexiva e sistemática).

Pretendo comentar um samba de Paulinho da Viola mas deixo para fazer isso no final.  
Antes, vejamos o samba de Nelson Sargento, “A noite se repete”:

*A noite se repete  
Porque se repete o dia  
Tristeza só existe  
Porque existe alegria  
A terra é quem dá  
A vida para a flor  
Num coração sincero  
É que desponta um grande amor  
Por existir a vida  
É que a morte impera  
Por haver gente falsa  
É que há gente sincera  
Se não houvesse mar  
Não haveria embarcação  
Se eu não te amasse  
Não sofreria ingratidão<sup>1364</sup>*

“Escasseia”, de Zé do Maranhão, Beto Sem Braço e Aluisio Mac é outro exemplo:

*O santo que faz milagre também castiga  
O chão que dá flores também dá urtiga  
A mulher que ama também odeia  
E tudo que dá em abundância escasseia*

*Escasseia, escasseia  
Tudo que dá em abundância escasseia  
Você me dê uma volta  
Na reviravolta eu lhe dou volta e meia  
A minha grande revolta  
Quem sempre recolhe não é quem semeia*

*Escasseia, escasseia  
Tudo que dá em abundância escasseia*

*No terreno baldio, eu jogo entulho  
E no seu desprezo, eu jogo o meu orgulho  
Não se deve subestimar um adversário fraco  
Fim do jogo de xadrez, peão e rei vão pro mesmo buraco*

*Escasseia, escasseia  
Tudo que dá em abundância escasseia<sup>1365</sup>*

---

<sup>1364</sup> NELSON SARGENTO (*Flores em vida*, Rádio Mec, Rob Digital, s/d).

<sup>1365</sup> BETH CARVALHO (*Beth Carvalho*, Coleção 100 anos de música RCA, CD Duplo, RCA, São Paulo, 2001, gravado em 1977).

“O ouro e a madeira”, de Ederaldo Gentil:

*Não queria ser o mar, me bastava a fonte  
Muito menos ser a rosa  
Simplesmente o espinho  
Não queria ser caminho, porém o atalho  
Muito menos ser a chuva, apenas o orvalho  
Não queria ser o dia, só a alvorada  
Muito menos ser o campo, me bastava o grão  
Não queria ser a vida, porém o momento  
Muito menos ser concerto, apenas a canção*

*O ouro afunda no mar, mar  
Madeira fica por cima, por cima  
Ostra nasce do lodo, do lodo  
Gerando pérolas finas, finas  
O ouro afunda no mar  
Madeira fica por cima  
Ostra nasce do lodo<sup>1366</sup>*

A marcha “Gastei tudo num dia”, de Ataulfo Alves e Jorge Murad, revela toda uma filosofia de vida

*Gastei tudo num dia  
Mas fiz tudo aquilo que eu queria  
Sambei, sambei à beça  
A gente tendo saúde  
O resto não interessa*

*Pra que fazer tanta economia  
Se a morte quando vem não diz o dia  
Eu gasto dinheiro à beça  
A gente tendo dinheiro  
O resto não interessa<sup>1367</sup>*

“Meu mundo é hoje (eu sou assim)”, do grande Wilson Batista e José Batista expõe certa filosofia de vida:

*Eu sou assim  
Quem quiser gostar de mim eu sou assim  
Eu sou assim  
Quem quiser gostar de mim eu sou assim*

*Meu mundo é hoje, não existe amanhã pra mim*

---

<sup>1366</sup> EDERALDO GENTIL (*Sambas da Bahia. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974).

<sup>1367</sup> ALVES, Ataulfo e suas pastoras e MONTEIRO, Ciro (*Grandes Encontros Vol. V*. São Paulo, Intercd records, 7895509210028, 2000).

*Eu sou assim, assim morrerei um dia  
Não levarei arrependimentos  
Nem o peso da hipocrisia*

*Tenho pena daqueles  
Que se agacham até o chão  
Enganando a si mesmos  
Por dinheiro ou posição  
Nunca tomei parte  
Nesse enorme batalhão  
Pois sei que além de flores  
Nada mais vai no caixão<sup>1368</sup>*

“Olho por olho”, de Zé do Maranhão e Daniel Santos, postula de certo modo a filosofia do “toma lá dá cá”

*A justiça dos homens  
Condena a bigamia  
Nem uma mulher pode ter dois Josés  
Nem um homem pode ter duas Marias  
Dente por dente  
Olho por olho  
Se tentar me enganar  
Bota a barba de molho  
Você se diz malandro  
Malandro você não é  
Porque não existe homem malandro  
Pra mulher  
Você já fez a primeira  
Mas a segunda não faz  
A partir de hoje os direitos são iguais<sup>1369</sup>*

Pedro Caetano também filosofa em “O que se leva dessa vida”

*O que se leva desta vida  
É o que se come  
É o que se bebe  
É o que se brinca, ai, ai*

*Ai como sofre o usurário  
Que tem tanto que nem sabe o que fazer  
Como padece o coitadinho que se mata  
Sem ganhar nem pra comer  
Eu nada tive e o que tenho nesta vida  
Só é ruas pra andar  
Mas meu consolo é que essa gente*

---

<sup>1368</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola*, Coleção Bis, Dois Cds, EMI, Rio de Janeiro, 2000, gravado em 1972).

<sup>1369</sup> BETH CARVALHO (*Pérolas do pagode*, Globo Polydor, São Paulo, 1998).

*Que tem muito  
No caixão não vai levar  
Porque não pode carregar*<sup>1370</sup>

“Lei do cão”, de Nelson Sargento, remete também ao “toma-lá-dá-cá”:

*Agora vai ser tudo diferente  
É olho por olho  
É dente por dente  
Não faço mais opção  
Rasguei o meu diploma de bobo  
Não sou mais carneiro  
Eu agora sou lobo em qualquer situação  
Guerra é guerra, pau no (cu)?, a ferro e fogo  
Mudei as regras do jogo  
Dou cartas na tapeação  
É lei do cão, é natureza  
Não dou moleza, não tem pra ninguém  
Primeiro eu, segundo eu, terceiro e quarto eu também  
É lei do cão, é natureza  
Não dou moleza, não tem pra ninguém  
Assim procedendo eu vou vivendo muito bem*<sup>1371</sup>

“Conversa fiada”, de Joãozinho da Pecadora, filosofa também:

*Ai Joãozinho  
O negócio é amor  
O resto é conversa fiada*

*Amanhã a gente morre  
Da terra não se leva nada*

*Se você casar comigo  
Vai ficar bem arrumada  
Tenho três milhões no banco  
Trinta casas alugadas  
Na fazenda do meu pai  
Tem cachoeira avançada  
Vai passar fim de semana  
Com sombra e água gelada  
A mansão tem trinta quartos  
Dezessete empregados*<sup>1372</sup>

“Devagar, Devagarinho”, de Eraldo Devagar já foi citada

---

<sup>1370</sup> CAETANO, Pedro (*A música popular brasileira deste século por seus autores e intérpretes*. SESC, 1973).

<sup>1371</sup> NELSON SARGENTO (*Sonho de um sambista*, coleção Memória Eldorado, Gravadora Eldorado, Sony Music, s/d).

<sup>1372</sup> MINHA PORTELA QUERIDA (*Coro dos compositores da Portela*, EMI, 1972).

*É devagar, é devagar  
É devagar, é devagar  
Devagarinho  
Devagarinho  
É que a gente chega lá  
Se você não acredita  
Você pode tropeçar  
E tropeçando  
O seu dedo se arrebenta  
Com certeza não se agüenta  
E vai xingar*

*É devagar, é devagar  
É devagar, é devagar  
Devagarinho*

*Eu conheci um cara  
Que queria o mundo abarcar  
Mas de repente  
Deu com a cara no asfalto  
Se virou, olhou pro alto  
Com vontade de chorar*

*É devagar, é devagar  
É devagar, é devagar  
Devagarinho*

*Sempre me deram a fama  
De ser muito devagar  
E desse jeito  
Vou driblando os espinhos  
Vou seguindo o meu caminho  
Sei aonde vou chegar<sup>1373</sup>*

“Pra que dinheiro”, de Martinho da Vila, acredita que dinheiro não é tudo:

*Dinheiro pra que dinheiro  
Se ela não me dá bola  
Em casa de batuqueiro  
Só quem fala alto é viola  
Venha depressa, correndo pro samba  
Porque o samba já vai terminar  
Afina logo a sua viola  
E canta samba até o sol raiar  
Mas, dinheiro pra que dinheiro...  
Eu era um cara muito solitário  
Não tinha mina pra me namorar  
Depois que eu comprei uma viola  
Arranjo nega de qualquer lugar*

---

<sup>1373</sup> MARTINHO DA VILA (*Martinho da Vila. Grandes Sucessos*. São Paulo, Columbia, s/d).

*Dinheiro pra que dinheiro...  
Eu tinha grana  
Me levaram a grana  
Fiquei quietinho  
Nem quis reclamar  
Mas, se levarem  
A minha viola, não me segura  
Porque eu vou brigar  
Dinheiro pra que dinheiro...  
Pára depressa com essa viola  
Porque o samba já vai terminar  
Eu vou depressa correndo pra casa  
Pegar a marmita para ir trabalhar  
Dinheiro pra que dinheiro...<sup>1374</sup>*

“Filosofia”, de Noel Rosa, fala do viver e das aparências:

*O mundo me condena  
E ninguém tem pena  
Falando sempre mal do meu nome  
Deixando de saber  
Se eu vou morrer de sede  
Ou se eu vou morrer de fome*

*Mas a filosofia  
Hoje me auxilia  
A viver indiferente assim  
Nesta prontidão sem fim  
Vou fingindo que sou rico  
Pra ninguém zombar de mim*

*Não me incomodo  
Que você me diga  
Que a sociedade é minha inimiga  
Pois cantando neste mundo  
Vivo escravo do meu samba  
Muito embora vagabundo*

*Quanto a você  
Da aristocracia  
Que tem dinheiro  
Mas não compra a alegria  
Há de viver eternamente  
Sendo escrava dessa gente  
Que cultiva a hipocrisia<sup>1375</sup>*

---

<sup>1374</sup> MARTINHO DA VILA (*Canta, canta minha gente*. São Paulo, BMG/RCA, 1989).

<sup>1375</sup> MÁRIO REIS (*Os grandes sambas da história*, vol. 10, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravação de 1933).



“Filosofia do samba” de Candeia é outro bom exemplo. Note-se que para cantar samba não é preciso ter “razão”, pois esta está sempre com dois lados:

*Pra cantar samba  
Não preciso de razão  
Pois a razão está sempre com dois lados  
Amor é tema tão falado  
Mas ninguém seguiu, nem cumpriu a grande lei  
Cada qual, romance próprio  
Liberdade igualdade  
Onde estão? Não sei*

*Mora na filosofia  
Morô Maria, Morô Maria, Morô Maria  
Mora na filosofia  
Morô Maria, Morô Maria, Morô Maria*

*Pra cantar samba  
Vejo o tema na lembrança  
Cego é quem vê  
Só aonde a vista alcança  
Mandei meu dicionário as favas  
Mudo é quem só se comunica com palavras  
Se um dia nasce, renasce o samba  
Se o dia morre, revive o samba*

*Mora na filosofia  
Morô Maria, Morô Maria, Morô Maria  
Mora na filosofia  
Morô Maria, Morô Maria, Morô Maria<sup>1376</sup>*

O pensamento que tende à leitura binária do mundo (opostos binários), como apontaram autores díspares como Lévi-Strauss, E. M. Meletinski e J.P. Denny está quase sempre presente nessa filosofia oral e popular.

Sobre essas oposições, diz Meletinski que “[o]s ‘blocos’ primordiais das classificações mitológicas simbólicas não são constituídos pelos motivos, mas pelas relações em forma de oposições semânticas elementares, primeiramente daquelas que correspondem à mais simples orientação espacial e sensorial do homem (alto/ baixo, esquerdo/ direito, próximo/ distante, interno/ externo, grande/ pequeno (...) claro/ escuro (...), que em seguida ‘objetivam-se’ e são completadas por simplíssimas correlações no *continuum* cósmico espaço-temporal (céu/ terra, terra/ mundo subterrâneo,(...) dia/ noite,(...) sol/ lua), no *socium* (seu/outro, masculino/feminino, mais velho/mais moço (...), ou no limite do *socium* e do cosmo, na

---

<sup>1376</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Raízes do samba*, EMI, São Paulo, 1999, gravado em 1971).

natureza e na cultura (água/ fogo, fogo do sol/ fogo do fogão, cru/ cozido, casa/ floresta, povoação/ deserto etc.) até oposições numéricas mais abstratas (par/ ímpar, três/ quatro etc.) e antinomias fundamentais como morte/vida, felicidade/infelicidade etc. bem como na oposição mitológica principal de sagrado/profano”.<sup>1377</sup>

Vale a pena acrescentar outras oposições semânticas banais e cotidianas como: pobre/rico, malandro/ trabalhador, prazer/ dor, amor/ ódio, coragem/ medo, força/ fraqueza, sonho/ realidade, paixão/ tédio, originalidade/ repetição, agressividade/ passividade, independência/ submissão, euforia/ depressão, empatia/ antipatia, liberdade/ prisão, alegria/tristeza, indivíduo/ grupo etc.

Ou processos como o envelhecimento (a juventude), a convivência com o desconhecido (o Outro) e o incompreensível (a oposição *senso comum*/ caos e desconhecimento), o mistério dos diferentes pontos de vista (por ex. o gosto pessoal, o Outro) processos também essencialmente binários.

É bom ressaltar que o sistema binário, muitas vezes colocado como próprio do pensamento “concreto” ou “selvagem”, costuma, como vimos, ser utilizado diariamente por todos nós: as oposições do tipo formas populares e eruditas; os planos do conteúdo e da expressão; o eixo sintagmático e o paradigmático; os planos diacrônico e sincrônico; consciência e inconsciência; imanência e transcendência, diferenciação e não-diferenciação são bons exemplos de uma lista infundável.

Gostaria de comentar o samba “Solução de vida”, de Paulinho da Viola e Ferreira Gullar:

*Acreditei na paixão  
E a paixão me mostrou  
Que eu não tinha razão*

*Acreditei na razão  
E a razão se mostrou  
Uma grande ilusão*

*Acreditei no destino  
E deixei-me levar  
E no fim  
Tudo é sonho perdido*

---

<sup>1377</sup> MELETÍNSKI, E.M. *A poética do mito*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987, p.270.

*Só desatino  
Dores demais*

*Hoje com meus desenganos  
Me ponho a pensar  
Que na vida a paixão e a razão  
Ambas têm seu lugar*

*E por isso eu lhe digo  
Que não é preciso  
Buscar solução para a vida  
Ela não é equação  
Não tem que ser resolvida*

*A vida, portanto, meu caro  
Não tem solução<sup>1378</sup>*

Apesar de elaborada a partir do sistema de opostos binários, a bela letra deste samba escrita, note-se, pelo poeta Ferreira Gullar, apresenta um relativismo crítico, um ceticismo irônico e, sem dúvida, o pressuposto da secularização, traços recorrentes da modernidade. Em outras palavras, a vida, no caso desta letra, definitivamente não está nas mãos de Deus, nem de nenhum destino. Tais características, a meu ver, se afastam ou são, em geral, menos recorrentes nas letras de samba.

Se há uma “filosofia” no tropicalismo, para ficar na nossa referência comparativa quase constante, ela está ligada à reflexividade, como vimos, para Giddens “[a] reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. (...) O que é característico da modernidade não é uma adoção do novo por si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada - que é claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão.”<sup>1379</sup> Além disso, o tropicalismo compromete-se com as “linhas evolutivas”, portanto com o “evolucionismo”, o “desenvolvimento”, o “progresso” e a “modernidade” e suas já vistas implicações.

---

<sup>1378</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Bebadosamba*. São Paulo, BMG, 7432141789-2, 1996).

<sup>1379</sup> GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo, Editora Unesp, 1991, p.45/46

### 7.11 O tema da louvação

É importante lembrar de uma forma popular oral muito antiga. Trata-se da ode panegírica, o discurso laudatório e elogioso, que corresponde à evocação de deuses e heróis e à louvação de santos ou de pessoas importantes dentro da coletividade.

Tal forma da poética oral arcaica, mencionada por Ruth Finnegan e Sigismundo Spina, raramente surge no discurso da moderna música popular, mas é recorrente nas letras de samba. Como já vimos, ela se confunde com a valorização das hierarquias e, como veremos, com o tema da tradição.

Vejamos alguns exemplos. Começo com Paulinho da Viola e um trecho do seu “Bebadosamba”:

*Chama que o samba semeia  
A luz de sua chama  
A paixão vertendo ondas  
Velhos mantras de Aruanda  
Chama por Cartola, chama  
Por Candeia  
Chama Paulo da Portela, chama  
Ventura, João da Gente e  
Claudionor  
Chama por mano Heitor, chama  
Ismael, Noel e Sinhô  
Chama Pixinguinha, chama  
Donga e João da Baiana  
Chama por Nonô  
Chama Ciro Monteiro  
Wilson e Geraldo Pereira  
Monsueto, Zé com Fome e Pandeirinho  
Chama Nelson Cavaquinho  
Chama Ataulfo  
Chama por Bide e Marçal  
Chama, chama, chama  
Buci, Raul e Arnô Canegal  
Chama por mestre Marçal  
Silas, Osório e Aniceto  
Chama mano Décio  
Chama por meu compadre Mauro Duarte  
Jorge Mexeu e Geraldo Babão  
Chama Alvaiade, Manacéia  
E Chico Santana  
E outros irmãos de samba<sup>1380</sup>*

---

<sup>1380</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Bebadosamba*, BMG, São Paulo, 1996).

“Corri para ver”, de Chico Santana, Monarco e Casquinha, homenageia a Portela e os sambistas Claudionor e Paulo Portela

*Ouvi cantando assim  
Óô, ôô  
A majestade do samba  
chegou, chegou  
Corri pra ver  
Pra ver quem era  
Chegando lá  
Era a Portela  
Era a Portela do seu Natal  
Ganhando mais um carnaval  
Era a Portela do Claudionor  
Portela é meu grande amor  
Era rainha de Oswaldo Cruz  
Portela muito nos seduz  
Foi mestre Paulo seu fundador  
Nosso poeta e professor<sup>1381</sup>*

“De Paulo a Paulinho”, de Chico Santana e Monarco, homenageia vários heróis da Portela: Paulo Portela, Natalino, Rufino, Candeia, Picolino e Paulinho da Viola:

*Antigamente era Paulo da Portela  
Agora é Paulinho da Viola*

*Paulo da Portela, nosso professor  
Paulinho da Viola, o seu sucessor  
Vejam que coisa tão bela  
O passado e o presente  
Da nossa querida Portela*

*Paulo, com sua voz comovente  
Cantava ensinando a gente  
Com pureza e prazer  
O seu sucessor na mesma trilha  
É razão que hoje brilha  
Vaidade nele não se vê*

*Oh Deus, conservai esse menino  
Que a Portela do seu Natalino  
Saúda com amor e paz  
Quem manda um abraço é Rufino  
Pois Candeia e Picolino lhe desejam muito mais<sup>1382</sup>*

“Dona Zica e Dona Neuma”, de Zé Luiz, Nei Lopes e Carlinhos 7 Cordas homenageia duas damas do samba e da Mangueira:

---

<sup>1381</sup> VELHA GUARDA DA PORTELA (*Tudo Azul*, Phonomotor Record's, s/d).

<sup>1382</sup> MONARCO (*A voz do samba*. Rio de Janeiro, Kuarup Discos, s/d).

*Para resolver qualquer parada  
E evitar qualquer celeuma  
Duas coroas super da pesada  
Dona Zica e Dona Neuma*

*O ibope diz que na verdade  
Credibilidade às pesquisas se aplica  
Só quem lhe garante mesmo é Dona Neuma e Dona Zica  
Repórter policial, se o caso é federal eu vou dar uma dica  
Ouve primeiro o Romeu  
Mas depois Dona Neuma e depois Dona Zica*

*Houve uma queda na bolsa  
E o investidor que quase se trumbica  
Foi salvo por uma ação de Dona Neuma e Dona Zica  
Foi descoberta a vacina que vence, domina, cura  
E fortifica  
Dona Neuma em nome da ciência  
Fez a experiência e salvou Dona Zica*

*Eleição para a prefeitura  
Uma candidatura o povo reivindica  
Pra prefeita Dona Neuma e pra vice Dona Zica  
Final de Copa do Mundo  
Faltando um segundo o Brasil se complica  
Mas Dona Neuma bordeja  
Entrega de bandeja, é o gol, Dona Zica*

*Com aquela da cronometragem  
Nossa malandragem ficou paranóica  
Dona Zica então gritou  
A saída é a Perestroika  
Vamos dar samba em Berlim  
Aos nossos tamborins, com vodca as cuícas  
Dona Neuma então no jogo duro  
Derrubou o muro e abraçou Dona Zica<sup>1383</sup>*

Outro exemplo é a “Homenagem” a Noel Rosa feita por Moreira da Silva:

*Poeta igual a você nunca mais  
Não desfazendo dos autores do presente e do futuro  
Estou dizendo o que o meu coração sente  
Não é mentira e sim verdade, eu juro  
Já prestei minha homenagem a Vila Isabel e a você  
Meu saudoso Noel  
Esteja com Deus e que esse lhe dê o reino da glória  
Porque na terra temos você na memória*

---

<sup>1383</sup> ALCIONE (*Pagode de mesa da melhora qualidade*. São Paulo, BMG/RCA, 2003, gravado em 1993).

*Enquanto existir o samba  
Eu nunca o esquecerei  
Enquanto houver gente bamba  
De você me lembrarei  
Seu nome ficará para sempre na história  
Porque na terra você foi uma glória  
Enquanto existir Vila Isabel  
Ficará para sempre seu nome Noel<sup>1384</sup>*

“Paula”, de Dauro do Salgueiro e Nei Lopes, homenageia uma grande passista:

*Há muito tempo não se fala em Paula  
A mulata que dá aula  
De samba e autenticidade  
Sambista que não tem equivalência  
É destaque de nascença  
Na maior simplicidade  
Farinha pouca, meu pirão primeiro  
Eu que sou lá do Salgueiro  
Não vou deixar pra ninguém  
Daí, resolvi homenageá-la  
Em nome da minha ala  
E da minha escola também*

*Paula é uma das poucas que ainda nos deixa  
Com água na boca no bom miudinho  
No machucadinho, no denço meu bem  
Paula, no bolimolacho, bulindo em cima  
Mexendo em baixo, é a mamemolência  
É a competência que só ela tem  
Mas hoje Paula desfila anonimamente  
No meio de damas de alta patente  
De autoridade de jovem em flor  
De gente que nem se interessa em saber quem é paula  
Senhora mucama que sabe dar aula  
De samba e de vida prá muito senhor<sup>1385</sup>*

“Primeira escola”, de Pereira Mattos e Joel de Almeida, menciona e louva vários sambistas importantes:

*A primeira escola de samba  
Surgiu no Estácio de Sá  
Eu digo isso e afirmo  
E posso provar  
Porque existia naquele tempo  
Os professores do lugar*

---

<sup>1384</sup> MOREIRA DA SILVA (*Conversa de Botequim*, Rio de Janeiro, EMI, 2003, gravado em 1970).

<sup>1385</sup> VELHA GUARDA DO SALGUEIRO (*Velha Guarda do Salgueiro*, Sum Records, s/d).

*Mano Milton, Mano Rúbio e Edgar  
Ainda há outros que eu não quero falar  
Depois surgiu a favela  
Mangueira e mais tarde a Portela  
Ainda faltam muitas outras  
E peço me desculpa por não falar  
A não ser Vila Isabel  
Em homenagem ao saudoso Noel<sup>1386</sup>*

“Saudades da Portela”, de Monarco, é uma louvação à escola de samba Portela e seus heróis:

*Portela, minha querida Portela  
Sinto saudades daquelas  
Lindas noites de luar*

*Saudades, do saudoso Natalino  
Paulo, Alcides, Rufino  
Quando vinham ensaiar  
As donas, como Dona Bernardina  
Liete, Alice, Brulina  
E a saudosa Dagmar*

*Sinto um imenso prazer  
E me orgulho de ti  
No teu reduto foi que um dia eu nasci*

*Muito aprendi com os teus sambistas  
Particpei de várias conquistas  
Conheço toda a tua história  
O teu passado de glória me faz sorrir  
E também sinto um orgulho em dizer  
Que eu sempre fui Portela  
E serei até morrer<sup>1387</sup>*

“Uma rosa pro Cartola”, de Wilson Moreira e Nei Lopes, homenageia o grande sambista Cartola:

*Uma rosa  
Me falou de um personagem  
Que é poeta de linhagem  
Mais alta que a dos maiores  
Verde e rosa  
Do alto do seu reinado  
Violão todo estrelado  
Faz canções celestiais*

---

<sup>1386</sup> OS CINCO CRIoulos (Samba no Duro Vol. II. Rio de Janeiro, EMI, 2003, gravado em 1968).

<sup>1387</sup> MONARCO (A voz do samba. Rio de Janeiro, Kuarup Discos, s/d).



*Você sabe  
De quem é que estou falando  
Menestrel, mestre e malandro  
Que no samba fez a sua escola*

*Samba  
Hoje é coisa de respeito  
Mesmo andando com pandeiro e com viola  
Graça entre outros a este menino  
Que é divino  
E deixou de ser Cartola<sup>1388</sup>*

“Velhas companheiras”, de Monarco, também fala nos sambistas pioneiros:

*Quando o Paulo e o Rufino  
Marcelinho e Gradim  
Estreitando nossos laços  
De amizade fraternal  
Por isso que a Portela e a Mangueira  
São as grandes pioneiras  
Das escolas no carnaval  
Em noitadas lindas já presenciei  
Os sambistas com emoção  
Como já dizia o bom Cartola  
Ponto alto da escola  
Sala de recepção  
Tremulavam juntas nossas bandeiras  
Velhas companheiras  
Semeando a paz  
Por isso que a Portela e a Mangueira  
Sempre foram as primeiras dos idos carnavais<sup>1389</sup>*

“Aniceto, o partido mais alto”, de Sombrinha, Arlindo Cruz e Luis Carlos da Vila, é uma homenagem ao grande partideiro:

*Aniceto vara noites à vera  
Todo mundo se admira, ele vira  
Vira a noite não vê hora, devora  
Pra versar com ele é preciso estrutura, bravura*

*É um patrimônio a ser preservado  
Em prol da cultura de nosso país  
Faz um pandemônio no samba versado  
Aniceto é pura raiz  
Filho da macumba, padrinho do jongo*

---

<sup>1388</sup> DONA IVONE LARA (*Alegria minha gente (serra dos meus sonhos dourados)*. São Paulo, WEA Music, 2001, gravado em 1982).

<sup>1389</sup> MANGUEIRA E PORTELA (*Velhas Companheiras*. Rio de Janeiro, Nikita Music/Ouver Records, 1999).

*Da chula, marido  
O seu nome é Aniceto  
Seu sobrenome é partido  
Aniceto faz o quê?*

*Monumento vivo, a arte do canto  
Dos bambas que mais sabem improvisar  
Jamais foi esquivo ainda que tantos viessem lhe desafiar  
E em cada tirada uma coisa é certa  
Lá vem obra-prima  
Salve o mestre Aniceto  
Partido mais alto da rima<sup>1390</sup>*

“Cartola”, de Babaú, louva um mestre do samba:

*Cartola, Catola  
Poeta Angenor de Oliveira  
Receba estas rosas  
Quem lhe oferece  
É a Mangueira  
As rosas não falam  
Exalam o perfume colossal  
Bem semelhante  
Ao perfume  
Do teu samba  
Que você fez original  
Cartola é bamba é samba  
É paz e amor  
Suas obras produzidas  
Em Mangueira  
São todas de real valor<sup>1391</sup>*

“Clube do samba”, de João Nogueira, é repleto de homenagens e louvações:

*Melhor é viver cantando  
As coisas do coração  
É por isso que eu vivo no clube do samba  
Nessa gente bamba  
Eu me amarro de montão  
É por isso que eu vivo no clube do samba  
Nessa gente bamba  
Eu me amarro de montão  
Tem gente de Madureira  
De Vila Isabel  
E do Méier também*

---

<sup>1390</sup> ALCIONE (*Os grandes sambas da história*, 40 volumes, São Paulo, BMG Brasil e Ed.Globo, 1997, vol.34).

<sup>1391</sup> SILVA, Marília Barboza da e FILHO OLIVEIRA, Arthur. *Cartola Os tempos idos*. Rio de Janeiro, Gryphus, 1998, p.15

*O pessoal da Mangueira  
Leblon, Ipanema  
E da Vila Vintém  
Uma morena bacana  
De Copacabana  
Me disse: João  
Eu passo toda semana  
Com o clube do samba no meu coração  
A Dona Ivone de Lara  
Me disse que a Clara  
Está muito bem  
E que o novo trabalho  
Da Beth Carvalho  
Não dá pra ninguém  
Vejam vocês, Alcione  
Roberto Ribeiro  
Enfrentam uma fila  
Foram comprar um ingresso  
Para assistir o show  
Do Martinho da Vila  
Olha a tia Clementina  
Parece menina  
Sempre a debutar  
Vive cantando pagode  
Saracoreando pra lá e pra cá  
Chico Buarque de Holanda  
Tá tirando onda  
Não quer trabalhar  
Vive batendo uma bola  
E tocando viola de papo pro ar<sup>1392</sup>*

“Coisa de partideiro”, de Alcyr Marques e Sereno, é outra louvação:

*É bom cantar numa roda de samba  
Onde só gente bamba pode versar  
Vem sambar sinhô  
Vem sambar sinhá  
Até o dia clarear*

*E quando o samba incendeia  
Eu lembro Candeia que ensinou  
Que o partido-alto é pra ser cantado em versos de amor  
Quem não traz no fundo do peito  
Guardado com jeito uma grande paixão  
Na hora do samba versado  
Que fique de lado e aprenda a lição  
Pois é bom cantar...*

---

<sup>1392</sup> JOÃO NOGUEIRA ( *Os grandes sambas da história*, 40 volumes , São Paulo, BMG Brasil e Ed.Globo, 1997, vol 34).

*Pra quem não viu o samba com garra  
 Dona Ivone Lara vive pra contar  
 Que no Império, lá em Madureira  
 Silas de Oliveira cansou de mostrar  
 No enredo, samba de terreiro  
 Com mestre Fuleiro foi sempre emoção  
 Na hora do samba versado  
 Quem ficou de lado aprendeu a lição  
 Pois é bom cantar...  
 Pra quem se diz partideiro  
 Mas que na verdade só canta o refrão  
 Na hora do samba versado  
 Que fique de lado e aprenda a lição  
 Pra quem dança partido direto  
 Mestre Aniceto é um campeão  
 Na hora do samba de versado  
 Quem ficou de lado aprendeu a lição  
 Quando eu lembro velha Clementina  
 Tudo se ilumina, vem a inspiração  
 Na hora do samba versado  
 Que fique de lado e aprenda a lição  
 Seguindo o mesmo caminho  
 Zeca Pagodinho é nova geração  
 Na hora do samba versado  
 Quem ficou de lado e aprendeu a lição  
 Quem invadiu o Santa Marineira  
 Numa quarta-feira não marcou na mão  
 Na hora do samba versado  
 Que fique de lado e aprenda a lição  
 É pra quem nunca ouviu Pandeirinho  
 O velho Nelsinho e o Geraldo babão  
 Na hora do samba versado  
 Que fique de lado e aprenda a lição  
 É bom cantar!<sup>1393</sup>*

“Natalino”, de Zé Kéti, louva o líder comunitário:

*Dia de festa  
 De terno branco  
 Lá vai ele de tamanco  
 Arrastando, arrastando  
 Seu tamanco  
 Arrastando seu tamanco  
 Arrastando seu tamanco  
 Coração grande  
 Sorriso franco  
 Lá vai ele de tamanco*

---

<sup>1393</sup> GRUPO FUNDO DE QUINTAL (*Grupo Fundo de Quintal. Ao vivo. Coleção Bambas do Samba, São Paulo, Som Livre, 2000*).

*Arrastando  
Arrastando  
O seu tamanco  
Arrastando seu tamanco  
Arrastando seu tamanco  
Já elegeu  
Em Osvaldo Cruz  
Um deputado  
No samba ele é considerado  
Muito respeitado no ambiente  
Tanta caridade fez pra tanta gente  
Comprando remédio  
Internando doente  
É o namorado da nossa favela  
E chora saudade se está longe dela  
Na passarela  
Dá vontade de sorrir e de chorar  
Quando ela vem chegando  
Com Natalino comandando  
Arrastando seu tamanco devagar  
Pisando em flores que o povo atirou  
Esperando ela passar  
E a gente canta, canta, canta  
Na alegria de viver  
Pra ela, juntinho  
Morrendo de amores por ela  
Cantamos a vitória da Portela  
E a gente canta, canta, canta  
Na alegria de viver  
Pra ela juntinho  
Morrendo de amores por ela  
Cantamos a vitória da Portela<sup>1394</sup>*

Concluo com o samba “Zé da Zilda”, de Ataulfo Alves, sobre a morte do grande sambista

*Cuicas, tamborins e pandeiros  
Todos reunidos no terreiro  
  
Atenção para o dia  
Vá chamar as pastorinhas  
Toda escola entristeceu  
Foi mais um companheiro que morreu  
  
Ai, ai meu Deus  
Perde o samba o maioral  
Lá se foi o Zé da Zilda  
Campeão do carnaval*

---

<sup>1394</sup> ZÉ KETI (Zé Ketí: A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, SESC, São Paulo, s/d).

*Lá em Mangueira  
Todos choram de saudade  
Foi ali que ele viveu  
Sua grande mocidade  
Por isso mesmo  
Todo morro entristeceu  
Foi mais um companheiro que morreu*

*Cuicas, tamborins e pandeiros  
Todos reunidos no terreiro<sup>1395</sup>*

As letras tropicalistas louvam e revelam admiração por algumas figuras, particularmente João Gilberto. Creio porém que dentro de um espírito bem diferente, bastante objetivo, impessoal e programático: ao citar João Gilberto (e de certo modo Carmem Miranda), o intuito do discurso parece ser muito mais o de indicar uma posição teórica e um partido adotado, e menos o da admiração pessoal. Elogia-se o indivíduo e não a pessoa. Trata-se do elogio a uma representação. Explicitam-se linhas de trabalho e posturas estéticas, assumem-se critérios epistemológicos e valoriza-se um especialista inventivo e pioneiro.

No geral, o tema da louvação humana, pessoal e concreta desaparece do panorama da moderna música popular. Optei por falar da bela toada “Paratodos” de Chico Buarque mais adiante, quando tratar do tema “tradição.”

A louvação popular, não é preciso dizer, tem como substrato as relações concretas entre pessoas situadas.

### ***7.12 O tema da mortalidade***

Como vimos, para Max Weber, a partir de Leon Tolstói, a visão de mundo característica da modernidade, ligada a vida individual e racional, vê-se imersa no progresso incessante e cercada de mecanismos de previsão e controle. Nesse sentido, a morte, essencialmente anômica e imprevisível, não faz sentido ou representa uma contradição para o homem civilizado. Segundo Weber, repito, “[e] porque a morte não tem sentido, a vida do

---

<sup>1395</sup> ATAULFO ALVES E SUAS PASTORAS e CIRO MONTEIRO (*Grandes Encontros* Vol. V. São Paulo, Intercd records, , 2000).

civilizado também não tem, pois a ‘progressividade’ despojada de significação faz da vida um acontecimento igualmente sem significação”.<sup>1396</sup>

Se pensarmos em termos da cultura narcísica e solipsista proposta por Christopher Lasch, tal visão de mundo só pode se adensar.

A mortalidade, dizem Berger e Luckmann, “estabelece (...) a mais aterrorizadora ameaça às realidades asseguradas” [simbólicas, como explicou Sahlins, e construídas socialmente] “da vida cotidiana.”<sup>1397</sup> Segundo os dois sociólogos, ela representa a mais importante situação reconhecida como capaz de implicar o risco de colapso da realidade.<sup>1398</sup>

Vimos com José de Souza Martins, por outro lado, a respeito da mortalidade na roça, que, ao contrário, por lá o morto morre “pleno e cheio de vida” pois cumpriu seu destino, cumpriu o que estava escrito, fez o que tinha que fazer.<sup>1399</sup> Ou seja, o homem do povo sente, diante da morte, que viveu o que tinha de ter vivido. Tal sentimento só pode ocorrer se todas as etapas da vida forem aceitas e tiverem seu lugar e seu sentido no plano da existência concreta. Além disso, tal sentimento é resultante de uma visão hierárquica e religiosa da vida. Deus dá e Deus tira a vida quando bem entender, acredita o povo. Independentemente de crenças em divindades, a morte facilmente associável ao caos, tende a ser algo muito distante de qualquer noção de previsão e controle, exceptuando-se a opção pelo suicídio.

Segundo Souza Martins, no âmbito popular, pelo menos no mundo caipira, todos já nascem com um dia certo, pré-determinado, para morrer.<sup>1400</sup>

Na verdade, segundo o autor, os ritos relativos à morte na roça, são “ritos de tempo”, pois pretendem determinar que a morte seja no tempo certo, nem antes, nem depois do tempo.<sup>1401</sup>

Martins fala no “bem morrer”: “Morrer serenamente, como Deus e a natureza querem, na hora certa, com o dever cumprido”.<sup>1402</sup>

Fica claro, portanto, que o *modelo de consciência* moderno, centrado no indivíduo, na autonomia, no pensamento analítico, na objetividade e na secularização, parece não dispor de

---

<sup>1396</sup> WEBER, Max. op.cit, p.31

<sup>1397</sup> BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. op cit., p. 138

<sup>1398</sup> Ibidem, p. 207

<sup>1399</sup> MARTINS, José de Souza org. op.cit., p.259

<sup>1400</sup> C.f. Ibidem, p. 258

<sup>1401</sup> C.f. Idem, ibidem, p. 259

<sup>1402</sup> Idem, ibidem, p.261

mecanismos, nem críticos, nem afetivos ou psicológicos (Lasch), para lidar “racionalmente” ou “objetivamente” com o envelhecimento e com a morte. “Para que desenvolver projetos e sonhos se sei que vou morrer?” seria uma pergunta, em tese, sem resposta – a não ser teórica – se levarmos em conta rigidamente tais concepções que colocam o “eu” como princípio central.

Ao contrário, o *modelo de consciência* popular, essencialmente hierárquico, coletivista e religioso, parece ter a questão da morte de alguma forma assimilada. Segundo suas concepções, nascemos, envelhecemos e morremos conforme a vontade de Deus. No fim de tudo, sem dúvida, haverá um reencontro com os mortos no céu, no paraíso ou em algum lugar sagrado. Diante da pergunta “para que desenvolver projetos e sonhos se sei que vou morrer?” a resposta, baseada na primazia do “nós”, parece ser simples: “Prá todo mundo poder continuar, ué!” e também “porque Deus quer!”.

Talvez por essas razões, o tema da morte seja tão corriqueiro nas letras de samba. O assunto é tocado, levado em consideração e tratado com absoluta naturalidade, às vezes até com alegria e em tom de desafio. Outra característica: fala-se da morte como possibilidade concreta de morte, fala-se da morte mesmo, que se aproxima do ponto de vista da experiência pessoal, e raramente de forma distanciada “sobre” a morte ou sobre a “mortalidade”.

Na obra de Paulinho da Viola o tema quase não existe.

Nelson Cavaquinho, porém, visitou o tema não poucas vezes. Vejamos seu samba “Eu e as flores”:

*Quando eu passo  
Perto das flores  
Quase elas dizem assim:  
Vai que amanhã enfeitaremos seu fim*

*A nossa vida é tão curta  
Estamos neste mundo de passagem  
Ó meu grande Deus  
Nosso criador  
A minha vida pertence ao Senhor, ao Senhor<sup>1403</sup>*

Noel Rosa, morto aos 26 anos de idade, cantou e brincou com a vida e com a morte. Vejamos o samba “Fita amarela”:

*Quando eu morrer*

---

<sup>1403</sup> NELSON CAVAQUINHO (*Série Documento*, gravado de LP, s/d).



*Não quero choro nem vela  
Quero uma fita amarela  
Gravada com o nome dela*

*Se existe alma  
Se há outra encarnação  
Eu queria que a mulata  
Sapateasse no meu caixão*

*Não quero flores  
Nem coroa com espinho  
Só quero choro de flauta  
Violão e cavaquinho  
Meus inimigos  
Que hoje falam mal de mim  
Vão dizer que nunca viram  
Uma pessoa tão boa assim*

*Não tenho herdeiros  
Não possuo um só vintem  
Eu vivi devendo a todos  
Mas não paguei a ninguém*

*Quero que o sol  
Não invada o meu caixão  
Para a minha pobre alma  
Não morrer de insolação<sup>1404</sup>*

Luiz Gonzaga também fez seus sambas. “Meu pandeiro”, criado em parceria com Ary Monteiro, fala da morte em tom de desafio:

*Quando eu morrer  
Quero um braço de fora  
Pra tocar o meu pandeiro, oh, oh  
O meu pandeiro  
Cravejado de marfim  
Quando eu morrer  
Quero um braço de fora  
Pra tocar o meu pandeiro, oh, oh  
Em homenagem  
Às morenas que gostam de mim  
Ao chegar lá no céu  
Serei bem recebido  
Sempre fui bom sujeito  
Nesse ponto e no outro*

---

<sup>1404</sup> ALVES, Francisco e REIS, Mario (*Álbum da Saudade. e Os duetos de Francisco Alves e Mário Reis*. Coleção 10 polegadas, Rio de Janeiro, Odeon/EMI, 2002). As duas últimas quadras foram improvisadas pelo autor. Cf. CARVALHO, Castelar de e ARAUJO, Antonio Martins de. Noel Rosa – Língua e estilo. Rio de Janeiro, Thex Editora, 1999 pp. 147 e 140.

*Serei bem acolhido  
Falarei com São Pedro  
Que é meu santo de fé  
Vou fazer serenata  
Com o velho Noel e o Nazareth  
Quando eu morrer<sup>1405</sup>*

“Minha Fama”, de Nelson Cavaquinho e Magno de Oliveira, é outro exemplo:

*Quando eu morrer deixarei minha fama  
Deixarei no mundo quem me ama  
As lágrimas rolam em meu rosto  
Não sabem dizer qual é o meu desgosto  
Meu coração é uma casa de sofrimentos  
Às vezes choro para me desabafar  
Mas não digo a ninguém a causa do meu penar  
Quando eu morrer, deixarei minha fama  
Deixarei no mundo quem me ama  
As lágrimas que rolam em meu rosto  
Não sabem dizer qual é o meu desgosto<sup>1406</sup>*

Em “Mundo de zinco”, de Wilson Batista e Antonio Nássara, associam samba e morte:

*Aquele mundo de zinco que é Mangueira  
Desperta com o apito do trem  
Uma cabrocha, uma esteira  
Um barracão de madeira  
Qualquer malandro em Mangueira tem*

*Mangueira fica pertinho do céu  
Mangueira vai assistir o meu fim  
Mas deixo o nome na história  
O samba foi minha glória  
E sei que muita cabrocha vai chorar por mim<sup>1407</sup>*

Agora o clássico de Ataulfo Alves, “Na cadência do samba”:

*Sei que vou morrer não sei o dia  
Levarei saudades da Maria  
Sei que vou morrer  
Não sei a hora  
Levarei saudades da Aurora*

*Quero morrer*

---

<sup>1405</sup> MONTEIRO, Ciro (*Ciro Monteiro. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, JBC 0709005, s/d, gravado em 1972).

<sup>1406</sup> NELSON CAVAQUINHO (*Nelson Cavaquinho. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1973).

<sup>1407</sup> WILSON BATISTA (*Wilson Batista. Acervo Funarte da Música Brasileira*. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1985).

*Numa batucada de bamba  
Na cadência bonita do samba*

*Mas o meu nome ninguém vai jogar na lama  
Diz o dito popular: morre o homem, fica a fama<sup>1408</sup>*

Outro samba clássico sobre a morte é “Quando eu me chamar saudade”, de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito:

*Sei que amanhã quando eu morrer  
Os meus amigos vão dizer  
Que eu tinha bom coração*

*Alguns até hão de chorar  
E querer me homenagear  
Fazendo de ouro, um violão*

*Mas depois que o tempo passar  
Sei que ninguém vai se lembrar  
Que eu fui embora*

*Por isso é que eu penso assim  
Se alguém quiser fazer por mim  
Que faça agora*

*Me dê as flores em vida  
O carinho, a mão amiga  
Para aliviar meus ais*

*Depois que eu me chamar saudade  
Não preciso de vaidades  
Quero preces e nada mais<sup>1409</sup>*

Em “Sambista de consultório”, Rene Bittencourt e Moreira da Silva passam brincando pelo tema:

*Doutor Feliciano  
Veja a minha pressão  
Meu coração agora deu pra disparar  
Acho que estou com trinta por dezoito  
Fazer biscoito agora vai ser de amargar*

*“Doutor, mete aí estetoscópio aqui em cima do meu coração. Doutor dá um jeito, eu não posso fechar no momento, eu ainda tenho muito o que fazer”  
(falado)*

---

<sup>1408</sup> ALVES, Ataulfo (*A você*. Vol. 2. Paraná, Revivendo, RVCD 112, s/d).

<sup>1409</sup> NELSON CAVAQUINHO (*Série Documento*, gravado de LP, s/d)

*Toda mulher que eu vejo não tem jeito  
Sinto no peito um troço me apertar  
Fiz hemograma, eletrocardiograma  
Radiografia, não deu nada pra espantar  
Mas o doutor disse que só transplante  
Ou num instante eu fecho o paletó  
Vamos mudar a cara de fuleiro  
No corpo inteiro e num transplante só  
Você menino está cheio de copo  
E lhe dou copo, é mato no seu peito  
Essa dorzinha no seu omoplata  
É de mulata, não tem mais jeito*

*“Perai doutor, assim o senhor vai me complicar, não doutor não faça isso,  
o que é que a dona Mariazinha vai dizer. Eu já atingi o corpo com o sol, né.  
O senhor fica dizendo que é de mulata, que não tem mais jeito, aí fica  
complicado, não faça isso doutor Morengueira”  
(falado)<sup>1410</sup>*

Vejamos “Sambista no céu”, de Zé Violão e Jorge Veiga:

*No dia em que eu morrer irei bem conformado  
Em sonhos já fui ao céu e fiquei encantado  
A São Pedro pedi permissão  
E aos planetas fiz uma excursão  
Cantei e toquei meu violão  
Fui aplaudido pela multidão  
Agradaram, então me perguntaram  
De onde vens com esse ritmo febril  
Eu cantando respondia  
Que no céu eu represento o Brasil*

*Se lá no céu é tão bom  
Tal qual eu vi a sonhar  
No dia em que eu morrer  
Satisfeito irei pra lá  
Não quero que ninguém chore  
No dia da minha partida  
A gente morre nesta terra  
Mas no céu se ganha outra vida<sup>1411</sup>*

“Se eu morrer agora”, de Mauro Duarte e Noca da Portela, é outro ótimo exemplo:

*Se eu morrer agora, pra onde vou não sei  
Se vão ficar chorando  
Também se vão ficar sorrindo, eu não sei  
Pois é, se eu morrer agora, pra onde vou não sei*

<sup>1410</sup> MOREIRA DA SILVA (*Moreira da Silva, 50 anos de samba de breque*. Rio de Janeiro, Cid, 1991).

<sup>1411</sup> JORGE VEIGA (*A caricatura do samba*. Rio de Janeiro, Copacabana, 1995).

*Se vão ficar chorando  
Também se vão ficar sorrindo, eu não sei*

*Será que vão levar na minha cama, aquela flor  
Por formalidade ou por amor, não sei  
Não quero que guardem ódio nem rancor  
Daquele que em vida tudo perdoou  
Não quero que guardem ódio nem rancor  
Daquele que em vida tudo perdoou<sup>1412</sup>*

“Assim não, Zambi”, de Martinho da Vila, aborda a morte e é uma prece:

*Quando eu morrer  
Vou bater lá na porta do céu  
E vou falar pra São Pedro  
Que ninguém quer essa vida cruel*

*Eu não quero essa vida assim não, Zambi  
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi  
Eu não quero essa vida assim não, Zambi  
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi*

*“O Zambi, vê se manda parar com aquelas bliz lá no morro. Quando os  
home chega, chutando a porta e revirando tudo, todo mundo fica assustado  
e a criançada com aqueles olhos arregalados, o coração saindo pela boca.  
Ai meu Deus! A tal de lei de invasão de domicílio lá no morro não vale  
nada”(falado)*

*Eu não quero essa vida assim não, Zambi  
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi  
Eu não quero essa vida assim não, Zambi  
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi*

*“Ah Zambi, lembrei-me de outra coisa: vê se clareia a cabeça de minha  
gente lá no morro, para eles pararem de tanta cachaçada, maconha e briga.  
Devagar, tá legal? Mas quando os nêgo tão doido dão tiro à toa, à toa. E  
quando eles inventam de brincar de bandido? É o de baixo atacando de  
cima, o da direita atacando o da esquerda, é o pior: é que ninguém é da  
direita ou da esquerda, é todo mundo do mesmo morro. É a miséria  
brigando com o misere”(falado)*

*Eu não quero essa vida assim não, Zambi  
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi  
Eu não quero essa vida assim não, Zambi  
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi*

*Eu não quero as criança roubando*

---

<sup>1412</sup> MAURO DUARTE E NOCA DA PORTELA (*Mauro Duarte e Noca da Portela*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974).

*E as velhinhas implorando uma xepa na feira  
Eu não quero este medo espantado  
Na cara dos negros sem eira e sem beira*

*Eu não quero essa vida assim não, Zambi  
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi  
Eu não quero essa vida assim não, Zambi  
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi*

*Abre a cadeia pros inocentes  
Dá liberdade pros homens de opinião  
Quando nego tá muito de fora  
Um outro não tem o que comer  
Quando o nego tá no pau de arara  
Tem outro pensando num outro sofrer*

*Eu não quero essa vida assim não, Zambi  
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi  
Eu não quero essa vida assim não, Zambi  
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi*

*Deus é pai, deus é filho do Espírito Santo, é Zambi  
Deus é pai, deus é filho do Espírito Santo, é Zambi<sup>1413</sup>*

“Acender as velas”, de Zé Ketí, é um grande samba que associa pobreza e morte:

*Acender as velas  
Já é profissão  
Quando não tem samba  
Tem desilusão  
É mais um coração  
Que deixa de bater  
Um anjo vai pro céu  
Deus me perdoe  
Mas vou dizer  
Deus me perdoe  
Mas vou dizer  
O doutor chegou tarde demais  
Porque no morro  
Não tem automóvel pra subir  
Não tem telefone pra chamar  
E não tem beleza pra se ver  
E a gente morre sem querer morrer<sup>1414</sup>*

“Testamento de sambista”, de Raul Marques e Alberto Maia, fala por si:

*Qualquer dia vocês vão ao meu enterro*

---

<sup>1413</sup> CLEMENTINA DE JESUS E MARTINHO DA VILA (*Clementina e Convidados*, EMI, São Paulo, s/d).

<sup>1414</sup> KETI, Zé (*A música brasileira deste século por seus intérpretes e autores*. São Paulo, SESC, 1973).

*Tô decidido a me acabar de uma vez  
A vida está muito dura  
Vou baixar à sepultura para descansar  
Vou me acabar  
Não quero choro nem vela  
Peço por obséquio pra ninguém chorar  
Quero um regional de flauta e cavaquinho  
Pra me acompanhar*

*Pois não aceito pedido  
E estou resolvido a me acabar de vez  
Não há nada nesse mundo  
Que consiga apagar  
O que o destino me fez  
E no testamento que eu vou deixar  
Ela vai herdar um barracão  
Deixo uns trocados na Caixa  
E a cautela do meu violão  
Também tenho que deixar  
Alguma coisa pro garoto meu  
Deixo o meu anel de sambista  
Meu diploma de artista  
Que a Escola me deu<sup>1415</sup>*

Por último, lembro “Velório no morro”, de R. Marques e T. Silva:

*Lá no morro quando morre um sambista  
É um dia de festa  
E ninguém protesta  
As águas rolam a noite inteira  
Pois sem brincadeira o velório não presta  
Tem também um gurufim  
Que no fim acaba sempre em sururu  
Mas é gozado pra chuchu*

*Tudo uma homenagem ao espírito do sambista  
Que parte alegremente pro Caju  
Jogado dentro de um baú*

*O pessoal do morro não gosta de tristeza  
Vive de moleza dentro da filosofia  
Como fez José Messias*

*Já encomendaram um ao Gabriel  
Um novo céu pra dar abrigo  
Que morre assim constantemente de repente  
Cheio de anjinhos crioulinhos  
Em vez de harpa, com pandeiro e cavaquinhos*

---

<sup>1415</sup> JORGE VEIGA (*Testamento dos sambistas*. Moreira da Silva, Jorge Veiga e Caco Velho. Revivendo, Paraná, s/d, gravado em 1948).

*O pessoal do morro leva a vida como quer  
Em cada barracão é uma Arca de Noé  
O morro tem seu cabaré e quem manobra é a mulher<sup>1416</sup>*

Na visão popular, sempre pragmática, é importante lembrar, a morte é certa, “só se morre uma vez” e “tirando o peru, ninguém morre na véspera”.

O tema da morte praticamente desaparece do discurso da moderna música popular e, se surgir, tenderá, creio, a ser tratado apodítica e explicativamente, com distanciamento crítico e reflexão, um discurso intransitivo “sobre” a noção de “morte”.

### **7.13 O tema da pobreza**

O assunto pobreza é recorrente no samba, como não poderia deixar de ser, e, a meu ver, pode ser associado ao tema da consciência social. Não se trata, claro, de uma “consciência” crítica, distanciada, reflexiva e generalizante, mas sim de uma leitura emotiva, intuitiva, empática e pragmática, ligada à descrição da vida cotidiana, situada, contextualizada e concreta. Começo com o já visto “Pode guardar as panelas”, de Paulinho da Viola:

*Você sabe que a maré  
Não está moleza não  
E quem não fica dormindo de touca  
Já sabe da situação  
Eu sei que dói no coração  
Falar do jeito que eu falei  
Dizer que o pior aconteceu  
Pode guardar as panelas  
Que hoje o dinheiro não deu etc.<sup>1417</sup>*

“Acender as velas” de Zé Ketí, também já visto, é um duro retrato da pobreza:

*O doutor chegou tarde demais  
Porque no morro  
Não tem automóvel prá subir  
Não tem telefone prá chamar  
E não tem beleza prá se ver  
E a gente morre sem querer morrer<sup>1418</sup>*

---

<sup>1416</sup> JORGE VEIGA (*Jorge Veiga. O caricaturista do samba*. São Paulo, BMG/RCA, 2001, gravado em 1971).

<sup>1417</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Zumbido*, EMI, Rio de Janeiro, 1996, gravado em 1979).

<sup>1418</sup> KETI, Zé (*A música brasileira deste século por seus intérpretes e autores*. São Paulo, SESC, 1973).



“Agüenta a mão João”, de Hervé Cordovil, é sobre a pobreza e o espírito solidário:

*Não reclama contra o temporal  
Que derrubou teu barracão  
Não reclama, güenta a mão João  
Com o Eucibides aconteceu coisa pior  
Não reclama, pois a chuva só levou a tua cama  
Não reclama, güenta a mão João  
Que amanhã tu levanta um barracão muito melhor  
O Eucibides foi tarde, não te contei  
Tinha muita coisa a mais no barracão  
A enxurrada levou seus tamanco e o lampião  
E o par de meia que era de muita estimação  
O Eucibides tá que tá dando dó na gente  
Tá por aí com uma mão na atrás outra na frente<sup>1419</sup>*

“Barraco”, de Ederaldo Gentil, descreve a vida de um pobre:

*Eu moro em um barraco  
Lá no morro de Campinas  
E quando chove muda de lugar  
É todo feito de madeira e zinco  
E a claridade só em noites de luar*

*Tem um tonel que eu faço tanque e trinco  
Água tem quando São Pedro resolve mandar  
Mas mesmo assim sou bem feliz  
Vivo cantando, pois no morro eu encontrei  
O céu aberto pra morar*

*Pois para mim o meu barraco é uma beleza  
Se chega a tristeza  
Eu canto um samba e ela se vai  
O meu barraco desconhece o que é riqueza  
Falta cama, falta mesa  
Mas de sobra existe paz<sup>1420</sup>*

“Cabide de mulambo”, de João da Baiana, é samba malandro sobre a pobreza:

*Meus Deus, eu ando com sapato furado  
Tenho mania de andar engravatado  
A minha cama é um pedaço de esteira  
E uma lata velha que me serve de cadeira*

*Minha camisa foi encontrada na praia  
A gravata foi achada na ilha da Sapucaia*

---

<sup>1419</sup> ADONIRAN BARBOSA (*Adoniran Barbosa*, Série Reviva, São Paulo, Som Livre, 2002).

<sup>1420</sup> EDERALDO GENTIL (*Sambas da Bahia*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974)

*Meu terno branco parece casca de alho  
Foi a deixa de um cadáver dum acidente no trabalho*

*O meu chapéu foi de um pobre surdo e mudo  
As botina foi de um velho da revorta de Canudos  
Quando eu saio a passeio, as damas ficam falando  
“Trabalhei tanto na vida, o malandro tá gozando”*

*A refeição é que é interessante  
Na tendinha do Tinoco no pedir eu sou constante  
O português, meu amigo sem orgulho  
Me sacode um caldo grosso carregado no entulho<sup>1421</sup>*

“Cachorro de madame”, de Wilson Pires e Moreira da Silva, descreve a pobreza com humor e ironia:

*Há cachorro que tem  
Vida melhor que a minha  
Enquanto eu como carne de baleia  
É seu Zé  
O seu menu é galinha  
Há cachorro que tem  
Para dormir um macio colchão  
Enquanto meu trabalho no duro sem futuro  
E a noite vou dormir no chão*

*Há dias eu não tenho no bolso  
5 cruzeiros para tomar um bonde  
E ao passo que um cachorro tem automóvel  
Para passear não sei aonde  
É por isso que eu quero ser cachorro  
Agora quero ter o meu patrão  
Pra quando chegar às cinco horas  
Eu vou lhe esperar  
E vou latir lá no portão  
Eu quero ter o meu reclame  
Vou ser cachorro de madame<sup>1422</sup>*

Assim como “Falta um zero no meu ordenado”, dos grandes Ary Barroso e Benedito Lacerda:

*Trabalho como um louco  
Mas ganho muito pouco  
Por isso eu vivo sempre atrapalhado*

---

<sup>1421</sup> JOÃO DA BAIANA (*Os grandes sambas da história*, vol.19, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1968).

<sup>1422</sup> MOREIRA DA SILVA (*Morengueira*, Rio de Janeiro, EMI, 2003, gravado em 1968)

*Fazendo faxina, comendo no china  
Tá faltando um zero no meu ordenado*

*Tá faltando um zero no meu ordenado  
Tá faltando sola no meu sapato  
Somente o retrato da rainha do meu samba  
É que me consola nessa corda bamba<sup>1423</sup>*

“Lata d’água”, de Luis Antonio e Jota Junior, descreve Maria, uma mulher pobre:

*Lata d’água na cabeça  
Lá vai Maria  
Lá vai Maria  
Sobe o morro e não se cansa  
Pela mão leva a criança  
Lá vai Maria  
Maria lava a roupa lá no alto  
Lutando pelo pão de cada dia  
Sonhando com a vida do asfalto  
Que acaba onde o morro principia<sup>1424</sup>*

O amor fica mais difícil na pobreza. Veja-se em “Madureira, não”, de E. Celestino, D. Tavares e Waldemar José:

*Ela me convidou pra ir morar em Madureira  
E me disse que lá no debô  
Todo dia tem lá feira  
Madureira é muito longe  
Por isso não me convém, não  
Não viajo de bonde cheio  
Nem apertado no trem, não*

*Você sabe lá o que é?  
O quê?  
Viajar no trem da Central  
Anda sempre cheio*

*Constantemente atrasado  
Eu juro, no duro  
Perder seu carinho me dói  
Ela fica em Madureira  
E eu fico mesmo em Niterói<sup>1425</sup>*

---

<sup>1423</sup> CARVALHO, Herminio Bello de (org). (*O samba é minha nobreza*, Biscoito Fino, s/d).

<sup>1424</sup> MARLENE (*Os grandes sambas da história*, vol.15, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1952).

<sup>1425</sup> DILERMANDO PINHEIRO (*Batuque na Palhinha*. Rio de Janeiro, Odeon/EMI, 2003, produzido em 1977).

“Meu dinheiro não dá”, de Candeia e Catoni, canta a falta constante de dinheiro:

*Meu dinheiro não dá  
Meu dinheiro não dá*

*Eu trabalho como um louco  
Mas eu ganho muito pouco*

*Meu dinheiro não dá  
Meu dinheiro não dá*

*De tanto pedir aumento  
Já estou ficando louco*

*Meu dinheiro não dá  
Meu dinheiro não dá*

*O menino foi à escola  
O diretor mandou voltar  
Porque*

*Meu dinheiro não dá  
Meu dinheiro não dá*

*Tinha o sapato furado  
E tinha taxas a pagar*

*Meu dinheiro não dá  
Meu dinheiro não dá*

*Eu já fiz tanta promessa  
Segui procissão  
Rezei oração  
Acendi uma vela  
A São Jorge guerreiro  
Mas não consegui esse tal  
De dinheiro  
Eu trabalho como um louco  
Mas eu ganho muito pouco*

*Meu dinheiro não dá  
Meu dinheiro não dá*

*De tanto pedir aumento  
Já estou ficando louco*

*Meu dinheiro não dá  
Meu dinheiro não dá*

*O seu Manoel da venda  
O feijão não quer fiar*

*Porque*

*Meu dinheiro não dá  
Meu dinheiro não dá*

*Minissaia está na moda  
E a nega não vai usar<sup>1426</sup>*

“Meu sapato já furou”, de Mauro Duarte, Elton Medeiros, Bolacha e Joacyr Sant’anna, fala da pobreza com alegria e esperança:

*Meu sapato já furou, minha roupa já rasgou  
Eu não tenho onde morar, onde morar  
Meu dinheiro acabou  
Eu nem sei pra onde vou  
Como é que eu vou ficar  
Eu não sei nem mais sorrir  
Meu amor me abandonou  
Sem motivo e sem razão  
E pra melhorar minha situação  
Eu fiz promessa para São Luis Durão*

*Quem me ver assim  
Deve até pensar que eu cheguei ao fim  
Mas quando a minha vida melhorar  
Eu vou zombar de quem sorriu de mim  
Meu sapato já furou...<sup>1427</sup>*

“Pega eu”, de Crioulo Doido, conta a história de um ladrão que assaltou a casa de um pobre:

*Vagabundo é mal, mas dessa vez ele não se deu bem  
Foi assaltar casa de pobre e vê só o que aconteceu*

*O ladrão foi lá em casa  
Quase morreu do coração  
Já pensou se o gatuno tem um infarto, malandro  
E morre no meu barracão  
Eu não tenho nada de luxo  
Que possa agradar o ladrão  
É só uma cadeira quebrada  
Um jornal que é meu colchão  
Eu tenho uma panela de barro  
E dois tijolos como fogão*

---

<sup>1426</sup> CORO DE COMPOSITORES DA PORTELA (*Minha Portela querida. Sambas de Terreiro/1972*. Rio de Janeiro, Odeon/EMI, 2003, gravado em 1972).

<sup>1427</sup> MAURO DUARTE E NOCA DA PORTELA (*Mauro Duarte e Noca da Portela. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974).

*O ladrão ficou maluco  
De ver tanta miséria em cima de um cristão  
E saiu gritando pela rua  
Pega eu que eu sou ladrão  
pega eu  
Pega eu, pega eu que eu sou ladrão (2x) (refrão)  
É não assalto mais um pobre  
Nem arrumo um barracão  
Por favor, pega eu  
Lelé da cuca, ele está no pinel  
Falando sozinho de bobiação  
Dando soco nas paredes  
E gritando esse refrão  
Pega eu  
Não assalto mais um pobre  
Nem arrumo um barracão<sup>1428</sup>*

Outro samba sobre a pobreza e a esperança é “Saudosa maloca”, de Adoniran Barbosa

*Saudosa maloca,  
Maloca querida,  
Onde nos passemos  
Os dias feliz da nossa vida*

*Se o sinhô não tá lembrado  
Dá licença de cantá  
Que aqui onde agora está  
Esse edificio arto, era uma casa véia  
Um palacete assobradado, foi aqui seu moço  
Que eu, Mato Grosso e o Joca  
Construimo nossa maloca  
Mais um dia, nem quero me lembrar  
Chegou os homes com as ferramentas  
O dono mandô derruba  
Peguemo todas nossas coisas  
E fomos pro meio da rua, espiá a demolição  
Que tristeza que eu sentia  
Cada tábua que caía, duia no coração  
Mato Grosso quis gritar, mas em cima eu falei  
O homem está com razão  
Nóis arranja outro lugar  
Só se conformemos quando o Joca falou  
Deus dá o frio conforme o cobertor  
E hoje nois pega a paia nas gramas do jardim  
E pra esquecer nois cantemos assim*

*Saudosa maloca,  
Maloca querida,  
Onde nos passemos*

---

<sup>1428</sup> BEZERRA DA SILVA (*Grandes Sucessos de Bezerra da Silva*. Vol 1, Rio de Janeiro, Cid, s/d).

*Os dias feliz da nossa vida*<sup>1429</sup>

Vou terminar com o clássico e delicioso “Acertei no milhar”, samba antológico de Wilson Batista e Geraldo Pereira:

*Etelvina, acertei no milhar  
Ganhei 500 contos  
Não vou mais trabalhar  
Você dê toda a roupa velha aos pobres  
E a mobília podemos quebrar  
Isso é pra já!*

*Etelvina  
Vai ter outra lua-de-mel  
Você vai ser madame  
Vai morar num Grande Hotel  
Eu vou comprar um nome não sei onde  
Vou ser Barão Rodrigues de Visconde  
Um professor de francês “mon amour”  
Eu vou mudar seu nome  
Pra Madame Pompadour*

*Até que enfim agora sou feliz  
Vou percorrer a Europa toda até Paris  
E os nossos filhos  
- Oh, que inferno!  
Eu vou pô-los num colégio interno*

*Me telefone pro Mané do armazém  
Porque não quero  
Ficar devendo nada a ninguém  
Eu vou comprar um avião azul  
Para percorrer a América do Sul*

*Mas de repente, mas de repente  
Etelvina me chamou  
“Está na hora do batente”*

*Mas de repente, mas de repentemente  
Etelvina me acordou  
“Acorda Neguinho”  
Foi um sonho, minha gente*<sup>1430</sup>

---

<sup>1429</sup> ADONIRAN BARBOSA (*Adoniran Barbosa*, Série Reviva, São Paulo, Som Livre, 2002).

<sup>1430</sup> GERALDO PEREIRA (*Geraldo Pereira*. Bebel Gilberto e Pedrinho Rodrigues. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1983).

O pressuposto da pobreza social é claramente um traço característico das letras de samba, assim como de todo o discurso popular. Todas as letras, já vistas, que abordam o tema da “consciência social” têm como pano de fundo a pobreza.

O que é menos claro é a postura de sempre cantar a vida situada, o contexto e vida contextualizada e concreta através de um discurso transitivo, o que torna a pobreza um assunto popular óbvio. Tento ressaltar que o discurso moderno raramente adota o mesmo princípio. Não se fala em situações concretas, mas sim em idéias e representações.

Outro ponto importante é o valor ou caráter metafórico: para além dos aspectos simplesmente materiais, a pobreza pode ser considerada uma instância existencial conhecida por todos os seres humanos, independentemente de classe social. Podemos ser indigentes afetivos ou emocionais; podemos imaginar e temer a situação de penúria; podemos nos sentir mínimos, precários, frágeis, humilhados e pobres diante da vida e do mundo, mesmo se com situação financeira estável. Além disso, podemos, claro, nos sentir pobres relativamente a outros mais ricos. Justamente por ser capaz de gerar identificação em todas as pessoas, independentemente de classes sociais e culturais – o que não é nada fácil – a pobreza aparece como tema popular.

O discurso da moderna música popular, como tenho demonstrado, tende, muitas vezes, a falar no plano teórico, reflexivo, crítico, impessoal e distanciado. Fala “sobre” os assuntos. Nesse sentido, ou fala da pobreza do “país”, um contexto muito amplo, o “sociopolítico”, ou parte para a denúncia social, como fez o CPC, patamares, em certo sentido, “descontextualizados”, pois implicam discursos analíticos e objetivos, ou prescritivos e apodíticos, que se afastam da vida concreta, situada e pessoal (embora tendo, obviamente, influência sobre ela), ou simplesmente não toca no assunto, seja da pobreza ou mesmo da riqueza.

Trata-se de um fenômeno curioso, principalmente se levarmos em conta a sociedade moderna e de consumo na qual o “ ter dinheiro” e o ter “status” são valores preponderantes, daqueles que dão “sentido” à vida.

#### ***7.14 Tema do fazer poético***

É comum pensar-se que um tema metalingüístico como o “fazer poético” não seja verificável no universo da cultura popular. Como o povo, para muitos, como vimos, não



parece ter “autoconsciência”, não teria capacidade nem instrumentos para refletir sobre seu próprio trabalho.

Muitas letras de samba, entretanto, pensam e especulam a respeito do “fazer samba”, tanto sobre o samba em si quanto sobre o “ser poeta”. Naturalmente o fazem a partir de um *modelo de consciência* não-axiomático e não-teórico que pressupõe o *ethos* e o *pathos* coletivo, as hierarquias, a valorização do “nós”, a pessoa, o acervo do *senso comum* e a religiosidade.

Em “Quando bate uma saudade” Paulinho da Viola fala de onde o samba vem:

*Vem  
Quando bate uma saudade  
Triste  
Carregado de emoção  
Ou aflito quando um beijo já não arde  
No reverso inevitável da paixão  
Quase sempre um coração amargurado  
Pelo desprezo de alguém  
É tocado pelas cordas de uma viola  
É assim que um samba vem*

*Quando um poeta se encontra  
Sozinho num canto qualquer do seu mundo  
Vibram acordes, surgem imagens  
Soam palavras, formam-se frases  
Mágoas  
Tudo passa com o tempo  
Lágrimas  
São as perdas preciosas da ilusão  
Quando surge a luz da criação no pensamento  
Ele trata com ternura o sofrimento  
E afasta a solidão<sup>1431</sup>*

“Abandona o preconceito”, de Márcio de Azevedo e Francisco Matoso, de certo modo fala sobre o que o samba é:

*Abandona o preconceito  
Vem comigo à batucada  
Vem ouvir como é bonito  
Um samba chorado  
Ao romper da madrugada  
Um samba chorado  
Cheio de harmonia  
Cantado com alma*

---

<sup>1431</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Eu canto samba*, RCA, São Paulo, 1988).

*Na roda vadia  
Que apesar de ser triste  
Nos traz alegria  
Quando o samba é cantado  
Ao romper do dia*

*Morena bonita  
Aceita a proposta  
E entra no samba  
Sei que você gosta  
Quem não gosta do samba  
Não tem sentimento  
E o seu preconceito  
É só fingimento<sup>1432</sup>*

Em “Vida de minha vida”, o grande Ataulfo Alves fala sobre a criação do samba:

*Minha musa inspiradora  
Minha noite de luar  
Agradeço ao Criador  
Que me fez um sonhador  
Pra melhor te exaltar  
Rima rica do meu verso  
Minha canção preferida  
Melodia do meu samba  
Vida da minha própria vida  
Estrela que brilha mais  
Que uma constelação  
Nestas noites de verão  
Ilumina os dias meus  
Minha querida  
Vida da minha própria vida<sup>1433</sup>*

“Dádivas do céu”, de Jorge Cardoso, fala sobre a inspiração:

*A minha inspiração está surgindo  
As dádivas vêm caindo lá do céu  
Cabocla traz depressa a caneta  
Uma borracha e um pedaço de papel*

*Vou lhe pedir que me faça um favor  
Dê um pulinho na vendinha do Nonô  
Diz a ele pra mandar  
Um cigarro a varejo  
Uma cerveja e um copo de carqueja  
Aproveita e vê no poste  
O que deu na corujinha*

---

<sup>1432</sup> O BANDO DA LUA (*Os grandes sambas da história*, vol. 17, São Paulo, BMG Brasil, 1997).

<sup>1433</sup> ALVES, Ataulfo (*Talento não tem idade*. Paraná, Revivendo, RVCD 198, s/d).

*E não esqueça que a cerva é geladinha<sup>1434</sup>*

“Espetáculo deslumbrante”, de Jair Costa, Zózimo e Mundinho aborda o tema:

*Quem quiser apreciar um espetáculo deslumbrante  
Olhe a vida destes astros como é interessante*

*Um artista verdadeiro, um sambista brasileiro  
Nunca se impressionou  
Com a adversidade da vida  
Vive sempre a cantar  
Igualzinho um sabiá  
A vida dele é um constante carnaval  
Não existe tempo mau  
Para suas previsões  
Se a situação é tenebrosa  
Ele transforma em mar de rosa  
Versifica na escola e vai cantar  
Lá laiá laiá laiá laiá laiá laiá laiá laiá  
E assim passa a existência devagar<sup>1435</sup>*

Para Noel Rosa, o samba é um tipo de oração. Vejamos o clássico “Feitio de Oração”, dele e de Vadico, onde também se diz de onde o samba vem:

*Quem acha  
Vive se perdendo  
Por isso agora eu vou  
Me defendendo  
Da dor tão cruel  
De uma saudade  
Que por infelicidade  
Meu pobre peito invade*

*Batuque é um privilégio  
Ninguém aprende samba  
No colégio  
Sambar é chorar de alegria  
É sorrir de nostalgia  
Dentro da melodia*

*Por isso agora  
Lá pra Penha vou mandar  
Minha morena  
Pra cantar com satisfação  
E com harmonia  
Essa triste melodia*

---

<sup>1434</sup> VELHA GUARDA DO SALGUEIRO (*Velha Guarda do Salgueiro*, Sum Records, s/d).

<sup>1435</sup> JAIR DO CAVAQUINHO (*Seu Jair do Cavaquinho*. EMI, Rio de Janeiro, 2002).

*Que é o meu samba  
Em feitio de oração*

*O samba, na realidade  
Não vem do morro nem lá da cidade  
E quem suportar uma paixão  
Sentirá que o samba então  
Nasce no coração<sup>1436</sup>*

“Letra de samba”, de Hervê Cordovil e Oswaldo Molles, brinca com a questão da oralidade

*Me diga uma coisa, Charutinho  
Qual é a receita pra fazê uma letra de samba?  
Bom, pra escrevê uma boa letra de samba  
A gente tem que tê uma condição principal  
É sabê fazê as rima, é?  
Não, pra escrevê uma boa letra de samba  
Sentida, humana  
A gente tem que sê, em primeiro lugar  
Narfabeto  
Só se for narfabeto escreve bem*

*Quem vai pra escola de samba se matricula  
Não precisa sabê lê, escrevê ou mutiplicá  
Letra de samba não tem caligrafia  
Letra de samba não tem datilografia  
O que o samba tem que ter  
Vou lhe dizer pra você  
É cabrocha gingando, sacolejando  
Derretendo o gelo  
Provocando muita dor-de-cotovelo*

*Quem vai pra escola de samba pra ser bacharê  
Não precisa de latim  
Não precisa de papé  
Letra de samba não quer papé nenhum  
Nem quer caneta parque 51<sup>1437</sup>*

“Mais um samba popular”, de Ataulfo Alves, fala sobre eventuais razões do samba:

*Ai, ai, ai, a morena foi embora  
A saudade vai voltar  
Ai, ai, ai, tenho que fazer pra ela  
Mais um samba popular*

---

<sup>1436</sup> MARIA BETHÂNIA (*Os grandes sambas da história*, vol.1, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1965).

<sup>1437</sup> ADONIRAN BARBOSA, ESTERZINHA DE SOUZA E ORQUESTRA DE CIRO PEREIRA (*Os grandes sambas da história*, vol.16, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1962).

*Haja o que houver  
Custe o que custar  
Mas essa mulher tem que me pagar  
Ai, ai<sup>1438</sup>*

Em “Meu lamento”, Aaulfo Alves e Jacob Bittencourt, voltam ao tema:

*Juro, confesso  
Não faço verso  
Para a minha vaidade  
Meu samba é meu lamento  
Meu castigo, meu tormento  
Minha dor, minha saudade  
Por amar  
Quase fracassei na vida  
Por acreditar, sincero  
Em pessoa tão fingida<sup>1439</sup>*

Ataulfo fez vários sambas sobre o fazer samba. “Meu pranto ninguém vê”, em parceria com Zé da Zilda, é mais um deles

*Canto pra fingir alegria  
Canto para esquecer nostalgia  
Aquela ingrata é culpada  
Do meu sofrer não ter mais fim  
E a malvada ainda acha  
Que tem o direito de zombar de mim*

*Faço do verso uma arma  
Pra me defender  
Tenho meu pinho  
Que ajuda a enganar-me o sofrer  
Pra ninguém zombar  
Pra ninguém sorrir  
É só no coração  
Que eu sei chorar  
O meu pranto ninguém vê cair<sup>1440</sup>*

“Minha missão”, de João Nogueira e Paulo César Pinheiro, fala de forma emocionada sobre o assunto:

*Quando eu canto*

---

<sup>1438</sup> ATAULFO ALVES E SUAS PASTORAS (*Ataulfo Alves e suas Pastorais*. Music Brasil Ltda, s/d, gravado em 1969).

<sup>1439</sup> ATAULFO ALVES (*Saudade da Professorinha...Paraná, Revivendo*, RVCD 133, s/d).

<sup>1440</sup> ORLANDO SILVA (*Os grandes sambas da história*, vol.5, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1938).

*É para aliviar meu pranto  
E o pranto de quem já tanto sofreu  
Quando eu canto  
Estou sentindo a luz de um santo  
Estou ajoelhando aos pés de Deus  
Canto para anunciar o dia  
Canto para amenizar a noite  
Canto pra denunciar o açoite  
Canto também contra a tirania  
Canto porque numa melodia  
Acendo no coração do povo  
A esperança de um mundo novo  
E a luta para se viver em paz*

*Do poder da criação  
Sou continuação  
E quero agradecer  
Foi ouvida a minha súplica  
Mensageiro sou da música  
O meu canto é uma missão  
Tem força de oração  
E eu cumpro o meu dever  
Aos que vivem a chorar  
Eu vivo pra cantar  
E canto pra viver*

*Quando eu canto, a morte me percorre  
E eu solto um canto da garganta  
Que a cigarra quando canta morre  
E a madeira quando morre canta<sup>1441</sup>*

Vejamos como em “Nas asas da canção”, Dona Ivone Lara e Nelson Sargento, abordam o tema:

*Vou viajar, vou viajar  
Nas asas da canção  
Até encontrar inspiração  
Pra compor um sublime poema de amor  
Quero reunir as mais lindas notas musicais  
Pra fazer feliz meu coração  
Que já sofreu demais*

*Ó musa, me ajude como outrora  
Não me abandone agora  
No acaso da vida  
Sei que minha mente está cansada  
Foram tantas madrugadas  
Quantas ilusões perdidas*

---

<sup>1441</sup> JOÃO NOGUEIRA (Pirajá. Esquina Carioca, Dabliú, São Paulo, 1999).

*Quero versos com muito lirismo  
Para tirar do abismo meu pobre coração  
Lindas melodias emoldurando fantasias  
Da minha imaginação<sup>1442</sup>*

Candeia fala sobre a criação em “Nova escola”

*Da manhã quero os raios do sol  
Quero a luz que ilumina e conduz  
A magia e a fascinação  
Voa o poeta nas asas da imaginação  
A arte é livre e aberta  
A imagem do ser criador  
O samba é verdade do povo  
Ninguém vai deturpar seu valor  
Canto de novo  
Canto, com os pés no chão  
Com os pés no chão  
Com o coração, com coração  
Canta meu povo  
Meu samba é bem melhor assim  
Ao som deste pandeiro e do meu tamborim  
Meu samba*

*Meu samba é bem melhor assim  
Ao som deste pandeiro e do meu tamborim*

*As cores da nossa bandeira  
Traz o branco inspirado na simplicidade da paz  
Sintetiza o mundo de amor  
E nada mais simbolizado  
No dourado e no lilás*

*Meu samba é bem melhor assim  
Ao som deste pandeiro e do meu tamborim<sup>1443</sup>*

Em “Olha a rima”, Dicró e Dias, brincam com o texto:

*Olha a rima o negócio é rimar  
Olha a rima que dá, olha a rima  
O negócio é rimar  
Perigosa é a rima que dá  
Menina namoradeira  
Gosta de beijo e abraço  
Depois fica reclamando  
Que perdeu...*

---

<sup>1442</sup> DONA IVONE LARA (*Nasci pra sonhar e cantar*. Rio de Janeiro, Natasha Records, 2001).

<sup>1443</sup> CANDEIA (*Candeia*. 2Cds, E-collection, São Paulo, WEA Music, 2001).

*Doença que eu não conheço  
Eu chamo de drungunhanha  
Mulher que namora demais  
Todos dizem que é...*

*A galinha quando bebe água  
Olha para o céu azul  
Pedindo que chova milho  
Porque tá cansada...*

*Rapaz que fala macio  
E anda muito delicado  
Eu fico de olho nele  
Porque pode ser...*

*Já cantei o meu pagode  
Todo mundo já ouviu  
Aquele que não bater palma..<sup>1444</sup>.*

“O poder da criação”, de João Nogueira e Paulo César Pinheiro, aborda a criação do samba:

*Não, ninguém faz samba só porque prefere  
Força nenhuma no mundo interfere  
Sobre o poder da criação  
Não, não precisa se estar nem feliz nem aflito  
Nem se refugiar em lugar mais bonito  
Em busca da inspiração*

*Não, ela é uma luz que chega de repente  
Com a rapidez de uma estrela cadente  
E acende a mente e o coração  
É, faz pensar  
Que existe uma força maior que nos guia  
Que está no ar  
Vem no meio da noite ou no claro do dia  
Chega a nos angustiar  
E o poeta se deixa levar por essa magia  
E um verso vem vindo e vem vindo uma melodia  
E o povo começa a cantar<sup>1445</sup>*

“O poeta operário”, de Romildo e Ney Alberto, faz o tema ressurgir pelo ponto de vista do poeta:

---

<sup>1444</sup> DICRÓ (*Os grandes sambas da história*, vol. 22, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1979).

<sup>1445</sup> JOÃO NOGUEIRA (*Pirajá. Esquina Carioca*, Dabliú, São Paulo, 1999).



*Poeta operário e compositor  
Repórter cronista do seu dia-a-dia  
Que canta a tristeza e fala a verdade  
Compondo o progresso e também poesia  
Pinta o sofrimento maior que o salário  
E nem com talento vê compensação  
Isso é que é um povo bom  
Mesmo passando fome, ao invés da revolta  
Faz brotar no momento a mais nova canção  
E o poeta é quem vai levando a cruz  
Ganha mais quem nada faz  
Menos ganha quem produz*

*Alegando a multidão  
Que se embala em euforia  
Vai cantando e no refrão  
Bom humor, filosofia  
Só sucesso não consola  
Pois só ganha mixaria  
E o grosso que vai para o bolso  
Do ECAD em parceria*

*E o poeta é quem vai levando a cruz  
Ganha mais quem nada faz  
Menos ganha quem produz  
E na carreira final pra ver a música editada  
O compositor fica mal, mesmo sendo a mais tocada  
Pois com o direito autoral  
Não vai ter vida folgada  
Os cartolas mamam tudo  
E o compositor fica sem nada<sup>1446</sup>*

“Peregrino”, de Noca da Portela, fala do samba:

*Virá num riso de criança  
Ou numa lágrima de dor  
Virá talvez de uma esperança  
Ou de um sonho que passou  
Inesperado peregrino  
Sagrada é a sua missão  
De abençoar a nossa voz  
Iluminar nosso destino  
Com a chama da inspiração*

*Ele virá  
Quem nasceu para sempre  
Pra sempre virá  
É uma eterna semente solta pelo ar*

---

<sup>1446</sup> BEZERRA DA SILVA (*Eu não sou santo*, BMG Brasil Ltda., Barueri, 2000).

*Fecundando de felicidade por onde for  
E assim será  
Ninguém vive feliz se não puder falar  
E a palavra mais linda é a que faz cantar  
Todo samba, no fundo, é um canto de amor<sup>1447</sup>*

Outro samba falando sobre o próprio samba é “Sabor do samba”, de Kid Pepe e Germano Augusto:

*Não há  
Quem não goste da harmonia  
E também da melodia  
Que ao samba dá sabor ô ô  
Desde subúrbio à cidade  
O samba é novidade  
Quem canta samba é doutor*

*O samba é feito  
De bossa e no momento  
Cantando sua amizade  
Ele inspira o pensamento  
Sempre foi feito  
Com poesia e amor  
Cantando com melodia  
Para ter o seu valor*

*Peço licença para dizer  
Que hoje em dia  
O samba lá no morro  
Também tem sua valia  
Eu fui a um samba  
Na alta sociedade  
Vendo sambista de smoking  
Eu me senti à vontade<sup>1448</sup>*

“Vai meu samba”, de Martinho da Vila e Analimar, fala sobre samba e festa:

*Vai meu samba  
Vai meu samba vai, meu samba vai  
Vai meu samba  
Vai meu samba vai, meu samba vai*

*Sabemos sempre que há  
Algo pra se festejar  
Onde houver alegria*

---

<sup>1447</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Bebadosamba*, BMG, São Paulo, 1996).

<sup>1448</sup> PATRÍCIO TEIXEIRA (*Os grandes sambas da história*, vol.13, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1934).

*Meu samba penetra pra comemorar  
Pode ser um casamento  
Nascimento ou batizado  
Nas festas de fim de ano  
Ou comemorando o que foi conquistado*

*Vai meu samba  
Vai meu samba vai, meu samba vai  
Vai meu samba  
Vai meu samba vai, meu samba vai*

*Vamos pular no salão  
Fazer nosso carnaval  
Salve! Estácio, Pilares  
União da Ilha e Padre Miguel  
Imperatriz, Beija-Flor  
Cabuçu e Lins Imperial  
Império, Salgueiro e Mangueira  
Portela e Unidos de Vila Isabel<sup>1449</sup>*

“És partideiro”, de Aniceto do Império, especula sobre o fazer samba:

*Se você é partideiro  
Saberá me informar  
Do partido para a chula  
A diferença que há*

*Me responde bem direitinho  
Não pise na bola, não vá vacilar  
Se de fato és partideiro  
Por que tanto imaginar?*

*Versos decorados não aceito  
Quero ver é você improvisar  
Dentro do contexto  
Não rima tamá com Maricá*

*Chula raiada é cantada  
É preciso estribilhar  
A fim de que, o que que conhece  
O partido-alto em qualquer lugar*

*Eu quero deixar um substituto  
Para me apresentar  
Recordando as minhas memórias  
Quando Jesus me levar<sup>1450</sup>*

---

<sup>1449</sup> MARTINHO DA VILA (*Martinho da Vila. Grandes Sucessos*. São Paulo, Columbia, s/d).

<sup>1450</sup> OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA 40 volumes, São Paulo, BMG Brasil e Ed.Globo, 1997, vol. 32

Concluo com “Luz da inspiração”, de Candeia, que associa o samba e a voz da pessoa:

*Sinto-me em delírio  
Luz da inspiração  
Acordes musicais  
Invadiram o meu ser sem querer  
Me elevam ao infinito da paz  
Sinto-me vazio no ar a flutuar  
Eu já nem sei quem sou  
A mente se une à alma  
A calma reflete amor  
A mente se une à alma  
A calma reflete amor*

*Nos braços da inspiração  
A vida transformei de escravo para rei  
E o samba que criei tão divino ficou  
Agora sei quem sou  
E o samba que criei tão divino ficou  
Agora sei quem sou<sup>1451</sup>*

O fazer poético, principalmente no patamar da metalinguagem, da construção formal e da “função poética” da linguagem, é tema bastante utilizado no discurso da moderna música brasileira, quase sempre ligado ao *discurso-eu*. Na visão popular dos sambistas, o assunto deve ser relacionado à “inspiração”, assim como à expressão de emoções, ao cantar do *ethos* coletivo, à festa, à religiosidade, ao temário compartilhado e à esperança. Ou seja, trata-se de uma abordagem construída tendo em vista o *discurso-nós* e o *senso comum*.

### **7.15 O tema do riso**

O lado cômico da vida, o riso alegre e jocoso, o tom de galhofa, escárnio, gozação e brincadeira, assim como inúmeras palavras e expressões tais como bagunça, esculacho, escracho, confa, casa de maria-joana, casa da sogra, baderna, zona, mafuá, fuzuê, banzé e bafafá, entre muitas outras, podem ser associadas com naturalidade ao discurso popular. A abordagem jocosa e não-séria e o popular, andam muitas vezes lado a lado.

Um *modelo de consciência* que pressuponha a valorização do indivíduo único, autônomo e livre, o pensamento teórico, reflexivo e crítico, a análise diferenciadora, a abstração (descontextualização) e a objetividade (a busca da observação impessoal), modelo

---

<sup>1451</sup> OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA, 40 volumes, São Paulo, BMG Brasil e Ed.Globo, 1997, vol.37

oriundo de procedimentos sistemáticos e planejados, análogos, como vimos, aos do “engenheiro”, e dependente de instrumentos da fixação como a escrita, que por sua vez permitem revisão, previsão e controle, tal modelo tende a se afastar dos aspectos cômicos da vida.

Vejamos, por exemplo, como o filósofo René Descartes, recorrendo ao pensamento racional e analítico, explicou o riso e suas causas. Segundo ele, “[o] `riso consiste em que o sangue que procede da cavidade direita do coração pela veia arteriosa, inflando de súbito e repetidas vezes os pulmões, faz com que o ar neles contido seja obrigado a sair daí com impetuosidade pelo gasnete, onde forma uma voz inarticulada e estrepitosa; e tanto os pulmões ao se inflarem, quanto esse ar, ao sair, impelem todos os músculos do diafragma, do peito e da garganta, mediante o que movem os do rosto que têm com eles alguma conexão (...) E só posso notar duas causas que façam assim subitamente inflar o pulmão. A primeira é a surpresa da admiração, a qual, estando unida à alegria, pode abrir tão prontamente os orifícios do coração que grande abundância de sangue, entrando de repente em seu lado direito pela veia cava, aí se rarefaz e, passando daí à veia arteriosa, infla os pulmões. A outra é a mistura de algum líquido que aumenta a rarefação do sangue...”<sup>1452</sup>

Realmente pode haver grande incompatibilidade entre o discurso analítico e a espontaneidade pragmática, solta e situacional do riso.

Pelo contrário, o *modelo de consciência* que pressuponha a valorização da pessoa relacional, a vida familiar, hierárquica e coletiva, o pensamento empático, sintético e intuitivo, os mecanismos de *não-diferenciação* e de contextualização, modelo construído a partir dos procedimentos espontâneos, análogos aos do *bricoleur*, e da oralidade, portanto caracterizados pela relação face-a-face, pela mutabilidade, pelo improvisado e pela *labilidade*, tal modelo pode ser aproximado dos aspectos cômicos e jocosos da vida.

Em seu ensaio sobre o significado do cômico, o filósofo Henri Bergson associa o riso ao coletivo. Diz ele que “se nos sentíssemos isolados, seríamos privados do cômico. Dir-se ia que o riso tem necessidade dum eco”<sup>1453</sup> e este eco, convenhamos, surge na relação com os Outros. Diz ainda Bergson que “há, pois, uma lógica da imaginação que não é a lógica da

---

<sup>1452</sup> apud ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999. p.114

<sup>1453</sup> BERGSON, Henri. *O riso – Ensaio sobre o significado do cômico*. Trad. Guilherme de Castilho Lisboa, Guimarães Editores, 1993, p.19

razão e que até a ela às vezes se opõe e com a qual é preciso que a filosofia conte, não somente para o estudo do cômico mas ainda para outras reflexões da mesma ordem. É qualquer coisa como a lógica do sonho, mas dum sonho que não fosse abandonado aos caprichos da fantasia individual, um sonho sonhado pela sociedade inteira”.<sup>1454</sup>

Bergson menciona ainda o caráter de reversibilidade do cômico, ou seja, segundo ele, a reversibilidade<sup>1455</sup> não pode ser considerada “séria” se comparada à irreversibilidade dos axiomas e das leis fixadas pela escrita.

Nada mais próximo do popular, como se vê, se pensarmos na cultura oral, sua inerente mutabilidade e labilidade.

Para Bergson, o humor pode muitas vezes ser associado a um valor compartilhado que é quebrado e causa riso<sup>1456</sup>. O riso trabalha com o *senso comum*: “A comédia pinta caracteres que já encontramos e que encontraremos ainda no caminho”.<sup>1457</sup>

E contribui para a sociabilidade. “Ora, o riso tem justamente por função reprimir as tendências separatistas. O seu papel consiste em fazer mudar a rigidez em flexibilidade, de readaptar cada um a todos, enfim: de arredondar ângulos”.<sup>1458</sup>

As idéias de Henri Bergson sobre o riso são indiscutivelmente importantes e esclarecedoras. Em grandes linhas, entretanto, o filósofo situa o riso como reflexo de certo estado humano primitivo. Numa sociedade ideal, madura, sábia, consciente e equilibrada o riso, em sua opinião, não teria mais lugar nem faria sentido. Espero que ele esteja errado. O que impede associar o sublime e o riso prazeroso e relacional a não ser teorias abstratas, “sérias” e idealizadas sobre o homem?

Prefiro retomar Mikhail Bakhtin e a noção de *cosmovisão carnavalesca*, característica do *modelo de consciência* popular que supõe a *familiaridade* entre as pessoas, a inversões inerentes à vida, a relatividade e efemeridade de tudo o que existe e uma justiça natural e final. Em suma, é alegre e utópica por princípio.

Vejamos os depoimentos recolhidos recentemente por Hermano Vianna e Ernesto Baldan. Com certeza, são amostras de alegria popular:

---

<sup>1454</sup> Idem, ibidem p. 40

<sup>1455</sup> Idem, ibidem, p.66

<sup>1456</sup> Idem, ibidem, p.99

<sup>1457</sup> Idem, ibidem p. 115

<sup>1458</sup> Idem, ibidem, p.122

*Minha alegria vem propriamente de mim. Comigo não tem tristeza, meu amor. Eu gosto de brincar. Eu brinco totalmente à vontade; é vontade. É vontade mesmo. Quando eu tô com vontade, eu mesmo mando bater, eu mesmo canto, eu mesmo danço. Aí mando encerrar, e tudo bem: eu me divirto. Eu me alegro. Tristeza não paga dívida. A alegria leva tudo.* (Dona Elza do Carço)

*A barreira da frente é a gente. Porque se não tiver a nação de palhaço, a brincadeira fica parada. Se não for com as nossas figuras, ninguém fica animado. Todo mundo vê a gente com a cara pintada. O povo sempre gosta demais. Eu não sei explicar direito, sabe por quê? Se eu soubesse ler, eu saberia explicar melhor. Mas nós somos a alegria. Por isso a brincadeira tem toda essa repartição de animação.* (Palhaço do Auto dos Guerreiros – Alagoas)

*Amor é verbo, paixão é teoria. Amor é uma dádiva de Deus, uma coisa que existe na realidade. Paixão é teoria, uma coisa que a pessoa inventa, uma coisa que a pessoa carrega pra cima de si, que maltrata, adoce, mata. (...) Não se pode amar só gente. Eu amo minha casa, eu amo meu quintal, eu amo minha profissão, eu amo o bumba-meu-boi.* (Humberto Maracanã - Maranhão)

*Todo mundo me respeita sim. Porque eu sou Rei do Congo. Mas aí na brincadeira. Fora da brincadeira é diferente, né?* (Joaquim “Carolino” Monteiro – Pará).

*Que gostoso é o candomblé! Mesmo se você não tem nada a ver com a religião, quando escuta os tambores não tem jeito; começa a balançar os ombros, a cabeça. Daqui a pouco você já está balançando o corpo todo, a alma toda.* (Filha de Santo do Ilê Iya Omi Axé Iyamassê)

*A minha vivência é metida no meio dos meus companheiros e brincando toda vida, toda vida. Nunca senti tristeza na minha vida. Não adianta o fregues ficar triste. Por que se ele ficar triste ele morrer, se não ficar triste ele morre também.* (Seu Antônio – Rio Grande do Sul)<sup>1459</sup>

*A vida da gente é que nem um jogo. Perdê a gente perde às vêz. Mas ganha também. A morte – meu pai é que falava assim – é o jogo derradeiro. Na hora que ela leva nós, parece que ela ganhô. Mas quando a alma ganha o céu, o inferno é que perde.*<sup>1460</sup>

Segundo Hermano Vianna: “Brincadeira: esse é o nome usado pela maioria dos brasileiros para se referir aos folguedos, folias, autos e festas. Há muita brincadeira no Brasil.

---

<sup>1459</sup> VIANNA, Hermano e BALDAN, Ernesto. *Música do Brasil*. São Paulo, Abril, 2000. O livro não tem numeração de página

<sup>1460</sup> GOMES, Núbia P.M. & PEREIRA, Edimilson P. *Mundo encaixado – Significação da cultura popular*. Belo Horizonte, Mazza Edições, 1992, p.93

Pode-se falar até num ‘espaço da brincadeira brasileira’ paralelo à vida real. Quem festeja encontra uma maneira de penetrar nesse espaço virtual. Dentro dele, tudo é possível”.<sup>1461</sup>

Bakhtin compara o riso popular e carnavalesco e o riso erudito e moderno. Segundo ele, o primeiro “é em primeiro lugar patrimônio *do povo* (...); todos riem, o riso é “geral”; em segundo lugar é *universal*, atinge a todas as coisas e pessoas (...), o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último, esse riso é *ambivalente*: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente”.<sup>1462</sup> . O autor russo chama este riso de *festivo, liberador e regenerador*, ligado ao folclore primitivo e ao processo circular da fecundação, da fertilidade, do nascimento de uma nova vida, do crescimento, do apodrecimento (daí o grotesco) e da morte, “um riso que engloba verdadeiramente o mundo inteiro, que brinca com todas as coisas, pequenas ou grandes, distantes ou próximas.”<sup>1463</sup>

Já o riso erudito e moderno, chamado por Bakhtin de riso *irônico*, afastado dos laços folclóricos e populares e ligado ao racionalismo e à crítica “objetiva” e até funcionalista da realidade, é baseado num humor particular relativo à vida interior (individual) e negativo, transforma-se num riso satírico, de condenação moral, amargo, exato, cético e sarcástico, por vezes niilista e destrutivo. Ele deixa de ser utópico e “destrói a integridade do aspecto cômico do mundo”.<sup>1464</sup>

Trata-se portanto, paradoxalmente, de um “riso sério”.

Bakhtin ressalta o tom sério *retórico, trágico, rigoroso e científico*<sup>1465</sup>. Segundo ele, “[o] tom sério afirmou-se como a única forma que permitia expressar a verdade, o bem, e de maneira geral tudo que era importante, considerável”.<sup>1466</sup>

“Por esta razão”, continua o teórico russo, “todos os defensores da antiga verdade e do antigo poder são tão casmurros e graves, não sabem nem querem rir (...); seus discursos são imponentes, tratam seus inimigos pessoais como inimigos da verdade eterna, ameaçando-os,

---

<sup>1461</sup> VIANNA, Hermano e BALDAN, Ernesto, op.cit

<sup>1462</sup> BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. 2ª ed. Trad. Yara Frateschi. São Paulo-Brasília, Hucitec, 1993, p.10

<sup>1463</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. 3ª ed. Trad. Aurora Bernardini e outros. São Paulo, Unesp, 1993, p.343.

<sup>1464</sup> BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. 2ª ed. Trad. Yara Frateschi. São Paulo-Brasília, Hucitec, 1993, p. 11

<sup>1465</sup> C.f. *ibidem* p.104

<sup>1466</sup> *Ibidem*, p. 185



portanto, com uma morte eterna. (...) Os representantes do velho poder e da velha verdade cumprem o seu papel, com o rosto sério e em tons graves, enquanto que os espectadores, há muito tempo, estão rindo”.<sup>1467</sup>

Segundo Bakhtin, na Idade Média os representantes do conhecimento oficial, clérigos, magistrados, sábios, professores etc., eram chamados de *agelastos*, aqueles que não sabiam nem queriam rir.

Entretanto, no âmbito popular e oral, “a desconfiança diante do sério e a fé na verdade do riso eram espontâneas. Compreendia-se que o riso não dissimulava jamais a violência, que ele não levantava nenhuma fogueira, que a hipocrisia e o engano não riam nunca, mas pelo contrário revestiam a máscara da seriedade, que o riso não forjava dogmas e não podia ser autoritário, que ele era sinal não de medo, mas de consciência da força, que estava ligado ao ato de maior, ao nascimento, à renovação, à fecundidade, à abundância, ao comer e ao beber, à imortalidade terrestre do povo, enfim que ele estava ligado ao futuro, ao novo, ao qual ele abria o caminho. É por essa razão que, espontaneamente, se desconfiava da seriedade e se punha fé no riso festivo.”<sup>1468</sup>

Um discurso construído a partir do indivíduo autônomo e único, portanto solitário por princípio, e a partir do pensamento crítico, analítico e objetivo, mesmo que procure a alegria e o humor, fatalmente tenderá à seriedade. Criticar, analisar e refletir solitariamente sobre o que quer que seja implica procedimentos incompatíveis com o riso, a espontaneidade e a alegria.

O riso, ao que tudo indica, parece ter muito mais identificação com a pessoa relacional, com a vida em grupo e com os assuntos compartilháveis, de interesse geral e do senso comum, assim como com procedimentos intuitivos, improvisados e espontâneos, ou seja, *não-diferenciados*. Além disso, e por tudo isso, o riso humano é assunto dificilmente sujeito a teorias e análises gerais. Como conclui Verena Alberti, após estudar inúmeras teorias do riso, “[o] mistério do riso propositadamente se mantém: o riso não é efeito de uma paixão, não tem um princípio físico ou moral e deve continuar incógnito. Os pensamentos modernos sobre o riso, aqueles que o ‘significam’, falam, pois, da necessidade de concordância entre o

---

<sup>1468</sup> Idem, *ibidem*, p. 82.

homem e o *impensado*” [o “inomeável” visto tantas vezes durante este estudo] “e não mais do riso com como fenômeno que precisa de explicação”.<sup>1469</sup>

Talvez por tudo isso, nas letras da moderna música popular brasileira, fruto de um *modelo de consciência* impregnado pela modernidade, que aqui poderia ser representada por noções como “análise”, “técnica”, “objetividade”, “controle”, “exatidão”, “explicação” e “interpretação”, o riso e o cômico sejam tão raros.

Por outro lado, pelas mesmas razões, o tema surge com força extraordinária nas letras de samba.

De um modo geral, poder-se-ia dizer que a maioria das letras de samba, mesmo as que abordam as desilusões amorosas, as desgraças, a pobreza, o envelhecimento e a morte, tem como pressuposto, pelo menos, um certo humor.

Algumas trazem o riso e os aspectos cômicos e grotescos de forma escancarada, despidorada e divertida. Passo a dar alguns exemplos.

A obra de Paulinho da Viola não se caracteriza exatamente pelo humor, que, em geral, aparece de forma discreta e sutil. Mesmo assim um samba como o já visto “Dona Santina e Seu Antenor”, não só pela letra mas pela forma como foi interpretado e pelo excelente e divertido arranjo, é capaz de provocar o riso e o divertimento:

*Dona Santina deu  
Anteontem uma feijoada  
E me convidou em homenagem  
À volta do Seu Antenor  
Que aos vinte anos de casado escapuliu  
Quando viu os olhos da Sandrinha se amarrou  
Ela nos seus vinte e dois  
Ele com cinqüenta e três  
Imagem só vocês  
A notícia o que causou, no local  
Hoje, ele volta arrependido  
Depois de ouvir da Santina  
Um discurso especial<sup>1470</sup>*

O clássico “Acertei no milhar” assim como muitos outros sambas já abordados neste estudo, foi criado a partir da graça, do chiste, da alegria e do humor.

“Até hoje não voltou”, de J. Portela e Geraldo Pereira, é uma letra de amor e humor

---

<sup>1469</sup> ALBERTI, Verena. Op.cit., p. 206.

<sup>1470</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola*, Coleção Bis, Dois Cds, EMI, Rio de Janeiro, 2000, gravado em 1971).

*Eu fui buscar uma mulher na roça  
Que não gostasse de samba e nem gostasse de troça  
Uma semana depois que aqui chegou  
Mandou esticar os cabelos  
E as unhas dos pés pintou  
Foi dançar na gafieira  
E até hoje não voltou  
Ela não tinha um vestido  
Um sapato que se apresentasse  
Eu comprei  
Chegou toda errada, falar não sabia  
Fui eu que ensinei  
Perdi tanto tempo  
Gastei meu dinheiro  
Fui tão longe à toa  
Mas já vi que sou muito infeliz  
É melhor eu viver sem patroa<sup>1471</sup>*

“Cabelo no pão careca”, de Barberinho do Jacarezinho e Rody do Jacarezinho, apela para o humor grotesco:

*Bolo na padaria, Maria pulava igual perereca  
Pães doces e broas viravam petecas,  
Pegaram o padeiro e quebram a munheca  
Porque encontraram cabelo no pão careca  
Porque encontraram cabelo no pão careca*

*Sonho virou pesadelo, brigadeiro perdeu a patente  
Confeitaram o confeitiro para massa de pão para cachorro-quente  
Deixaram o gerente, um tal de Clemente  
Sem uns cinco dentes e só de cueca  
Porque encontraram cabelo no pão careca  
Porque encontraram cabelo no pão careca*

*Bolo na padaria, Maria pulava igual perereca  
Pão doces e broas viravam petecas,  
Pegaram o padeiro e quebram a munheca  
Porque encontraram cabelo no pão careca  
Porque encontraram cabelo no pão careca*

*E o pastel que passava, quis se interar no assunto  
Escorregou na manteiga e tropeçou no presunto  
Saiu com a cara cheia de torrada  
Iogurte, coalhada e ganhou o sapeca  
Porque encontraram cabelo no pão careca  
Porque encontraram cabelo no pão careca*

---

<sup>1471</sup> GERALDO PEREIRA (*Geraldo Pereira*. Bebel Gilberto e Pedrinho Rodrigues. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1983).

*Bolo na padaria, Maria pulava igual perereca  
Pães doces e broas viravam petecas,  
Pegaram o padeiro e quebram a munheca  
Porque encontraram cabelo no pão careca  
Porque encontraram cabelo no pão careca*

*Um camburão foi chamado, para acabar com a racha  
O soldado soltou o patamo, distribuindo bolacha  
Jogaram farinha de trigo no Teco que foi pro boteco pra comer panqueca  
Porque encontraram cabelo no pão careca  
Porque encontraram cabelo no pão careca<sup>1472</sup>*

“Cara de boi”, de Dicró e Bezerra da Silva, se diverte com o motivo do marido traído, cantado na primeira pessoa:

*Me chamaram de boi, você viu quem foi  
Eu não, eu não  
Mas será que eu tenho cara de boi  
Tem sim, tem sim  
Você viu quem foi que me chamou de bc.  
Eu não, eu não  
Mas será que eu tenho cara de boi...*

*Eu quando era solteiro  
Confesso eu não tinha apelido  
Depois que eu me casei  
Passei a ser perseguido  
Vou saber da minha nega  
Onde é que ela foi  
Porque a rapaziada  
Só diz que eu tenho cara de boi*

*Olha o boi, olha boi, lá vai o boi  
Olha o boi, olha boi  
Olha que eles estão me chamando de boi*

*Eu já estou invocado  
Não demora eu começo a brigar  
Homem é homem, boi é boi  
Cada um no seu lugar  
Eu chamei a cretina na resposta  
E pedi explicação  
Ela olhou pra minha cara  
E riu até cair no chão*

---

<sup>1472</sup> ZECA PAGODINHO (*Pagode de mesa da melhora qualidade*. São Paulo, BMG/RCA, 2003, gravado em 1993).

*Olha o boi, olha o boi, lá vai o boi  
Olha o boi, olha o boi  
Olha que eles estão me chamando de boi*

*Me chamaram de boi, você viu quem foi  
Eu não, eu não  
Mas será que eu tenho cara de boi  
Tem sim, tem sim  
Mas quem tá cantando tudo é boi  
Eu não, eu não  
Então quer dizer que somente eu que sou boi<sup>1473</sup>*

“Confusão na horta”, de Adilson Bispo, Zé Roberto e Simões PQD, é uma amostra de humor ingênuo:

*Dona Maria Inês, nem morta  
Vai ser difícil cultivar na sua horta  
Dona Maria Inês, nem morta  
Vai ser difícil cultivar na sua horta*

*É guento que não perde tempo  
De repente contou uma história  
Iludiu completamente o coração da chicória  
Que morria de amor por um agrião muito paquerador  
Noivo da mertalha, porém foi casar com a couve-flor  
Noivo da mertalha, porém foi casar com a couve-flor*

*Dona Maria Inês, nem morta  
Vai ser difícil cultivar na sua horta  
Dona Maria Inês, nem morta  
Vai ser difícil cultivar na sua horta*

*A mertalha ficou invocada, pra se vingar da traição  
Disse não fico sozinha, o pepino é a minha solução  
A alface muito fofoqueira fez essa salada, zombou e sorriu  
Entrou na pancada quando toda horta descobriu  
Entrou na pancada quando toda horta descobriu*

*Dona Maria Inês, nem morta  
Vai ser difícil cultivar na sua horta  
Dona Maria Inês, nem morta  
Vai ser difícil cultivar na sua horta<sup>1474</sup>*

“Couro do falecido”, de Jorge de Castro e Monsueto Menezes, fala do falecimento de um cabrito – provavelmente roubado – uma espécie de mártir do samba:

*Um minuto de silêncio  
Para o cabrito que morreu*

---

<sup>1473</sup> BEZERRA DA SILVA (*Grandes Sucessos de Bezerra da Silva*. Vol 1, Rio de Janeiro, Cid, s/d).

<sup>1474</sup> JOVELINA PÉROLA NEGRA (*Pérolas*, Som Livre, São Paulo, 2000).

*Se hoje a gente samba  
É que o couro ele nos deu*

*Castiga o couro do falecido  
Bate o bumbo com vontade  
Que a moçada quer sambar  
Castiga o couro do falecido  
Morre uns para o bem de outros  
A verdade é essa não se pode negar<sup>1475</sup>*

O delicioso “E o mundo não se acabou”, de Assis Valente, é sem dúvida um grande clássico do samba:

*Anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar  
Por causa disso a minha gente lá de casa começou a rezar  
E até disseram que o sol ia nascer antes da madrugada  
Por causa disso nessa noite lá no morro não se fez batucada*

*Acreditei nessa conversa mole  
Pensei que o mundo ia se acabar  
E fui tratando de me despedir  
E sem demora  
Fui tratando de aproveitar  
Beije na boca de quem não devia  
Peguei na mão de quem não conhecia  
Dancei um samba em traje de maiô  
E o tal do mundo não se acabou*

*Chamei um gajo com quem não me dava  
E perdoei a sua ingratidão  
E festejando o acontecimento  
Gastei com ele mais de quinhentão  
Agora eu soube que o gajo anda  
Dizendo coisa que não se passou  
Vai ter barulho e vai ter confusão  
Porque o mundo não se acabou<sup>1476</sup>*

“Fenômeno”, de Milton Moreira e Joaquim Domingues, apela para o humor grotesco

*Doutor desde que eu nasci que vivo adoentado  
Tenho o nariz um tanto avantajado  
A minha cara é feia pra chuchu  
Mas o meu queixo até parece uma castanha de caju  
Nerussa de I love you  
Mas é que a minha boca é rasgada demais*

---

<sup>1475</sup> MONSUETO (*Monsueto*, Coleção Raízes do Samba, EMI, Rio de Janeiro, 2000, gravado em 1962).

<sup>1476</sup> VALENTE, Assis (*Assis Valente*. Acervo Funarte Música Brasileira. São Paulo, Instituto Itaú Cultural/Atração Fonográfica, ATR 32009, 1986).

*E sendo assim eu sou muito infeliz  
Doutor veja por quanto faz  
Uma intervenção no meu nariz  
Mas o Doutor olhou pra mim  
Deu um sorriso e disse assim  
Você precisa é tomar juízo, vai por mim  
Você é forte e tem boa saúde  
Até parece um astro lá de Hollywood  
Acreditei no lerô deste cientista de valor  
Meti os peito e fui fazer uma conquista de amor  
Logo a primeira que eu chamei de flor  
Me deu um peteleco e um contravapor  
Ai, ai meu Deus, mas que horror  
Eu vi anunciado um tal de seu Macário  
Que tem duas filhas em estado precário  
Meti os pengueitos e rumei pra lá  
Fui conhecer Maricota, Mariquinha e Maricá  
Que tem a grana pra gastar  
Mas é que o seu Macário usou-me de franqueza  
As minhas filhas não querem beleza  
Mas você com essa cara que me traz  
Eu tenho visto gente feia  
Mas assim já é demais<sup>1477</sup>*

“Filosofia de bar”, de Everaldo da Viola, fala de humor e bebida:

*Buscando bebida ele entrou num botequim  
E numa plaqueta estava escrito assim  
“Se você bebe pra esquecer, por favor pague antes de beber”  
“Se você bebe pra esquecer, por favor pague antes de beber”*

*Porque fiado, só no amigo do lado  
Bebeu, caiu, levantou, pagou, saiu, viu  
Bebeu, caiu, levantou, pagou, saiu, viu*

*Tem um galo de barro  
Foi olhar pra comprovar  
Estava escrito  
“Fiado só se esse galo cantar  
Moço educado, respeita o salão  
Não pede fiado, nem diz palavrão”  
Até parece que o homem adivinhava a sua intenção<sup>1478</sup>*

“Jajá de Gamboa”, de Batatinha e José Bispo, é outro samba grotesco

*Mas a cabrocha é boa, apesar de ser coroa  
Mas o Jajá de Gamboa é o dono da situação  
Ela me dá boa vida, não é feito Margarida  
Que foi a bomba caída*

---

<sup>1477</sup> JORGE VEIGA (*A caricatura do samba*. Rio de Janeiro, Copacabana, 1995).

<sup>1478</sup> JOVELINA PÉROLA NEGRA (*Pérolas*, Som Livre, São Paulo, 2000).

*Que só veio estourar em minha mão  
Mas o Jajá é um desses tipos alucinados  
Precisando certo dia  
De uma nota pra apostar no selecionado  
Não tendo mais o que arrancar da criatura  
Então lhe pediu a dentadura  
Dizendo que o prego ia lhe safar  
Foi desta vez que a coroa não pôde  
Concordar com o Jajá<sup>1479</sup>*

“O pinel”, de H. Sampaio, ri da loucura:

*Esse cara é pinel  
Vinte e dois e malucão  
Bagaço de cana pra ele é arroz  
Água com areia ele diz que é pirão*

*Ele vive aéreo por ai  
Perdeu o contato com a hora  
Quando vê o velório ele ri  
E quando vê casamento até chora  
E quando chega o carnaval  
Ele se apresenta de Papai Noel  
Porém quando chega o Natal  
Ele vai de baiana pra Vila Isabel  
Ele é mesmo pinel...<sup>1480</sup>*

“Resignação”, de Geraldo Pereira e Arno Provenzano, fala do ciúme com humor:

*Quem é que lava roupa pra você dançar?  
Quem é que não marca hora pra você chegar?  
Quem é que sofre com resignação  
Quando você traz a gola do terno suja de batom?  
Mas ontem você faltou com o respeito para mim  
Trazendo o lenço manchado de carmim*

*Não vai dizer que a dama dançou em seu bolso  
Pois não é possível  
Nem tampouco o rosto você limpou  
É preciso mudar de pesado  
Que a minha paciência pode se esgotar<sup>1481</sup>*

---

<sup>1479</sup> BATATINHA (*Sambas da Bahia*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974).

<sup>1480</sup> BEZERRA DA SILVA (*Grandes Sucessos de Bezerra da Silva*. Vol 1, Rio de Janeiro, Cid, s/d).

<sup>1481</sup> GERALDO PEREIRA (*Geraldo Pereira*. Bebel Gilberto e Pedrinho Rodrigues. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itau, 1983).



“Sua cabeça não passa na porta”, de Barberinho do Jacarezinho, brinca com o marido traído:

*Aí cara de boi, se liga nesse pagode mané,  
É tudo contigo!*

*Oh meu amigo a turma está fazendo festa, tá sim  
Oh meu amigo a turma está fazendo festa  
Olha aí esse negócio que nasceu na sua testa*

*Seu amigo que é gavião  
Está sempre contente e feliz  
Todo dia ele dá um presente  
À sua criança e você nada diz  
E a sua mulher muito honesta  
Jura e diz que nem morta  
Mas qualquer dia a sua cabeça não passa na porta*

*Vê se toma um chá de semanco!l  
Pra sua moral ela não bagunçar  
Quando você passa na esquina  
a rapaziada começa a cantar  
Lá vai o mané  
Por incrível que pareça  
O chapéu do sem vergonha está a três palmos da cabeça<sup>1482</sup>*

Agora dois sambas de Adoniran Barbosa, “Tiro ao Álvaro”, composto com Oswaldo Molles, cheio de humor, imagens e brincadeiras com as palavras:

*De tanto levar  
Frechada do teu olhar  
Meu peito até  
Parece sabe o quê?  
Táubua de tiro ao “alvaro”  
Não tem mais onde furar*

*Teu olhar mata mais  
Do que bala de carabina  
Que veneno estriquinina  
Que peixeira de baiano  
Teu olhar mata mais  
Que atropelamento de automover  
Mata mais  
Que bala de revolver<sup>1483</sup>*

---

<sup>1482</sup> BEZERRA DA SILVA (*Acervo Especial*. Rio de Janeiro, BMG Ariola e RCA Victor, 1994).

<sup>1483</sup> ADONIRAN BARBOSA (*Adoniran Barbosa*, Série Reviva, São Paulo, Som Livre, 2002).

e “Um samba no Bexiga”, a descrição bem-humorada de uma festa popular

*Um domingo nós fumo  
Num samba no Bexiga  
Na rua Major  
Na casa do Nicola  
A mezza notte o'clock  
Saiu uma baita de uma briga  
Era só pizza que voava  
Junto com as brachola*

*Nóis era estranho no lugar  
E não quisemo se meter  
Não fum lá pra brigá  
Nóis fuma lá pra comê  
Na hora H se enfiemo  
Debaixo da mesa  
Fiquemo ali de beleza  
Vendo o Nicola brigá  
Dali a pouco  
Escuitemo a patrulha chegá  
E o sargento Oliveira falá:  
“Não tem importância  
Vou chamar a ambulança”*

*Carma pessoá  
A situação aqui tá muito cínica  
Os mais pior  
Vai pras Crínica!<sup>1484</sup>*

“Gago apaixonado”, de Noel Rosa, é um samba um pouco cruel:

*Mu...mu...lher  
Em mim fi...fizeste um estrago  
Eu de nervoso  
Estou...tou...fi...ficando gago  
Não po...posso  
Com a cru...crueldade  
Da saudade  
Que...que mal...maldade  
Vi...vivo sem afago*

*Tem...tem...pe...pena  
Deste mo...mo...moribundo  
Que...que já virou  
Va...va...ga...gabundo  
Só...só...só...só...  
Por ter so...so...fri...frido*

---

<sup>1484</sup> BARBOSA, Adoniran (*Adoniran Barbosa. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, JBC 0709001, s/d, gravado em 1972).

*Tu...tu...tu...tu...tu...  
Tu tens um co... coração fingido*

*Teu...teu co... coração  
Me entregaste  
De...de...po...pois  
De mim ti to...toma...maste  
Tu...tua falsi...si...sidade  
É profu...funda  
Tu...tu...tu...tu...tu  
Tu vais fi...fi...ficar corcunda!<sup>1485</sup>*

“Plantação”, de Edson Show e Adelsonilton, fala de certa horta:

*Quem avisa amigo é, não é  
É, pois é  
Tem nego de olho na horta do Zé  
Pode levar fé  
Veio até cientista  
Lá das plantas do Japão  
Pra desvendar o mistério  
Que tem nessa plantação  
Até um burro faminto  
Entrou na horta do Zé  
Só comeu algumas folhas  
E saiu trocando pé*

*Maria da Souza Lima  
Pos a folha na salada  
Começou a fazer rima  
Esqueceu que era casada  
Pôs açúcar no feijão  
Botou sal na limonada  
E quebrou o violão  
Na cabeça da empregada*

*Chamaram até pistoleiro  
Comprou pastor alemão  
Diz que põe no formigueiro  
Quem tocar na sua plantação*

*Vem gente de todo o canto  
Até parece romaria  
Já apelidaram a horta  
De ilha da fantasia<sup>1486</sup>*

---

<sup>1485</sup> ROSA, Noel (*Songbook Noel*, Lumiar Discos, 1991).

<sup>1486</sup> OS GRANDES SABAS DA HISTÓRIA, 40 volumes, São Paulo, BMG Brasil e Ed.Globo, 1997, v. 32

“Faustina (Encrenca em família)”, de Gadé, samba já citado, é puro humor negro:

*Faustina, corre aqui depressa  
Olha quem está no portão  
É minha sogra com as malas  
Ela vem resolvida a morar no porão  
Vai ser o diabo  
Vamos ter sururu com o vizinho  
Não estou pra isto  
Eu vou dar o fora  
Decididamente eu vou morar sozinho  
É minha sogra, mas tenha paciência  
Não há quem possa com essa jararaca  
Meu sogro foi de maca pra assistência  
Com o corpo todo retalhado a faca*

*Mas comigo é diferente  
Não tenho medo dessa cara feia  
Pego a pistola e desperdiço um pente  
Ela descansa e eu vou pra cadeia<sup>1487</sup>*

“Seqüestraram a minha sogra”, de Rodi do Jacarezinho, Sarabanda e Barberinho do Jacarezinho, vai agora na íntegra:

*Seqüestraram a minha sogra  
Bem feito pro seqüestrador  
Ao invés de pagar o resgate  
Foi ele quem me pagou*

*Ele pagou o preço da mala que ele carregou  
Ele pagou a paga da praga que ele seqüestrou  
E ele pagou a mala sem alça que ele carregou, ele pagou  
Ele pagou a paga da praga que ele seqüestrou*

*O telefone tocou  
Uma voz cavernosa pediu um milhão  
Pra libertar minha sogra  
Que não vale nenhum tostão  
Ela zoou meu cativo  
Mordeu a mordaca e a algema quebrou  
E até a bala do meu revólver  
A capeta da sua sogra chupou  
Ele pagou...*

*Olha aí novamente toca o telefone  
Invertendo a situação*

---

<sup>1487</sup> MOREIRA DA SILVA (Conversa de Botequim, Rio de Janeiro, EMI, 2003, gravado em 1970).

*Se eu recebesse a megera de volta  
Ele me dava o dobro da grana na mão  
Já paguei por todos os meus pecados  
Me disse chorando o seqüestrador  
Vou me entregar à polícia  
E quando sair serei mais um pastor  
Ele pagou...<sup>1488</sup>*

Concluo com “Eu brinco”, de Pedro Caetano e Claudionor Cruz

*Com pandeiro ou sem pandeiro  
Eh, eh, eh, ei, eu brinco  
Com dinheiro ou sem dinheiro  
Eh, eh, eh, ei, eu brinco  
No céu a lua caminha  
Tão triste sózinha  
Pra não ser triste também  
Com pandeiro ou sem pandeiro  
Meu amor, eu brinco<sup>1489</sup>*

O riso alegre, brincante, regenerador e festivo quase sempre supõe o compartilhamento, a comunhão entre pessoas, a *familiaridade*, o compreender juntamente com outros a mesma piada ou situação engraçada, a sentimento espontâneo, o trocar olhares e rir. O riso religa a coletividade, é dialógico e interacional e costuma ser alimentado pela alegria do outro. Embora ocorra, o riso solitário tende a ser mais raro, mais sério, mais contido e menos durador. Não é a mesma coisa rir sozinho e rir em companhia de outras pessoas.

O tema do riso, em todo o caso, desaparece no discurso da moderna música popular brasileira ou surge na forma do “riso sério” e crítico. Por outro lado, o riso franco e espontâneo é traço essencial do discurso popular e, portanto, do *discurso-nós*.

Concluo com a pergunta de Horácio, apud Mikhail Bakhtin: “O que impede que aquele que ri diga a verdade?”<sup>1490</sup>

---

<sup>1488</sup> BEZERRA DA SILVA (*Bezerra da Silva* Cd duplo, CD2, São Paulo, RCA, 2001).

<sup>1489</sup> CAETANO, Pedro (*A música popular brasileira deste século por seus autores e intérpretes*. SESC, 1973).

<sup>1490</sup> BAKHTIN, *A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, p. 86.

### 7.15 O tema do samba

Não é comum, nas letras da moderna música popular, que o próprio gênero musical seja ele mesmo o tema ou assunto a ser cantado. Vimos isso algumas poucas vezes nas letras de bossa nova (“isso é bossa nova, isso é muito natural”) e também no tropicalismo (“a manhã tropical se inicia”) mas em ambos os casos jamais o assunto surgiu como tema principal.

Na paisagem pós-tropicalista, os gêneros em si, como tema, simplesmente deixaram de existir. O hibridismo, no caso, a possibilidade de utilizar indiscriminadamente todo e qualquer gênero existente, seja ele tradicional, moderno, erudito ou “contemporâneo”, passou a ser uma tendência incorporada ao discurso da moderna música popular. Aliás, tal processo foi introduzido pelo próprio tropicalismo que, como vimos, lançou mão da estética do apropriar, misturar e fundir – tanto nas letras como nas músicas – diferentes concepções, estilos e gêneros – da moda de viola e do baião ao rock, do bolero e do tango ao frevo, do samba e da marcha-rancho ao fado, do produto de massa ao produto erudito (“clássico”, “música de vanguarda”, “música contemporânea”), apresentados indiscriminadamente, ou seja, a partir de uma “atitude estética que se caracteriza por incorporar peças do repertório cultural – nacional e estrangeiro – de maneira eclética e menos comprometida com linhas únicas e definidas”<sup>1491</sup> Em termos gerais, tratava-se de um gênero que se assumia como um não-gênero, um híbrido musical intencionalmente relativista, acima de ideologias, aberto a todas as possibilidades.

Para alguns tal postura representou uma “virada na música popular brasileira”, uma “desarticulação das ideologias” e um deslocamento do conflito social, “fazendo incidir as contradições da sociedade nos seus procedimentos”<sup>1492</sup> para, assim, nas palavras de Caetano Veloso, tentar “superar o nosso subdesenvolvimento”.<sup>1493</sup>

A meu ver, o tropicalismo, fruto do *modelo de consciência* moderno e hegemônico, sem dúvida ideológico, alterou o panorama da música popular brasileira principalmente por introduzir determinadas posturas e concepções poéticas e um conjunto de novos

---

<sup>1491</sup> NAVES, Santuza Cambraia. *O violão azul – Modernismo e música popular*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 33.

<sup>1492</sup> FAVARETTO, Celso. *Tropicália, alegoria, alegria*. 3ª ed. Ateliê Editorial, 2000, p.25

<sup>1493</sup> Op.cit. p.28

procedimentos com a palavra. For a isso, é apresentação do *ethos* e do *pathos* de classes minoritárias mas poderosas.

Nas letras de samba, em todo o caso, o próprio samba muitas vezes ocupa o lugar de tema e assunto principal. Foi possível enxergar isso quando abordei os temas da “escola de samba” e do “fazer poético”. Para além deles, seja como tipo de música, seja como lugar para onde pessoas vão para se encontrar, dançar e cantar, seja como um recurso para recuperar a alegria e a esperança, o samba em si tem sido um motivo recorrente nas letras dele próprio.

Na obra de Paulinho da Viola o tema é freqüente. Vejamos a letra do já clássico “Eu canto samba”:

*Eu canto samba  
Porque só assim eu me sinto contente  
Eu vou ao samba  
Porque longe dele eu não posso ficar  
Com ele eu tenho de fato uma velha intimidade  
Se eu fico sozinho  
Ele vem me socorrer  
Há muito tempo eu escuto esse papo furado  
Dizendo que o samba acabou  
Só se foi quando dia clareou*

*O samba é alegria  
Falando coisas da gente  
Se você vive tristonho  
No samba fica contente  
Segura o choro criança  
Vou te fazer um carinho  
Levando um samba de leve  
Nas cordas do meu cavaquinho<sup>1494</sup>*

“Adeus batucada”, de Synval Silva, aborda o samba que só acaba quando o dia clareou:

*Adeus, adeus  
Meu pandeiro do samba  
Tamborim de bamba  
Já é de madrugada  
Vou me embora chorando  
Com meu coração sorrindo  
E vou deixar todo mundo  
Valorizando a batucada  
Em criança,  
Com samba vivia sonhando*

---

<sup>1494</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Eu canto samba*, RCA, São Paulo, 1988).

*Acordava  
Estava tristonho chorando  
Jóia que se perde no mar  
Só se encontra no fundo  
Sambai, mocidade  
Sambando se goza neste mundo*

*E do meu grande amor  
Sempre me despedi sambando  
Mas da batucada  
Agora me despeço chorando  
Guardo no lenço  
Esta lágrima sentida  
Adeus, batucada  
Adeus, batucada querida<sup>1495</sup>*

Luiz Grande canta “A força do samba”:

*O tempo vai passando  
E o samba vai seguindo  
O povo está feliz  
Cantando, sambando, sorrindo  
E assim vamos nós  
Tirando esse som que de dentro do peito nos sai  
O samba balança, porém não cai*

*Vem de alguns anos atrás essa grande estrutura  
O samba poder suportar qualquer temperatura  
Vem onda, sai onda e o samba está sempre aí  
Sempre aí, firme forte, com força para resistir<sup>1496</sup>*

“Agoniza mas não morre”, de Nelson Sargento, fala na resistência do samba e da tradição:

*Samba  
Agoniza mas não morre  
Alguém sempre te socorre  
Antes do suspiro derradeiro  
Samba  
Negro forte destemido  
Foi duramente perseguido  
Na esquina, no botequim, no terreiro*

*Samba*

---

<sup>1495</sup> SYNVAL SILVA (*Os grandes sambas da história*, vol.3, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1973).

<sup>1496</sup> JOÃO NOGUEIRA (*João Nogueira: 20 músicas do século XX*, Millennium, Universal Music, 1999).



*Inocente, pé no chão  
A fidalguia do salão  
Te abraçou, te envolveu  
Mudaram toda tua estrutura  
Te impuseram outra cultura  
E você nem percebeu  
Mudaram toda tua estrutura  
Te impuseram outra cultura  
E você nem percebeu<sup>1497</sup>*

”A hora e a vez do samba”, de Gemeu, Paulinho e Aílton, é outro samba falando do samba:

*O samba é a felicidade  
Arranca do peito a canção  
A canção leva a saudade  
E faz da saudade, paixão  
Da vida assusta a tristeza  
Que o triste resiste a cantar  
É fortuna que a pobreza  
Passa na vida a esbanjar  
Por isso eu canto agora  
Comigo cantam vocês  
Meu samba chegou a hora  
Meu samba chegou sua vez*

*O samba embala a criança  
Que adormece a cantar  
Sonhando com paz e esperança  
Desperta feliz pra lutar  
Lutar nas trincheiras do mundo  
Armado de voz e coragem  
Se tomba cansado ou ferido  
Seu povo lhe vem em miragem*

*Levanta e vence a batalha  
É um novo herói que se fez  
Se fez ao chegar a sua hora  
Se fez ao chegar a sua vez  
Por isso eu canto agora  
Comigo cantam vocês  
Meu samba chegou a hora  
Meu samba chegou sua vez<sup>1498</sup>*

---

<sup>1497</sup> BETH CARVALHO (*Os grandes sambas da história*, vol.7, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1978).

<sup>1498</sup> MARTINHO DA VILA (*Origens*, BMG/RCA, São Paulo, 1999, gravado em 1973).

Assim como o bem-humorado “Ai meu calo” , de Monsueto Meneses e J. Batista:

*Ai meu calo  
Ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai que calo  
Quem tem calo  
Unha encravada  
Não pode sambar  
Só vai ao samba  
Ao samba atrapalhar  
Diz nega!*

*Ai meu calo  
Ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai que calo*

*Estava de sapato de verniz  
Fazia um tremendo calor  
O samba estava animado  
Mas a nega me pisou  
Ai, ai, ai nega<sup>1499</sup>*

“Apoteose ao samba”, de Silas de Oliveira e Mano Décio, fala sobre certas características do samba:

*Samba, quando vens aos meus ouvidos  
Embriagas meus sentidos  
Trazes inspiração  
A dolência que possuis na estrutura  
É uma sedução  
Vai alegrar o coração daquela criatura  
Que, com certeza, está sofrendo de paixão*

*Samba, soprando por muitos ares  
Atravessaste os sete mares  
Com evolução  
O teu ritmo que te torna ainda mais ardente  
Quando vem a alma de nossa gente*

*Eu quero que sejas sempre meu amigo leal  
Não me abandones, não  
Vejo em ti um lenitivo ideal  
Em todos os momentos de aflição  
És meu companheiro inseparável de tradição  
Devo-lhe toda a gratidão  
Samba, eu confesso és a minha alegria  
Eu canto para esquecer a nostalgia<sup>1500</sup>*

---

<sup>1499</sup>JORGE VEIGA (*Jorge Veiga. O caricaturista do samba*. São Paulo, BMG/RCA, 2001, gravado em 1971).

<sup>1500</sup>JAMELÃO (*Os grandes sambas da história*, vol.13, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1975).

“Bom crioulo”, de Ataulfo Alves, fala do samba e do sambista:

*Bate crioulo, bate  
Bate no seu tambor  
Bate crioulo, bate  
Bate no seu tambor*

*Dizem que o bom crioulo  
No samba é professor  
Bate crioulo, bate  
Bate no seu tambor*

*Nunca fez uma arruaça  
Não sabe ser valentão  
Mas não nega a sua raça  
Quando pega o violão  
Tira um verso pra mulata  
Que foi pra roda sambar  
E a mulata quando samba  
Depois eu vou te contar  
Chega pra lá*

*Bate crioulo, bate  
Bate no seu tambor  
Bate crioulo, bate  
Bate no seu tambor*

*Dizem que o bom crioulo  
No samba é professor  
Bate crioulo, bate  
Bate no seu tambor*

*Bom crioulo na escola  
Carteia e joga de mão  
Tem o samba na cachola  
E a mulher no coração  
Dizem que Mariazinha  
É o xodó que ele tem  
Mas nunca perdeu a linha  
Na escola pra ninguém  
Não lhe convém<sup>1501</sup>*

Para Martinho da Vila o samba é “Coisa de Deus”:

*É sensual mas é coisa de Deus o samba  
É sensual mas é coisa de Deus o samba  
Samba menina, samba*

---

<sup>1501</sup> ATAUFO ALVES E SUAS PASTORAS (*Ataulfo Alves e suas Pastoras*. Music Brasil Ltda, s/d gravado em 1969).

*Que a ginga é a arte popular  
Não liga se a gente olha  
Rebola pra gente olhar  
É sensual mas é coisa de Deus o samba  
É sensual mas é coisa de Deus o samba  
Quando eu vejo um negro sambando  
Eu visualizo um meu ancestral  
Batucando no seu jongo  
E fazendo macumba no bambuzal  
Namorando a sinhazinha  
No meio do cafezal  
É sensual mas é coisa de Deus o samba  
É sensual mas é coisa de Deus o samba  
Quando vejo uma negra sambado  
A minha cabeça sai viajando  
Vagalume vira estrela  
Arco-íris se inflama  
O ambiente se aquece  
Porque a dança é uma chama<sup>1502</sup>*

“É batucada”, de Caninha e Visconde de Pycohyba, associa samba e batuque:

*Samba de morro  
Não é samba, é batucada  
É batucada, é batucada, oi*

*Lá na cidade  
A escola é diferente  
Só tira samba  
Malandro que tem patente*

*Nossas morenas  
Vão pro samba bonitinhas  
Vão de sandálias  
E saiote de preguinhas<sup>1503</sup>*

“Eu e o samba”, de Jair do Cavaquinho é outro bom exemplo:

*Canta, canta, canta, canta  
Sem sair do tom  
Vamos em frente, que atrás vem gente  
Mostrar a essa gente que o samba é bom*

*Eu sou do samba, quero sambar  
É neste samba que eu vou me acabar*

---

<sup>1502</sup> MARTINHO DA VILA (*Coisas de Deus*. São Paulo, Columbia, 1997).

<sup>1503</sup> MOREIRA DA SILVA (*Os grandes sambas da história*, vol.6, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1933).

*Se o baile é bom, sambar é melhor  
Baile é um tal de me pega, no terreiro eu sambo só<sup>1504</sup>*

“Eu quero um samba”, da importante dupla Haroldo Barbosa e Janet Almeida, fala do samba e de quando ele acaba:

*Eu quero um samba feito só pra mim  
Eu quero a melodia feita assim  
Quero sambar porque no samba eu sei que vou  
A noite inteira até o sol raiar*

*Ai, quando o samba acaba  
E eu fico triste então  
Vai melancolia que eu quero alegria  
Dentro do meu coração<sup>1505</sup>*

“Falso batuqueiro”, de Raul Marques e Carlos de Souza, fala do sambista de verdade e e tem “Falsa baiana” de Geraldo Pereira como intertexto

*O falso batuqueiro  
Quando entra numa roda de batucada  
Não resolve nada, não faz uma letra  
E nem diz “salve a rapaziada!”  
(É cheio de papagaiada)  
Não canta samba, não sabe dar banda  
É uma estrela apagada  
Não tem golpe de vista  
Imediatamente ele é obrigado  
A fazer a pista  
(E não tem sangue de artista)*

*A turma fica maluca  
Quando o batuqueiro faz um floreado  
Na ponta do pé  
E diz um verso de improviso  
Resolvendo o que a gente quer  
(Não é? Não é?)  
O batuqueiro tem diploma de sambista  
E é considerado na roda do samba  
E anda sempre alinhado  
Com uma baiana ao seu lado<sup>1506</sup>*

“Meu canto alto”, de Wilson Moreira, fala do samba cem por cento:

---

<sup>1504</sup> OS CINCO CRIoulos (Samba no Duro Vol. II. Rio de Janeiro, EMI, 2003, gravado em 1968).

<sup>1505</sup> MILTINHO (Os grandes sambas da história, vol.13, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1971).

<sup>1506</sup> JORGE VEIGA (Testamento dos sambistas. Moreira da Silva, Jorge Veiga e Caco Velho. Revivendo, Paraná, s/d, gravado em 1945).

*Samba  
100% brasileiro  
Lá do morro e de terreiro  
Vim mostrar especialmente a essa gente  
É no asfalto que eu canto bem alto  
Fazendo sentir que você é mais samba  
Pra quem sabe ouvir*

*Espero a hora para o povo entender  
Meu canto alto de um samba bem brasileiro  
Ao som do surdo, cavaquinho e pandeiro  
Samba, sempre o primeiro<sup>1507</sup>*

“Na batida do samba”, de Bucy Moreira, João da Silva e Manoel Francisco, imagina um certo micróbio de samba:

*Eu venho de muito longe  
Na batida do samba  
Eu quero sambar  
Eu quero sambar  
Eu quero sambar*

*É o micróbio do samba  
Que não me deixa sossegar  
Pega firme, moçada  
Agora é que o samba não pode parar<sup>1508</sup>*

“Não fujo da raia”, de Neném Chama, fala do samba e do sambar:

*Quem mandou me chamar  
Agora segura o partido  
Hoje eu quero é cantar  
E ouvir a galera comigo  
Vai ter samba a noite inteira  
Por isso não saio daqui  
Eu não sou brincadeira  
Eu faço a poeira subir  
Eu não fujo da raia  
Aceito qualquer desafio  
Samba é minha praia  
Não tem tempo quente nem frio  
Vai ter samba a noite inteira  
Por isso não saio daqui  
Eu não sou brincadeira  
Eu faço a poeira subir*

---

<sup>1507</sup> WILSON MOREIRA (*Okolofé*. Rio de Janeiro, Rob, s/d, gravado em 1989).

<sup>1508</sup> DIRCINHA BATISTA (*Os grandes sambas da história*, vol.14, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1957).

*Segura a batucada  
Que o pagode tá lindo  
No pagode do Arlindo  
Firma nessa levada  
Que o povo tá pedindo  
Mais um samba de roda  
Pra alegrar o terreiro  
Lá vem samba de roda  
Mete a mão no pandeiro<sup>1509</sup>*

“O pai da alegria”, de Agrião e Martinho da Vila, é o próprio samba:

*Se é pra sambar, entra na roda  
Vem requebrar que a roda gira  
Quer me ganhar e olha de banda  
Mas também tá minha mira  
Samba, menina que eu quero ver  
Você mexer a anatomia  
Samba mãezinha (mãinha), papai quer ver  
Você trazer só alegria  
Mas vou me perder  
No seu rebolar  
E por querer posso até bambear  
É o seu sorrir  
Que me faz sonhar  
Com o gosto do beijo que eu quero provar  
Menina que pra sambar não tem hora  
Se casa com a noite e também namora o dia  
Mas sou amante da minha escola  
E quero levá-la pra outra orgia  
No pagode você deita e rola  
E vai pra gandaia com a tal Lua vadia  
As minguantes, cheias, crescentes ou novas  
São testemunhas que o samba  
É o pai da alegria<sup>1510</sup>*

“A voz do morro”, de Zé Ketí, é um famoso exemplo:

*Eu sou o samba  
A voz do morro  
Sou eu mesmo sim senhor  
Quero mostrar ao mundo  
Que tenho valor  
Eu sou o rei dos terreiros*

*Eu sou o samba  
Sou natural daqui do Rio de Janeiro*

---

<sup>1509</sup> ARLINDO CRUZ (*Pagode do Arlindo. Ao vivo*. WEA Music, 2003).

<sup>1510</sup> MARTINHO DA VILA (*O pai da Alegria*, COLUMBIA, 1999).

*Sou eu quem leva alegria  
Para milhões de corações brasileiros*

*Mais um samba  
Queremos samba  
Quem está pedindo  
É a voz do povo do país  
Viva o samba  
Vamos cantando  
Essa melodia pro Brasil feliz<sup>1511</sup>*

“A voz do povo”, de João do Valle e Luiz Vieira, mostra outra faceta do samba:

*Meu samba é a voz do povo  
Se alguém gostou  
Eu posso cantar de novo*

*Eu fui pedir aumento ao patrão  
Fui piorar a minha situação  
O meu nome foi pra lista na mesma hora  
Dos que iam ser mandado embora  
Meu samba é a voz do povo  
Se alguém gostou  
Eu posso cantar de novo  
Eu sou a flor que o vento jogou no chão  
Mas ficou o galho pra outra flor plantar  
As minhas folhas o vento pode levar  
Mas o meu perfume fica boiando no ar  
Meu samba é a voz do povo  
Se alguém gostou  
Eu posso cantar de novo<sup>1512</sup>*

“Esperanças perdidas”, Davi Moreira e Nelson Custódio, é um belo samba que canta a ligação umbilical entre samba e sambista

*Quantas belezas deixadas nos cantos da vida  
Que ninguém quer e nem mesmo procura encontrar  
E quantos sonhos se tornam esperanças perdidas  
Que alguém deixou morrer sem nem mesmo tentar  
Minha beleza encontro no samba que faço  
Minha tristeza se torna um alegre cantar  
É que carrego o samba bem dentro do peito  
Sem a cadência do samba não posso ficar  
Não posso ficar  
Eu juro que não  
Não posso ficar*

---

<sup>1511</sup> ZÉ KETI (*Os grandes sambas da história*, vol.3, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1973).

<sup>1512</sup> PAULINHO DA VIOLA (*O essencial de Paulinho da Viola*, Coleção Focus, BMG, São Paulo, 1999, gravado em 1995).



*Eu tenho razão  
Já fui batizado na roda de samba  
O samba é a roda e eu sou a caçamba*

*Quantas noites de tristeza ele me consola  
Tenho como testemunha a minha viola  
Ai se me faltar o samba não sei o que será  
Sem a cadência do samba não posso ficar  
Não posso ficar  
Eu juro que não  
Não posso ficar  
Eu tenho razão  
Já fui batizado na roda de samba  
O samba é a roda e eu sou a caçamba<sup>1513</sup>*

“O samba não pode parar”, de Fabrício do Império e Paulo George, fala em “força do povo”:

*A chuva tá caindo  
Mas o samba não pode parar  
Não! Não!  
Não pode parar, não, não  
Não pode parar*

*Esta chuva miúda  
Para sambista é uma coisa à toa  
Chuva miúda no samba, malandro, é garoa*

*Esta chuva é sereno  
Que não molha mais ninguém  
Cada pinga que cai  
É mais um sambista que vem  
Mas o samba não pode parar  
Não, não, não pode parar*

*O samba é a força do povo  
Até parece temporal  
É o sol nascendo de novo  
Na manhã de Carnaval  
Mas o samba não pode parar  
Não, não, não pode parar<sup>1514</sup>*

“O samba nunca foi arruaça”, de Monarco e Ratinho, defende o samba contra certos preconceitos:

*O samba nunca foi de arruaça  
Quem sabe é Carlos Cachaca*

---

<sup>1513</sup> OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA, 40 volumes, São Paulo, BMG Brasil e Ed.Globo, 1997, v..37

<sup>1514</sup> DONA IVONE LARA (Alegria minha gente (serra dos meus sonhos dourados). São Paulo, WEA Music, 2001, gravado em 1982).

*Testemunha ocular  
Ele viu nos tempos de menino  
Com Cartola e Marcelino  
Coisas de fazer chorar  
Existia um certo preconceito  
Que nos tirava o direito de sambar com liberdade  
Mas apesar do preconceito  
O sucesso era perfeito  
Quando o samba ia pra cidade*

*Certos sambistas de agora  
Não sabem que outrora o samba sofreu  
O samba sofreu  
Desconhecem o passado, que lhe deu o apogeu  
Dizem que pagode é moda  
O samba de roda, o partido alto  
Mas isso já vem da antiga  
A onda de briga é coisa do asfalto<sup>1515</sup>*

“Samba é a nossa cara”, de Luisinho SP, é puro *discurso nós*

*Sem sambar a vida é triste  
Olha eu sou semente  
Eu também sou elo da corrente, eu também sou  
Olha estou contente em ver alegria em você  
Salve o nosso samba  
Muito tempo ele existe  
E agora o povo sabe  
Sem sambar a vida é triste*

*Olha eu sou dolente  
Eu também sou, sou partido-alto  
Eu também sou  
Olha eu sou aquilo que o povo mais gosta de ouvir  
Batida de cavaco  
E tantã ninguém resiste  
E agora o povo sabe  
Sem samba a vida é triste*

*Porque no samba a vida é mais bonita  
Coração logo palpita  
É o dia-a-dia da gente  
Samba que a cabeça cria  
A boca que canta e a alma que sente*

*É no samba que a gente fica assim, sorrindo  
É no samba que a gente fica resistindo*

---

<sup>1515</sup> ZECA PAGODINHO (Zeca Pagodinho. Coleção Millennium, São Paulo, Polygram, 1998, gravado em 1995).

*No samba se faz amigos  
No samba também se namora  
Fica de lado a tristeza  
Se esquece o tormento da vida lá fora  
É o samba que a gente já nasceu amando  
É no samba que a gente vai morrer cantando  
O samba é isso e muito mais  
Paixão de tantos carnavais  
O samba é nossa cara  
É a cara do povo, é a cara da paz<sup>1516</sup>*

“A alegria continua” de Mauro Duarte e Noca da Portela é pura alegria e esperança:

*O samba tem feitiço  
O samba tem magia  
Não há quem possa resistir, resistir  
Ao som de uma bateria  
É lindo a gente ver  
O samba amanhecer  
Cheio de poesia  
É lindo a gente ver  
É lindo a gente ver  
O samba amanhecer  
Cheio de poesia*

*Com o sol aparecendo  
E a lua indo embora  
E a lida tão sofrida vem pra rua  
Mas enquanto houver samba  
A alegria continua  
A alegria continua  
A alegria continua<sup>1517</sup>*

Os exemplos são infindáveis. Creio não ter encontrado um único CD ou disco de samba que não tivesse pelo menos uma música falando e cantando o próprio samba. Concluo com um dos maiores clássicos do samba brasileiro: “O samba da minha terra” de grande artista popular Dorival Caymmi:

*O samba da minha terra  
Deixa gente mole  
Quando se dança todo mundo bole*

---

<sup>1516</sup> ARLINDO CRUZ E SOMBRINHA (*Arlindo Cruz e Sombrinha*. Coleção Millennium, Polygram, 1998, gravado em 1997).

<sup>1517</sup> MAURO DUARTE E NOCA DA PORTELA, *Mauro Duarte e Noca da Portela*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974

*Quem não gosta de samba  
Bom sujeito não é  
Ou é ruim da cabeça  
Ou doente do pé*

*Eu nasci com o samba  
Com o samba me criei  
E do danado do samba  
Nunca me separei*

*Quem não samba também bole  
Quem não mexe também bole  
Quem não ginga também bole  
Quem é moço também bole  
Quem é velho também bole  
E quem não sabe também bole<sup>1518</sup>*

Note-se que a “minha terra” aqui é a Bahia da cidade de São Salvador e não o “Brasil”.

Naturalmente o *modelo de consciência* que valorize a expressão individual, o discurso singular, original e inovador e a criação de temas e enfoques desconhecidos não poderia mesmo cantar ou louvar determinado gênero. Isso significaria remeter ao lugar comum, ao óbvio e ao *dejá vu*.

Vejam os a letra do belo samba pós-tropicalista “Desde que o samba é samba”, de Caetano Veloso criado, a meu ver, a partir de outro *modelo de consciência*:

*A tristeza é senhora  
Desde que o samba é samba é assim  
A lágrima clara sobre a pele escura  
À noite a chuva que cai lá fora  
Solidão apavora  
Tudo demorando em ser tão ruim  
Mas alguma coisa acontece  
No quando agora em mim  
Cantando eu mando a tristeza embora*

*O samba ainda vai nascer  
O samba ainda não chegou  
O samba não vai morrer  
Veja, o dia ainda não chegou  
O samba é pai do prazer  
O samba é filho da dor*

---

<sup>1518</sup> CAYMMI, Dorival (*Eu vou p’ra Maracangalha*. Coleção 10 polegadas, Rio de Janeiro, ODEN/EMI, 2002, gravado em 1954/1956).

### *O grande poder transformador*<sup>1519</sup>

Note-se o tom apodíctico, assertivo, explicativo e impessoal. A voz que fala ensina, determina, prescreve e propõe noções e idéias: “A tristeza é senhora/ desde que o samba é samba é assim”.

Só quando aparece a pessoa situada “Mas alguma coisa acontece/ no quando agora em mim/ cantando eu mando a tristeza embora” o discurso tende a se aproximar de um “nós” e da situação de *familiarização* e compartilhamento.

Aliás, note-se a falta do “nós” tão recorrente nas letras do samba popular. E ainda o tom reflexivo e teórico: o samba seria “O grande poder transformador”. Transformador de exatamente o quê? O samba seria pai do prazer e filho da dor. Como situar isso na vida concreta sem um exemplo prático? As letras de samba costumam vincular pouco samba e dor. Ao contrário, em geral associam o samba à festa, ao riso, à esperança, ao compartilhamento entre pessoas e ao prazer. Ou à uma “coisa de Deus.”

A letra de “Desde que o samba é samba” implica, portanto, um discurso construído tendo em vista a “interpretação”.

Ao adotar o samba como um de seus temas mais recorrentes, o discurso do samba parece partir do pressuposto de que existem temas pré-existentes conhecidos de todos e estes talvez sejam de fato os mais importantes. Talvez eles reapareçam sempre justamente por serem significativos e por permitirem o compartilhamento.

#### **7.16 O tema do trabalho**

Antropólogos e estudiosos da religião, como Ad. Jensen<sup>1520</sup> e Mircea Eliade, ressaltaram a recorrência de antiquíssimos enredos míticos, que, em processo análogo ao fenômeno das “descobertas simultâneas”, foram tecidos em diferentes culturas e épocas a partir das mesmas e significativas perguntas, a saber, como e por que “o homem tornou-se no que ele é hoje – mortal, sexualizado e condenado ao trabalho”.<sup>1521</sup>

---

<sup>1519</sup> VELOSO, Caetano. *Letra só*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p. 85.

<sup>1520</sup> C.f. JENSEN, Ad. E. *Mito y culto entre pueblos primitivos*. 3ª ed. Trad. Carlos Gerhart. México, Fondo de Cultura Económica, 1986.

<sup>1521</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p.133.

As respostas, naturalmente, variam muito de cultura para cultura, mas as questões, essencialmente práticas, permanecem as mesmas.

Note-se que indagar sobre a mortalidade parece, na verdade, uma tentativa de compreender as razões da existência. Se os homens fossem imortais, tal questionamento – compreender a razão da vida – não teria sentido. Temas como “a busca do auto-conhecimento” ou da “identidade” podem portanto ser associados à condição de mortalidade. Porque morremos, diante da efemeridade humana, precisamos nos conhecer para poder construir um sentido para a existência.

Perguntar sobre a sexualidade, por outro lado, parece remeter ao velho e recorrente tema da busca do parceiro amoroso, presença constante nas manifestações humanas.

Nesta etapa pretendo abordar a terceira pergunta: a condenação do homem ao trabalho.

A associação entre povo e trabalho parece ser evidente e indiscutível. A vida das “populações rurais, as camadas empobrecidas das periferias urbanas e os grupos de indivíduos que, embora materialmente próximos das camadas privilegiadas, manifestam uma visão de mundo semelhante àquela da cultura popular”<sup>1522</sup>, a vida do “... conjunto das classes subalternas e instrumentais de toda forma de sociedade até agora existente”<sup>1523</sup> ou da “classe operária de baixo poder aquisitivo; os pobres dos grandes centros e o homem do campo”<sup>1524</sup> é simplesmente inseparável do trabalho. Vida e trabalho, no caso do povo, são, em princípio, quase sinônimos.

Todos os estudos sobre cultura popular brasileira apontam a influência cotidiana do trabalho marcando a vida e o tempo na vida das pessoas.

Fala-se também na preguiça ou mesmo na ojeriza ao trabalho.

Carlos Rodrigues Brandão, em seu estudo sobre o caipira paulista, nota, por outro lado, numa verdadeira moral do trabalho. Nos grupos domésticos, diz ele, “... todos os integrantes realizam algum tipo de trabalho, desde que estejam em idade e com condições de fazê-lo”.<sup>1525</sup>

---

<sup>1522</sup> GOMES, Núbia P.M. & PEREIRA, Edimilson P. *Mundo encaixado – Significação da cultura popular*, p.25.

<sup>1523</sup> GRAMSCI, Antonio. *Literatura e vida nacional.*, p. 184.

<sup>1524</sup> GOMES, Núbia P.M. & PEREIRA, Edimilson P. *op.cit.*, p. 196

<sup>1525</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O trabalho de saber – Cultura camponesa e escola rural*, p.43.

Nessas comunidades, o trabalho é “uma questão de família, uma necessidade diretamente ligada às condições da reprodução familiar. Mesmo que não aprendam um ofício com seu trabalho, filhos e filhas têm que ajudar com ele na manutenção e reprodução da unidade doméstica efetiva e produtiva da ordem camponesa. Ele é (...) um direito dos pais. Na linguagem do lugar, o trabalho é uma obrigação dos filhos. Por meio dele, os filhos, enquanto não são plenamente produtivos, retribuem o que recebem como fruto do trabalho dos outros membros da família”.<sup>1526</sup>

Vimos em outra parte, com Candido, Brandão, Xidieh e outros, o costume popular do mutirão, sistema coletivo e solidário de ajuda mútua através do trabalho.

Na verdade, o trabalho é um tema popular essencial. Segundo Brandão, “[a]s crianças e os adolescentes convivem com os pais e outras pessoas mais velhas do grupo doméstico o dia quase inteiro. O teor de tal convivência é o *trabalho*: ele é a atividade e o assunto”.<sup>1527</sup>

A mesma relação íntima do povo com o trabalho surge nos estudos de Alba Zaluar realizados na favela Cidade de Deus.

Zaluar nota a associação entre a noção de “família” e a de “trabalhador”. Diz que “sempre que (...) o contexto é a família como unidade de renda ou, mais raramente, a produção, a identidade acionada é a do trabalhador. Quando quem fala é adulto, homem ou mulher, o termo trabalhador é sempre dito com orgulho, se a fala é auto-referida, ou uma ponta de respeito, se a fala se refere a outrem. Enquanto se opõe a ‘vagabundos’, ‘bêbados’, ‘malandros’ ou ‘bandidos’, a categoria é usada para indicar o valor moral superior da pessoa assim referida. ‘Ele é trabalhador’ é uma afirmação sempre feita com respeito...”<sup>1528</sup>

Ressalta também a socióloga a presença do conflito ético que opõe o “trabalhador” ao “otário”. É possível portanto associar aspectos do favelado ao caipira vadio assinalado por Candido. “O trabalhador respeitável”, diz Zaluar, “não fornece a única visão do trabalho e, portanto, a única forma de construir a imagem do trabalhador. Existe uma outra, oposta, que cria uma área de ambigüidades, expressa principalmente na fala dos jovens que vivem o dilema da escolha entre ser trabalhador ou não, ainda uma construção paradigmática mas impossível de ser realizada. É a que vê o trabalho nos seus aspectos negativos, uma

---

<sup>1526</sup> Idem, ibidem, p.66

<sup>1527</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues *A cultura na rua*, p.95

<sup>1528</sup> ZALUAR, Alba. op.cit, p.88

escravidão, e o trabalhador um ‘otário’”.<sup>1529</sup> Surge o “dilema da escolha entre a vida ‘criminosa’ e o trabalho incessante...”.

É preciso destacar dois pontos aparentemente marcantes no âmbito popular: 1) o trabalho visto como uma realidade natural e inescapável; 2) o conflito ético – que surgiu claramente, como vimos, na abordagem da *moral ingênua* – que sugere três possibilidades de vida: ser trabalhador, ser malandro ou ser bandido.

O caráter quase utópico do ser malandro, ser preguiçoso, viver no bem-bom, de papo pro ar e levar a vida “numa boa” vadiando, é sem dúvida traço fortemente arraigado ao imaginário da tradição popular.

O “País da Cocanha”, cantado em verso e prosa no período medieval, com certeza também em Portugal, pressupunha, numa época de grande pobreza popular, a existência de um lugar utópico – análogo aos lugares sagrados como o Éden, a Terra Prometida, o Sid da tradição céltica, o Eldorado, o Campo das Caças Eternas, o Céu (em oposição ao Inferno) – mas dessacralizado onde não existiria trabalho e viver significava divertir-se, comer muito, passar bem e vadiar.

A crença na existência de sociedades ideais e justas, sem conflitos, de abundância onde a felicidade era total, análoga aos heróis salvadores do povo como D. Sebastião, o Desejado, ou Frederico II, o Novo Messias, rei imortal da Sicília, era corrente no período em questão<sup>1530</sup>.

Voltando ao “País da Cocanha”, lugar utópico fortemente arraigado à mentalidade popular medieval, pode ser vinculado às concepções, citadas por Bakhtin, que imaginam o destronamento (a alternância do poder, a subida de quem está em baixo e a queda de quem está em cima, a morte que vira semente da vida, a vitória do novo contra o velho etc.); a vida vista por um ângulo inusitado; a fantasia como instrumento de experimentação da verdade; o mundo às avessas; o riso carnavalesco, enraizadas nos valores e temas do mundo

---

<sup>1529</sup> Idem, *ibidem*, p.90

<sup>1530</sup> Ao partir em sua célebre viagem, Vasco da Gama tinha ordens não só de descobrir o caminho marítimo para as Índias, mas também de tentar localizar o misterioso Império de Preste João, lugar utópico riquíssimo, conhecido por uma famosa carta apócrifa que circulou na Europa medieval. A região mágica teria sido visitada por vários viajantes, inclusive portugueses, e, segundo constava, lá existiriam tesouros incalculáveis, o Paraíso terrestre, os exércitos de Gog e Magog que ali estariam esperando o Apocalipse, centauros, rios de leite, castelos suntuosos, exércitos imbatíveis e a fonte da juventude, entre outras maravilhas. O bom rei D. Manuel sonhava em aliar-se ao poderoso Preste João, que, corria a lenda, teria recebido seu império diretamente das mãos de Deus, e assim, atacar e destruir definitivamente os maometanos.



concreto: a luta pela sobrevivência, a valorização do prazer e da liberdade sexual, o enfrentamento da morte etc. Essas concepções supõem o confronto, descrito por Bakhtin, entre os valores abstratos e idealizados do mundo oficial, Igreja e Estado, e o “espírito” popular, sempre ligado às questões concretas como a busca da estabilidade econômica, os prazeres da vida, a fartura, a comida, a luta para adiar a morte, a alegria esperançosa diante da existência, numa palavra: a busca da felicidade pessoal. Estamos, mais uma vez, em pleno território da *moral ingênua*.

Eis trechos do texto:

*Escute agora quem está aqui.  
(...)  
Não tenho muita idade, mas  
Nem por isso sou menos sábio.  
Uma coisa vocês devem saber:  
Barba grande não significa saber;  
Se os barbados fossem sábios  
Bodes e cabras também o seriam.  
(...)  
Agora ouçam como são  
Os habitantes daquele país.  
Creio que Deus e todos os seus santos  
Abençoaram-na e sagraram-na mais  
Que qualquer outra região.  
(...)  
Lá quem mais dorme mais ganha;  
Quem dorme até meio-dia  
Ganha cinco soldos e meio.  
De barbos, salmãos e sáveis  
São os muros de todas as casas;  
Os caibros lá são esturjões,  
Os telhados de toicinho,  
As cercas são de salsichas.  
Existe muito mais naquela terra de delicias.  
Pois de carne assada e presunto  
São cercados os campos de trigo;  
Pelas ruas vão se assando  
Gordos gansos que giram  
Sozinhos regados  
Com molho branco de alho;  
Digo ainda a vocês que por toda parte,  
Pelos caminhos e pelas ruas,  
Encontram-se mesas postas  
Com toalhas brancas,  
Onde se pode beber e comer  
Tudo o que se quiser sem problemas;  
Sem oposição e sem proibição  
(...)*

*As pessoas lá não são vis,  
São pelo contrário virtuosas e corteses.  
Seis semanas tem lá o mes,  
Quatro Páscoas tem o ano,  
E quatro festas de São João.  
Há no ano quatro vindimas,  
Feriado e domingo todo dia,  
Quatro Todos os Santos, quatro Natais,  
Quatro Candelárias anuais,  
Quatro Carnavais,  
E Quaresma, uma a cada vinte anos.  
(...)  
O país é tão rico  
Que bolsas cheias de moeda  
Estão jogadas no chão;  
(...)  
As mulheres dali, tão belas  
Maduras e jovens,  
Cada qual pega a que lhe convém,  
Sem descontentar ninguém.  
Cada um satisfaz seu prazer  
Como quer e por lazer;  
Elas não serão por isso censuradas,  
Serão mesmo muito mais honradas.  
(...)  
Há ainda outra maravilha,  
Vocês jamais ouviram coisa semelhante:  
A Fonte da Juventude  
Que rejuvenesce as pessoas,  
E traz outros benefícios.  
Lá não haverá, bem o sei,  
Homem tão velho ou tão encanecido,  
Nem mulher tão velha que,  
Tendo cãs ou cabelos grisalhos,  
Não volte a ter trinta anos de idade,  
Se à fonte puder vir;  
Lá se pode rejuvenescer  
Aqueles que moram no país.  
Certamente é muito louco e ingênuo  
Quem pôde entrar naquela terra,  
E de lá saiu.  
Eu mesmo o sei,  
Posso entender isso muito bem.  
Pois fui louco  
Quando de lá saí... ”<sup>1531</sup>  
(...)*

---

<sup>1531</sup> FRANCO JR., Hilário. *Cocanha*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 28

O tema do lugar utópico reaparece na literatura de cordel nordestina em, por exemplo, *Viagem a São Saruê*, de Manuel Camilo dos Santos:

*Avistei uma cidade  
Como nunca vi igual  
Toda coberta de ouro  
E formada de cristal  
Ali não existe pobre  
É tudo rico em geral  
(...)  
O povo em São Saruê  
Tudo tem felicidade  
Passa bem anda decente  
Não há contrariedade  
Não precisa trabalhar  
E tem dinheiro à vontade  
(...)  
Lá eu vi rios de leite  
Barreiras de carne assada  
Lagoas de mel de abelha  
Atoleiros de coalhada  
Açudes de vinho do porto  
Montes de carne guisada  
(...)  
Tudo lá é bom e fácil  
Não precisa se comprar  
Não há fome nem doença  
O povo vive a gozar  
Tem tudo e não falta nada  
Sem precisar trabalhar  
(...)  
Lá quando nasce um menino  
Não dá trabalho a criar  
Já é falando e já sabe  
Ler, escrever e contar  
Salta, corre, canta e faz  
Tudo quanto se mandar  
(...)  
  
Lá não se vê mulher feia  
E toda moça é formosa  
Bem educada e decente  
Bem trajada e amistosa  
É qual um jardim de fadas  
Repleto de cravo e rosa<sup>1532</sup>  
(...)*

---

<sup>1532</sup> BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal, Fundação José Augusto, 1977

Este espírito alegre, edênico, representativo, com todas as letras, da cosmovisão carnavalesca esteve presente em inúmeros outros textos populares medievais. Eis alguns exemplos, selecionados por Peter Burke.:

*Domigo bebo vinho/ segunda não faço nada/ terça é bom para descansar/ quarta para levantar/ quinta para recuperar/ sexta para fazer as contas/ Ei! Sábado para perguntar/ o que temos para trabalhar?*<sup>1533</sup>

*Pai Nosso que estais em Bruxelas/ maldito seja vosso nome/ Não seja feita a vossa vontade/ nem aqui na terra nem lá no céu.*<sup>1534</sup>

*Por dormir uma hora/ De sono profundo,/ Sem despertar,/ Ganha-se seis francos/ E o mesmo para comer;/ E para bastante beber/ Ganha-se um dobrão de outro;/ Esse país é engraçado,/ Ganha-se por dia/ Dez francos para amor fazer.*<sup>1535</sup>

Como veremos, o espírito carnavalesco da Cocanha reaparece claramente em muitas letras de samba.

Falei no trabalho visto como uma realidade inescapável ou como gerador de um conflito ético. Vale a pena sublinhar um terceiro ponto: a imagem do trabalhador, muito comum nas camadas populares rurais e urbanas, como alguém que pode até ter eventualmente uma profissão definida mas, na verdade, sabe ou se dispõe a fazer qualquer “serviço”, ou seja, ser “pau-para-toda-obra” ou apenas um “trabalhador”.

Na favela Cidade de Deus, e eu acrescentaria nas camadas populares, como diz Zaluar, o trabalho tem seu valor moral vinculado ao “ganha-pão”, qualquer que ele seja, e não a uma atividade definida, uma “profissão”<sup>1536</sup>.

O tema do trabalho, abordado de forma direta ou indireta, do ponto de vista tanto do trabalhador como do malandro e, às vezes, até do bandido, é absolutamente recorrente nas letras de samba.

Na obra de Paulinho da Viola, como compositor, o assunto não tem sido tão freqüente. O belo samba “Quatorze anos”, já visto, porém, é um exemplo:

*Tinha eu 14 anos de idade  
Quando meu pai me chamou  
Perguntou-me se eu queria*

<sup>1533</sup> BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. 2ª ed. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 67.

<sup>1534</sup> Idem. *ibidem*. p. 157.

<sup>1535</sup> Idem, *ibidem*. p.214.

<sup>1536</sup> ZALUAR, op.cit. p.121

*Estudar Filosofia  
Medicina ou Engenharia  
Tinha eu que ser doutor  
Mas a minha aspiração  
Era ter um violão  
Para me tornar sambista  
Ele então me aconselhou  
Sambista não tem valor  
Nesta terra de doutor  
E seu doutor  
O meu pai tinha razão  
Vejo um samba ser vendido  
E o sambista esquecido  
E seu verdadeiro autor  
Eu estou necessitado  
Mas meu samba encabulado  
Eu não vendo não senhor<sup>1537</sup>*

Como intérprete, o tema surge em “Que trabalho é esse?”, de Zorba Devagar e Mical

*Que trabalho é esse  
Que mandaram me chamar  
Se for pra carregar pedra  
Não adianta, eu não vou lá  
Quando chego no trabalho  
O patrão vem com aquela história  
Que o serviço não está rendendo  
Eu peço as minhas contas e vou me embora  
Quando falo no aumento  
Ele sempre diz que não é hora  
Quando falo no aumento  
Ele sempre diz que não é hora  
Veja só meu companheiro  
A vida de um trabalhador  
Trabalhar por tão pouco dinheiro  
Não é mole, não senhor  
Pra viver dessa maneira  
Eu prefiro ficar como estou  
Todo dia tudo aumenta  
Ninguém pode viver de ilusão  
Assim eu não posso ficar, meu compadre  
Esperando o meu patrão  
E a família lá em casa  
Sem arroz e sem feijão  
(Como é que fica?)<sup>1538</sup>*

---

<sup>1537</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola e Elton Medeiros. Samba da Madrugada, Coleção Reviva, Som Livre, 2002*).

<sup>1538</sup> PAULINHO DA VIOLA (*Musica! O melhor da música de Paulinho da Viola, WEA, 1996, gravado em 1982*).

Em “A feira”, de Murilão e Martinho da Vila, fala-se de um vendedor de laranja:

*Sou um laranjeiro, com meu tabuleiro  
Vou vendendo, laranja pêra  
Laranja lima, laranja seleta  
E tangerina  
Quem quiser  
Comprar em mim  
Eu vou vendendo  
Quem quiser  
Comprar em mim  
Quem quiser  
Comprar em mim  
Eu vou vendendo  
A madame chegou lá na feira  
Caçando caqui  
Pechinchou lá e acolá  
Mas acabou comprando aqui  
Quem quiser  
Comprar em mim  
Quem quiser  
Comprar em mim  
Quem quiser  
Comprar em mim  
Eu vou vendendo  
A madame correndo na feira  
Procurando fruta  
A madame é bonita, a filha é bacana  
Mas a empregada mais enxuta  
Quem quiser  
Comprar em mim  
Quem quiser  
Comprar em mim  
Quem quiser  
Comprar em mim  
Eu vou vendendo  
A madame lá na feira livre  
Com bolsa pesada e levando criança  
Entregou a bolsa pro João Carreteiro  
Que era menino de confiança  
Quem quiser  
Comprar em mim  
Quem quiser  
Comprar em mim  
Quem quiser  
Comprar em mim  
Eu vou vendendo<sup>1539</sup>*

---

<sup>1539</sup> MARTINHO DA VILA (*Origens*, BMG/RCA, São Paulo, 1999, gravado em 1973).

Jorge Zagaia canta “A vida do trabalhador”:

*O morro é um paraíso aberto  
Quem não acredita venha ver de perto  
Quando vai caindo a tarde  
Vem subindo a ladeira  
Cheio de felicidade  
O pobre trabalhador que durante o dia trabalhou  
Trabalhou, trabalhou, trabalhou  
O morro é a vida do trabalhador  
Ele chega em casa cheio de alegria  
Vem logo abraçando a sua família  
Quando chega a noite cai no samba e vai sambar  
E de manhã cedo desce pra ir trabalhar<sup>1540</sup>*

“Bonde da Piedade”, de Ary Monteiro e Geraldo Pereira, foi criado em 1945 durante o governo Getúlio Vargas:

*De manhã eu deixo o barracão  
Vou pro ponto de sessão  
Cheio de alegria  
Pego o Bonde Piedade  
Desembarco na cidade  
Em busca do pão de cada dia  
A princípio meu ordenado era pouco  
E muito trabalho  
Agüentei o galho  
E o tempo passou  
Agora fui aumentado  
Passei a encarregado  
A minha situação melhorou<sup>1541</sup>*

É o caso do clássico “Bonde São Januário”, de Ataulfo Alves e Wilson Batista:

*Quem trabalha é quem tem razão  
Eu digo e não tenho medo de errar  
Quem trabalha é quem tem razão  
Eu digo e não tenho medo de errar  
O bonde São Januário  
Leva mais um operário  
Sou eu que vou trabalhar*

*Antigamente eu não tinha juízo  
Mas resolvi garantir meu futuro  
Veja você*

---

<sup>1540</sup>VELHA GUARDA DA MANGUEIRA (*Mangueira Chegou*. Rio de Janeiro, Nikita Music/Ouver Records, 2000).

<sup>1541</sup>GERALDO PEREIRA (*Geraldo Pereira*. Bebel Gilberto e Pedrinho Rodrigues. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1983).

*Sou feliz, vivo muito bem  
A boemia não dá camisa a ninguém<sup>1542</sup>*

Ao contrário, em “Conselho de mulher” de Adoniran Barbosa, Osvaldo Moles e J. Berlarmino dos Santos, de 1956, a letra fala malandramente do trabalho:

*Pogressio, pogressio  
Nóis sempre escuitou falá  
Se o pogressio vem com o trabalho  
Então amanhã cedo  
Nóis vai trabalhar  
Se Deus quisé*

*Quanto tempo  
Nóis perdeu na boemia  
Sambando noite e dia  
Cortando uma rama sem parar  
Agora escuitando o conselho das mulhé  
Amanhã nós vai trabalhá  
Se Deus quiser  
Mas Deus não qué<sup>1543</sup>*

Em “Inventor do trabalho”, o sambista Batatinha (Oscar da Penha, 1924-1997), fala do trabalho como sina:

*O tal que inventou o trabalho  
Só pode ter uma cabeça oca  
Pra conceber tal idéia  
Que coisa louca  
O trabalho dá trabalho demais  
E sem ele não se pode viver  
Mas há tanta gente no mundo  
Que trabalha sem nada obter  
Somente pra comer*

*Contradigo o meu protesto  
Com referência ao inventor  
A ele cabe menos culpa  
Do seu invento causar pavor  
Dona Necessidade que é senhora absoluta  
Da minha situação de trabalhar  
E batalhar por uma nota curta<sup>1544</sup>*

---

<sup>1542</sup> ALVES, Ataulfo (*Ataulfo Alves e suas pastoras* 1969 e *Ataulfo Alves* 1970 2 em 1 EMI, 2003).

<sup>1543</sup> DEMÔNIOS DA GAROA (*Mais demônios do que nunca*. São Paulo, Trama, T 500/125-2, 2000).

<sup>1544</sup> BATATINHA (*Sambas da Bahia*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974).



“Inimigo do batente”, de Wilson Batista e Germânio Augusto, descreve o trabalho do ponto de vista da mulher do malandro e sambista. Wilson Batista é um dos maiores compositores do samba malandro:

*Eu não posso mais  
A minha vida não é brincadeira  
Eu vou me desmilinguindo igual sabão  
Na mão da lavadeira  
Se ele chegasse em casa  
Ouvia a vizinhança toda falando  
Só por me ver lá no tanque  
Lesco-lesco, lesco-lesco, me acabando*

*Se eu lhe arranjo trabalho  
Ele sai de manhã, de tarde pede a conta  
Já estou cansada de dar murro em faca de ponta  
Ele disse pra mim que tá esperando ser presidente  
Tirar patente do sindicato  
Dos inimigos do batente, ai, ai*

*Ele é um moreno forte  
Ele é mesmo forte  
Ele é um atleta  
Mas tem um grande defeito  
Ele diz que é poeta  
Ele disse pra mim  
Que está compondo um samba e quer abafar  
Ai, é de amargar  
Eu não posso mais  
Eu vou me embora  
Eu vou me desguiar  
Ai, ai<sup>1545</sup>*

“Izaura”, de Herivelto Martins e Roberto Roberti, é um samba clássico sobre o amor e o trabalho

*Ai, ai, ai, Izaura  
Hoje eu não posso ficar  
Se eu cair em seus braços  
Não há despertador  
Que me faça acordar  
Eu vou trabalhar*

*O trabalho é um dever  
Todos devem respeitar  
Oh! Izaura me desculpe  
No domingo eu vou voltar*

---

<sup>1545</sup> MARLENE (Os grandes sambas da história, vol.30, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1970).

*Seu carinho é muito bom  
Ninguém pode contestar  
Se você quiser eu fico  
Mas vai me prejudicar  
Eu vou trabalhar<sup>1546</sup>*

“Jogo Proibido”, de Carlinhos e Lino Roberto, fala da opção pelo trabalho

*Um tal jogo do baralho  
Dá o maior galho que nem gosto de lembrar  
Se a polícia estoura o jogo  
Sempre fica mais um bobo que não soube se mandar*

*É pilhado em flagrante  
E naquele mesmo instante é metido no xadrez  
Por querer bancar o sabido  
Nesse jogo proibido vaga pelas 36*

*Então prefiro  
Ser um simples operário  
Ser fiel ao meu trabalho  
Eu vejo a felicidade  
Falando sério  
O que eu quero é liberdade  
Pra viver em paz comigo e com a sociedade<sup>1547</sup>*

“Lava-pés”, é um samba malandro de Geraldo Filme e Pirula:

*Quem me vê de manhã  
Pensa que eu vou trabalhar  
Quem me vê de manhã  
Pensa que eu vou trabalhar  
Eu vou para casa descansar  
Pois eu passo a noite inteira na orgia  
Pois eu passo a noite inteira na orgia<sup>1548</sup>*

“Madalena”, dos grandes Bide e Marçal, fala do trabalho quase como um pano de fundo:

*Madalena, você foi ao samba  
Sem me avisar  
Parece incrível, mulher  
Você não tem pensar*

---

<sup>1546</sup> DEMÔNIOS DA GAROA (*Os grandes sambas da história*, vol.17, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1965).

<sup>1547</sup> BEZERRA DA SILVA (*Grandes Sucessos de Bezerra da Silva*. Vol 1, Rio de Janeiro, Cid, s/d).

<sup>1548</sup> GERALDO FILME (*Geraldo Filme*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1992).

*Veja só se isso é hora  
O sol já está de fora  
Vou para o trabalho  
E você no samba até agora*

*Madalena, ô Madalena  
Não convém se desculpar  
Estou em cima da hora  
Tenho que ir trabalhar  
Mas já vou lhe prevenindo  
Acho bom não esquecer  
Logo mais quando eu chegar  
É que eu vou conversar com você  
Você sabe por quê<sup>1549</sup>*

“Malandro em sinuca”, de Moreira da Silva, outro sambista da malandragem, fala de malandros e otários:

*Estou cansado dessa vida de otário  
Afim o meu salário já não chega para mim  
Fui à sinuca para de alguém tomar  
A granolina sem suar  
Nessa vida eu sou assim  
Um certo tipo alinhado e grãfino  
Tinha até cara de menino  
Uma partida apreciava  
Aproximei-me resoluto e com coragem  
E na minha malandragem perguntei se ele jogava  
Apostando já se vê*

*“O garoto, vem cá, vamos jogar uma partida de sinuca pra brincar?”  
“Posso, posso jogar mas o senhor tem que me dar uma partidinha”  
“Perai, você não conhece o meu jogo, que papo é esse, já vem pedindo  
partida?”  
“É você é muito manjado por ai”  
“Veja você em todo caso, ora aqui vamos fazer o seguinte, vamos jogar  
valendo 10, e se realmente você jogar pouco, na segunda eu te dou uma  
partidinha, tá?”  
“Tá, tá bom, vamos lá” (falado)*

*A primeira valendo dez começou  
Ele saiu e levou a sete ele arcou  
Ele jogava sem ter medo e sem temor  
Muito embora a diferença cada vez fosse maior  
A segunda valendo vinte eu sai  
Dessa vez nada meti*

---

<sup>1549</sup> ANJOS DO INFERNO (Os grandes sambas da história, vol.17, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1942).

*Deixei mesmo ele ganhar  
Mas a terceira, valendo 100 e a despesa  
Ele saiu e limpou a mesa  
E me deixou sem respirar  
E fui roubado, vou gritar<sup>1550</sup>*

“Mary Lu”, de Barbeirinho do Jacarezinho, Luiz Grande e Marcos Diniz, aborda a mulher que se dá bem no trabalho:

*Benza Deus  
A comadre Mary Lu  
Que já fez muita faxina  
Pra gente grãfina  
Lá da zona sul  
Lá da zona sul  
Ganhou cacareco pra chuchu  
Hoje ela é empresária  
Tem brechó na área de Nova Iguaçu*

*Mary Lu tem de tudo em seu antiquário  
Sumiê, cristaleira, fogareiro e armário  
Peça de vestuário  
Pra quem não tem grana  
Ela é muito bacana  
Até faz crediário  
Ela facilita qualquer transação  
Mas se leva uma volta  
A nega vira um cão  
Ainda está pra nascer  
Outra preta com tanta disposição*

*Em cadeira velha ela passou verniz  
Em gravura da antiga tirou cicatriz  
Deu um duro danado  
Sofreu um bocado  
Mas hoje ela tem filial e matriz  
E aquele cafifa que lhe gavionava  
Ela mandou às favas porque não venceu  
Hoje está estribada  
Muito bem amada  
E quem sabe, sou eu<sup>1551</sup>*

“O trem atrasou”, de Arthur Villarinho, Estalislau Silve e Paquito, é um samba clássico abordando o trabalho:

---

<sup>1550</sup> MOREIRA DA SILVA (*Morengueira*, Rio de Janeiro, EMI, 2003, gravado em 1968).

<sup>1551</sup> ZECA PAGODINHO (*Ao mestre Heitor dos Prazeres*. São Paulo, Polygram, 538229-2, 1998).

*Patrão, o trem atrasou  
Por isso estou chegando agora  
Trago aqui um memorando da Central  
O trem atrasou meia hora  
O senhor não tem razão  
Para me mandar embora*

*O senhor tem paciência  
É preciso compreender  
Sempre fui obediente  
Reconheço o meu dever  
Um atraso é muito justo  
Quando há explicação  
Sou um chefe de família  
Preciso ganhar o pão  
E eu tenho razão<sup>1552</sup>*

O samba “Não há”<sup>1553</sup> é um delicioso e menos conhecido samba do grande Ismael Silva:

*Trabalho igual ao meu  
Todo mundo quer  
Mas nem todos podem arranjar  
Pego às onze horas  
Largo ao meio-dia  
E tenho uma hora prá almoçar*

*Não há coisa melhor  
Fico às vezes até sem comer  
Só pra não mastigar  
Não há coisa melhor  
Do que não fazer nada  
Pra depois descansar<sup>1554</sup>*

Retomo o “Samba do Trabalhador” de Darcy da Mangueira por sua ligação ao tema tradicional e utópico da Cocanha

*Na segunda-feira eu não vou trabalhar  
É, é, é a  
Na terça-feira não vou pra poder descansar  
É, é, é a  
Na quarta preciso me recuperar  
É, é, é a  
Na quinta eu acordo meio-dia, não dá*

---

<sup>1552</sup> PAIVA, Roberto (*Roberto Paiva. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, JBC 0709012, s/d, gravado em 1974).

<sup>1553</sup> Este samba, gravado no CD do Sesc está com o título errado. Na verdade o samba “Não há” de Ismael Silva, Nilton bastos e Franscisco Alves é outro.

<sup>1554</sup> SILVA, Ismael (*Ismael Silva. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, JBC 0709028, s/d, gravado em 1973).

É, é, é a  
 Na sexta viajo pra veranear  
 É, é, é a  
 No sábado vou pra Mangueira sambar  
 É, é, é a  
 Domingo é descanso e eu não vou mesmo lá  
 É, é, é a  
 Mas todo fim de mês chego devagar  
 É, é, é a  
 Porque é pagamento eu não posso faltar  
 É, é, é a  
 E quando chega o fim do ano  
 Vou minhas férias buscar  
 E quero o décimo-terceiro  
 Pro Natal incrementar  
 Na segunda-feira não vou trabalhar  
 É, é, é a, é, é, é a  
 Eu não sei por que tenho que trabalhar  
 Se tem gente ganhando de papo pro ar  
 Eu não vou, eu não vou  
 Eu não vou trabalhar  
 Eu só vou, eu só vou  
 Se o salário aumentar  
 É, é, é a, é, é, é a  
 A minha formação não é de marajá  
 Minha mãe me ensinou foi colher e plantar  
 Eu não vou, eu não vou  
 Eu não vou trabalhar  
 Eu só vou, eu só vou  
 Se o salário aumentar  
 É, é, é a, é, é, é a  
 Tô cansado...<sup>1555</sup>

“E o juiz apitou” de Antonio Almeida e Wilson Batista fala de futebol e trabalho.

Eu tiro o domingo para descansar  
 Mas não descansei  
 Que tolo fui eu  
 Regressei do futebol  
 Todo queimado de sol  
 O Flamengo perdeu  
 Pro Botafogo  
 Amanhã vou trabalhar  
 Meu patrão é vascaíno  
 E de mim vai zombar  
  
 Foram noventa minutos

---

<sup>1555</sup> MARTINHO DA VILA (*Martinho da Vila. Grandes Sucessos*. São Paulo, Columbia, s/d).

*Que torci como louco  
Até ficar rouco  
Nandinho para Zizinho  
Zizinho serve a Pirilo  
Que preparou pra chutar  
Aí o juiz apitou  
O tempo regulamentar  
Que azar!<sup>1556</sup>*

São quase infundáveis as menções ao trabalho nas letras de samba. Concluo, como convém, com o “Pagode da saideira”, de Gracia do Salgueiro e Duque do Surdo:

*Eu não vou tomar mais saideira  
Segunda-feira  
Tenho que ir trabalhar  
Estou nessa a semana inteira  
Se eu tomar mais um copo  
Só mesmo de maca vão me retirar  
Agora, você mandou sair  
Mais de uma rodada  
É derrubada, eu já senti  
Essa já é a décima-primeira  
Que vem como saideira  
E nada da gente sair  
Enquanto houver garçom e geladeira  
Vem sempre uma saideira  
Que não deixa a gente dormir  
Mas eu não vou tomar...<sup>1557</sup>*

O tema do trabalho ou mesmo qualquer menção à necessidade de trabalho, a emprego, a salário, horário e a patrão, praticamente inexistente nas letras da moderna música popular brasileira. Entretanto, é curioso, na sociedade moderna todas as pessoas, independentemente de classes sociais, costumam ter emprego, salário e patrão e, em geral, trabalham muito.

Em seu interessante estudo “Cautelosa aproximación a otros códigos”<sup>1558</sup> Umberto Eco, partindo de sete histórias em quadrinhos produzidas na China de Mao Tsé-Tung, demonstra como é fácil, para qualquer leitor ocidental, identificar nelas, de imediato, um sem-número de índices reforçando e refletindo a ideologia maoísta.

---

<sup>1556</sup> VASSOURINHA. *Vassourinha*. WEA Music, 5050466077523, 2002, gravado em 1941

<sup>1557</sup> MARTINHO DA VILA (*Canta, canta minha gente*. São Paulo, BMG/RCA, 1989).

<sup>1558</sup> in NEBIOLO G., CHESNEAUX, J. e ECO U. *Los comics de Mao*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1971, p. 273-286

Eco comprova também, por outro lado, como para nós é bem mais difícil perceber traços ideológicos análogos em histórias em quadrinhos ocidentais. Sobre os heróis ocidentais, como Flash Gordon, Fantasma, Mandrake, Dick Tracy e outros, diz ele que *“en el mundo existen múltiples problemas, pero siempre quedan resueltos individualmente por un héroe carismático, cuya entrega a la comunidad es el fruto de una selección excepcional, compensada por la gloria y apoyada en una buena dosis de narcisismo; este héroe trabaja siempre solo y no representa a nadie, ni cumple órdenes de sus iguales (hasta el punto, que le basta su propia identidad para subrayar su singular esencia frente a la comunidad), el objeto principal de sus esfuerzos es la defensa de la propiedad y el orden establecido; los enemigos de la sociedad son los ladrones; el que vence a los ladrones y salva la propiedad de su dueño, es un héroe; si, en algún caso, alguien no posee nada, es misión del héroe el darle una limosna; por lo tanto, la riqueza o se posee o se adquiere, de pocas proporciones y temporalmente, por decisión espontánea de un benefactor; sólo es héroe, naturalmente, quien lleva a cabo empresas inauditas; los demás son ciudadanos comunes y, por ello, carecen de personalidad y destino.”*<sup>1559</sup>

Naturalmente tais heróis não trabalham ou apenas têm empregos de fachada, que servem para encobrir sua verdadeira, singular e extraordinária identidade.

Como se vê, o desprezo pelo povo, pela cultura popular e pelo *senso comum* parece ser uma constante na cultura ocidental e tem caráter evidentemente ideológico.

### **7.18 O tema da tradição**

O elogio da tradição, no sentido da predominância do todo sobre as partes, da valorização do passado e dos antepassados, da experiência dos mais velhos, da família, das hierarquias, da noção de pessoa relacional, da religiosidade e dos preceitos ligados ao *senso comum*, parece ser, como vimos, um traço básico da cultura popular.

Segundo Núbia Gomes e Edimilson Pereira, “[o] homem rural é um homem arcaico, ligado ao tempo das origens, mantendo seus costumes e resistindo às inovações. Na dialética entre permanecer e mudar, ele vê a chegada do novo e tenta reinterpretá-lo (ou excluí-lo à luz do modelo exemplar, aquele que os antepassados ensinaram)”.<sup>1560</sup>

---

<sup>1559</sup> Idem, *ibidem*, p.281

<sup>1560</sup> GOMES, Núbia P.M. & PEREIRA, Edimilson P. *Mundo encaixado – Significação da cultura popular*. Belo Horizonte, Mazza Edições, 1992, p.79



Segundo um entrevistado

*[o] tempo dos antigo era o tempo de perto do começo do mundo. Por isso é que o povo mais velho sabe os mistério do mundo, das criação. Com a pressa, os novos nem chega a aprendê e já vai esquecendo. Eles qué corrê demais, acompanhá as máquina, pulá o tempo de aprendê. As fruta têm que madurá no pé, pra hora de colhê. Igual os antigo que madurava na árvore da vida.*<sup>1561</sup>

Para Gomes e Pereira “[a]s classes populares assimilam da novidade apenas o que convêm ao grupo, recusando o resto”.<sup>1562</sup>

Note-se porém que “... o conservadorismo não implica alheamento do homem do interior em relação às inovações. Estas são muitas vezes reinterpretadas e incorporadas à experiência quotidiana, somando-se ao repertório das tradições”.<sup>1563</sup>

No âmbito da cultura popular, como vimos, existe inovação e mudança, porém elas se dão num ritmo mais lento.

Como dizem Gomes e Pereira, o povo sabe que é preciso mudar, “ainda que esse saber, visto superficialmente, possa parecer uma forma de alienação, no sentido de falta de consciência dos problemas políticos e sociais. O povo sabe a dificuldade, porque a vivencia; conhece a separação de classes e o peso da subordinação; ainda não pôde mudar esse estado de coisas, talvez porque outros valores, aprendidos secularmente, lhe tenham ensinado uma espera, para muitos incompreensível, obstinada, absurda”.<sup>1564</sup>

Como disse um mineiro de São Francisco

*[m]judá é difícil demais. Nós é pequeno e pouco pro resto dos grande. Mas se pisá demais na gente, tem que dá o troco. No meu quintal eu canto de galo. Lá fora...tem hora que tem é que calá. Senão eles acaba com a gente. Caititu fora da manada é papa de onça.*<sup>1565</sup>

Em todo o caso, como vimos por diversas vezes, se há um traço característico do discurso popular, este é a esperança, a utopia e esta sempre implica, em suma, o “desejo de construir um mundo melhor.”<sup>1566</sup>

Fato é que a tradição é cantada recorrentemente nas letras de samba.

---

<sup>1561</sup> Idem, ibidem, p.80

<sup>1562</sup> Idem, ibidem, p.80

<sup>1563</sup> Idem, iidem, p.154

<sup>1564</sup> Idem, ibidem,, p. 75

<sup>1565</sup> Idem, ibidem, p.193

<sup>1566</sup> PEREIRA, Edmilson de A. e GOMES, Núbia P.M. *Flor do não esquecimento- cultura popular e processos de transformação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2002, p. 131

Paulinho da Viola compôs muitos sambas falando da tradição. Um deles é “Bebadosamba”, que agora vai na íntegra:

*Um mestre do verso, de olhar destemido  
Disse uma vez com certa ironia:  
“Se lágrima fosse de pedra eu choraria”  
E eu, boca, como sempre perdido  
Bêbado de sambas e outros sonhos  
Choro a lágrima comum  
Que todos choram  
Embora não tenha, nessas horas  
Saudades do passado, remorso  
Ou mágoas menores  
Meu choro, boca, meu choro  
Dolente por questão de estilo  
É chula quase raiada  
Solo espontâneo e rude  
De um samba nunca terminado  
Um rio de murmúrios da memória  
De meus olhos, e quando aflora  
Serve, antes de tudo  
Para aliviar o peso das palavras  
Que ninguém é de pedra*

*Bebadosamba, bebadosamba  
Bebadosamba, bebadosamba  
Meu bem  
Bebadosamba, bebadosamba  
Bebadosamba, bebadosamba  
Também*

*Boca negra e rosa  
Debochada e torta  
Riso de cabrocha  
Generosa  
Beijo de paixão*

*Coração partido  
Verso de improviso  
Bêbado de martírio  
Desta vida  
Pelo coração*

*BEBADACHAMA*

*Chama que o samba semeia  
A luz de sua chama  
A paixão vertendo ondas  
Velhos mantras de Aruanda  
Chama por Cartola, chama  
Por Candeia*

*Chama Paulo da Portela, chama  
Ventura, João da Gente e  
Claudionor  
Chama por mano Heitor, chama  
Ismael, Noel e Sinhô  
Chama Pixinguinha, chama  
Donga e João da Baiana  
Chama por Nonô  
Chama Ciro Monteiro  
Wilson e Geraldo Pereira  
Monsueto, Zé com Fome e Pandeirinho  
Chama Nelson Cavaquinho  
Chama Ataulfo  
Chama por Bidê e Marçal  
Chama, chama, chama  
Buci, Raul e Arnô Canegal  
Chama por mestre Marçal  
Silas, Osório e Aniceto  
Chama mano Décio  
Chama por meu compadre Mauro Duarte  
Jorge Mexeu e Geraldo Babão  
Chama Alvaíade, Manacéa  
E Chico Santana  
E outros irmãos de samba  
Chama, chama, chama*

*Bebadosamba, bebadosamba  
Bebadosamba, bebadosamba  
Meu bem  
Bebadosamba, bebadosamba  
Bebadosamba, bebadosamba  
Também<sup>1567</sup>*

Outro belo samba de Paulinho da Viola abordando a tradição e a renovação, ou os “padrões de longa duração” é “Argumento”:

*Tá legal  
Tá legal, eu aceito o argumento  
Mas não me altere o samba tanto assim  
Olha que a rapaziada está sentindo a falta  
De um cavaco, de um pandeiro ou de um tamborim*

*Sem preconceito ou mania de passado  
Sem querer ficar do lado de quem não quer navegar  
Faça como um velho marinheiro  
Que durante um nevoeiro  
Leva o barco devagar<sup>1568</sup>*

“Água de poço” da grande sambista Jovelina Pérola Negra, é um exemplo de amor à tradição:

*Eu caio, levanto, cambaleando  
Por esse mundo afora  
Que saudades que eu tenho  
Dos tempos de Nova Aurora*

*Daquela vacaria, do carro de boi  
Do Zé do Carçoço  
E do fogão de lenha  
Pra mó de esquentar nossa água de poço*

*Minha mãe,  
A mãe ia colher batata-doce e aipim  
Papai chegava com feixo de lenha no dorso  
Pra esquentar nossa água de poço  
Pra esquentar nossa água de poço  
Pra esquentar nossa água de poço  
Pra esquentar nossa água de poço<sup>1569</sup>*

O título de “Antigamente”, de Heitor Catumby e Moreira da Silva, já diz tudo:

*Antigamente quando havia baile  
Havia gosto na rapaziada  
Que sabia que lá encontrava um porco com farofa  
Uma feijoada*

*Aquilo que era tempo, era uma fartura sobre mole. você chegava e Dona Ca: pode entrar, a casa é sua, eu só comia de prato fundo, feijoada completa, feijão a quatro, 5mil reis o kilo, feijão com tudo rapaz, tripa, toicinho, era uma beleza e até metia os cafans para apanhar os toicinhos, ele diz que bóia, mas eu vou apanhar lá no fundo. E depois então pra fazer digestão, eu saía e me encontrava com uns bons crioulos lá no campo Santana e eles conversando era uma beleza, eles diziam um pro outro: “Há meu tempo, marunumba mais vois mi ce tão bom... não pode mais comprar feijão, eh eh (falado)*

*Mas hoje com a desculpa da crise  
Baile de rádio é o que se vê  
E há quem tenha o descaramento  
De deixar os convidados sem comer e sem beber*

---

<sup>1567</sup> PAULINHO DA VIOLA ( *Bebadosamba*, BMG, São Paulo, 1996).

<sup>1568</sup> PAULINHO DA VIOLA ( *O essencial de Paulinho da Viola*. Coleção Focus, São Paulo, BMG, 7432169052-2, 1999, gravado em 1989).

<sup>1569</sup> JOVELINA PÉROLA NEGRA ( *Jovelina Pérola Negra*, Coleção Bambas do Samba, Som Livre, São Paulo, 2000).

*Fui a uma festa na Buda da Tijuca  
Levei gente de rádio e um bom regional  
No fim das contas foi maior minha sinuca  
Pois não havia nem água para dar ao meu pessoal  
Além de tudo o dono desta festa  
Um tal de seu Jacinto da Silva Camarão  
Fez um rateio entre os convidados  
Dizendo que era defesa da gordura pro feijão  
Hoje se alguém me convida pra casa de alguém  
Que eu nunca tenha ido  
Eu digo logo: queira me desculpar, mas não vou  
Pra hoje tenho meu tempo todo tomado  
Que importa que falem de mim  
E digam que com isso eu só faço feio  
O que eu não posso é deixar meu conforto  
Para ir passar fome na casa de um alheio<sup>1570</sup>*

O samba “Candeeiro da vovó”, de Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho, é outro ótimo exemplo:

*Vige, minha Nossa Senhora  
Cadê o candeeiro da vovó  
Seu troféu lá de Angola  
Cadê o candeeiro da vovó  
Era lindo e iluminava  
Os caminhos da vovó  
Sua luz sempre firmava  
Os pontos de vovó  
Quando veio de Angola  
Era livre na Bahia  
Escondia o candeeiro dia e noite, noite e dia  
Mas num golpe traiçoeiro  
Do destino a envolveu  
Até hoje ninguém sabe  
Como o candeeiro desapareceu  
Vovó chorou de cortar o coração  
Não tem mais o candeeiro pra enfrentar a escuridão  
Vovó chorou, chorou  
Como há tempos não se via  
Com saudades de Angola  
E sua mocidade na Bahia<sup>1571</sup>*

Mário Sérgio, Carica e Luizinho SP fizeram o samba “Canto pra Velha Guarda”, em homenagem aos velhos sambistas:

*Velha, porém muitos anos de glória*

---

<sup>1570</sup> MOREIRA DA SILVA (*Morengueira*, Rio de Janeiro, EMI, 2003, gravado em 1968).

<sup>1571</sup> DONA IVONE LARA (*Pirajá. Esquina Carioca*, Dabliú, São Paulo, 1999).

*A raiz do samba tem muita história pra contar  
 O samba fez seu nome  
 Tem nos anais muitos carnavais  
 Foi o canto desses maiorais  
 Canto de nossos ancestrais  
 Foi e ainda é  
 Deixem que essa raiz venha nos ensinar  
 Unindo o canto que faz embalar  
 Principalmente a alma  
 E então caindo nas graças do morro  
 Um samba velho é sempre novo  
 A Velha Guarda que guarda a nossa bandeira  
 Quando o presente nas rodas de samba é lenha na fogueira  
 É queima sem cessar um só instante  
 É tão marcante, é brasileira  
 A mocidade é que sabe o valor da mesma  
 Traz no orgulho a verdade de bambas  
 E ser Velha ela almeja  
 Almeja ser mais um na galeria dos imortais  
 Por enquanto escuta o samba do velho rapaz<sup>1572</sup>*

“Goiabada-cascão” de Moreira e Nei Lopes, valoriza o tempo passado:

*Goiabada cascão, em caixa  
 É coisa fina sinhá, que ninguém mais acha  
 Goiabada cascão, em caixa  
 É coisa fina sinhá, que ninguém mais acha  
 Rango de fogão de lenha  
 Na festa da Penha, comido com a mão  
 Já não tem na praça  
 Mas como era bom  
 Hoje só tem misto-quente  
 Só tem milk shake, só tapeação  
 Já não tem mais caixa de goiabada-cascão  
 Samba de partido-alto  
 Com a faca no prato e batido na mão  
 Já não tem na praça  
 Mas como era bom  
 Hoje só tem discotec  
 Só tem sound black, só imitação  
 Já não tem mais caixa de goiabada-cascão  
 Vida na casa de vila  
 Correndo tranqüila sem perturbação  
 Já não tem na praça  
 Mas como era bom  
 Hoje só tem conjugado  
 Que é mais apertado do que barracão  
 Já não tem mais caixa de goiabada-cascão  
 Goiabada-cascão, em caixa*

---

<sup>1572</sup> GRUPO FUNDO DE QUINTAL (É aí que quebra a rocha. Coleção Bambas do Samba, São Paulo, Som Livre, gravado em 1991).

*É coisa fina sinhá que ninguém mais acha  
Goiabada-cascão, em caixa  
É coisa fina sinhá que ninguém mais acha*<sup>1573</sup>

“Preparado da vovó”, de Zecão, Jovelina Pérola Negra e Tatão, fala num certo preparado antigo

*Eu tomei um preparado  
Do tempo da minha  
Vovó que veio de longe  
Vovó do Gericinó  
O meu cabelo arrepiou  
Senti um calafrio na sola do pé  
Eu babei que nem boi bravo  
Na quebrada da maré  
Continha suporta coco  
Carquejo e Macaé  
Tinha um tal de pinhão roxo  
Pau pereira e capilé  
Que amargou,  
Que amargou meu paladar  
Que amargou,  
Que amargou meu paladar  
No fogão de barro  
No fogão de barro, panela de ferro  
Fumaça subia  
No gogó vovó Maria lembrava  
Ô, mais lembrava do tempo do cativoiro  
Já fazia o preparado  
Um feitiço no terreiro  
Que amargou,  
Que amargou meu paladar  
Que amargou,  
Que amargou meu paladar*<sup>1574</sup>

“Saco de feijão”, de Francisco Santana, fala no tempo do mil-réis e do tostão:

*Meu Deus, mas para que tanto dinheiro?  
Dinheiro só pra gastar  
Que saudade tenho do tempo de outrora  
Que vida que eu levo agora  
Já me sinto esgotado e cansado de penar  
Sem haver uma solução  
De que me serve um saco cheio de dinheiro  
Pra comprar um quilo de feijão  
De que me serve um saco cheio de dinheiro  
Pra comprar um quilo de feijão  
No tempo do mil-réis e do vintém*

---

<sup>1573</sup> BETH CARVALHO (*Beth Carvalho*, Coleção 100 anos de música RCA, CD Duplo, RCA, São Paulo, 2001, gravado em 1978).

<sup>1574</sup> JOVELINA PÉROLA NEGRA (*Jovelina Pérola Negra*, Coleção Bambas do Samba, Som Livre, São Paulo, 2000).

*Se vivia muito bem, sem haver reclamação  
Eu ia no armazém do seu Manoel  
Com um tostão trazia um quilo de feijão  
Depois que inventaram o tal cruzeiro  
Eu trago um embrulhinho na mão  
E deixo um saco de dinheiro  
Eu trago um embrulhinho na mão  
E deixo um saco de dinheiro<sup>1575</sup>*

“Baile no Elite”, de João Nogueira e Nei Lopes, relembra o passado:

*Fui a um baile no Elite  
Atendendo a um convite do Manuel garçom  
Meu Deus do céu, que baile bom  
Que coisa bacana já do campo de Santana  
Vou ouvir um velho e bom som: trombone, sax, pistom  
O traje era esporte, que o calor estava forte  
Mas eu fui de jaquetão, para causar boa impressão  
Naquele tempo era o requinte, o linho S 120  
Eu não gostava de blusão, é um questão de opinião  
Passei pela portaria, subi a velha escadaria  
E penetrei no salão, quase morri do coração  
Quando dei de cara com a orquestra Tabajara  
E o popular Jamelão, cantando só samba-canção  
Norato e Norega, Macaxeira e Zé Bodega  
Nas palhetas e metais e tinha muitos outros mais  
No clarinete o Severino, solava um choro tão divino  
Desses que já não tem mais  
E ele ainda era bem rapaz  
Refeito dessa surpresa, me aboletei na mesa  
Que eu já tinha reservado, até paguei adiantado  
Manoel que é dos nossos, trouxe um pires cheio de tremoços  
Uma cerveja, um traçado, pra eu não pegar um resfriado  
Tomei minha Brahma, levantei, tirei a dama  
Iniciei meu bailado, no puladinho e no cruzado  
Até Trajano e Mario Jorge  
Que são caras que caras não fogem  
Foram simhora, humilhados, eu estava mesmo endiabrado  
Quando o astro-rei já raiava  
E a Tabajara caprichava  
Seus acordes finais, para a tristeza dos casais  
Toquei a pequena, feito artista de cinema  
Em cenas sentimentais, à luz do abajur lilás  
Num quarto sem forro, perto do pronto-socorro  
Uma sirene me acordou, em estado despertador  
Me levantei, lavei o rosto, quase morro de desgosto  
Pois foi um sonho e se acabou  
O papo é pop*

---

<sup>1575</sup> BETH CARVALHO (Beth Carvalho, Coleção 100 anos de música RCA, CD Duplo, RCA, São Paulo, 2001).



*O hip hop já chegou e dominou  
A Tabajara é muito cara  
E o velho tempo já passou<sup>1576</sup>*

“Brado de alerta”, de Ataulfo Alves, dá um conselho:

*Senhores compositores  
Da nossa canção popular  
Façam poemas bonitos  
E deixem o povo cantar*

*Ai que saudade que eu tenho  
Daquele tempo famoso  
Lamartine, Mario Reis, Chico Alves  
Ismael, Almirante, Ari Barroso*

*Hoje é tudo no dinheiro  
Não se sabe se o sucesso  
É de fato verdadeiro*

*Antigamente a vitória  
Era motivo de prosa  
Todo mundo entendia e sentia  
Toda a filosofia de um Noel Rosa<sup>1577</sup>*

“Pega no pilão”, de Wilson Moreira e Nei Lopes, lembra a tradição negra

*Quer paçoca,  
Tem que pegar no pilão  
Meu avô fez ouro nascer no chão  
Semeou cana e café  
Plantou uma nação.  
Hoje eu vendo caro a minha produção:  
Quem quiser comer paçoca  
Tem que pegar no pilão*

*Minha avó, por medo ou por compaixão  
Deu de comer e embalou  
Os sonhos do patrão.  
Hoje a igualdade é mera obrigação:  
Quem quiser comer paçoca  
Tem que pegar no pilão*

*Foi-se o tempo de mãe-preta e pai-João  
Tempo de docilidade  
E resignação.  
Hoje eu finco pé na minha condição:*

---

<sup>1576</sup> NEI LOPES (*Nei Lopes*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1999).

<sup>1577</sup> *Samba da melhor qualidade* (vários intérpretes, gravações da década de 1940 a 60, creio) Inter records, 2000.

*Quem quiser comer paçoca  
Tem que pegar no pilão<sup>1578</sup>*

“Primeira escola”, de Pereira Mattos e Joel de Almeida , tenta contar a história do samba:

*A primeira escola de samba  
Surgiu no Estácio de Sá  
Eu digo isso e afirmo  
E posso provar  
Porque existia naquele tempo  
Os professores do lugar  
Mano Milton, Mano Rúbio e Edgar  
Ainda há outros que eu não quero falar*

*Depois surgiu a favela  
Mangueira e mais tarde a Portela  
Ainda faltam muitas outras  
E peço me desculpa por não falar  
A não ser Vila Isabel  
Em homenagem ao saudoso Noel<sup>1579</sup>*

“Samba no chão”, de Otacílio da Mangueira e Ary do Cavaco, tenta manter viva a história e o espírito do samba:

*O samba era no chão  
Briga era na mão  
E com malandro não tinha vacilação, me lembro*

*Me lembro do tempo gostoso lá do tabuleiro  
Que sempre chegava os mestres batuqueiros  
Logo deixavam as pretas malucas*

*Me lembro do tempo gostoso lá da Praça Onze  
Que sempre chegavam de trem ou de bonde  
Portela, Mangueira, Salgueiro e Tijuca*

*Me lembro do baile gostoso do Elite  
Que eu sempre dançava com a nega Judite  
Com meu terno branco, chapéu de palhinha*

*Me lembro do samba gostoso da Tia Ciata  
Que sempre cantava e tocava a nata*

---

<sup>1578</sup> NEI LOPES (*Celebração: Nei Lopes – 60 anos*, CD 2 *Canto Banto*, Carioca Discos, Rob Digital, Rio de Janeiro, 2003).

<sup>1579</sup> OS CINCO CRIoulos (*Samba no Duro Vol. II*. Rio de Janeiro, EMI, 2003, gravado em 1968).

*João da Baiana, Donga e Pixinguinha*

*Vi Ismael do Estácio  
Com Bide, Baiaco, Brancura e Sinhô  
Com o Paulo da Portela sempre estava o Claudionor  
Com Cartola da Mangueira  
Sempre vinha Zé com Fome  
Mano Décio e Fuleiro  
Que lá na Serrinha também tinha nome  
O samba lá no Catete  
Na Penha e na Glória descia o cacete  
Vi malandro respeitado por mulher  
Ser derrubado  
Vi muito sambista que hoje tem fama  
Se mandando da polícia  
Para não entrar em cana<sup>1580</sup>*

“Tempo de Don Don”, de Nei Lopes, relembra os velhos tempos comparando-os com os de hoje:

*Ai no tempo  
No tempo que Don Don jogava no Andaraí  
Nossa vida era mais simples de viver  
Não tinha tanto misere  
Nem tinha tanto tititi  
Propaganda era reclame  
Ambulância era dona assistência  
Mancada era um baita vexame  
E pornografia era só saliência  
Sutiã chamava-se porta-seio  
Revista pequena gibi  
Rock se chamava fox  
E tiete era moça fanática  
O que hoje se diz que é xerox  
Chamava-se então de cópia fotostática  
Motorista era sempre chofer  
Cachaça era parati  
Vinte e dois era demente  
Minha casa era meu bangalô  
Patana era socorro urgente  
Todo encanador era investigador  
Malandro esticava o cabelo  
Mulher fazia mis-en-plis  
Tinha Perilo e Peraci  
Teixeira de Campi e rua Bariri<sup>1581</sup>*

---

<sup>1580</sup> ZECA PAGODINHO (*Pixote*. São Paulo, BMG/RCA, 74321646592, 1991).

<sup>1581</sup> NEI LOPES (*Nei Lopes*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1999).

A valorização da tradição é um tema praticamente inexistente no âmbito da moderna música popular, apesar de ela, naturalmente, também ter suas raízes, referências e influências anteriores. No tropicalismo essa valorização – refiro-me, por exemplo, à retomada da canção de Vicente Celestino, menções à Carmen Miranda ou o “Hino do Senhor do Bomfim” – foi feita de forma ambígua, crítica, programática e paródica.

É de se destacar a bela toada de Chico Buarque:

*O meu pai era paulista  
Meu avô, pernambucano  
O meu bisavô, mineiro  
Meu tataravô, baiano  
Meu maestro soberano  
Foi Antônio Brasileiro*

*Foi Antônio Brasileiro  
Quem soprou esta toada  
Que cobri de redondilhas  
Pra seguir minha jornada  
E com a vista enevoada  
Ver o inferno e maravilhas*

*Nessas tortuosas trilhas  
A viola me redime  
Creia, ilustre cavalheiro  
Contra fel, moléstia, crime  
Use Dorival Caymmi  
Vá de Jackson do Pandeiro*

*Vi cidades, vi dinheiro  
Bandoleiros, vi hospícios  
Moças feito passarinho  
Avoando de edifícios  
Fume Ari, cheire Vinícius  
Beba Nelson Cavaquinho*

*Para um coração mesquinho  
Contra a solidão agreste  
Luiz Gonzaga é tiro certo  
Pixinguinha é inconteste  
Tome Noel, Cartola, Orestes  
Caetano e João Gilberto*

*Viva Erasmo, Ben, Roberto  
Gil e Hermeto, palmas para  
Todos os instrumentistas  
Salve Edu, Bituca, Nara  
Gal, Bethania, Rita, Clara*

*Evoé, jovens a vista*

*O meu pai era paulista  
Meu avô pernambucano  
O meu bisavô, mineiro  
Meu tataravô baiano  
Vou na estrada há muitos anos  
Sou um artista brasileiro<sup>1582</sup>*

A canção de Chico Buarque mistura traços tradicionais e modernos. A linguagem acessível, a valorização do modelo hierárquico, a apreciação da tradição, a voz pessoal (não distanciada) e, ainda, a louvação e a saudação de vários e importantes artistas populares, o que pressupõe a inserção numa certa coletividade, interesses comuns, um “nós” (note-se o título da toada) e uma certa familiaridade, convivem, na letra de “Paratodos”, com a análise e a crítica social (“Vi cidades vi dinheiro/ bandoleiros, vi hospícios/ moças feito passarinho/avoando de edifícios”) ou (“fume Ary, cheire Vinicius, beba Nelson Cavaquinho”), com o pressuposto da secularização e, principalmente, a voz didática e assertiva que explica, ensina, prescreve e recomenda.

Para concluir, é preciso lembrar que na sociedade moderna, as inovações e transformações se dão aparentemente num processo acelerado, dentro dos chamados “padrões de curta duração”. É possível que em alguns casos isso seja um fato, mas é imprescindível distinguir, mesmo que isso não seja fácil, a verdadeira inovação dos simulacros de inovação. Estes, com certeza, abundam na sociedade industrial, que se alimenta do consumo mas, além de gerar lucros, sua influência significativa é quase nenhuma. Mesmo na modernidade, as mudanças consistentes, renovadoras e relevantes, sobretudo no âmbito das ciências humanas e da arte, também tendem, como acontece com a cultura tradicional, a ocorrer de forma lenta num processo que pressupõe sólidas e valiosas tradições anteriores.

Como ensina a tradição popular, não se consegue voar puxando pelos próprios cabelos.

---

<sup>1582</sup> BUARQUE, Chico (*Paratodos*, BMG Ariola, 1993)